



**A Madeira Através de Gravuras - Século XIX**  
Um contributo para o seu estudo

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**José António de Barros Rodrigues**  
MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*  
www.uma.pt

Setembro | 2011

**A Madeira Através de Gravuras - Século XIX**  
Um contributo para o seu estudo

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**José António de Barros Rodrigues**

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS

ORIENTAÇÃO  
João Adriano Ribeiro

*(...) este Éden por fora, com o seu purgatório  
de trabalho bem acusado lá dentro (...)*

Vitorino Nemésio, *Corsário das Ilhas*



## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Senhor Professor Doutor João Adriano Ribeiro, o meu profundo apreço e reconhecimento pela disponibilidade e atenção que me dispensou. As suas douras críticas e sugestões revelaram-se fundamentais para a realização bem sucedida do presente trabalho.

Ao corpo docente do 2º ciclo em Estudos Regionais e Locais, pelos conhecimentos transmitidos, e pelos constantes estímulos que, despertando a minha curiosidade, motivaram-me para o estudo e interesse por diversas matérias.

Aos meus pais, António e Isabel, a quem tudo devo.

À minha, restante e numerosa, família, a qual nem sempre contou com a minha presença.

À Paulinha, pelo apoio e carinho com que me envolveu ao longo deste trabalho, e pela imensa paciência para “só mais uma gravura”.

À Casa-Museu Frederico de Freitas, ao Museu Quinta das Cruzes, ao Arquivo Regional da Madeira e à Biblioteca Nacional de Portugal, pela solicitude com que atenderam os meus pedidos.

Aos meus colegas, que me acompanharam ao longo desta jornada.

A todos os que, de algum modo, colaboraram e me apoiaram na concretização deste trabalho.



## RESUMO

Ao longo do século passado, foram publicadas, com o patrocínio do Clube Rotário do Funchal, duas colectâneas que pretendiam divulgar todas as gravuras antigas do arquipélago da Madeira, conhecidas até então. A primeira dessas publicações, *Estampas Antigas da Madeira: Paisagem, Costumes, Traje, Edifícios, Marinhas*, surgiu em 1935, pela mão de João Cabral do Nascimento, revelando mais de duas centenas de estampas. Poucos anos depois, em 1951, foi a vez de José Leite Monteiro, em *Estampas Antigas de Paisagens e Costumes da Madeira*, trazer à luz outras gravuras que se encontravam esquecidas.

Na consulta dos livros mencionados, verificou-se que as compilações deixaram muitas gravuras de parte, de variados assuntos como paisagens, costumes, e também de personalidades que se destacaram na vida ilhéu. Foi com esta sobra, avolumada pela descoberta de mais gravuras antigas, que se resolveu elaborar este trabalho. Assim, objectivo principal foi reunir e divulgar gravuras do século XIX madeirense, e primeiros anos da centúria seguinte, épocas em que não era possível imprimir fotografia para o papel de imprensa. Pretendeu-se também demonstrar que a Madeira foi, dentre as regiões portuguesas, uma das mais retratadas em gravuras. Essa abundância foi, em grande parte, resultado da passagem de muitos estrangeiros pela ilha. Este trabalho pretende, igualmente, divulgar as gravuras elaboradas por madeirenses.

Optou-se por agrupar os assuntos em três grupos principais: Funchal; concelhos rurais; fauna e flora. Cada um desses grupos subdivide-se noutros específicos. Um texto elucidativo, revelando informações e curiosidades sobre os assuntos, antecede amostras das gravuras identificadas. Procurou-se evitar considerações estéticas sobre as gravuras, focalizando os esforços na sua identificação, nomeadamente nos seguintes aspectos: assunto, autoria, dimensão, técnica utilizada, época e procedência. A pesquisa baseou-se, sobretudo, na consulta de livros, publicações periódicas e, em casos pontuais, em bases electrónicas.

**Palavras-chave:** gravura, arquipélago da Madeira, história, etnografia, século XIX.



## ABSTRAT

Throughout the last century, were published with the sponsorship of the Clube Rotário do Funchal, two collections that they intended to show all antique prints of the Madeira archipelago, known until then. The first of those publications, *Estampas Antigas da Madeira: Paisagem, Costumes, Traje, Edifícios, Marinhas*, appeared in 1935, by João Cabral do Nascimento, revealing more than 200 engravings. A few years later, in 1951, José Leite Monteiro, in *Estampas Antigas de Paisagens e Costumes da Madeira* has revealed more prints that were forgotten.

Reading the mentioned books, it was found that compilations left apart many prints of various subjects such as landscapes, customs, and also of personalities who have lived in the island. It was with this surplus, which swelled up as if was discovering more antique prints, which was prepared this work. So, the main purpose of this study was to gather and disseminate the Madeira's engravings of the 19<sup>th</sup> century and early years of the next century, times when it were not possible photo printing to newsprint. It is also intend to show that Madeira archipelago was, among the Portuguese regions, one of the most portrayed in engravings. This abundance was effect of the trip of many foreigners to the island.

This work also intends to disseminate engravings drawn by locals. This study structured the subjects into three major groups: Funchal; rural counties; fauna and flora. Each of these groups is subdivided in others specific. Before samples of the engravings identified, there is a plain text, revealing information and facts about the issues. Aesthetic considerations about the pictures were avoided. Efforts were focusing on the prints identification, in the following aspects: subject, author, size, technique, year of print and origin. The research was based mainly on consultation of books, journals and in some cases, in electronic databases.

**Palavras-chave:** engraving, Madeira archipelago, history, ethnography, nineteenth century.



## GLOSSÁRIO<sup>1</sup>

**CROMOLITOGRAFIA** – Impressão sobreposta de imagens a cor, por processos litográficos.

**GRAVURA** – Arte de transformar a superfície plana de um material duro num condutor de imagem, seja, na matriz de uma forma que se deseja reproduzir certo número de vezes, por impressão.

**LITOGRAVURA** – Processo de reprodução que consiste em imprimir sobre papel, por meio de prensa, um escrito ou um desenho executado com tinta sobre uma superfície calcária ou uma placa metálica.

**XILOGRAVURA** – gravura executada através de uma prancha de madeira aplainada e alisada, na qual o desenho pode ser executado directamente ou decalcado.

---

<sup>1</sup> *Enciclopédia Mirador Internacional*, São Paulo, 1981, pp. 5431-5435.



# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	I
RESUMO .....	III
ABSTRACT .....	V
GLOSSÁRIO .....	VII
ÍNDICE DE QUADROS .....	XI
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. CIDADE DO FUNCHAL .....</b>	<b>7</b>
<b>2.1. BAÍA E PORTO DO FUNCHAL.....</b>	<b>7</b>
2.1.1. AS GRAVURAS .....	9
<b>2.2. HOTÉIS E OUTROS EDIFÍCIOS .....</b>	<b>19</b>
2.2.1. AS GRAVURAS .....	20
<b>2.3. IGREJAS.....</b>	<b>29</b>
2.3.1. AS GRAVURAS .....	31
<b>2.4. INDÚSTRIAS.....</b>	<b>35</b>
2.4.1. AS GRAVURAS .....	36
<b>2.5. LOCAIS PITORESCOS .....</b>	<b>41</b>
2.5.1. AS GRAVURAS .....	42
<b>2.6. PERSONALIDADES .....</b>	<b>47</b>
2.6.1. AS GRAVURAS .....	47
<b>2.7. TRAJE.....</b>	<b>61</b>
2.7.1. AS GRAVURAS .....	61
<b>2.8. TRANSPORTES MARÍTIMOS.....</b>	<b>69</b>
2.8.1. AS GRAVURAS .....	70
<b>2.9. TRANSPORTES TERRESTRES .....</b>	<b>77</b>
2.9.1. AS GRAVURAS .....	82
<b>3. CONCELHOS RURAIS.....</b>	<b>93</b>
<b>3.1. SANTA CRUZ.....</b>	<b>93</b>

3.1.1. AS GRAVURAS .....	95
3.2. <b>MACHICO</b> .....	97
3.2.1. AS GRAVURAS .....	99
3.3. <b>SANTANA</b> .....	105
3.3.1. AS GRAVURAS .....	108
3.4. <b>SÃO VICENTE</b> .....	113
3.4.1. AS GRAVURAS .....	115
3.5. <b>PORTO MONIZ</b> .....	119
3.5.1. AS GRAVURAS .....	121
3.6. <b>CALHETA</b> .....	123
3.6.1. AS GRAVURAS .....	126
3.7. <b>PONTA DO SOL</b> .....	129
3.7.1. AS GRAVURAS .....	131
3.8. <b>RIBEIRA BRAVA</b> .....	133
3.8.1. AS GRAVURAS .....	135
3.9. <b>CÂMARA DE LOBOS</b> .....	137
3.9.1. AS GRAVURAS .....	140
3.10. <b>PORTO SANTO</b> .....	145
3.10.1. AS GRAVURAS .....	147
3.11. <b>DESERTAS</b> .....	151
3.11.1. AS GRAVURAS .....	152
<b>4. FAUNA E FLORA</b> .....	157
4.1. <b>FAUNA</b> .....	157
4.1.1. AS GRAVURAS .....	158
4.2. <b>FLORA</b> .....	165
4.2.1. AS GRAVURAS .....	166
<b>5. CONCLUSÕES</b> .....	171
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	175

## ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1. Evolução demográfica, no século XIX: Funchal .....	38
QUADRO 2. Evolução demográfica, no século XIX: Santa Cruz .....	90
QUADRO 3. Evolução demográfica, no século XIX: Machico .....	94
QUADRO 4. Evolução demográfica, no século XIX: Santana .....	101
QUADRO 5. Evolução demográfica, no século XIX: São Vicente .....	109
QUADRO 6. Evolução demográfica, no século XIX: Porto do Moniz.....	114
QUADRO 7. Evolução demográfica, no século XIX: Calheta.....	118
QUADRO 8. Evolução demográfica, no século XIX: Ponta do Sol .....	124
QUADRO 9. Evolução demográfica, no século XIX: Ribeira Brava.....	128
QUADRO 10. Evolução demográfica, no século XIX: Câmara de Lobos.....	132
QUADRO 11. Evolução demográfica, no século XVIII e XIX: Porto Santo.....	140



# 1. INTRODUÇÃO

Muitos escritos dão a conhecer os panoramas sociais, culturais e paisagísticos do arquipélago da Madeira, ao longo da sua história. Porém, não se pode afirmar a mesma abundância em relação a ilustrações antigas. Não fosse alguns mapas informes, quase não existiriam quaisquer esboços relativos aos três primeiros séculos, após o início do povoamento. Certamente que as difíceis condições de vida das primeiras gerações, associadas ao contexto insular, e às asperezas da orografia, não promoviam a vinda de instruídos em belas-artes, que pudessem retratar as comunidades pioneiras e as paisagens de então. Aliás, foram escassos os trabalhos de artistas portugueses relacionados com a Madeira.

Alguns estrangeiros estudaram as bondades climáticas da ilha e, sobre este aspecto, verificaram-se muitas publicações. Desse modo, foram esses visitantes quem, primeiramente, promoveram a Madeira, caracterizando-a como local ideal para recuperar de enfermidades. Como tal, nos séculos XVIII e XIX, e beneficiando da melhoria das condições dos meios de transporte marítimo, a ilha tornou-se um destino procurado para repouso e convalescença, fixando-se muitos médicos ingleses na Madeira. Naturalmente que era um destino apenas disponível a famílias abastadas que, por sua vez, eram instruídas e cultas. Alguns desses estrangeiros aproveitavam a sua estadia para pintar ou desenhar. Eram inspirados pelas particularidades da ilha, pretendendo levar, no regresso à sua terra, um testemunho desenhado para mostrar aos seus. De um ou de outro modo, distraíam-se enquanto pintavam, inconscientes todavia, de que a sua obra se tornaria num notável contributo para o estudo da história da Madeira. Outros registos ocorreram pela mão de exploradores ou, simplesmente, por viajantes que fizeram escala na ilha.

O desenvolvimento das artes gráficas permitiu que, muitos desses trabalhos fossem reproduzidos pela técnica da gravura. Desse modo, possibilitava-se a ilustração de livros, ou a elaboração de estampas que divulgavam a Pérola do Atlântico. As paisagens e aspectos do quotidiano madeirense, desses tempos, foram amplamente difundidos através de publicações da designada literatura de viagens, quer em periódicos e, também, em livros de âmbito científico. Precedendo à fotografia, as

gravuras foram pioneiras na divulgação das vistas maravilhosas do arquipélago, conhecido pelas suas montanhas e muitos precipícios. Hoje, são testemunhas de uma época que se recorda com carinho e respeito. Em pleno século XIX, a ilha mantinha ainda muitas particularidades no modo de viver, que muitos consideravam primitivo.

O reconhecimento da importância que as gravuras representam para a história e cultura da ilha motivou, durante o século XX, a publicação de algumas exposições e a edição de álbuns. A iniciativa precursora surgiu em 1933, através da revista *Arquivo Histórico da Madeira* que publicou uma relação de gravuras com assuntos madeirenses<sup>2</sup>. A mesma revista, no ano seguinte, publicou uma nova relação de gravuras<sup>3</sup>. Em 1935, em consequência de uma exposição promovida pelo Clube Rotário do Funchal, foi editado um catálogo prefaciado pelo Dr. João Cabral do Nascimento, no qual eram apresentadas 224 estampas<sup>4</sup>. Tais iniciativas despertaram o entusiasmo pelas gravuras antigas da Madeira, e logo em 1941, o Dr. José Leite Monteiro anunciava a descoberta de mais 21 estampas.

Segundo Elmano Vieira, a Junta Geral do Distrito, sensível ao valor patrimonial que as estampas significavam, foi adquirindo algumas e, em 1950, por altura do Natal, apresentou-as numa exposição, na Quinta das Cruzes. Esta exposição revelava 52 novas estampas, incluindo as que haviam sido anunciadas. Em 1951, o Rotário Clube do Funchal publicou um novo catálogo, desta feita, pela mão do Dr. Leite Monteiro<sup>5</sup>.

Hoje, na Madeira, além de particulares que possuem alguns originais do século XIX, são igualmente detentores de exemplares as autoridades civis e museus. Na Casa-Museu Frederico de Freitas é possível deleitarmo-nos com ricas colecções de, por exemplo, J. Gellatly, J. Selleny, R. Westall, entre outras.

Ao longo do século XIX, a maioria das gravuras sobre a Madeira foram elaboradas por estrangeiros. Na verdade, ingleses, franceses, germânicos, entre outros, em boa hora, empreenderam os seus dotes artísticos e legaram à posterioridade imagens

---

<sup>2</sup> NASCIMENTO, João Cabral do (1933), «Estampas antigas com assuntos madeirenses», *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. III, n.º 2, Funchal, pp.106-113.

<sup>3</sup> Idem, Vol. IV, n.º 1, Funchal, 1934, pp.14-16.

<sup>4</sup> NASCIMENTO, João Cabral do (1935), *Estampas Antigas da Madeira. Paisagem, Costumes, Traje, Edifícios, Marinhas*, Funchal, Clube Rotário do Funchal.

<sup>5</sup> MONTEIRO, José Leite (1951), *Estampas Antigas de Paisagem e Costumes da Madeira*, Funchal, Club Rotário.

do antigamente. Qualquer visitante encantava-se com o exotismo dos trajes, com a beleza arrebatadora da paisagem e orografia, e com o árduo trabalho dos habitantes. Foram, sobretudo, os britânicos quem se destacaram na arte da gravura com motivos madeirenses, indicando todas as particularidades. Já no século XVI, Shakespeare alude ao vinho Madeira<sup>6</sup>, denunciando a relação de proximidade que existia entre as duas ilhas. O porto do Funchal era de crucial importância para as navegações inglesas, quer para Índias ocidentais, e também para o Oriente. Aportavam nesta cidade para deixarem mercadorias aos seus concessionários, e também para carregarem o vinho local, indispensável nas trocas comerciais do ultramar. Expedições científicas ao Novo Mundo, das quais seria exaustivo enumerarmos as que passaram pela Madeira, traziam consigo todo o material de investigação, além de uma equipa de especialistas em várias áreas, à qual não faltavam desenhadores.

Os pintores e gravadores estrangeiros reproduziram nas suas telas e chapas, o universo madeirense de então, tal como o viram, e de acordo com a sua sensibilidade e domínio das técnicas. Contudo, a observação e interpretação que se faz das gravuras da Madeira desse tempo, carece de algum discernimento. Essas estampas não retratam, como é óbvio, as cenas com exactidão rigorosa. É preciso ter em conta, que as gravuras eram elaboradas de acordo com princípios estéticos vigentes na época. Além disso, convém lembrar que o processo de elaboração dessas gravuras, muitas vezes, se iniciava com a feitura de um esboço a lápis, do tema escolhido. Esse mesmo esboço era levado para o estrangeiro e, longe já do assunto que foi tema do desenho, era passado para a chapa, madeira ou pedra. Neste percurso perdiam-se pormenores, acentuavam-se outros, e seguiam-se os quadros mentais da época<sup>7</sup>. Só mais tarde é que algumas gravuras começaram a ser baseadas em fotografias.

Em plena época designada por Romantismo, a natureza era observada conforme conceitos estabelecidos do belo e do exótico. Nestes termos, um dos desacertos mais evidentes são, por exemplo, aquelas gravuras em que os camponeses aparecem com um semblante fidalgo. Ora, sabe-se que a vida no campo, e a ruralidade dos nossos antepassados, não se coadunam com essas imagens delicadas. Os artistas davam o seu

---

<sup>6</sup> Na peça *Henrique IV*, Falstaff prefere vender a sua alma em troca de perna de frango e um cálice de vinho Madeira.

<sup>7</sup> FREITAS, Paulo (1996), «Como íamos dizendo...», *Xarabanda Revista*, n.º 9, 1º Semestre, Funchal, Associação Cultural e Musical Xarabanda, p. 18.

toque pessoal, aproveitando até para caricaturar, como é bem manifesto nas litografias satíricas de William Combe, por exemplo.

Informação e ilustração foram conceitos criados e desenvolvidos no Romantismo<sup>8</sup>. A capacidade de conjugar a gravura e texto prestou auxílio decisivo às artes gráficas, favorecendo a difusão de um novo género de periódicos: as revistas ilustradas. Esse tipo de periódico revelou-se numa valiosa fonte de gravuras antigas para este trabalho.

A imprensa na Madeira surgiu em 1821 com o periódico *O Patriota Funchalense*. Foi a primeira tipografia no espaço insular português. Mais tarde, de acordo com as pesquisas que decorreram do presente trabalho, as primeiras tentativas de impressão de gravuras, em periódicos regionais, foram efectuadas em 1851, no periódico *O Agricultor Madeirense*, pelo punho do primeiro da família Vicentes que se dedicou à imagem.

Já nos finais do século XIX, os periódicos regionais *A Semana Illustrada* e a *Revista Madeirense* publicaram grande quantidade de gravuras. No primeiro caso, esta gazeta apresenta, ao longo dos seus números, mais de três dezenas de gravuras. Entre estas, algumas paisagens e monumentos, mas a maioria refere-se a personalidades da ilha. Na *Revista Madeirense*, por sua vez, predominam gravuras relativas a monumentos, costumes, sítios, e também de alguns ilustres.

Entre as gravuras destes dois periódicos é possível estabelecer traços bem distintos. Poder-se-á dizer que, mesmo sem aprofundar juízos estéticos, as primeiras foram melhor conseguidas do que as outras, que por sua vez, não são indecorosas. Pelo contrário! É louvável a atitude diligente de entusiastas locais que, desprovidos da experiência dos grandes mestres, e longe das metrópoles, desenvolveram e procuraram aperfeiçoar as suas técnicas em gravura. A este respeito, é curiosa a seguinte passagem, que se refere a uma gravura elaborada por um madeirense: (...) *O desenho, feito sobre o zinco, é devido ao snr. Agostinho Camara, um talentoso amator, cheio de vocação e amor pelas Bellas Artes, alumno distincto da nossa escola Industrial, e que pela*

---

<sup>8</sup> *As Belas-Artes do Romantismo em Portugal*, s/l., Instituto Português de Museus, Ministério da Cultura, 1999.

*primeira vez executa trabalhos desta ordem [sic]*<sup>9</sup>. Aliás, observar as gravuras assinadas por Agostinho da Câmara resulta num agradável e curioso exercício, dada a singularidade e a pouca divulgação do seu trabalho. As suas gravuras foram todas executadas a partir de fotografias, de diversos autores, por exemplo, de Joaquim Augusto de Sousa, um *photographo amator de muito talento*<sup>10</sup>.

Outros jornais e revistas preenchem algumas das suas páginas com gravuras da Madeira. As pesquisas elaboradas, no âmbito deste trabalho, permitiram identificar muitas. Enquanto algumas repetem-se em diferentes títulos, outras permitem concluir que foram feitas a partir de fotografias ou de gravuras idênticas.

O desenvolvimento do principal assunto da presente investigação divide-se, além da *Introdução e Conclusões*, em três capítulos: *Cidade do Funchal; Os Concelhos Rurais; Fauna e Flora*. Cada um dos capítulos subdivide-se noutros específicos. O primeiro abarca temas específicos da condição geográfica da cidade, mas também alguns temas genéricos do arquipélago. Desse modo, esses subcapítulos apresentam esta sequência: *Baía e porto; Hotéis e outros edifícios; Igrejas; Indústrias; Locais pitorescos; Personalidades; Trajo; Transportes marítimos; e Transportes terrestres*.

A subdivisão do capítulo seguinte efectuou-se segundo a actual configuração dos concelhos do arquipélago da Madeira: *Santa Cruz; Machico; Santana; São Vicente; Porto do Moniz; Calheta; Ponta do Sol; Ribeira Brava; Câmara de Lobos; Porto Santo; e Desertas*, ilhas que, embora não possuam autonomia administrativa, apresentam um conjunto distinto de gravuras, motivo pelo qual se considerou apresentá-lo separadamente.

Outro capítulo foi dividido em dois assuntos: *Fauna e Flora*. Na primeira parte deste, são apresentadas algumas gravuras de peixes dos mares da Madeira, e outras de gado. Em relação à flora, apresentam-se gravuras que mostram flores, frutos e fetos.

Cada subcapítulo apresenta um pequeno texto informativo, no qual se expõem breves considerações e curiosidades. Elaborou-se também, para cada concelho, um

---

<sup>9</sup> Periódico *Revista Madeirense*, n.º 17, 1º Ano, 17/03/1901, p.129.

<sup>10</sup> Periódico *Revista Madeirense*, n.º 18, 1º Ano, 24/03/1901, p. 137.

quadro demonstrativo da evolução demográfica local. São apontamentos, sobre os respectivos temas das gravuras, que não pretendem ser exaustivos, de forma a não alongar, nem afastar do principal objectivo deste trabalho. A forma abreviada da descrição dos vários assuntos ou personalidades teve em conta as regras impostas para a elaboração do trabalho, ou seja, o número de páginas.

Depois dos referidos enunciados, seguem as identificações de cada uma das gravuras apresentadas. Evitou-se formar juízos estéticos sobre as gravuras, e foram feitas diligências no sentido de efectuar a mais completa identificação possível. Os aspectos observados foram, nomeadamente os seguintes: assunto, autoria, dimensão, técnica utilizada, época. A fonte original de cada gravura é identificada em nota de rodapé.

No final de cada subcapítulo, anexaram-se as respectivas amostras das gravuras identificadas. Estas foram enumeradas de acordo com a respectiva descrição, e as legendas que as acompanham correspondem à das fontes originais. A anexação intercalada das amostras, após as respectivas as identificações, pretende facilitar a leitura do presente trabalho.

As pesquisas efectuadas na elaboração deste estudo incidiram, sobretudo, na consulta de livros de variadas temáticas, publicações periódicas e, em casos pontuais, em bases electrónicas.

## 2. CIDADE DO FUNCHAL

### 2.1. BAÍA E PORTO DO FUNCHAL

No séc. XIX, o porto do Funchal ainda era um ancoradouro desabrigado, e que pouca segurança prestava aos navios. Quando ameaçadas pelos ventos, as embarcações eram obrigadas a se fazerem ao mar alto, sob pena de naufragarem, tal como ocorreu, nomeadamente nas violentas tempestades de Outubro de 1842, e em Dezembro de 1848, nas quais submergiram alguns navios e outros encalharam na praia. A fim de se exporem menos ao perigo, os navios à vela fundeavam, habitualmente, a um quarto de milha a sul da fortaleza do Ilhéu. Já os navios a vapor, mais capazes de enfrentar o mar bravio, ancoravam muito mais perto da costa, pelo que o desembarque de passageiros e a trasfega de carvão fazia-se com menos trabalho.

O porto do Funchal não tinha cais. Apenas havia um desembarcadouro, que era somenos. Desse modo, em pleno século XIX, ainda se desembarcava e descarregava mercadorias como quando os descobridores chegaram à ilha, mais de cinco séculos antes. No entanto, diversas tentativas foram levadas a cabo para dotar a cidade de um bom cais. Primeiro, prepararam-se materiais no sentido de construir sobre um a rocha fronteira à fortaleza de São Tiago. Depois pensou-se em erigir em frente à Alfândega. Ambos não tiveram começo. Em 1844, principiou-se a construção, defronte da Entrada da cidade mas, apesar do adiantado da obra, o mar arruinou as aspirações dos funchalenses<sup>11</sup>. Quase meio século depois, retomaram a iniciativa, e em 1892 seria inaugurado o cais da cidade, ainda pouco eficiente<sup>12</sup>.

A baía do Funchal é constituída por dois ilhéus. Num deles estava o forte de São José, que foi construído nos inícios do século XVIII e chegou a ser uma prisão, paiol de pólvora e casa de registo. Era ali que as autoridades identificavam os passageiros seguiam nos escaleres para bordo dos navios. Do outro lado deste rochedo, estava um

---

<sup>11</sup> Periódico *A Justiça*, 03/04/1858.

<sup>12</sup> SARMENTO, Alberto Artur (1908), *O Funchal: Publicação comemorativa do quadricentenário da cidade*, Funchal, 2ª edição, p. 7.

pequeno cais que recebia os barcos de cabotagem, vindos de vários pontos da ilha. Por volta de 1780, este ilhéu foi ligado a terra. Num ilhéu maior, ficava construída a fortaleza de Nossa Senhora da Conceição. Muito importante na defesa da cidade. Também chegou a ser prisão. Este foi ligado ao outro ilhéu referido, entre 1885 e 1889<sup>13</sup>. Durante a noite, um lampião emitia uma luz avermelhada, servindo de farol<sup>14</sup>. Ali também funcionou uma estação telegráfica, que transmitia e recebia participações através do cabo submarino.

Nos dias de mercado, a azáfama instalava-se na praia do Funchal, onde aportavam barcos chegados de outras localidades da ilha. Vinham carregados de legumes, de peixe e de gado, e ancoravam afastados da praia. Os animais de maior porte, bezerros, por exemplo, eram desembarcados de forma primitiva, ou seja, eram atirados à água, fazendo-os nadar até à praia, o que ocasionava um ruidoso balido. Os de menor porte, como os carneiros e os porcos, eram transportados aos ombros de homens que, quase despidos, caminhavam do barco até à praia com água pelo pescoço<sup>15</sup>.

Em muitas gravuras é possível observar uma das construções mais emblemáticas da cidade: o Pilar de Banger. Era uma torre circular, em cantaria rija, mandada construir pelo comerciante inglês John Ligth Banger, em 1798<sup>16</sup>. Funcionou como guindaste para descarga de navios, e também como poste de sinalização que, através de um sistema de bandeiras, informava sobre a hora da partida dos vapores<sup>17</sup>. A emblemática torre foi demolida por ocasião, aquando da construção da actual Avenida do Mar, em 1939<sup>18</sup>.

Em várias gravuras observa-se que era grande o movimento do porto do Funchal, e ali fundeavam embarcações de muitos países. Para aprofundar o conhecimento nesta matéria, aconselha-se a leitura do livro *O Movimento do Porto do Funchal*, de João José Abreu de Sousa.

---

<sup>13</sup> SIMÕES, Álvaro Vieira, SUMARES, Jorge e SILVA, Iolanda (2002), *Transportes na Madeira*, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, p. 37.

<sup>14</sup> ALBIZZI, Degli (1888), «Six Mois a Madère», *Le Tour du Monde*, LVII, Paris, p. 67.

<sup>15</sup> Idem, p. 82.

<sup>16</sup> SARMENTO, Alberto Artur (1952), *Ensaios Históricos da Minha Terra (Ilha da Madeira)*, Vol. III, 2ª edição, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, p. 129.

<sup>17</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 82.

<sup>18</sup> SILVA, Fernando Augusto e MENESES, Carlos de Azevedo, *Elucidário Madeirense*, 4ª ed., Vol. I, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1978, p. 240.

### 2.1.1. AS GRAVURAS

As duas primeiras gravuras foram retiradas do mesmo livro, desconhecendo-se quem as estampou. A gravura n.º 1<sup>19</sup> mostra a baía do Funchal, e a n.º 2<sup>20</sup> o ilhéu da Pontinha. A terceira gravura<sup>21</sup>, da autoria de Louis Tinayre, mede 11x13 cm, e representa o momento em que Alberto I desembarcara, durante a noite, na praia do Funchal, onde era aguardado por uma comitiva.

A fonte das seis gravuras que se seguem não menciona a autoria das mesmas. A n.º 4<sup>22</sup> mostra uma vista do Funchal desde Este; a n.º 5<sup>23</sup>, o Ilhéu; a n.º 6<sup>24</sup>, a chegada dum navio; as gravuras<sup>25</sup> n.ºs 7, 8, e 9, apresentam vistas sobre a baía funchalense.

Não foi possível identificar a autoria da gravura n.º 10<sup>26</sup>, que ilustra uns dragoeiros, nem da gravura n.º 11<sup>27</sup> que, por sua vez, mostra o Ilhéu da Pontinha. Já a gravura n.º 12<sup>28</sup>, elaborada por Susan Vernon Hartcourt, mostra camponeses e a baía.

Do periódico *The Illustrated London News* foram retiradas as quatro gravuras seguintes: a n.º 13<sup>29</sup> mostra uma tempestade que se abateu sobre a cidade; a n.º 14<sup>30</sup>, a n.º 15<sup>31</sup> e a n.º 16<sup>32</sup> apresentam vistas sobre a baía do Funchal.

A gravura n.º 17<sup>33</sup> é da autoria de Khol, e mostra a baía. Já a n.º 18<sup>34</sup> exhibe o Ilhéu, e foi desenhada por Taylor. Ambas foram executadas a partir de fotografias. Desconhece-se o autor da gravura n.º 19<sup>35</sup>, que apresenta o Funchal, visto do mar.

---

<sup>19</sup> S., G. W. Benjamin (1878), *The Atlantic Islands as Resorts of Health and Pleasure*, New York, Harper & Brothers, p. 96.

<sup>20</sup> Idem, p. 97.

<sup>21</sup> ALBERT I<sup>er</sup>, Prince de Monaco, *La Carrière D'un Navigateur*, Paris, Bibliothèque des Écoles et des Familles, Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, 1914, p. 77.

<sup>22</sup> Periódico *The Graphic*, 25/11/1876, p. 529.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem, 10/12/1879, p. 621.

<sup>25</sup> Idem, 20/11/1886.

<sup>26</sup> GRAHAM, Maria (1824), *Journal of a Voyage to Brazil and Residence There*, London, Longman, p. 77.

<sup>27</sup> HUGHES, Terence M. (1845), *The Ocean Flower: A Poem*, London, Longman, Brown, Green and Longmans, frontispício.

<sup>28</sup> HARCOURT, Eduard Vernon (1851), *A Sketch of Madeira*, London, John Murray, frontispício.

<sup>29</sup> Periódico *The Illustrated London News*, (s. d.), p. 460.

<sup>30</sup> Idem, 05/02/1853, p. 93.

<sup>31</sup> Idem, 22/01/1859, p. 77.

<sup>32</sup> Idem, 15/11/1879, p. 168.

<sup>33</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 65.

<sup>34</sup> Idem, p. 68.

<sup>35</sup> BROWN, Robert (1876), *The Countries of the World (being a Popular Description of Various Continents, Islands, Rivers, Seas, and Peoples of the Globe)*, London, Paris & New York, Cassel, Peter, Galpin & Co., p. 197.

As gravuras n.º 20<sup>36</sup> e n.º 21<sup>37</sup> correspondem a duas litografias que apresentam vistas sobre a baía do Funchal. A autoria de ambas é atribuída a Heine & Brown, e foram executadas em Nova Iorque, na Ackerman Lith.

A gravura n.º 22<sup>38</sup> foi retirada de um livro com descrições de Cabo Verde, Guiné e Madeira. Está ilustrado com quinze gravuras, sendo sete relacionadas com a ilha da Madeira. A gravura n.º 23<sup>39</sup> ilustra o Ilhéu, e foi elaborada por Walter William May, por volta de 1860. As dimensões originais desta correspondem a 10,9x14,5 cm.

A gravura n.º 24<sup>40</sup> ilustra a baía do Funchal, vista desde Oeste. Foi retirada do frontispício de um livro cujo conteúdo apresenta as conclusões de um estudo, levado a cabo durante três anos, sobre a tuberculose.

A autoria da xilogravura n.º 25<sup>41</sup> é atribuída a Stadlmann & Feldweg, cuja execução se presume ter ocorrido por volta de 1875. A coloração que esta gravura apresenta foi, certamente, efectuada à mão, mais tarde. Mede 9.5x17 cm.

Outra vista sobre a baía do Funchal surge na gravura n.º 26<sup>42</sup>, cujo autor é desconhecido. Foi retirada de um livro que relata as pesquisas de Emil Holub, nascido no Império Austro-Húngaro, prestigiado explorador, cartógrafo e etnógrafo em assuntos africanos, aquando da sua passagem pela Madeira.

A gravura n.º 27<sup>43</sup> esboça a baía do Funchal, com o Ilhéu ao fundo, sendo possível observar algumas construções. Foi executada por G. Pearson e J. Cooper, a partir de desenhos de R. T. Pritchett.

A ilustração n.º 28<sup>44</sup> corresponde a uma xilogravura de autoria desconhecida. A mesma exhibe uma vista da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição do Ilhéu, e foi retirada de um periódico germânico.

---

<sup>36</sup> HAWKS, Francis L. (1856), *Narrative of the Expedition of American Squadron to the China Seas and Japan*, Washington, Beverly Tucker, Senate Printer, p. 82.

<sup>37</sup> Idem, p. 84.

<sup>38</sup> MARTINS, João Augusto (1891), *Madeira, Cabo Verde e Guiné*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, p. 36.

<sup>39</sup> Consultado a 21/04/2011, em:

<<http://www.grosvenorprints.com/stock.php?keyword=madeira&WADbSearch1=go>>

<sup>40</sup> SCHULTZE, Rudolf (1864), *Die Insel Madeira*, Stuttgart, J. G. Cottaschen Buchhandlung, (frontispício).

<sup>41</sup> Consultado a 16/01/2011, em: <<http://www.philographikon.com/printsportugal.html>>

<sup>42</sup> HOLUB, Emil (1881), *Sieben Jahre In Süd-Afrika*, Erster Band, Wien, (illustration 1).

<sup>43</sup> BRASSEY, Annie (1885), *In the Trades, the Tropics, & the Roaring Forties*, New York, Henry Holt and Company, p. 29.

<sup>44</sup> Periódico *Die Gartenlaube / Illustriertes Familienblatt*, Ernst Keil's Nachfolger, Leipzig, 1859, p. 517.

De um periódico regional foram retiradas as gravuras n.º 29<sup>45</sup>, n.º 30<sup>46</sup> e n.º 31<sup>47</sup>, todas de autor desconhecido. A estas sucedem cinco gravuras que mostram diferentes vistas sobre o forte do Ilhéu: a n.º 32<sup>48</sup>, a n.º 33<sup>49</sup>, a n.º 34<sup>50</sup>, a n.º 35<sup>51</sup>, e a n.º 36<sup>52</sup>, todas de autoria desconhecida, excepto a última, que está assinada por Pedrozo.

Já a gravura n.º 37<sup>53</sup>, foi retirada de uma revista francesa, e mostra uma parte da costa do Funchal, na qual se podem observar algumas muralhas. A ilustração n.º 38<sup>54</sup> apresenta os ilhéus da baía do Funchal, e a ilustração n.º 39<sup>55</sup> uma vista desde a parte Leste da cidade. São duas cromolitografias de autor desconhecido.

Seguem-se mais duas gravuras do século XIX: o Ilhéu de Nossa Senhora da Conceição surge na gravura n.º 40<sup>56</sup>, executada por Loureiro, no século XIX e mede 26,4x31,2 cm; A litografia n.º 41<sup>57</sup> é de autor desconhecido, mostra a baía do Funchal, e mede 13,x21,5 cm.

---

<sup>45</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 2º Ano, n.º 60, 12/01/1902, p. 59.

<sup>46</sup> Idem, 2º Ano, n.º 61, 19/01/1902, p. 67.

<sup>47</sup> Idem, 2º Ano, n.º 71, 06/04/1902, p. 147.

<sup>48</sup> Periódico *Diario Ilustrado*, n.º 2 600, 12/08/1880, p. 1.

<sup>49</sup> *Encyclopedia Portugueza Illustrada / Dicionario Universal*, Vol. V, Porto, Lemos & Successor, p. 80.

<sup>50</sup> Periódico *O Panorama*, Volume I, 2ª série, publicado de Janeiro a Dezembro de 1842, p. 153.

<sup>51</sup> Periódico *Archivo Pittoresco*, 5º Ano, 1862, p. 312.

<sup>52</sup> Idem, 7º Ano, 1864, p. 133.

<sup>53</sup> LeMAY, Gaston, «Voyages de La Junon - Les Iles Madère», *Journal des Voyages et des Aventures de Terre et de Mer*, n.º 284, Paris, Librairie illustrée, 17/02/1882, p. 386.

<sup>54</sup> WAGNER, Leopoldo (c. 1885), *Souvenir da Ilha da Madeira*, Lisboa.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Colecção Casa Museu Frederico de Freitas, reg. 0143.

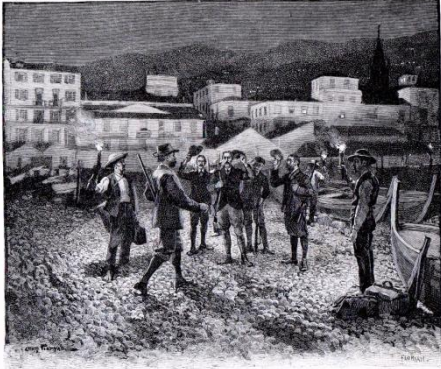
<sup>57</sup> Idem, reg. 076.



1. Funchal harbor and brazen head.



1. Loo rock.



3. Vers le milieu d'une belle nuit du mois de mars.



4. Funchal from East.



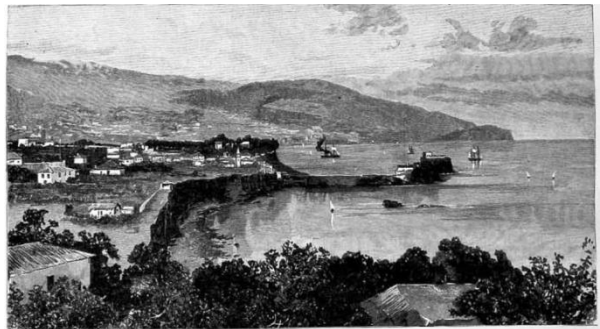
5. Loo Rock Signal Station, Funchal Bay.



6. The cruise of the Royal Cadets – Arrival of the "Bacchante" at Funchal, Madeira.



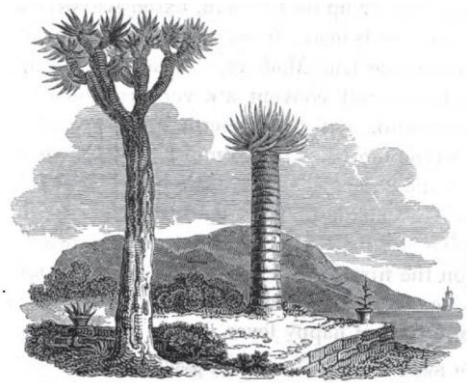
7. Bay of Funchal.



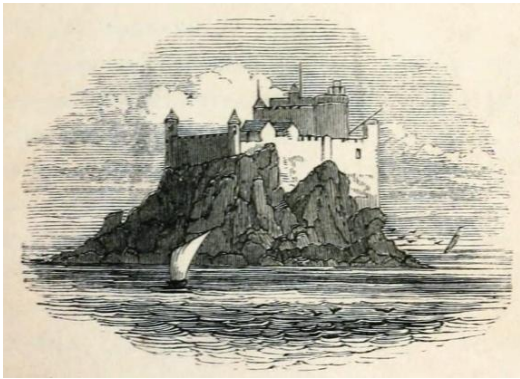
8. General view of the harbor, showing the Loo Rock.



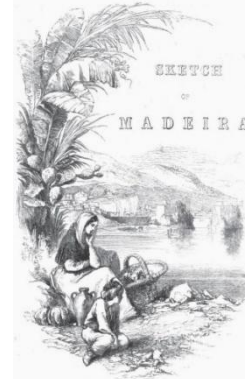
9. *Distant view of the town and harbor.*



10. «strange vegetables».



11. *The Ocean Flower, A Poem.*



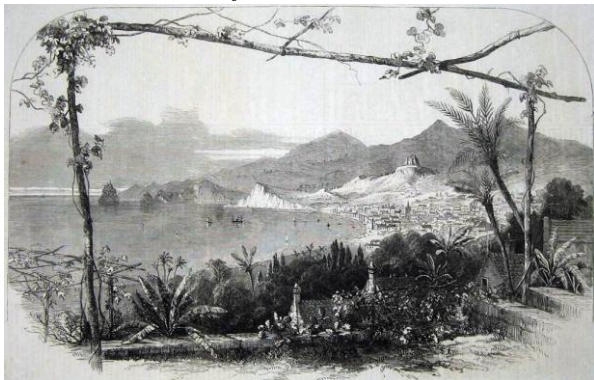
12. *Sketch of Madeira.*



13. *Dreadful Strom at Madeira.*



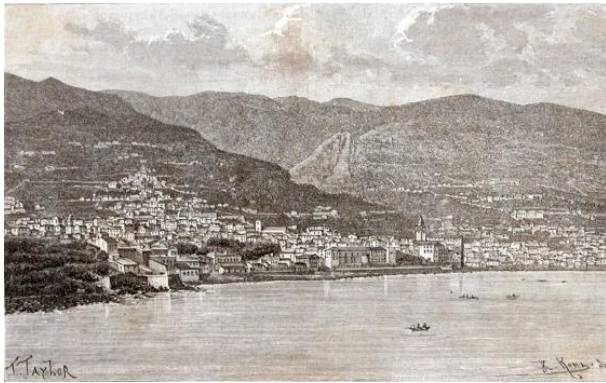
14. *Funchal, Madeira, from the East Cliff.*



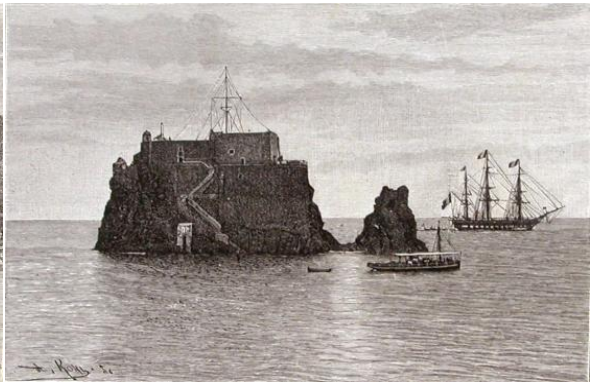
15. *View of Funchal Madeira, taken from a point east of the city.*



16. *Bay and town of Funchal, Madeira.*



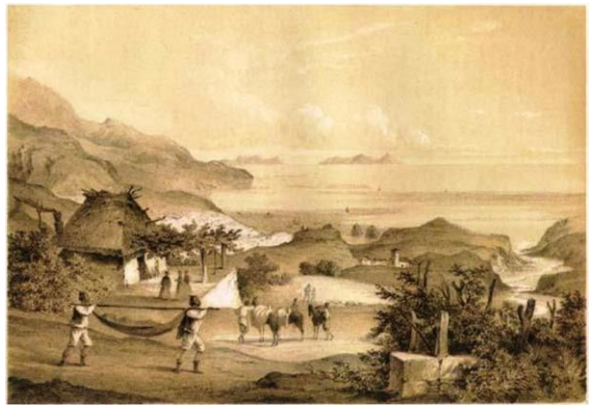
17. Funchal.



18. L' Ilheo.



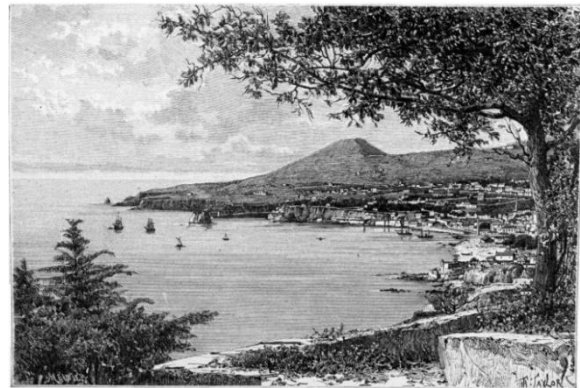
19. View of Funchal, Madeira.



20. Loo Rock & Pontinha, Madeira.



21. Funchal from East.



22. O Funchal.



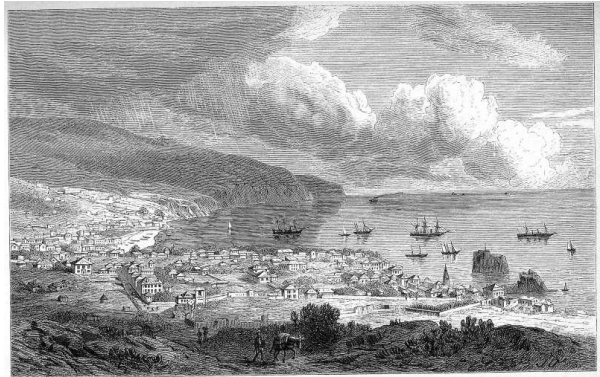
23. Loo Rock, off the Port of Funchal in Madeira.



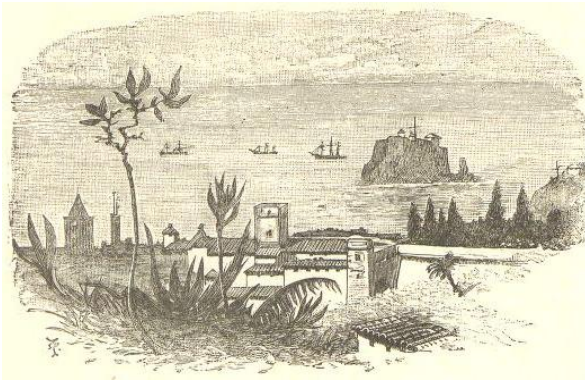
24. Ansicht von Funchal gegen Osten.



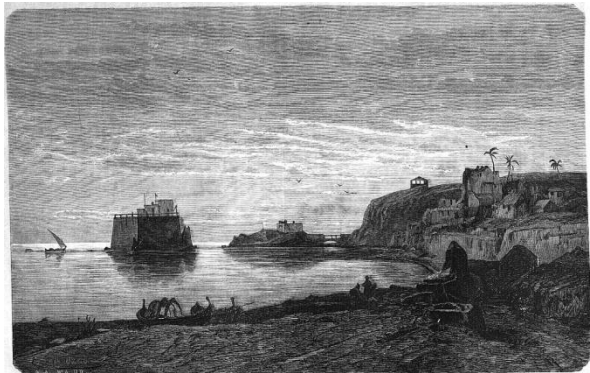
25. Funchal (Von Palheiro aus gesehen).



26. Ansicht von Funchal.



27. The Loo Rock.



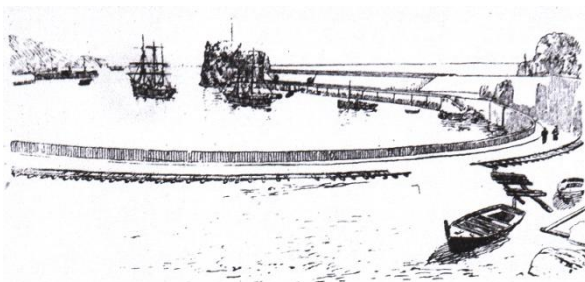
28. Die Festungswerke im Hafen von Funchal auf Madeira. [sic]



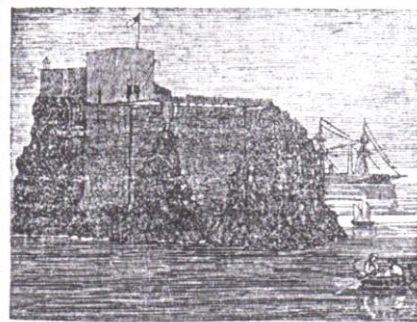
29. Bahia e Cidade do Funchal. [sic]



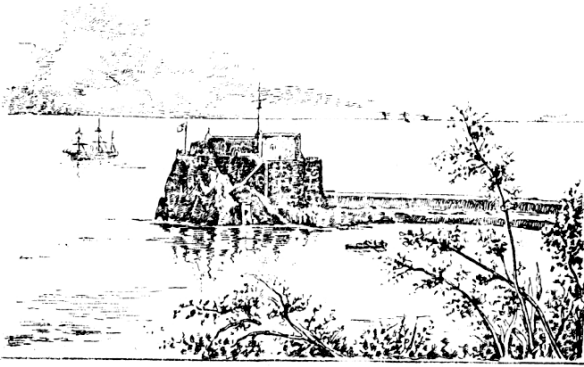
30. Vista dum parte da cidade e porto do Funchal.



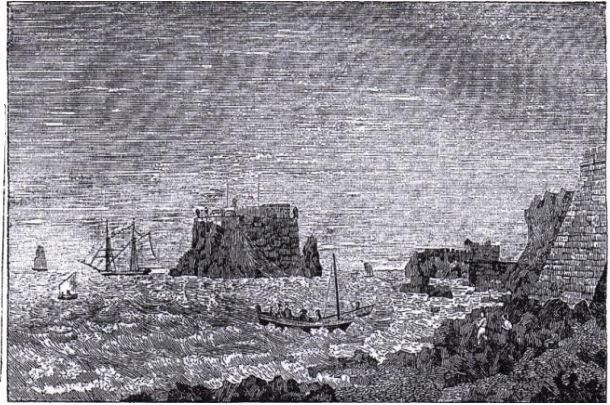
31. Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, Ilheu. E porto d'abrigo - Funchal. [sic]



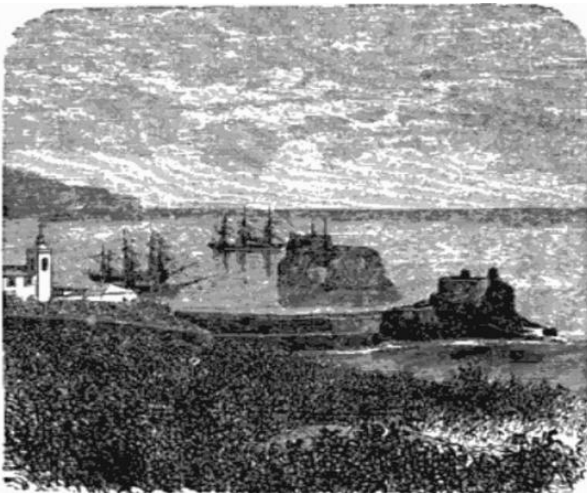
32. Fortalesa do Ilheu. [sic]



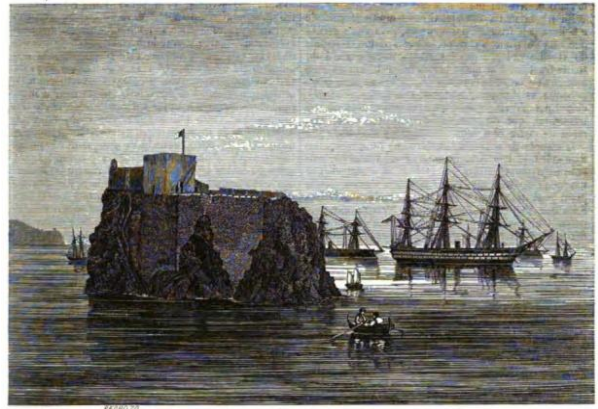
33. Forte do Ilheu no Funchal. [sic]



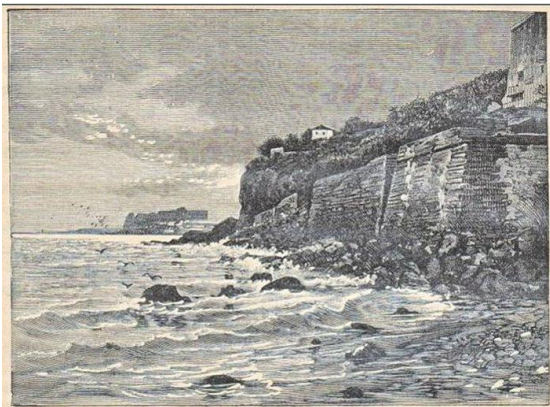
34. Fortaleza do Ilheu na Bahia do Funchal. [sic ]



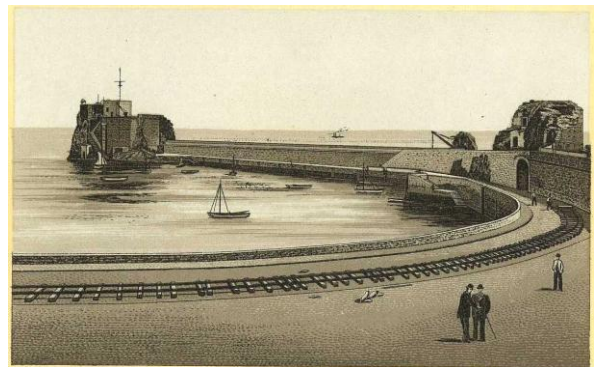
35. Fortes do Ilhéu e da Pontinha, na ilha da Madeira. [sic]



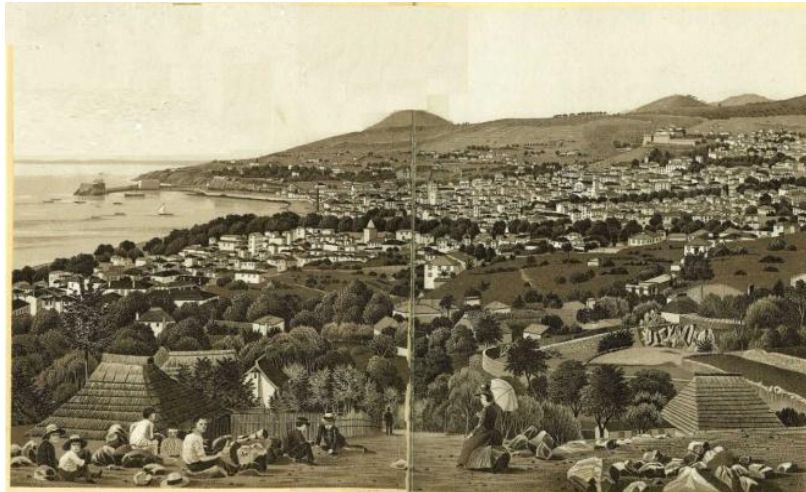
36. Cabo Garajão e fortaleza do Ilhéu na ilha da Madeira. [sic]



37. Les remparts de Madère. [sic]



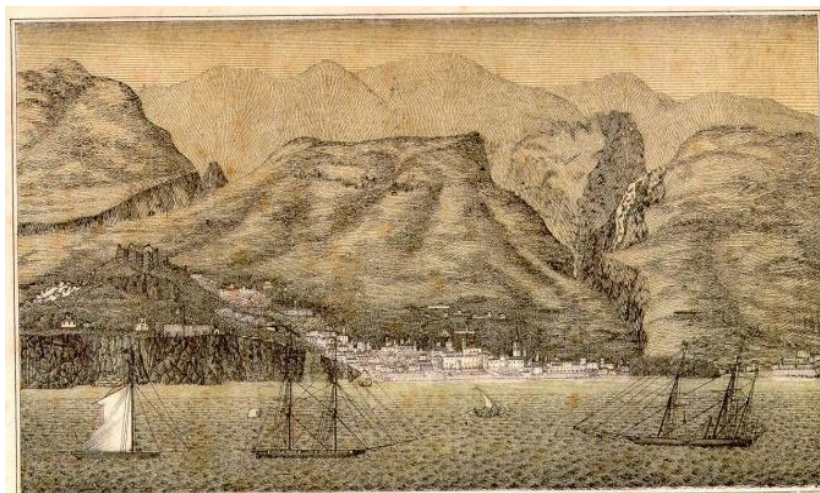
38. Ilheo – Loo Rock. [sic]



39. *Panorama do Funchal.*



40. *Fortaleza do Ilheu.* [sic]



41. *Vista da Cidade do Funchal.*



## 2.2. HOTÉIS E OUTROS EDIFÍCIOS

O Funchal era reconhecido internacionalmente pela beleza das suas quintas e, por isso, foram muitos os estrangeiros que nelas ficaram hospedados. Cada uma delas tinha: a sua casa, mais ou menos apalaçada; grandes terreiros de pedra partida, ou da designada calçada de calhau rolado; canteiros de flores bem cuidados; árvores de grande porte, algumas delas exóticas; um pequeno lago com peixes. Algumas, sobretudo as mais antigas, também tinham a sua capela. Eram, na opinião de Maria Lamas, lugares onde pairava um passado romântico, não apenas nas habitações, mas também nos recintos ajardinados, no campo de *croquet* abandonado, e nas ruas em que as raízes das velhas árvores altearam o empedrado miúdo e redondinho<sup>58</sup>. Enfim, todo um ambiente exuberante, do qual, se orgulhavam os seus moradores. Muitas destas quintas eram arrendadas a pessoas importantes, que vinham da Europa, ou àqueles que tinham capacidade para pagá-las. Seria exaustivo enumerar aqui dados sobre as quintas e os seus moradores, sendo que, muitas delas se designavam pelo nome dos proprietários.

Quanto à sua localização, algumas quintas ficavam situadas no litoral, porém, era sobretudo pela encosta acima que elas abundavam, a meio caminho entre o mar e a serra, nomeadamente, ao longo de três caminhos escarpados: no Caminho dos Saltos; no Caminho do Monte; e no Caminho do Meio<sup>59</sup>. Muitas quintas eram em Santa Luzia. Outras, ao longo da estrada dos Ilhéus. Também havia algumas na Estrada Monumental, em São Martinho. As mais famosas estavam na freguesia do Monte. Este local era um autêntico centro de veraneio para pessoas abastadas que ali tinham as suas quintas, muitas delas pertencentes a súbditos ingleses<sup>60</sup>. Num ambiente acolhedor, ali organizavam convívios, nos quais sobejavam comida e bebida, havia animação musical, e até a declamação de poemas. Chamavam a estes convívios: os hotéis. Durante a época estival, muitas famílias abastadas, mudavam-se para quintas nos arredores do Funchal, onde o clima era mais ou menos fresco, e lá passavam uma temporada.

---

<sup>58</sup> LAMAS, Maria (1956), *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, p. 303.

<sup>59</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 70.

<sup>60</sup> PIO, Manuel Ferreira (1978), *O Monte – Santuário Votivo da Madeira*, Retalhos Históricos, 2ª edição, Funchal, Junta de Freguesia do Monte, p. 59.

A crescente reputação da Madeira como destino terapêutico, aliado à melhoria das condições dos transportes marítimos de passageiros, fez com que muitos estrangeiros elegessem a ilha como local de residência temporária. Eles ansiavam que a amenidade do clima insular os curasse da tísica. Muitos destes estrangeiros eram abastados, e hospedavam-se em quintas. Foi a crescente procura deste destino que, certamente, motivou a construção dos primeiros hotéis.

Muitas das pitorescas pontes que atravessavam as ribeiras e ruelas, foram perpetuadas em gravuras. Foi o caso da ponte do Ribeiro Seco, concluída em 1849, durante a governação de José Silvestre Ribeiro<sup>61</sup>. As paisagens eram vislumbradas também a partir dos miradouros, que no século XIX, eram designados por *redondos*, existindo vários na encosta da cidade: na Forca; no Caminho do Palheiro; etc. Certamente que, foram ali, esboçadas e fotografadas muitas vistas, das quais, posteriormente, se fizeram gravuras sublimes.

### 2.2.1. AS GRAVURAS

As gravuras n.º 1<sup>62</sup> e n.º 2<sup>63</sup> apresentam alçados de um hotel projectado para o Funchal, e cuja arquitectura era da autoria de Mr. Henry Rose. Desconhece-se o autor das gravuras. A gravura n.º 3<sup>64</sup> mostra um pequeno edifício no topo de uma escarpa, localizado na quinta onde Albizzi ficou hospedado, correspondente à actual Quinta Vigia. A gravura foi desenhada por T. Taylor, a partir de uma fotografia.

As ilustrações n.º 4<sup>65</sup>, n.º 5<sup>66</sup> e n.º 6<sup>67</sup> correspondem a cromolitografias, todas de autor desconhecido, e mostram três hotéis no Funchal: Hotel das Hortas, Hotel Miles e Hotel Santa Clara. As gravuras n.º 7<sup>68</sup> e n.º 8<sup>69</sup> reportam-se à casa onde, supostamente, residiu Cristóvão Colombo. A primeira ilustra a fachada, e a segunda o

---

<sup>61</sup> SIMÕES, Álvaro Vieira, coord., SUMARES, Jorge, e SILVA, Iolanda (2002), *Transportes na Madeira*, op. cit., p. 32.

<sup>62</sup> Periódico *The Builder*, Julho, (c.) 1890.

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 71.

<sup>65</sup> WAGNER, Leopoldo, op. cit..

<sup>66</sup> Idem.

<sup>67</sup> Idem.

<sup>68</sup> Periódico *O Occidente*, 2º Ano, Volume II, n.º 34, 15/05/1879, p. 73.

<sup>69</sup> Idem, p. 76.

interior. Ambas foram elaboradas a partir de fotografias de Camacho. Desconhece-se a autoria das mesmas. A ilustração n.º 9<sup>70</sup> trata-se de uma xilogravura, cuja autoria se reparte por três indivíduos: J. Drayton, F. O. C. Darley e R. S. Gilbert. O primeiro fez o esboço, o segundo desenhou na madeira e o último procedeu à gravação.

As ilustrações n.º 10<sup>71</sup> e n.º 11<sup>72</sup> referem-se a duas xilogravuras de autoria desconhecida. A primeira apresenta um panorama da praia da cidade e, a segunda, uma vista rural. Um grupo de homens, numa rua do Funchal, surge na xilogravura n.º 12<sup>73</sup>. Trata-se de uma, com 11,5x13,5 cm, feita a partir de um desenho de Louis Tinayre.

Três gravuras foram retiradas do mesmo periódico, a n.º 13<sup>74</sup>, a n.º 14<sup>75</sup> e a n.º 15<sup>76</sup> e são todas de autoria desconhecida. A primeira gravura mostra o exterior de uma vivenda, próxima à cidade. A segunda, gravada a ponta seca, mede 12,5x15,5 cm, e mostra a quinta na qual ficou hospedada a ex-imperatriz do Brasil, D. Amélia de Leuchtenberg. A outra gravura apresenta a actual Quita Vigia, que foi residência da família Rutheford. No século XIX, esta quinta foi alugada, e por ali passaram, entre outras personalidades, a rainha Adelaide de Inglaterra, e a imperatriz Sissi da Áustria.

As gravuras n.º 16<sup>77</sup> e n.º 17<sup>78</sup> foram elaboradas a partir de desenhos de T. Taylor que, por sua vez, foram feitos a partir de fotografias. A primeira ilustra o Teatro D. Maria Pia, e a segunda o Hospício Dona Maria Amélia.

As quatro gravuras seguintes foram retiradas de um periódico madeirense: a n.º 18<sup>79</sup> apresenta o Teatro D. Maria Pia; a n.º 19<sup>80</sup> mostra a fortaleza de São Lourenço; a n.º 20<sup>81</sup> exhibe a Ponte Monumental; e a n.º 21<sup>82</sup> apresenta a Ponte Nova. A última foi gravada por L. Bernes, e as restantes por autor desconhecido. As ilustrações n.º 22<sup>83</sup> e

---

<sup>70</sup> WILKES, Charles (1845), *Narrative of the United States Exploring Expedition During the Years 1838, 1839, 1840, 1841, 1842*, Vol. I, London, Wiley and Putnam, p. 19.

<sup>71</sup> Periódico *Ballou's Pictorial Drawing-Room Companion*, (c.) 1856.

<sup>72</sup> (c.) 1837. Consultado a 08/07/2011, em. <<http://www.philographikon.com/printsportugal.html>>

<sup>73</sup> ALBERT I<sup>er</sup>, Prince de Monaco (1914), *La Carrière D'un Navigateur*, Paris, Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, p. 119.

<sup>74</sup> Periódico *The Illustrated London News*, 27/09/1845, p. 196.

<sup>75</sup> Idem, 26/03/1853, p. 299.

<sup>76</sup> Idem, Sup., 1861, p. 17.

<sup>77</sup> ALBIZZI, Degli (1888), op. cit., p. 69.

<sup>78</sup> Idem, p. 76.

<sup>79</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 2º Ano, n.º 54, 01/12/1901, p. 11.

<sup>80</sup> Idem, 2º Ano, n.º 66, 02/03/1902, p. 106.

<sup>81</sup> Idem, 2º Ano, n.º 73, 20/04/1902, p. 166.

<sup>82</sup> Idem, 2º Ano, n.º 83, 29/06/1902, p. 244.

<sup>83</sup> Periódico *Diario Illustrado*, n.º 383, 22/08/1873, p. 1.

n.º 23<sup>84</sup> são de autoria desconhecida. A primeira exhibe o Hospício da Princesa Dona Amélia, e a segunda o mausoléu do 1º bispo do Funchal, Dom Diogo Pinheiro. Também a gravura n.º 24<sup>85</sup> exhibe a fachada do mesmo hospício. As gravuras n.º 25<sup>86</sup> e a n.º 26<sup>87</sup> referem-se ao palácio e fortaleza de São Lourenço. A gravura n.º 27<sup>88</sup> é de autor desconhecido, e mostra o cemitério inglês e a fortaleza do Pico. Desconhece-se a autoria destas gravuras.

Da autoria de Antonio Luiz Bernes, seguem as ilustrações n.º 28<sup>89</sup>, n.º 29<sup>90</sup> e n.º 30<sup>91</sup>. A primeira ilustra uma fábrica de farináceos, a segunda o hospício e a terceira o forte do Pico de São João Baptista. A gravura n.º 31<sup>92</sup> é da autoria de G. Pearson e de J. Cooper, elaborada a partir de um desenho de R. T. Pritchett. Retrata o forte de São João Baptista, sobranceiro à cidade do Funchal. De autoria desconhecida, seguem-se 5 cromolitografias: as ilustrações n.º 32<sup>93</sup>, n.º 33<sup>94</sup>, n.º 34<sup>95</sup>, n.º 35<sup>96</sup>, n.º 36<sup>97</sup> e n.º 37<sup>98</sup>. Estas apresentam, respectivamente: a entrada da cidade; o hospício D. Maria Amélia; o jardim municipal; o teatro D. Maria Pia; o forte do Pico; e o pilar de Banger.

A ilustração n.º 38<sup>99</sup> corresponde a uma litografia presente no frontispício do livro *Sketches in Madeira*. Mede 54,1x36,9 cm, e a autoria do desenho e estampagem é atribuída a Lady Susan Vernon Harcourt. O desenho foi executado entre 1847 e 1848, aquando da estadia da autora na ilha. Já a impressão ocorreu em Londres, numa edição de Thomas Mc. Lean, em 1851. A ponte do Ribeiro Seco surge na ilustração n.º 39<sup>100</sup>. Trata-se de uma litografia com 15,8x26,1 cm, de autoria desconhecida. Foi impressa na Lithographia Madeirense, numa edição de Sérvulo Drummond de Menezes, Secretário-geral do Governo Civil do Funchal, em 1848.

---

<sup>84</sup> Periódico *Diario Illustrado*, n.º 2 527, 30/05/1880, p. 1.

<sup>85</sup> *Encyclopedia Portugueza Illustrada / Diccionario Universal*, op. cit., p. 80.

<sup>86</sup> Periódico *The Illustrated London News*, 20/11/1847, p. 325.

<sup>87</sup> *Idem*, 03/03/1866, p. 208.

<sup>88</sup> *Idem*.

<sup>89</sup> Periódico *Semana Illustrada*, 1º Ano, n.º 1, 03/04/1898, p. 6.

<sup>90</sup> *Idem*, 2º Ano, n.º 11, 18/06/1899, p. 81.

<sup>91</sup> *Idem*, 2º Ano, n.º 20, 27/08/1899, p. 153.

<sup>92</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 54.

<sup>93</sup> WAGNER, Leopoldo, op. cit..

<sup>94</sup> *Idem*.

<sup>95</sup> *Idem*.

<sup>96</sup> *Idem*.

<sup>97</sup> *Idem*.

<sup>98</sup> *Idem*.

<sup>99</sup> Colecção Casa Museu Frederico de Freitas, reg. 0267.

<sup>100</sup> *Idem*, reg. 0155.



3. Proposed Hotel Madeira. Garden front.



4. Proposed Hotel Madeira. Main front.



5. Le pavillon de notre quinta. [sic]



6. Hotel das Hortas.



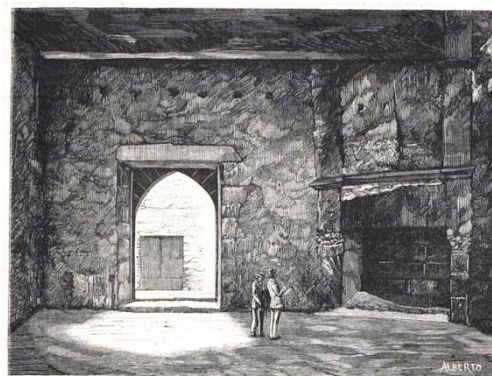
5. Hotel Miles.



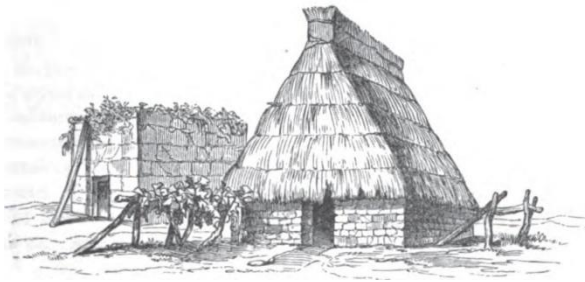
6. Hotel Santa Clara.



7. Casa na Ilha da Madeira, onde (...) residiu Christovão Colombo. [sic]



8. Sala no primeiro pavimento da casa, onde (...) residiu Christovão Colombo.



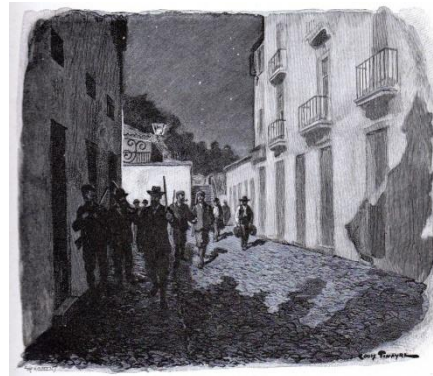
9. Peasant's cottage.



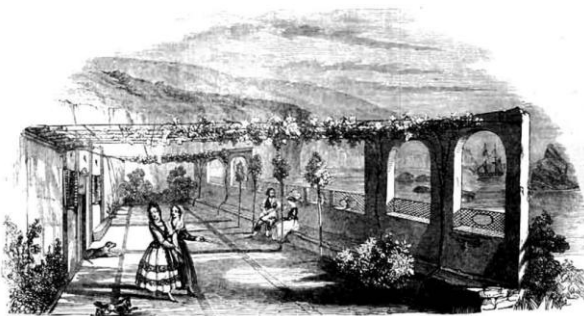
10. Palace of The Governor, at Funchal.



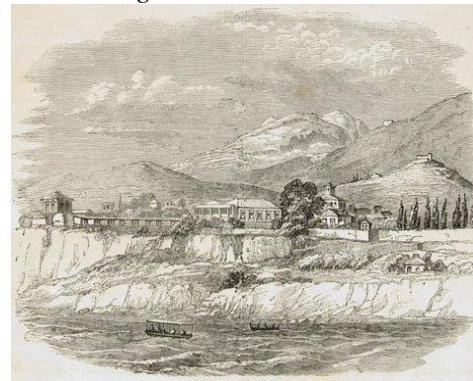
11. Huetten zu Villa Vicencia. [sic]



12. «et dans les rues déserts nous pûmes nous glisser en silence».



13. Madeira Villa, near Funchal. [sic]



14. Residence of the Ex-Empress of Brazil.



15. The Vigia.



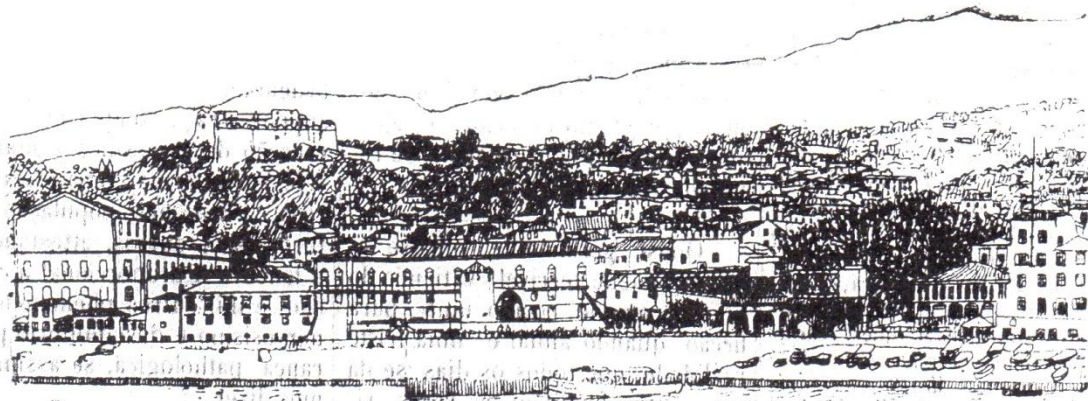
16. Théâtre et jardin. [sic]



17. Hospice à Funchal.



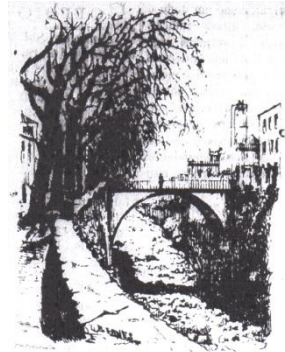
18. Theatro «D. Maria Pia». [sic]



19. Fortaleza de S. Lourenço, hoje Palacio e residencia das autoridades civil e militar do Funchal. [sic]



20. Ponte Monumental – Funchal.



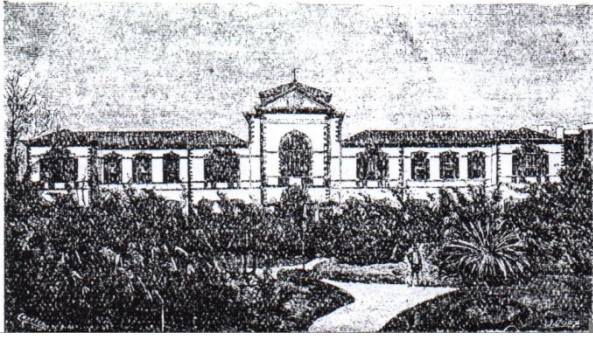
21. Ponte Nova – Funchal.



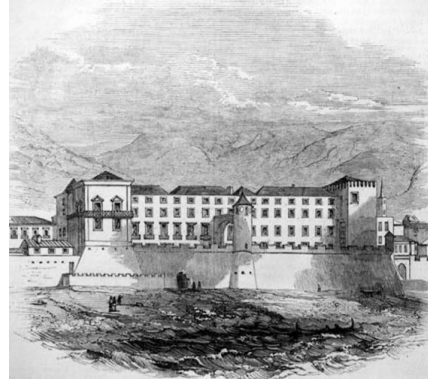
22. Hospicio da Princesa D. Amelia. [sic]



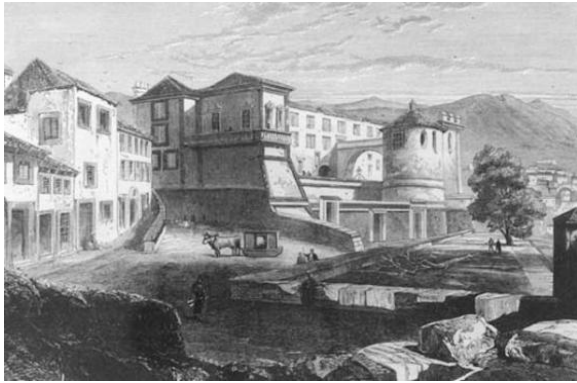
23. Mausoleu do 1º Bispo do Funchal. [sic]



24. Hospicio da princeza D. Maria Amelia. [sic]



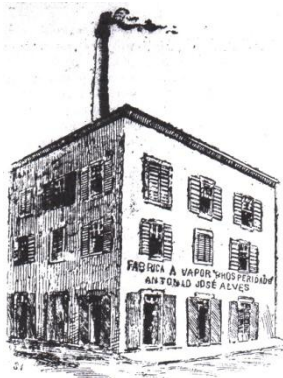
25. The governor's House, Madeira, the residence of the Queen Adelaide.



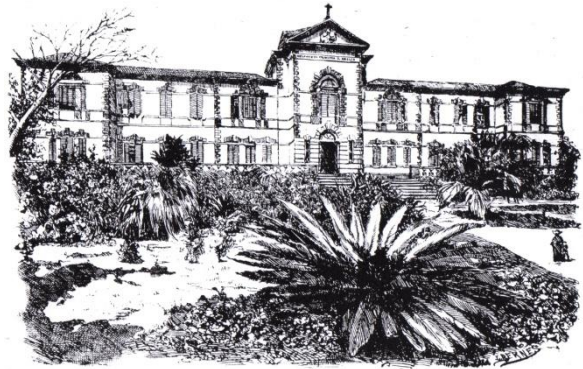
26. Government House.



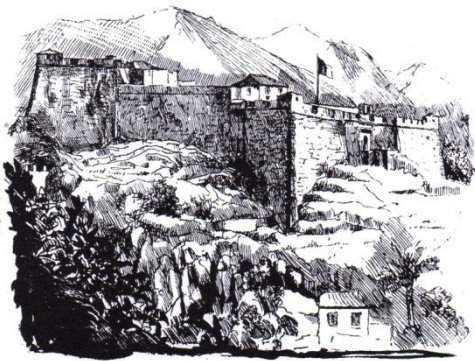
27. The english cemetery.



28. Fabrica a vapor "Prosperidade". [sic]



29. Hospicio da Princeza D. Maria Amelia. [sic]



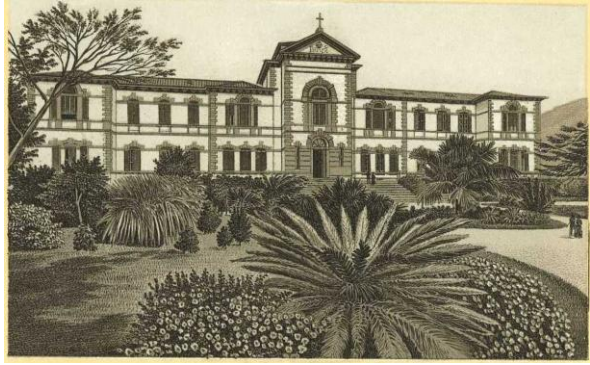
30. O Castello de São João Baptista. [sic]



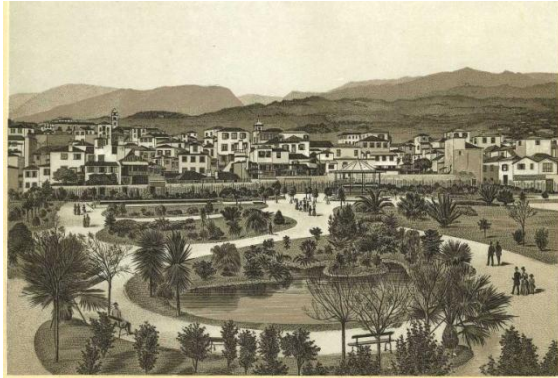
31. Old fort.



32. *Entrada da cidade.*



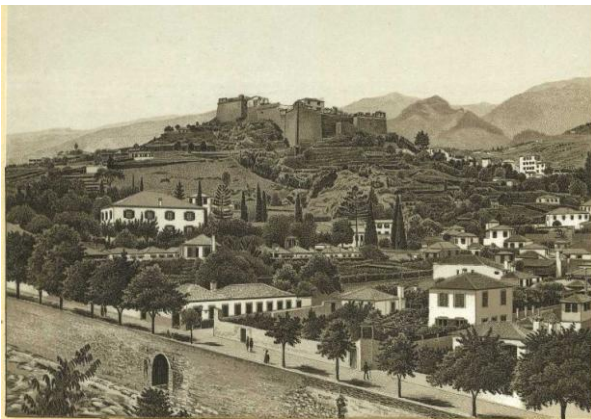
33. *Hospicio de D. Maria Amelia. [sic]*



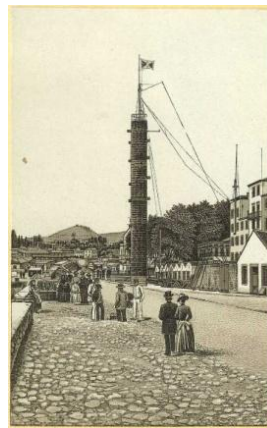
34. *Jardim municipal.*



35. *Theatro D. Maria Pia. [sic]*



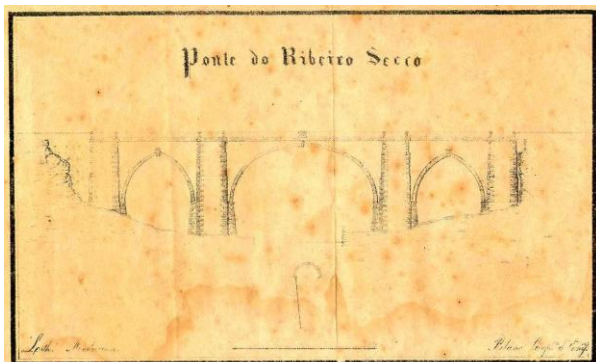
36. *Fortaleza de São João Baptista.*



37. *Pilar de Banger.*



38. *View from the Angustias. [sic]*



39. *Ponte do Ribeiro Secco. [sic]*



### 2.3. IGREJAS

As igrejas e capelas, que foram surgindo desde o início do povoamento, demonstram que, além dos objectivos económicos, os povoadores pretendiam disseminar a fé católica. A Sé catedral, devido á sua imponência, marca a sede do bispado, que foi estabelecido em 1514 e, na época, teve uma abrangência que ultrapassava o arquipélago da Madeira<sup>101</sup>. Seria exaustivo demorar-se aqui a discorrer sobre a sua arquitectura e esculturas, pois muitas pessoas que o fizeram, nomeadamente, Emanuel Ribeiro<sup>102</sup>. Porém, não poderíamos deixar de mencionar as figuras dos punhos do cadeiral, tornadas públicas por este ou aquele autor, e que constituem, a par do seu tecto de estilo mudéjar, uma das melhores de Portugal, e de uma magnificente riqueza etnográfica.

A segunda igreja mais importante é, sem dúvida, a de São João Evangelista, conhecida por Colégio dos Jesuítas. A sua fachada, quase emblemática, também foi retratada em gravuras. Composta por grandes espaços e solidamente edificada, o seu interior é adornado com azulejos, pinturas, imagens e retábulos de talha dourada. A sua construção iniciou-se em 1629, e levou muitos anos a ser concluída<sup>103</sup>.

A igreja do Monte, com o seu par de torres, é também um dos monumentos mais aparatosos, e foi construída no topo de uma escadaria de muitos degraus, cujos peregrinos chegavam a subir de joelhos. A fachada desta igreja era um marco no horizonte, que colaborava para as embarcações chegarem ao Funchal<sup>104</sup>. Primeiro, os navegantes vislumbravam os píncaros da Madeira; depois, navegando no sentido da aproximação, notavam a brancura da fachada desta igreja; logo, sabiam que vindo nessa direcção, ficava o Funchal. Não admira que, muitos estrangeiros, e até mesmo simples marinheiros, que ficavam poucos dias no Funchal, satisfizessem o desejo de subir até àquela igreja, enquanto a embarcação descarregava ou carregava. Foi, certamente,

---

<sup>101</sup> FERREIRA, Manuel Juvenal Pita (1963), *A Sé do Funchal*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, p.66.

<sup>102</sup> «O Cadeirado da Sé do Funchal», Separata de *Portucale – Revista ilustrada de cultura literária, científica e artística*, Porto, 1939.

<sup>103</sup> ARAGÃO, António (1979), *Para a História do Funchal, Pequenos Passos da sua Memória*, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais, p. 131.

<sup>104</sup> RIBEIRO, João Adriano (1991), *Monte – Breve Resenha Histórica da Freguesia de Nossa Senhora do Monte*, Funchal, Fundação Berardo, p. 11.

devido à crescente afluência de pessoas àquele local, que surgiu a ideia de se efectuar a descida em carrinhos de cesto, referidos no capítulo dos transportes terrestres. Valerá a pena referir também a escultura do Senhor dos Passos, elaborada por Francisco Ferreira, *O Caseiro*, um exímio escultor, conhecido igualmente, pelas suas figuras de presépio, cujas fotos surgem numa publicação<sup>105</sup>, acompanhadas por poemas de Herberto Helder.

Já na freguesia de Santa Maria Maior, existiu junto à foz da Ribeira de João Gomes, a igreja de Nossa Senhora do Calhau. Mandada erigir por João Gonçalves Zarco, a sua construção iniciou-se em 1439, vindo a ser derrubada na trágica aluvião de 1803<sup>106</sup>. A sede paroquial passou para a capela de São Tiago Menor, o padroeiro da cidade. Esta foi sendo ampliada, de modo a receber os muitos paroquianos que habitavam na localidade, sobretudo ao longo da Rua da Santa Maria, e de uma nova rua, aberta por volta de 1810, chamada Bela de São Tiago.

A igreja de São Martinho, cedo se foi tornando pequena para tantos fiéis, pelo que foram obrigados a construir uma igreja nova. Esta construção, várias vezes interrompida, iniciou-se em 1883, e levou muitos anos a ficar concluída. A sua bênção aconteceu 35 anos depois, a 24 de Junho de 1918<sup>107</sup>.

A igreja de Santo António foi erigida num dos núcleos populacionais mais importantes do Funchal. Por ser considerado casamenteiro, é grande a devoção a Santo António. Esta igreja possuiu também duas torres, acrescentadas e concluídas em 1883<sup>108</sup>. Apesar de não ser do século XIX, convém aqui lembrar um dos seus párocos, Fernando Augusto da Silva, autor do *Elucidário Madeirense*, e de muitas obras da historiografia madeirense, sobretudo do século XIX. Dizia-se que, no tempo em que não havia electricidade, o candeeiro do seu escritório era o último a se apagar na freguesia, pelas quatro ou cinco da manhã. Não admira que este paciente investigador só celebrasse missa por volta do meio-dia, circunstância que não agradava os paroquianos.

A igreja de Santa Luzia é pitoresca. Porém pouco referida em escritos do século XIX. Do mesmo modo, outras igrejas e capelas merecem referência pelo seu património e significado histórico, mas tal alongaria este trabalho, desviando-o do seu propósito.

---

<sup>105</sup> FERREIRA, Francisco e HÉLDER, Herberto (2008), *A Lapinha do Caseiro*, Lisboa, Assírio & Alvim, Lisboa.

<sup>106</sup> RIBEIRO, João Adriano (2007), *A Baixa da Freguesia de Santa Maria Maior*, Funchal, Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, p. 115.

<sup>107</sup> VIEIRA, Alberto (2005), *A Freguesia de São Martinho*, Junta de Freguesia de São Martinho, p. 198.

<sup>108</sup> SILVA, Fernando Augusto da, org. VIEIRA, Alberto (1997), *A Freguesia de Santo António*, Junta de Freguesia de Santo António, 2ª edição, p. 27.

### 2.3.1. AS GRAVURAS

As duas primeiras gravuras referem-se à Sé Catedral do Funchal. A n.º 1<sup>109</sup> é uma xilogravura, da autoria de Heine e Brown, na qual também podemos observar diversos populares, alguns deles desempenhando ofícios característicos da ilha, como os carregadores de rede e os boieiros. A gravura n.º 2<sup>110</sup> descobre parte da fachada principal do mesmo edifício, e foi desenhada por T. Taylor, a partir de uma fotografia.

A gravura n.º 3<sup>111</sup> mostra a saída de uma procissão, na igreja do Colégio dos Jesuítas, e uma multidão na praça. A gravura n.º 4<sup>112</sup> mostra a igreja do Monte, entre o arvoredo. Estas duas gravuras foram executadas do mesmo modo análogo à n.º 2.

A ilustração n.º 5<sup>113</sup> corresponde a uma gravura que exhibe a fachada principal da igreja do Socorro, na freguesia de Santa Maria Maior. Não foi possível identificar o autor da mesma.

A *Semana Illustrada* apresenta três gravuras de igrejas: a n.º 6<sup>114</sup>, a n.º 7<sup>115</sup> e a n.º 8<sup>116</sup>, respectivamente: a Sé, a capela de São João Batista e a igreja do Monte. São todas da autoria de Luiz Antonio Bernes. A gravura n.º 9<sup>117</sup> mostra a igreja do Monte e está assinada por B. Lima e por Pedrozo.

A igreja de Nossa Senhora do Monte surge, igualmente, na ilustração n.º 10<sup>118</sup>, numa litografia desenhada por Frank Dillon, e estampada por T. Picken, com 50,4x36,7 cm. Esta gravura surge no frontispício do livro *The Island of Madeira. Views of Funchal & its Neighborhood*, de Frank Dillon, editado em 1850, por Paul & Dominic Colnaghi & Cº, em Londres. As gravuras n.º 11<sup>119</sup> e n.º 12<sup>120</sup> mostram, respectivamente, a igreja do Monte e a Sé. Trata-se de cromolitografias de autor desconhecido.

---

<sup>109</sup> HAWKS, Francis L., Washington, op. cit., p. 83.

<sup>110</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 72.

<sup>111</sup> Idem, p. 73.

<sup>112</sup> Idem, p. 80.

<sup>113</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 2º Ano, n.º 56, 15/12/1901, p. 27.

<sup>114</sup> Periódico *Semana Illustrada*, 2º Ano, n.º 6, 14/05/1899, p. 41.

<sup>115</sup> Idem, 2º Ano, n.º 12, 24/06/1899, p. 89.

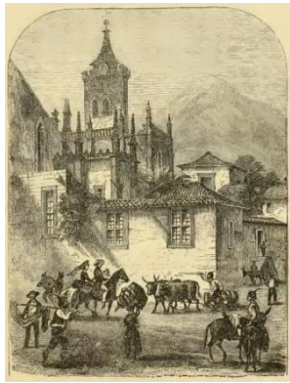
<sup>116</sup> Idem, 2º Ano, n.º 19, 13/08/1899, p. 145.

<sup>117</sup> Periódico *Archivo Pittoresco*, 7º Ano, 1864, p. 261.

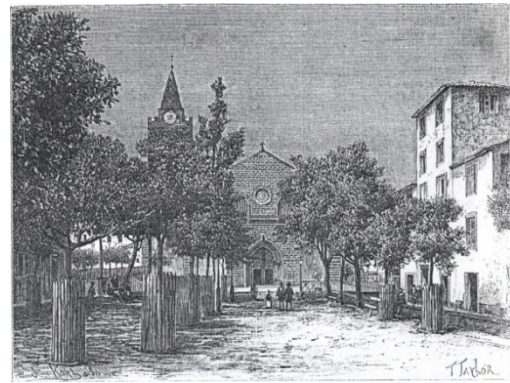
<sup>118</sup> Coleção Casa Museu Frederico de Freitas, reg. 0220.

<sup>119</sup> WAGNER, Leopoldo, op. cit..

<sup>120</sup> Idem.



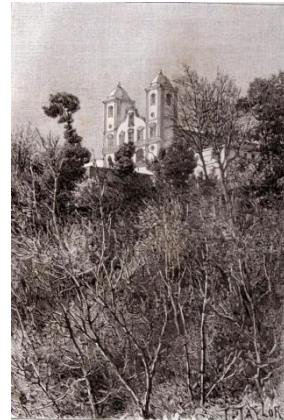
1. Funchal Cathedral.



7. Cathédrale de Funchal.



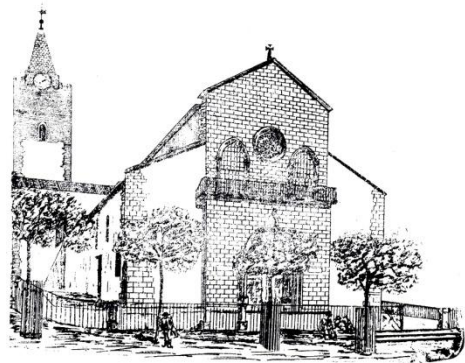
3. Départ d'une procession à Funchal.



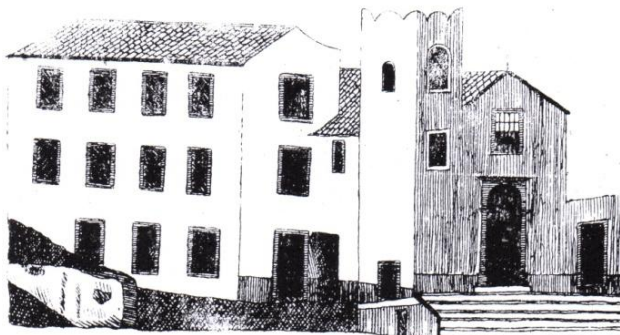
4. Notre-Dame-du-Mont.



5. Igreja do Socorro. [sic]



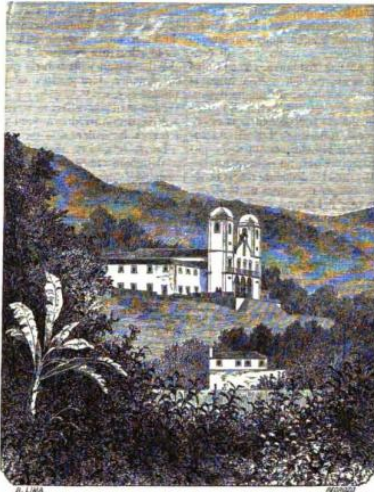
6. A Sé Cathedral do Funchal. [sic]



7. Capella de S. João Baptista. [sic]



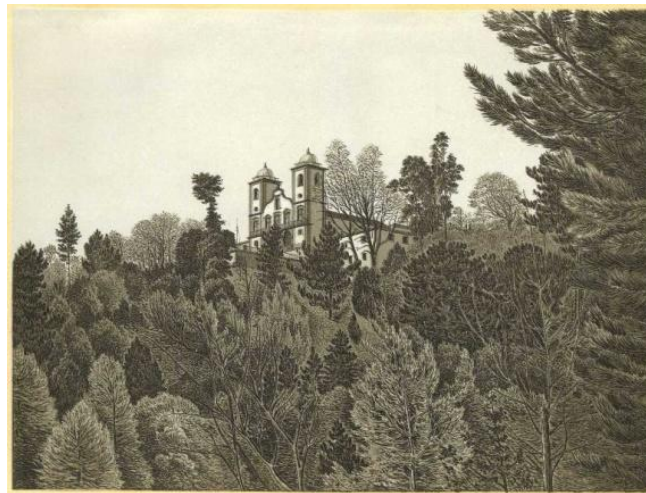
8. A Igreja de Nossa Senhora do Monte. [sic]



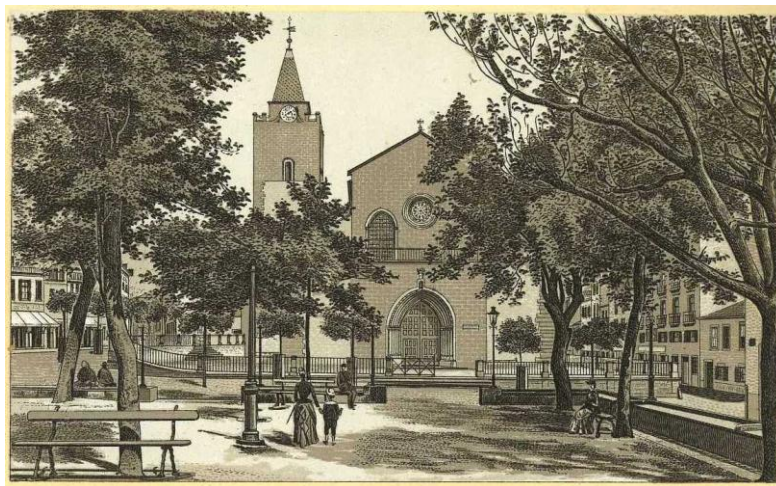
9. *Egreja de Nossa Senhora do Monte do Funchal.* [sic]



10. *Sketches in the Island of Madeira.*



11. *Igreja de Nossa Senhora do Monte.*



12. *Cathedral.*



## 2.4. INDÚSTRIAS

Artur Sarmiento publicou um pequeno livro sobre as pequenas indústrias da Madeira<sup>121</sup>. Não retirando o devido valor a esse trabalho, porém, este fica a quem do exigível, pois trata de aspectos muito particulares, e não se referem a indústria propriamente dita.

Na pequena indústria poder-se-ão incluir os moinhos, movidos a água que, por volta de 1863, já ultrapassavam as cinco centenas. Numa das gravuras surge um moinho a vento, no Porto Santo. Outra exhibe um moinho de mão, e noutra, ainda, surge parte do sistema de um moinho hidráulico.

Outra indústria, que assumiu particular importância, foi a das estufas para envelhecer vinho Madeira, inventadas em 1794<sup>122</sup>, por Pantaleão Fernandes. No final da segunda metade do século XIX, já atingiam a meia centena, muitas das quais, situadas na Rua da Carreira. Igualmente importante foi a indústria dos fornos de cal. Ao longo do século XIX, existiram mais de uma dúzia, no Funchal.

Mas a indústria mais próspera foi, sem dúvida, a dos engenhos de cana-de-açúcar. O primeiro, da nova geração de engenhos, foi estabelecido em 1826, na Rua dos Netos, tendo incendiado, anos mais tarde. Porém, foi a crise vinícola de 1852 que catapultou o aparecimento de mais engenhos, alguns dos quais, estabelecidos sob uma alinha de crédito. De facto, em 1872, já existiam dezenas deles, e no virar do século, surgiram outros, mais modernos. Na Madeira, em 1927, existiam 47 engenhos, quando uma lei obrigou a maior parte deles a encerrarem. Sobreviveram apenas cinco: o do Torreão; o do Ribeiro Seco; o da Calheta; o de Machico, e o do Porto da Cruz<sup>123</sup>.

De menor significado foi a indústria das serras de água que, no século XX, foram dando lugar a serrações motorizadas. Jordão de Freitas, foi o primeiro a escrever, uma pequena brochura<sup>124</sup>, sobre a importância destas serras movidas a água.

---

<sup>121</sup> *As Pequenas Indústrias da Madeira*, editado pelo *Diário de Notícias*, em 1941.

<sup>122</sup> SILVA, Fernando Augusto e MENESES, Carlos de Azevedo, op. cit., p. 816.

<sup>123</sup> RIBEIRO, João Adriano (1992), *A Cana-de-Açúcar na Madeira – Séculos XVIII-XX*, Câmara Municipal da Calheta, pp. 27-53.

<sup>124</sup> A separata: «Serras de Água nas Ilhas da Madeira e Porto Santo», *Revista de Arqueologia*, Vol. III, fascículo VI, 1937.

### 2.4.1. AS GRAVURAS

As primeiras sete gravuras dizem respeito à indústria vinícola regional, e desconhece-se a autoria das mesmas. Sabe-se porém, que algumas gravuras dessa publicação foram executadas a partir de esboços de Ernest A. Vizetelly, filho do autor da publicação. Outras foram feitas a partir de fotografias. As que aqui se apresentam referem-se a instalações de diferentes companhias, todas no Funchal. A gravura n.º 1<sup>125</sup> mostra os armazéns e tanoaria de *Cossart, Gordon, & Co.* Da mesma firma, a gravura n.º 2<sup>126</sup> mostra as estufas, e a gravura n.º 3<sup>127</sup> apresenta o interior do armazém de vinhos velhos.

O interior de outro armazém, o da firma *Krohn Brothers*, é apresentado pela gravura n.º 4<sup>128</sup>. Do mesmo modo, as gravuras 5<sup>129</sup> e 6<sup>130</sup> exibem o interior dos armazéns de *Blandy Brothers* e de *Dru Drury*, respectivamente. O exterior do armazém e tanoaria de *Henriques, Lawton, & Co.*, é apresentado na gravura n.º 7<sup>131</sup>.

O exterior do armazém *Blandy* é mostrado pela gravura n.º 8<sup>132</sup>. Nesta, e nas anteriores, é possível constatar que, havia imensa actividade e muitas pessoas a laborar. A gravura está rubricada por Pastor.

Um moinho, cuja força motriz era originada pela passagem da água, surge na gravura n.º 9<sup>133</sup>. O autor do livro não refere a localização desse moinho, nem qualquer outra informação adicional a respeito desta ilustração. Na mesma gravura, podemos observar dois homens que transportam uma rede.

As três gravuras seguintes foram retiradas do livro *A Sketch of Madeira*. A gravura n.º 10<sup>134</sup> mostra parte do sistema de um moinho horizontal, movido a água. Um moinho de mão surge na gravura n.º 11<sup>135</sup>. Um camponês, sentado junto a umas

---

<sup>125</sup> VIZETELLY, Henry (1880), *Facts about Port and Madeira, With Notices of Wines Vintaged Around Lisbon, and the Wines of Tenerife*, London, p. 182.

<sup>126</sup> Idem, p. 184.

<sup>127</sup> Idem, p. 186.

<sup>128</sup> Idem, p. 190.

<sup>129</sup> Idem, p. 192.

<sup>130</sup> Idem, p. 194.

<sup>131</sup> Idem, p. 196.

<sup>132</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, org. ALBUQUERQUE, Henrique Zeferino de, Lisboa, Typographia do Diccionario Universal Portuguez, 1884, p. 735.

<sup>133</sup> S., G. W. Benjamin, op. cit., p. 111.

<sup>134</sup> HARCOURT, Eduard Vernon, op. cit., p. 101.

<sup>135</sup> Idem, p. 102.

bananeiras, consta na gravura n.º 12<sup>136</sup>. Desconhece-se a autoria das referidas gravuras, sabendo-se porém, terem sido elaboradas a partir de esboços de Susan Vernon Harcourt, esposa do autor da respectiva publicação.

As gravuras n.º 13<sup>137</sup> e n.º 14<sup>138</sup> referem-se à produção vinícola. A primeira ilustra carregadores, transportando odres cheios de vinho. Foi feita a partir de um desenho de J. Drayton, e gravada por R. S. Gilbert. A segunda mostra um grupo de homens dentro de um lagar, pisando as uvas. Foi gravada por F. E. Worcester, a partir de um desenho de C. Wilkes. Ambas correspondem a xilogravuras, cujo desenho na madeira foi executado por F. O. C. Darley.

As duas gravuras seguintes, a n.º 14<sup>139</sup> e a n.º 15<sup>140</sup>, são muito parecidas com as duas anteriores, pelo que se deduz que foram executadas a partir das primeiras. Desconhece-se a autoria das gravações.

A indústria dos vimes surge nas ilustrações n.º 17<sup>141</sup>, n.º 18<sup>142</sup>, n.º 19<sup>143</sup>, n.º 20<sup>144</sup>, n.º 21<sup>145</sup>, n.º 22<sup>146</sup> e n.º 23<sup>147</sup>. Um conjunto de sete xilogravuras que expõem cadeiras e mesas de vime. Desconhece-se a autoria das mesmas.

---

<sup>136</sup> HARCOURT, Eduard Vernon, op. cit., p. 110.

<sup>137</sup> WILKES, Charles, op. cit., p. 20.

<sup>138</sup> Idem, p. 21.

<sup>139</sup> BLACKBURN, Rev. W. M. (1880), *The Exiles of Madeira*, Philadelphia, Presbyterian Board of Publication, p. 13.

<sup>140</sup> Idem, p. 14.

<sup>141</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 1º Ano, n.º 25, 12/05/1901, p. 193.

<sup>142</sup> Idem.

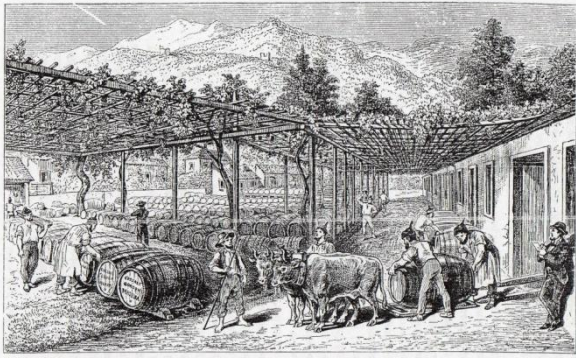
<sup>143</sup> Idem, p. 194.

<sup>144</sup> Idem, n.º 26, 19/05/1901, p. 203.

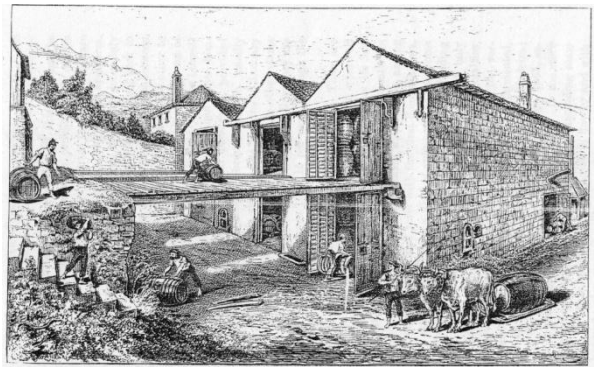
<sup>145</sup> Idem, p. 204.

<sup>146</sup> Idem.

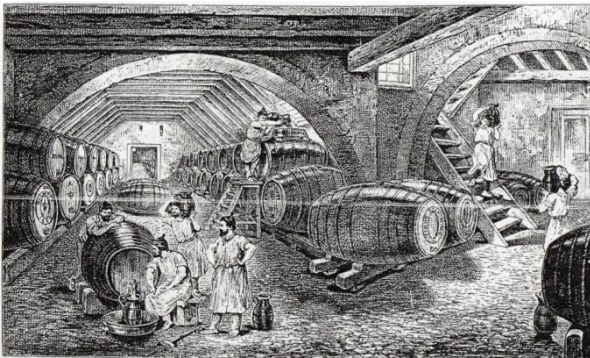
<sup>147</sup> Idem.



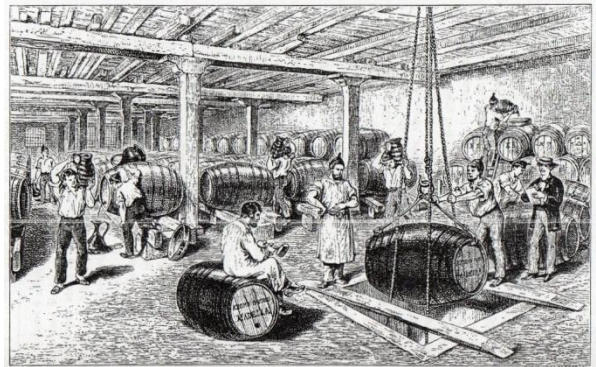
8. The armazens and cooperage of messrs. Cossart, Gordon, & Co. at Funchal. [sic]



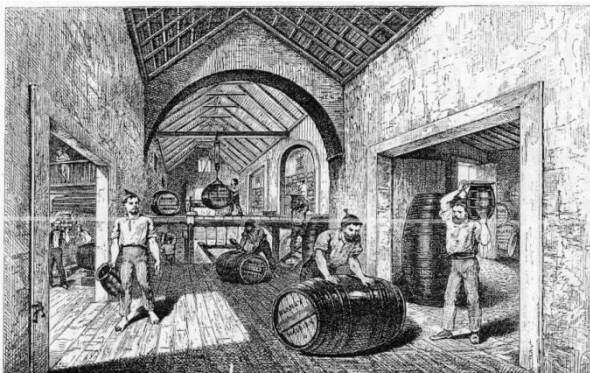
9. Messrs. Cossart, Gordon, & Co.s estufas. [sic]



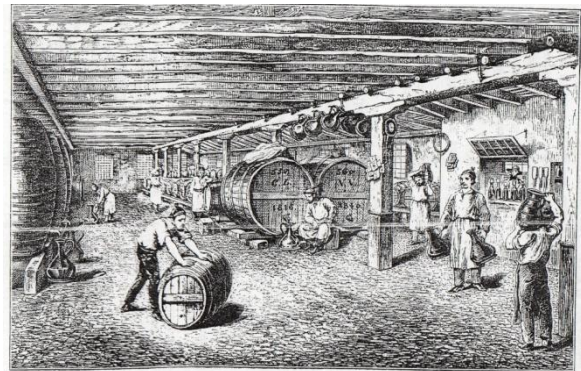
10. The armazem dos vinhos velhissimos of messr.s Cossart, Gordon, & Co. [sic]



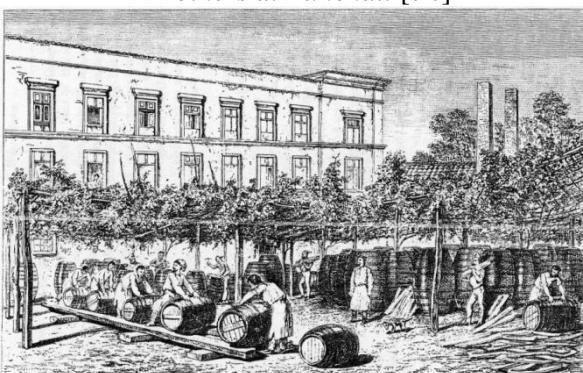
11. Interior of the armazem of messr.s Krohn Brothers at Funchal. [sic]



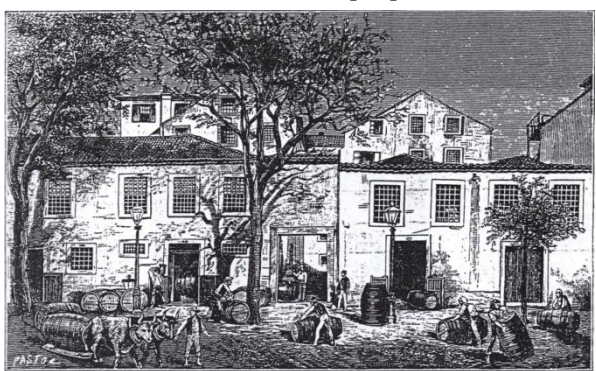
5. Interior of the armazem of messr.s Blandy Brothers at Funchal. [sic]



6. Interior of the armazem of mr. H. Dru Drury at Funchal. [sic]



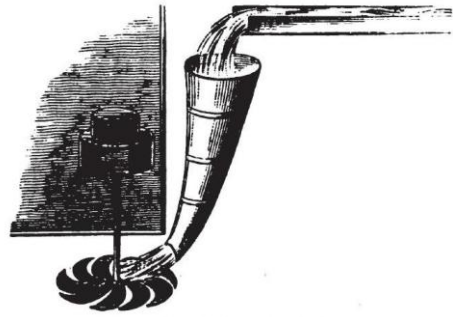
7. The armazem and cooperage of messr.s Henriques, Lawton, & Co. at Funchal. [sic]



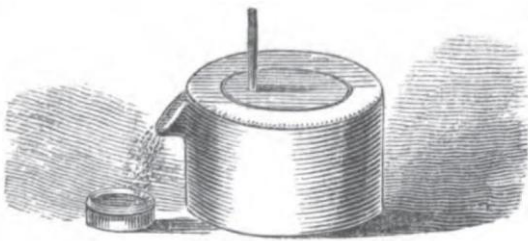
8. Armazens Blandy, Funchal. Faina de outr'ora para embarque de vinhos. [sic]



9. A Grist-mill. [sic]



10. Horizontal wheel mill. [sic]



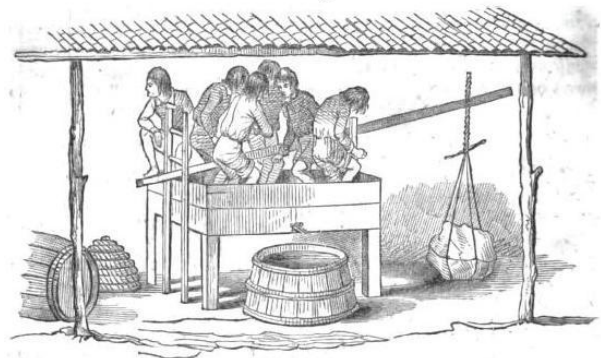
11. Hand-mill. [sic]



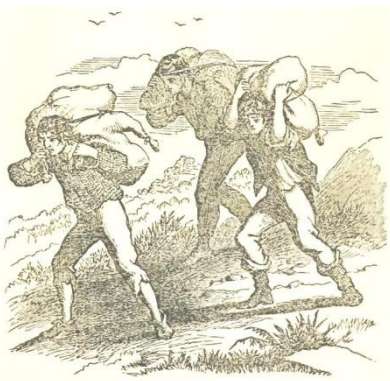
12. Bananas.



13. Wine-carriers. [sic]



14. Wine-press. [sic]



15. «sheep-skins filled with wine».



16. «treading the grapes in the press».



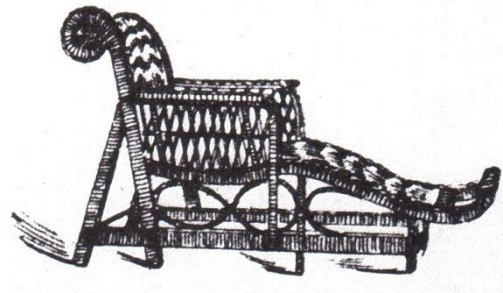
17. *Indústrias Madeirenses.*



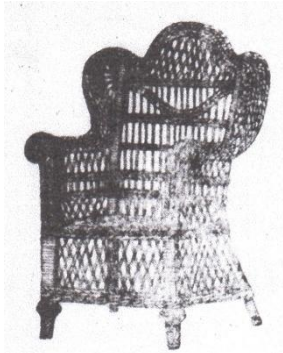
18. *Indústrias Madeirenses.*



19. *Indústrias Madeirenses.*



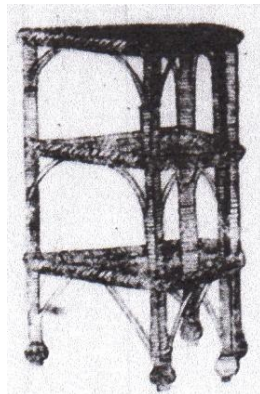
20. *Indústrias Madeirenses.*



21. *Indústrias Madeirenses.*



22. *Indústrias Madeirenses.*



23. *Indústrias Madeirenses.*

## 2.5. LOCAIS PITORESCOS

No 1º quartel do século XIX, o Funchal continuava a ser a única cidade da ilha da Madeira. Os limites deste município eram, na altura, bem diferentes dos actuais. O espaço citadino estava organizado em 10 freguesias. Destas, 4 eram urbanas: Sé, Nossa Senhora do Calhau, São Pedro, Santa Luzia. As restantes, as suburbanas, eram: Santo António, São Martinho, Nossa Senhora do Monte, São Roque, São Gonçalo e Caniço. Também 7 freguesias rurais pertenciam ao Funchal: Câmara de Lobos, Estreito, Ribeira Brava, Campanário, Serra d'Água, Tabua e Lombada dos Esmeraldos<sup>148</sup>.

A cidade entrara no século XIX com as mesmas características do século anterior: suja e pobre, embora de modo algum se pudesse considerar pequena. A baixa, sobrepopoada de armazéns e de animais de carga, era pouco atractiva<sup>149</sup>. Já os arredores eram recomendados, e encantavam os estrangeiros que, deslumbrados com as vistas que alcançavam à medida que iam subindo, percorriam outros locais. O Monte era um local de visita quase obrigatória mas, no interior da ilha, segundo opinião daqueles que a haviam percorrido em várias direcções, encontravam-se maiores gozos e fascínios<sup>150</sup>.

Quadro 1. Evolução demográfica, no século XIX: Funchal.<sup>151</sup>

<b>Freguesias</b>	<b>1811</b>	<b>1878</b>
Imaculado	--	--
Sé	--	3693
Santa Maria Maior	3404	4815
São Pedro	4418	6723
Santa Luzia	1909	4061
Monte	1528	2703
Santo António	3089	5445
São Roque	1155	2209
São Martinho	1758	4128
São Gonçalo	1308	2382
<b>Total</b>	<b>22895</b>	<b>36159</b>

<sup>148</sup> RODRIGUES, Paulo Miguel (2001), «O Município do Funchal durante o primeiro período liberal português (1820-1828)», *História dos Municípios: Administração, Eleições e Finanças*, VVAA, coord. Alberto Vieira, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, pp. 169-170.

<sup>149</sup> CARITA, Rui (2008), *História da Madeira – O longo século XIX: do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834-1910)*, Vol. VII, Secretaria Regional da Educação e Cultura, p. 565.

<sup>150</sup> Periódico *A Lampada*, 26/08/1873.

<sup>151</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, editorial Calcamar, p. 13.

### 2.5.1. AS GRAVURAS

A gravura n.º 1<sup>152</sup> é de autoria desconhecida, e foi retirada de um livro que explora questões geológicas<sup>153</sup>. A mesma ilustra uma parte da Estrada Monumental que ligava o Funchal a Câmara de Lobos, conhecida também por *caminho novo*.

Da autoria de G. Pearson e de J. Cooper, e elaboradas a partir de desenhos de R. T. Pritchett, as gravuras n.º 2<sup>154</sup> e n.º 3<sup>155</sup> mostram, respectivamente, algumas vistas do litoral madeirense e parte do cemitério inglês.

A ilustração n.º 4<sup>156</sup> refere-se a uma xilogravura, na qual se pode observar um panorama sobre parte do Funchal, destacando-se o forte de São João Batista do Pico. A autoria da mesma é atribuída a Franz Leuschner.

A gravura n.º 5<sup>157</sup> apresenta uma paisagem de montanhas e é de autor desconhecido. A gravura n.º 6<sup>158</sup> mostra parte da cidade, e foi desenhada por Nogueira da Silva, a partir de uma fotografia de Vicente Gomes. A n.º 7<sup>159</sup> exhibe a entrada de um cemitério, e a n.º 8<sup>160</sup> mostra uma vista da zona de São João. Ambas estão assinadas por B. Lima e por outra assinatura ilegível.

Outras duas gravuras, a n.º 9<sup>161</sup> e n.º 10<sup>162</sup>, também apresentam vistas da zona de São João e do Pico, sendo que a primeira é de autor desconhecido, enquanto a segunda está assinada por Nogueira da Silva e Alberto. Desconhece-se o autor da gravura n.º 11<sup>163</sup>, que mostra uma vista do forte do Pico que, dadas as semelhanças, certamente foi

---

<sup>152</sup> HARTUNG, Georg (1864), *Geologische Beschreibung der Inseln Madeira und Porto Santo*, Leipzig, Wilhem Engelmann, anexo VII.

<sup>153</sup> O índice das ilustrações deste livro refere outras gravuras da Madeira, que se pressupõem inéditas. No entanto, não foi possível o acesso a essas ilustrações: *Mapa da Madeira, Porto Santo e Desertas; A ilha da Madeira com o porto da cidade de Funchal, visto do sul e de uma distância de quatro milhas náuticas; O Curral da Madeira, Norte, visto do Lombo Grande; Covões e Pico d'Agoa, Caniço, visto de oeste; A Penha d'Águia visto a partir da Portela; Mais de uma centena de registos paleontológicos* (conchas, fósseis).

<sup>154</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 24.

<sup>155</sup> Idem, p. 56.

<sup>156</sup> Periódico *Die Gartenlaube / Illustriertes Familienblatt*, Ernst Keil's Nachfolger, Leipzig, 1895, p. 33.

<sup>157</sup> Periódico *The Graphic*, 12/01/1883, p. 52.

<sup>158</sup> Periódico *Archivo Pittoresco*, Vol. V, 1862, p. 273.

<sup>159</sup> Idem, 7º Ano, 1864, p. 240.

<sup>160</sup> Idem, p. 261.

<sup>161</sup> Idem, 8º Ano, 1865, p. 217.

<sup>162</sup> Idem, 8º Ano, 1865, p. 229.

<sup>163</sup> Periódico *A Ilustração Luso-Brazileira*, Vol. III, n.º 8, 16/07/1859, p. 220.

inspirada numa gravura do reverendo Bulwer. Já a ilustração n.º 12<sup>164</sup>, exibe uma vista geral da cidade, e é de autor desconhecido.

Na *Revista Madeirense* identificaram-se as gravuras n.º 13<sup>165</sup>, n.º 14<sup>166</sup>, n.º 15<sup>167</sup> e n.º 16<sup>168</sup>. As mesmas apresentam diferentes vistas do Funchal. As três primeiras são da autoria de A. Agostinho da Câmara, segundo fotografias de A. Santos. Desconhece-se a autoria da última.

A gravura n.º 17<sup>169</sup> é de autor desconhecido, e mostra uma parte do Monte. Na mesma gravura vêem-se alguns camponeses nas lides da terra. Ao fundo, entre o arvoredor, surge a igreja de Nossa Senhora do Monte.

O autor da gravura n.º 18<sup>170</sup> também é desconhecido. Nesta ilustração, é possível observar uma ponte sobre uma ribeira. A legenda indica que se trata de um local perto da igreja de Nossa Senhora do Monte. Já a gravura n.º 19<sup>171</sup>, rubricada por Pastor, mostra um jardim no Monte.

A ilustração n.º 20<sup>172</sup> apresenta um conjunto de sete gravuras, coloridas à mão, da autoria de Wilhelm Georg Ritter. Trata-se uma folha, com as dimensões aproximadas ao tamanho A3, que foi descoberta num antiquário do Funchal, em 1999, por Eberhard Axel Wilhelm.

As ilustrações n.º 21<sup>173</sup> e n.º 22<sup>174</sup> apresentam duas litografias desenhadas por Léon Benett, e figuram num romance. A primeira mostra as dificuldades com que se deparou um grupo de estrangeiros, num passeio pela ilha, quando atravessavam um desfiladeiro. A outra gravura mostra um casal em apuros, no momento em que agarraram-se a um tronco de uma árvore, no momento em que este era arrastado por uma enxurrada.

---

<sup>164</sup> *Encyclopedia Portugueza Illustrada /Diccionario Universal*, op. cit., p. 80.

<sup>165</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 1º Ano, n.º 17, 17/03/1901, p. 129.

<sup>166</sup> Idem, 1º Ano, n.º 18, 24/03/1901, p. 137.

<sup>167</sup> Idem, 1º Ano, n.º 20, 07/04/1901, p. 153.

<sup>168</sup> Idem, 2º Ano, n.º 64, 16/02/1902, p. 92.

<sup>169</sup> S., G. W. Benjamin, op. cit., p. 103.

<sup>170</sup> Periódico *Illustrated News*, 19/03/1853.

<sup>171</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 704.

<sup>172</sup> *Revista Ilzenha*, n.º 26, Funchal, DRAC, 2000, p. 41.

<sup>173</sup> VERNE, Jules (1907), *L'Agence Thompson & Co.*, Paris, Hetzel.

<sup>174</sup> Idem.



12. *Der pico da Cruz vom Caminho Novo an der Ponta da Cruz unfern Funchal.* [sic]



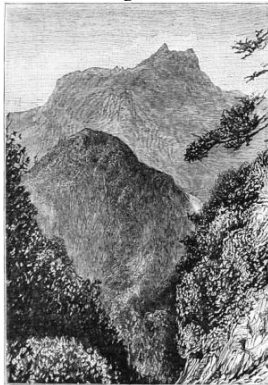
13. *Madeira.*



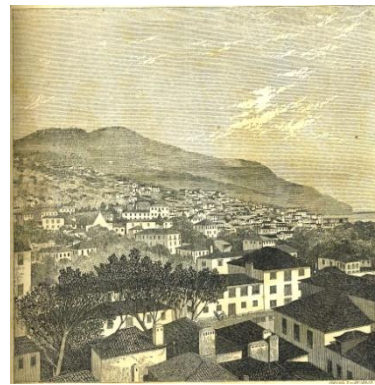
3. *In The English Cemetery.*



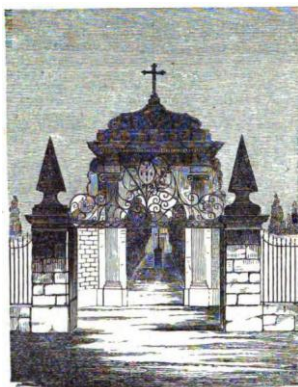
14. *Das Peak-Fort auf Madeira.*



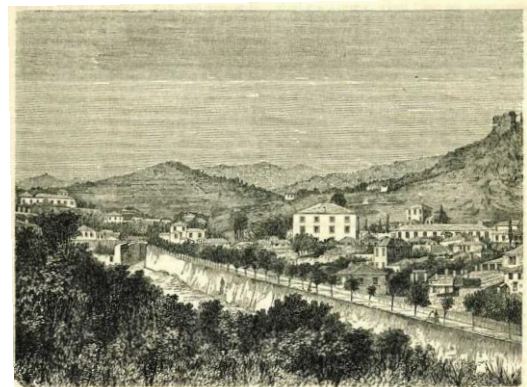
5. *A ravine in Madeira, with a view of the Brazen Head mountain.* [sic]



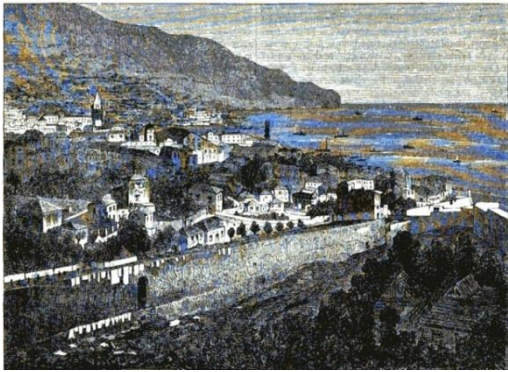
6. *Funchal – Parte da cidade a leste e cabo Grajão.* [sic]



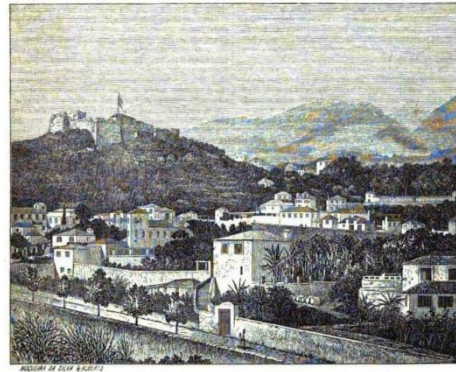
7. *Cemiterio catholico do Funchal.* [sic]



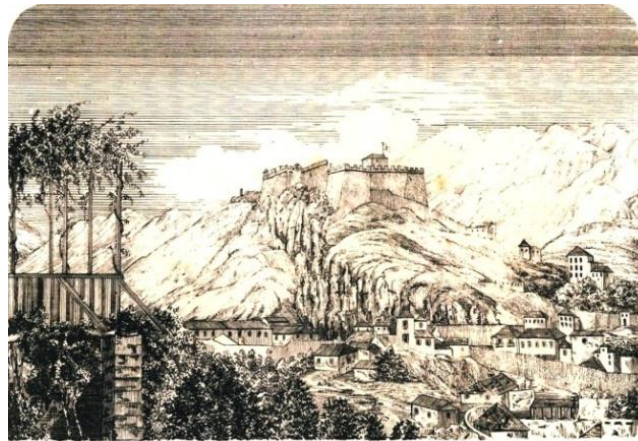
8. *Pico e ribeira de S. João, no Funchal.*



9. *Cidade do Funchal.*



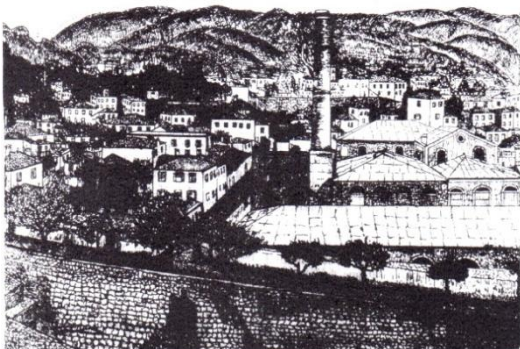
10. *Cidade do Funchal – collina do Castelo do Pico. [sic]*



11. *Castello do Pico. [sic]*



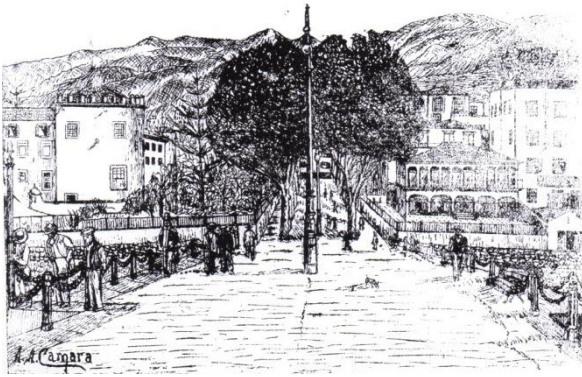
12. *Vista geral do Funchal.*



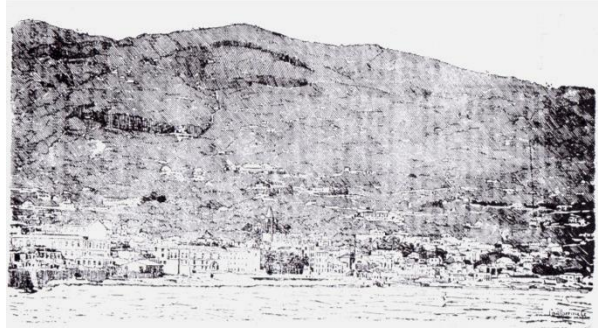
13. *Funchal. Uma parte da cidade.*



14. *Funchal.*



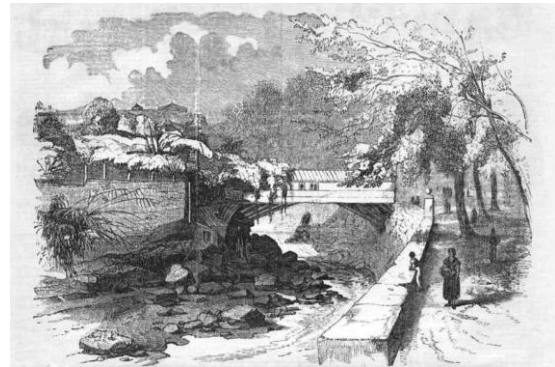
15. Funchal. Entrada da Cidade.



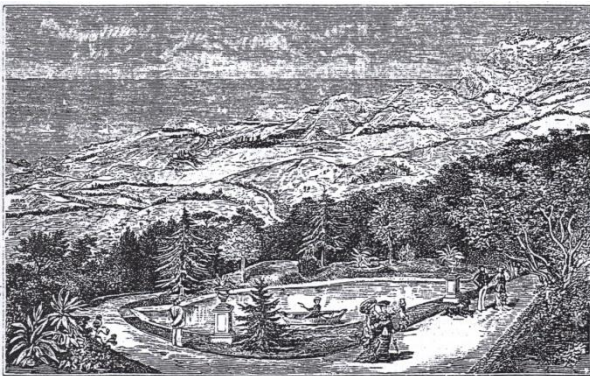
16. Cidade do Funchal.



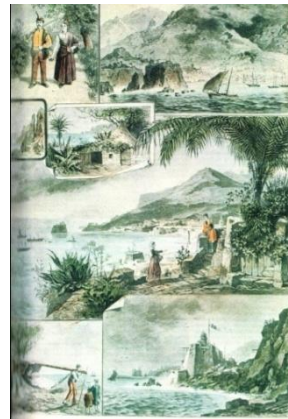
17. Church of Nostra Senhora do Monte. [sic]



18. Near the Church of Nossa Senhora do Monte.



19. Jardim no sitio do Monte, a uns 600 metros de altitude. Copia de uma gravura ingleza. [sic]



20. Vistas do Funchal.



21. Alice s'efforça d'escalader le bloc à son tour.



22. Portés par cet arbre...

## 2.6. PERSONALIDADES

Resolveu-se, também, reunir neste trabalho, gravuras de algumas personalidades que, sendo naturais da ilha ou de outra parte do país, ou mesmo estrangeiros, se evidenciaram na Madeira de Oitocentos. Todas são, obviamente, merecedoras de respectiva biografia, mesmo que incompleta. Porém, tal facto prolongaria consideravelmente a extensão deste trabalho.

Assim sendo, não se demorará com a identificação das seguintes personalidades. Essa investigação ficará para momento oportuno. Existem, porém, muitas obras que se podem consultar a esse respeito: *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, do Visconde do Porto da Cruz; *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX-XX*, do Eng.º Luiz Peter Clode; *Musa Insular: poetas da Madeira*, de Luís Marino; e, claro, o *Elucidário Madeirense*, do padre Fernando Augusto da Silva, e de Carlos de Azevedo de Meneses. Além destas referências, existem muitas e interessantes biografias publicadas no periódico *Heraldo da Madeira* (1904-1910). Outras há, dispersas em muitos periódicos.

### 2.6.1. AS GRAVURAS

A gravura n.º 1<sup>175</sup> retrata um afamado pintor português<sup>176</sup> que falecera na Madeira. Foi desenhada por P. Violet, e gravada por F. Bartolozzi R. A., em Londres. Data de 01/09/1801. Mede 19,2x14 cm, aproximadamente.

Robert Kalley, pastor da igreja escocesa, surge na ilustração n.º 2<sup>177</sup>, desconhecendo-se o autor desta gravura. Apenas se sabe que foi elaborada a partir de uma fotografia que, por sua vez, havia sido tirada no Brasil.

---

<sup>175</sup> Consultado a 08/07/2011, em:

<<http://www.grosvenorprints.com/stock.php?keyword=madeira&WADbSearch1=go;>>

<sup>176</sup> Francisco Vieira de Matos (1765-1805), cujo nome artístico era Vieira Portuense. Contraiu tuberculose e mudou-se para a Madeira, onde veio a falecer com 39 anos.

<sup>177</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 722.

A gravura n.º 3<sup>178</sup> está assinada por Alberto. Corresponde à única, no que diz respeito a personalidades, que foi publicada pelo periódico *Correio do Funchal*. Ilustra um bispo da diocese do Funchal.

A ilustração n.º 4<sup>179</sup> exhibe o busto de um cônego que foi também deputado, e fundador de alguns periódicos, tais como *A Lampada* e o *Diário de Notícias da Madeira*. Desconhece-se o autor da gravura.

A ilustração n.º 5<sup>180</sup> apresenta, também, a única gravura de individualidades que outro periódico regional publicou. Foi gravada por Luiz Antonio Bernes, e refere-se a um comerciante.

Na *Revista Madeirense* encontrou-se três gravuras alusivas a ilustres locais. As gravuras n.º 6<sup>181</sup>, n.º 7<sup>182</sup> e n.º 8<sup>183</sup> retratam, respectivamente, um major, um padre e um tenente de artilharia. As primeiras estão assinadas por L. Bernes, e a terceira por Pastor.

As duas gravuras seguintes ilustram José Silvestre Ribeiro, governador civil da Madeira, em diferentes fases da sua vida. A gravura n.º 9<sup>184</sup> foi gravada por António Joaquim de Santa Barbara (c. 1850), em Lisboa, na Lithographia de Lopes & Bastos, e mede, aproximadamente 18,7x18,6 cm. A gravura n.º 10<sup>185</sup> é da autoria de Pastor, e foi retirada de *A Ilustração Portuguesa*.

No periódico *Semana Illustrada* foram identificadas 35 gravuras alusivas a ilustres madeirenses. O desenhador e gravador de todas essas gravuras foi Luiz Antonio Bernes. As gravuras n.º 11<sup>186</sup>, n.º 12<sup>187</sup>, n.º 13<sup>188</sup> e n.º 14<sup>189</sup> apresentam, respectivamente, um governador civil, um comendador, um médico e outro governador civil.

Algumas figuras do clero regional também constam entre as personalidades que o referido periódico ilustrou. A gravura n.º 15<sup>190</sup> ilustra um cônego, e as gravuras n.º

---

<sup>178</sup> Periódico *Correio do Funchal*, 1º ano, n.º 26, 03-02-1897, p.1.

<sup>179</sup> Periódico *Diario Illustrado*, n.º 2 591, 03/08/1880, p. 1.

<sup>180</sup> Periódico *O Recreio*, 1º Ano, n.º 4, 10/10/1897, p.1.

<sup>181</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 1º Ano, n.º 11, 03/02/1901, p. 81.

<sup>182</sup> Idem, 1º Ano, n.º 53, 24/11/1901, p. 2.

<sup>183</sup> Idem, 2º Ano, n.º 79, 01/06/1902, p. 209.

<sup>184</sup> Consultado a 03/06/2011, em: <<http://purl.pt/4545>>

<sup>185</sup> Periódico *A Ilustração Portuguesa: semanário litterário e artístico*, Vol. VI, n.º 45, 27/05/1888, p. 1.

<sup>186</sup> Periódico *Semana Illustrada*, 1º Ano, n.º 2, 10/04/1898, p. 9.

<sup>187</sup> Idem, 1º Ano, n.º 3, 17/04/1898, p. 17.

<sup>188</sup> Idem, 1º Ano, n.º 10, 05/06/1898, p. 72.

<sup>189</sup> Idem, 1º Ano, n.º 13, 26/06/1898, p. 97.

<sup>190</sup> Idem, 1º Ano, n.º 15, 10/07/1898, p. 113.

16<sup>191</sup> e n.º 17<sup>192</sup> apresentam dois padres, respectivamente. A ilustração n.º 18<sup>193</sup> refere-se a um médico, e a n.º 19<sup>194</sup> a um presidente da Câmara Municipal do Funchal. As gravuras n.º 20<sup>195</sup>, n.º 21<sup>196</sup> e n.º 22<sup>197</sup> apresentam, respectivamente, um comerciante, um professor e um médico. Um artista surge na gravura n.º 23<sup>198</sup>, e um jornalista na n.º 24<sup>199</sup>. Um comandante militar da Madeira e do Regimento de Caçadores n.º 12 surge na gravura n.º 25<sup>200</sup>, e um juiz da Comarca do Funchal na gravura n.º 26<sup>201</sup>. A gravura n.º 27<sup>202</sup> ilustra o filho dos Viscondes de Cacongo, falecido em África, com a idade de 23 anos.

O elenco constitutivo da Câmara Municipal do Funchal surge nas gravuras n.º 28<sup>203</sup> e n.º 29<sup>204</sup>. Na primeira encontram-se ilustrados: Conselheiro Dr. Manoel José Vieira [sic]; Dr. Manoel Figueira de Chaves [sic]; Francisco José Nogueira Guimarães; Profiro D'Oliveira [sic]; Comendador Dr. Elyseu de Sousa Drummond [sic]. Na segunda gravura surgem: Antonio Placido Rodrigues Leitão [sic]; Comendador João Bernardino Gomes; Antonio Pinto Corrêa [sic]; João Isidoro D'Araujo Figueira [sic].

Um major, e um cura da Sé do Funchal aparecem, respectivamente, nas gravuras n.º 30<sup>205</sup> e n.º 31<sup>206</sup>. Outro presidente da Câmara Municipal do Funchal é apresentado na gravura n.º 32<sup>207</sup>, e um médico e cirurgião na gravura n.º 33<sup>208</sup>. Um director da Alfândega do Funchal surge na gravura n.º 34<sup>209</sup>. Outro médico, um cônsul, e outro comandante militar da Madeira figuram nas gravuras n.º 35<sup>210</sup>, n.º 36<sup>211</sup> e n.º 37<sup>212</sup>.

---

<sup>191</sup> Periódico *Semana Illustrada*, 1º Ano, n.º 17, 24/07/1898, p. 129.

<sup>192</sup> Idem, 1º Ano, n.º 19, 07/08/1898, p. 145.

<sup>193</sup> Idem, 1º Ano, n.º 20, 14/08/1898, p. 153.

<sup>194</sup> Idem, 1º Ano, n.º 22, 28/08/1898, p. 169.

<sup>195</sup> Idem, 1º Ano, n.º 24, 11/09/1898, p. 185.

<sup>196</sup> Idem, 1º Ano, n.º 26, 25/09/1898, p. 201.

<sup>197</sup> Idem, 1º Ano, n.º 29, 16/10/1898, p. 226.

<sup>198</sup> Idem, 1º Ano, n.º 30, 23/10/1898, p. 233.

<sup>199</sup> Idem, 1º Ano, n.º 32, 13/11/1898, p. 249.

<sup>200</sup> Idem, 1º Ano, n.º 36, 11/12/1898, p. 281.

<sup>201</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 1º Ano, n.º 37, 18/12/1898, p. 289.

<sup>202</sup> Idem, 1º Ano, n.º 37, 18/12/1898, p. 292.

<sup>203</sup> Periódico *Semana Illustrada*, 1º Ano, n.º 39, 01/01/1899, p. 308.

<sup>204</sup> Idem, p. 309.

<sup>205</sup> Idem, 1º Ano, n.º 40, 08/01/1899, p. 313.

<sup>206</sup> Idem, 1º Ano, n.º 41, 15/01/1899, p. 321.

<sup>207</sup> Idem, 1º Ano, n.º 42, 22/01/1899, p. 329.

<sup>208</sup> Idem, 1º Ano, n.º 45, 12/02/1899, p. 353.

<sup>209</sup> Idem, 1º Ano, n.º 47, 26/02/1899, p. 369.

<sup>210</sup> Idem, 1º Ano, n.º 48, 05/03/1899, p. 377.

<sup>211</sup> Idem, 1º Ano, n.º 50, 19/03/1899, p. 393.

<sup>212</sup> Idem, 2º Ano, n.º 1, 09/04/1899, p. 2.

Já nas gravuras n.º 38<sup>213</sup>, n.º 39<sup>214</sup>, n.º 40<sup>215</sup> e n.º 41<sup>216</sup>, por sua vez, estão ilustrados um coronel, um comissário de 2ª classe, um botânico e um diplomata. Nas ilustrações n.º 42<sup>217</sup>, n.º 43<sup>218</sup>, n.º 44<sup>219</sup> e n.º 45<sup>220</sup> surgem um general, um bacteriologista, um deputado e um tenente.

Uma mulher, Matilde Izabel de Sant'Ana e Vasconcellos Moniz de Bettencourt, Viscondessa das Nogueiras (1805-1888), surge na gravura n.º 46<sup>221</sup>. Foi uma célebre poetisa, que também traduziu algumas obras. O seu marido, Jacinto de Santana e Vasconcelos Moniz de Betencourt, Visconde das Nogueiras, surge na gravura n.º 47<sup>222</sup>. Ambas as gravuras estão assinadas por Pastor.

Igualmente assinada pelo mesmo gravador, a gravura n.º 48 apresenta o poeta Joaquim Pestana (1840-1909), natural de Câmara de Lobos. Desconhece-se a fonte original da gravura. Porém, podemos encontrar uma reprodução desta, na contracapa da compilação<sup>223</sup> organizada pelo Prof. Doutor Nelson Veríssimo.

Os descobridores do arquipélago, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, surgem, respectivamente, nas ilustrações n.º 49<sup>224</sup> e n.º 50<sup>225</sup>. A primeira corresponde a uma litografia, com 23,7x17,3 cm, gravada por desconhecidos na Lithographia Palhares, em Lisboa. A segunda consta, originalmente, na *História de Portugal*, que Manuel Pinheiro Chagas editou entre 1869 e 1874. José Vicente Barbosa du Bocage surge na gravura n.º 51<sup>226</sup>, num desenho de Thadie, gravado por P. Marinho. Este insigne madeirense foi ministro dos Negócios Estrangeiros e destacado naturalista, autor de inúmeros trabalhos científicos.

---

<sup>213</sup> Periódico *Semana Illustrada*, 2º Ano, n.º 2, 16/04/1899, p. 9.

<sup>214</sup> Idem, 2º Ano, n.º 4, 30/04/1899, p. 28.

<sup>215</sup> Idem, 2º Ano, n.º 7, 21/05/1899, p. 49.

<sup>216</sup> Idem, 2º Ano, n.º 14, 09/07/1899, p. 99.

<sup>217</sup> Idem, 2º Ano, n.º 15, 16/07/1899, p.107.

<sup>218</sup> Idem, 2º Ano, n.º 22, 03/12/1899, p. 169.

<sup>219</sup> Idem, 2º Ano, n.º 32, 11/02/1900, p. 249.

<sup>220</sup> Idem, 2º Ano, n.º 33, 18/02/1900, p. 257.

<sup>221</sup> Periódico *A Ilustração Portuguesa: semanário litterário e artístico*, Vol. VI, n.º 38, 02/04/1888, p. 5-7.

<sup>222</sup> Consultado a 03/06/2011, em: <<http://bmfunchal.blogs.sapo.pt/24504.html>>

<sup>223</sup> VERÍSSIMO, Nelson comp. / org., *Joaquim Pestana*, Câmara de Lobos, C. M. C. L., 2010.

<sup>224</sup> Coleção Casa Museu Frederico de Freitas, reg. 0039, (c.) século XIX.

<sup>225</sup> *Revista Ilzenha*, n.º 8, Funchal, DRAC, 1991, p. 123.

<sup>226</sup> Periódico *O Occidente*, 30º Ano, XXX Volume, N.º 1040, 20/11/1907.

A ilustração n.º 52<sup>227</sup> corresponde a uma litografia, desenhada por João A. Correia e estampada por A. Santa Bárbara, e apresenta um insigne militar, nascido no Porto, que foi governador-geral do distrito do Funchal, em 1835. Um ilustre deputado e reitor do Liceu do Funchal, Lourenço José Moniz, surge na gravura n.º 53<sup>228</sup>. Trata-se de uma litografia, de autor desconhecido.

Considerou-se oportuno fazer referência, através da gravura n.º 54<sup>229</sup>, a uma personalidade de renome mundial que, embora não sendo natural da Madeira, passou um inverno na ilha: Sissi, imperatriz da Áustria.

A ilustração n.º 55<sup>230</sup> apresenta João Gualberto Oliveira, barão e conde de Tojal, importante comerciante de vinhos e entusiasta da questão liberal. Trata-se de uma litografia, com 27,5x24,2 cm, assinada por L. Maurin. A ilustração n.º 56<sup>231</sup> mostra José Ferreira Pestana, nascido no Funchal, em 1795, foi general, lente na Universidade de Coimbra, ministro e secretário de estado, e governador de estado da Índia. Esta litografia é da autoria de António Joaquim Santa Bárbara, e mede 19,2x16,3 cm.

De autor desconhecido, a ilustração n.º 57<sup>232</sup> apresenta Aires de Ornelas Vasconcelos. Foi militar e político, tendo desempenhado cargos destacados. Mandou erigir o monumento ao Sagrado Coração de Jesus, na Ponta do Garajau, em 1927.

A gravura n.º 58<sup>233</sup> apresenta William Carr Beresford. Elaborada a água-forte e pontado, mede 30,2x17,2 cm, foi publicada em 1812, Francesco Bartolozzi e por Henrique José da Silva. Este militar britânico esteve, entre 1807 e 1808, dois períodos na ilha. No primeiro assumiu todos os poderes sobre a ilha e, no segundo, apenas os de carácter militar<sup>234</sup>. A gravura n.º 59<sup>235</sup> é de autor desconhecido e apresenta João de Andrade Corvo. Este naturalista e político, publicou vários escritos sobre a Madeira, entre os quais, a peça de teatro *O Aliciador*, em 1859. A gravura n.º 60<sup>236</sup> apresenta o príncipe Alberto I do Mónaco, estudioso dos assuntos oceanográficos.

---

<sup>227</sup> Publicado em *O Tripeiro*, 1923. Consultado a 06/04/2011, em: <<http://www.arquipelagos.pt>>.

<sup>228</sup> *Revista Ilzenha*, n.º 32, Funchal, DRAC, 2003, p. 8.

<sup>229</sup> Periódico *Le Petit Journal*, supplément illustré, 08/12/1896, p. 1.

<sup>230</sup> Consultado a 23/03/2011, em: <<http://purl.pt/5212>>

<sup>231</sup> Consultado a 12/01/2011, em: <<http://purl.pt/4548>>

<sup>232</sup> Arquivo Regional da Madeira: Família Aires de Ornelas Vasconcelos.

<sup>233</sup> Consultado a 18/11/2010, em: <<http://purl.pt/6164>>

<sup>234</sup> RODRIGUES, Paulo Miguel F. F. (1999), *A Política e as Questões Militares na Madeira. O Período das Guerras Napoleónicas*, Funchal, CEHA, p. 303.

<sup>235</sup> Periódico *A Ilustração Portuguesa: semanário litterário e artístico*, n.º 18, 1887.

<sup>236</sup> Idem, n.º 42, 1889.



15. *Francisco Vieira.*



16. *Dr. Roberto Reid Kalley.* [sic]



3. *O Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Manuel Agostinho Barreto.* [sic]



4. *Alfredo Cesar d'Oliveira.* [sic]



5. *Eduardo Ortelio de Freitas.* [sic]



6. *O Major José Maria Gouveia.*



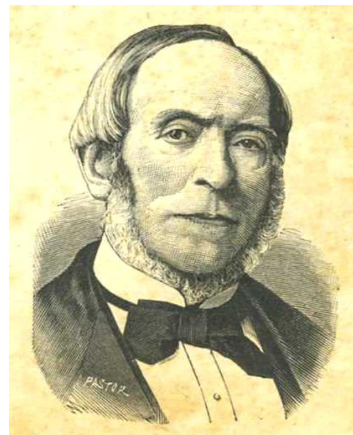
7. *Padre João Mauricio Henriques.* [sic]



8. *Cesar Athanasio da Silva Pereira.* [sic]



9. José Silvestre Ribeiro.



10. José Silvestre Ribeiro.



11. Conde de Cannavial. [sic]



12. Silvano de Freitas Branco.



13. Dr. José Antonio D'Almada. [sic]



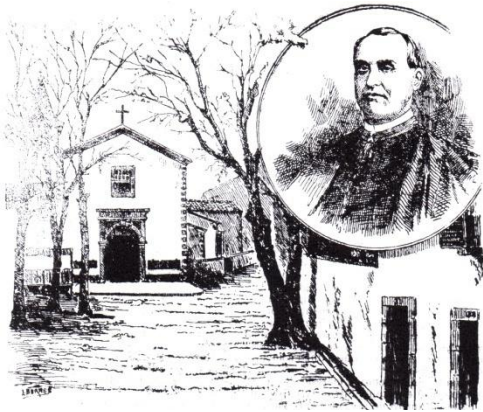
14. Conde da Calçada.



15. Conego Senna Freitas. [sic]



16. Padre Ricardo Augusta Sequeira.



17. *Padre Antonio Silvino Gonçalves D'Andrade.* [sic]



18. *Dr. Mauricio Augusto de Sequeira.* [sic]



19. *Dr. Jose Leite Monteiro.* [sic]



20. *Antonio Joaquim Vieira Pinto.* [sic]



21. *Julio Silva Carvalho.* [sic]



22. *Dr. Cesar Augusto Mourão Pitta.* [sic]



23. *Vicente Gomes da Silva Senior.* [sic]



24. *Jose Carlos de Faria e Castro.* [sic]



25. Coronel João Francisco Regis do Rio Carvalho. [sic]



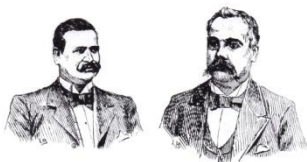
26. Dr. Manoel José da Fonseca. [sic]



27. João José Rodrigues Leitão Junior. [sic]



28. A nova Camara Municipal do Funchal. [sic]



29. A nova Camara Municipal do Funchal. [sic]



30. Major Norberto Jayme Telles. [sic]



31. Padre João Joaquim Ferreira Santa Cruz.



32. Conselheiro Dr. Manoel José Vieira. [sic]



33. *Dr. Henrique Venancio D'Ornellas.* [sic]



34. *Carlos Maria de Vascellos Sobral.* [sic]



35. *Dr. João Augusto Teixeira.*



36. *Commendador Carlo de Bianchi.* [sic]



37. *Coronel Joaquim Maria Alves.*



38. *Coronel Eduardo Castel-Branco.*



39. *Jacyntho do Carmo Sá Penella.* [sic]



40. *João Maria Moniz.*



41. *João Oliveira de Sá Camello Lampreia.* [sic]



42. *General D. Luiz da Camara Leme.* [sic]



43. *Dr. Luiz da Camara Pestana.* [sic]



44. *Dr. João Catanho de Menezes.*



45. *Jorge Perestrello de Pestana V. Camacho.* [sic]



46. *Mathilde Marcellos (Nogueiras).* [sic]



47. *Jacinto de Santana e Vasconcelos Moniz de Betencourt, Visconde das Nogueiras.* [sic]



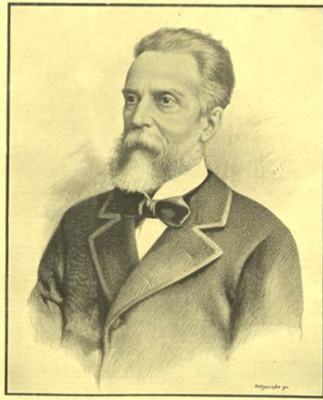
48. *Joaquim Pestana.*



49. *João Gonçalves Zargo.* [sic]



50. *Tristão Vaz.*



51. *Conselheiro José Vicente Barbosa du Bocage.* [sic]



52. *José da Fonseca e Gouveia, barão de Lordelo.*



53. *Lourenço José Moniz.*



54. *L'impératrice d'Autriche.* [sic]



55. *João de Oliveira, Conde de Tojal.*



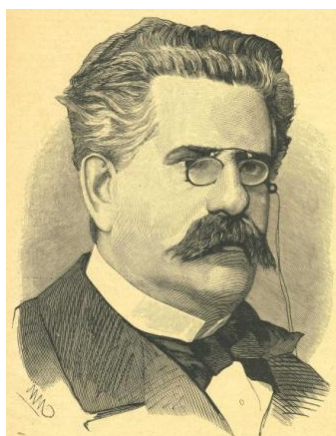
56. *José Ferreira Pestana.*



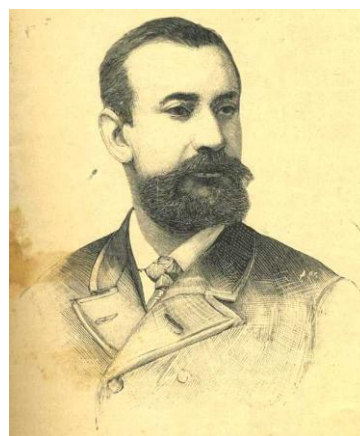
57. *Conselheiro Ayres d'Ornellas.* [sic]



58. *William Carr Beresford.*



59. *Conselheiro João de Andrade Corvo.*



60. *Albert Honorato Carlos.* [sic]



## 2.7. TRAJE

Há pouco mais de uma vintena de anos, todos grupos de folclore da Região Autónoma da Madeira, cujo número de elementos já era superior a meio milhar, ostentavam o traje da florista da Camacha. Ora, o supracitado traje foi imposto pela Câmara Municipal do Funchal, em 1933, às mulheres que vendiam flores na cidade<sup>237</sup>.

Foi necessária a intervenção, através de escritos justificativos, por parte de João Adriano Ribeiro, em 1993, e por Danilo Fernandes<sup>238</sup>, em 1996, a comprovar que o traje tradicional não era o da florista da Camacha. Além disso, os mesmos demonstraram que esse traje tão pouco correspondia à tradição daquela freguesia.

Os grupos folclóricos, além de contribuírem para a animação turística, assumem um papel determinante na preservação do património etnográfico. Todos esses grupos têm o seu director, por isso, seria de grande utilidade, que cada um desses responsáveis visitasse, por exemplo, a Casa Museu Frederico de Freitas, ou o Museu da Quinta das Cruzes. Uma vez no local, que não se apressassem na contemplação das muitas gravuras ali existentes. Terminariam a visita com uma certeza: que o traje tradicional não é aquele que é, vulgarmente, conhecido como sendo da Camacha. Seria um exercício tão simples e proveitoso. Na realidade, observando as gravuras, distinguem-se pormenores interessantes, quer na maneira de calçar, na de vestir, ou ainda, na de cobrir a cabeça.

### 2.7.1. AS GRAVURAS

As duas primeiras gravuras provêm da mesma fonte, e são de autoria incógnita. A n.º 1<sup>239</sup> mostra dois camponeses na lavoura, acompanhados por uma camponesa que guia uma junta de bois. A gravura n.º 2<sup>240</sup> ilustra uma família de camponeses junto a uma à sua habitação típica: uma choupana que madeira, coberta por colmo. A terceira

---

<sup>237</sup> RIBEIRO, João Adriano (1993), *O Trajo na Madeira - Elementos para o seu Estudo*, Funchal, Acaporama, p. 77.

<sup>238</sup> Editado pela Delegação do Inatel da RAM, no Funchal: *Os Trajos de "Resguardo" e de "Cote" do Sul da Ilha no Século XVIII*.

<sup>239</sup> S., G. W. Benjamin, op. cit., p. 115.

<sup>240</sup> Idem, p. 110.

gravura<sup>241</sup>, cuja autoria se desconhece, mostra um grupo de camponeses que se desloca para o mercado.

A gravura n.º 4<sup>242</sup> está assinada por Richardsen-Cox. N. Y. [sic], e apresenta dois homens a conversar. O autor refere que os homens usavam calças até ao joelho, além de uma camisa e de uma jaqueta. Calçavam botas ou sapatos de couro claro, ou então andavam descalços. As mulheres, por sua vez, trajavam corpetes e saias de uma variedade de cores. Ambos os sexos usavam um boné de pano azul, de pequenas dimensões, amarrado sob o queixo.

As gravuras n.º 5<sup>243</sup> e n.º 6<sup>244</sup> mostram, respectivamente, um camponês e uma camponesa tipicamente trajados. Ambas as gravuras estão assinadas por A. Rodriguez. Outro casal de madeirenses é o motivo da gravura n.º 7<sup>245</sup>. A sua autoria é atribuída a Barbant, sendo que foi executada a partir de uma fotografia.

Dois homens, e uma mulher, surgem na gravura n.º 8<sup>246</sup>. É desconhecida a autoria desta gravura. A gravura n.º 9<sup>247</sup> é muito parecida à n.º 6 e, possivelmente foi inspirada nesta, ou foram ambas executadas a partir de uma fotografia igual. Representam uma camponesa segurando um cesto. A gravura n.º 10<sup>248</sup> foi retirada de um dos livros de Annie Brassey, e está assinada com as iniciais A. Y. B.. Ilustra um casal de madeirenses, pertencentes à classe piscatória.

Desconhece-se a autoria da xilogravura n.º 11<sup>249</sup>, que apresenta uma mulher trajando indumentária característica da época. Do mesmo modo que nas gravuras n.º 6 e n.º 9, esta mulher transporta um pequeno cesto, enganchado num dos braços.

As gravuras n.º 12<sup>250</sup>, 13<sup>251</sup> e 14<sup>252</sup>, da autoria de G. Pearson e J. Cooper, a partir de desenhos de R. T. Pritchett, apresentam populares da ilha, trajados segundo costumes da época.

---

<sup>241</sup> WILDE, W. R. (1844), *Narrative of a Voyage to Madeira, Tenerife, and Along the Shores of the Mediterranean*, Dublin, 2ª edição, William Curry, Jun. and Company, p. 65.

<sup>242</sup> COLVOCORESSES, George Musalas (1853), *Four Years in the Government Exploring Expedition*, New York, 2ª edição, R. T. Young, Publisher, p. 16.

<sup>243</sup> MARTINS, João Augusto, op. cit., p. 30.

<sup>244</sup> Idem.

<sup>245</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p.80.

<sup>246</sup> Periódico *The Graphic*, 25/11/1876, p. 529.

<sup>247</sup> Periódico *O Occidente*, 19º Ano, Volume XIX, n.º 646, 05/12/1896, p. 269.

<sup>248</sup> BRASSEY, Annie (1881), *A Voyage in the "Sunbeam"*, Chicago, Belford, Clarke & Co., p. 17.

<sup>249</sup> (c.) 1885, consultado a 03/06/2011, em <<http://www.philographikon.com/printsportugal.html>>

<sup>250</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 31.

<sup>251</sup> Idem, p. 45.

<sup>252</sup> Idem, p. 70.

Uma mulher, tipicamente trajada, surge na gravura n.º 15<sup>253</sup>. A legenda foi retirada do *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*<sup>254</sup>, onde esta gravura se repete, porém numa publicação posterior.

Na gravura n.º 16<sup>255</sup> figuram duas mulheres e um rapaz. Uma das mulheres cobre-se com a típica carapuça, enquanto a outra usa chapéu de um formato distinto e volumoso, pelo que se deduz que corresponde a pessoas de diferentes estratos sociais.

As ilustrações n.º 17<sup>256</sup>, n.º 18<sup>257</sup> e n.º 19<sup>258</sup> referem-se à indumentária tradicional madeirense. Desconhece-se a autoria destas três xilografuras que foram retiradas de um periódico regional.

Num periódico lisboeta foram encontradas duas gravuras alusivas ao traje regional. Ambas de autor desconhecido, apresentam nas ilustrações n.º 20<sup>259</sup> e n.º 21<sup>260</sup> o modo tradicional como os camponeses se vestiam na Madeira.

A gravura n.º 22<sup>261</sup> foi retirada de um anúncio que publicitava uma loja de comércio vinhos, situada na Rua dos Ferreiros, n.º 140. Desconhece-se o autor da gravura, a única neste periódico.

As ilustrações n.º 23<sup>262</sup>, n.º 24<sup>263</sup> e n.º 25<sup>264</sup> são cromolitografias de autor desconhecido. As duas primeiras apresentam, separadamente, uma camponesa e um camponês trajados conforme os hábitos de então. A terceira ilustração mostra camponeses no mercado.

---

<sup>253</sup> VIZETELLY, Henry, op. cit., p. 172.

<sup>254</sup> Na página 182.

<sup>255</sup> Periódico *The Leisure Hour A Family Journal of Instruction and Recreation*, n.º 408, 20/10/1859, p. 664.

<sup>256</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 2º Ano, n.º 55, 08/12/1901, p. 19.

<sup>257</sup> Idem.

<sup>258</sup> Idem.

<sup>259</sup> Periódico *Diario Illustrado*, n.º 542, 26/02/1874, p. 1.

<sup>260</sup> Idem, n.º 796, 20/12/1874, p. 1.

<sup>261</sup> Periódico *A Liberdade*, n.º 20, 13/12/1878, p. 3.

<sup>262</sup> WAGNER, Leopoldo, op. cit..

<sup>263</sup> Idem.

<sup>264</sup> Idem.



1. A treshing-floor. [sic]



17. Peasants' hut and peasants.



3. Group of Madeiran. [sic]



4. Madeira Costumes.



5. *Camponez.* [sic]



6. *Camponeza.* [sic]



7. *Madériens.* [sic]



8. *Madeira peasants.*



9. Madeira – mulher do campo ou villoa. [sic]



10. Fish carrier.



11. Madeirensche Baeuerin.



12. Peasant Near Funchal.



13. *Prepared For The Worst.*



14. *Peasants Returning from the Festival.*



15. *Camponeza (vilôa) da Costa de Baixo.* [sic]



16. *Peasants of Madeira.*



17. «o villão e a villôa» [sic]



18. «villão» [sic]



19. «villôa» [sic]



20. *Costumes da Ilha da Madeira.*



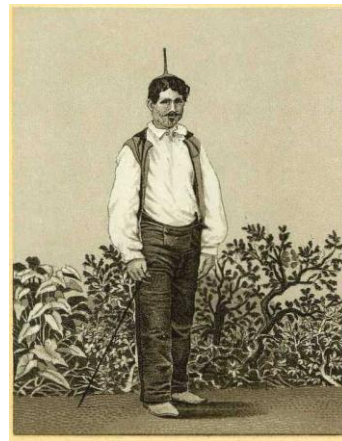
21. *Costumes da Ilha da Madeira.*



22. *Loja de Joaquim Gomes Louça.*



23. *Native costumes.*



24. *Costumes tradicionais. [sic]*



25. *Mercado de D. Pedro V.*

## 2.8. TRANSPORTES MARÍTIMOS

No século XIX, a navegação costeira, incluindo a que se fazia entre a Madeira e o Porto Santo, era feita com recurso a barcos à vela ou a vapor. Uns eram de pequeno porte e abertos, abundantes em todos os melhores portos de ambas as ilhas. Outros eram maiores e cobertos. Havia também alguns pequenos iates, mormente empregados no transporte da pedra calcária dos ilhéus do Porto Santo para os fornos de cal. Os vapores menores, competindo entre eles, faziam viagens regulares entre o porto do Funchal e outros da costa sul. Num destes, denominado «Falcão», embarcou Degli Albizzi, numa excursão ao Caniçal e, saindo do Funchal, chegara duas horas depois ao destino<sup>265</sup>.

O mau estado das estradas contribuía para que a maior parte dos produtos fosse transportada em botes. Aliás, a actividade económica insular fazia-se numa relação íntima entre três partes: a terra, o mar e a baía do Funchal, sendo que a primeira produzia, pelo segundo se transportava, e no terceiro se comercializava<sup>266</sup>. No caso do transporte do vinho, este era transportado em odres ou vasilhas, às costas, para o local de embarque. Chegando ao Funchal, atiravam as pipas para a água, fazendo-as boiar até à praia. Uma das gravuras que se apresenta é bem elucidativa desse processo.

Devido à posição geográfica da ilha, muitas embarcações, de diferentes tonelagens e nacionalidades, faziam escala no Funchal. Além de navios de carga e de passageiros, os de guerra também ali aportavam, e os seus oficiais eram, comumente, convidados às casas dos residentes ilustres<sup>267</sup>. Muito dos navios que faziam escala na baía funchalense, aproveitavam para efectuar reabastecimento de carvão. Este mineral vinha de Inglaterra para o Funchal, onde era depositado livre de direitos. Dali saía para os vapores de guerra e paquetes.

A chegada de um navio de passageiros era, de imediato, sucedida de grande agitação. Inúmeros batéis aproximavam-se do navio, e eram remados por homens e rapazes que gesticulavam e vozeavam, numa linguagem misturada entre o inglês e o

---

<sup>265</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 78.

<sup>266</sup> SIMÕES, Álvaro Vieira, SUMARES, Jorge e SILVA, Iolanda (2002), *Transportes na Madeira*, op. cit., p. 37.

<sup>267</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 66.

português. Uns vendiam fruta, outros desafiavam o passageiro a atirar moedas à água para que eles, mergulhando, as apanhassem<sup>268</sup>.

Nos dias em que o mar se apresentava calmo, o desembarque de passageiros era efectuado com recurso a pequenos botes, conduzidos por dois ou quatro homens, que os transportavam até à praia. Ali chegado, o bote era puxado por dois bois para terra firme<sup>269</sup>. Porém, nos dias em que as ondas estavam mais agitadas, o desembarque efectuava-se num pequeno desembarcadouro, junto à fortaleza do Ilhéu. Dada a dificuldade no acesso a este cais, muitos viajantes caíam e molhavam-se. Uma das gravuras mostra bem essas ocorrências. Partiam do Funchal navios à vela, com diversos destinos, entre os quais: Lisboa, Demerara, Antigua, Barbuda, Saint Kits, e alguns portos dos Estados Unidos da América<sup>270</sup>. De Portugal continental, chegavam navios carregados de telha, sal, trigo e milho.

Do estrangeiro, sobretudo Inglaterra, chegavam navios com carvão de pedra, e outros com aduellas [sic]<sup>271</sup>, madeiras e farinhas<sup>272</sup>. No caso dos navios a vapor, havia um que navegava entre o Funchal e a Inglaterra, transportando diversos géneros. Também os paquetes da «Emprêsa Insulana de Navegação» [sic] faziam, mensalmente, a carreira regular de ida e volta entre Lisboa, Madeira e Açores. Cinco empresas inglesas<sup>273</sup> possuíam paquetes que faziam escala na Madeira. No ano de 1876 aportaram no Funchal 652 embarcações: 39 de guerra, 4 destas à vela; 613 mercantes, sendo 367 a vapor e 246 à vela. Durante esse ano naufragaram 12, sendo uma delas a vapor<sup>274</sup>.

### 2.8.1. AS GRAVURAS

A gravura n.º 1<sup>275</sup> mede 9,5x13 cm, e mostra o embarque na praia do Funchal. Trata-se de um grupo de homens iam caçar para as Desertas, num pequeno barco a

---

<sup>268</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 67.

<sup>269</sup> Idem, p. 67.

<sup>270</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 736.

<sup>271</sup> Tábuas estreitas usadas no fabrico de pipas e tonéis, úteis para o transporte e armazenamento do vinho que se produzia na ilha.

<sup>272</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 736.

<sup>273</sup> As seguintes: Union Steam Ships Company; Castle Mail Packets Company; Africa S. S. Company; British & African S. N. Company; Brazil & River Plate Steam Navigation Company.

<sup>274</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 736.

<sup>275</sup> ALBERT I<sup>er</sup>, Prince de Monaco, op. cit., p. 79.

remos. São notórias as dificuldades que os homens do mar enfrentavam, derivado à inexistência de um cais. A gravura seguinte<sup>276</sup>, com 10,5x14 cm, representa o ambiente a bordo da mesma embarcação, durante a travessia. Note-se que, apesar da exiguidade do barco, seguiam no mesmo cerca de duas dezenas de homens. Também é possível observar que os navegantes cozinhavam a bordo, certamente, em resultado da demorada viagem. Ambas as gravuras foram desenhadas por Louis Tinayre.

A 3ª gravura<sup>277</sup> mostra outro barco madeirense. Era uma simples embarcação um pouco maior do que uma canoa. Estava equipada com uma vela e um mastro amovíveis, pelo que se depreende a utilização de remos.

As cinco gravuras subsequentes foram retiradas do mesmo periódico. À excepção da última, as outras são de autoria desconhecida. A gravura n.º 4<sup>278</sup> mostra a chegada do navio *Dart*, e a n.º 5<sup>279</sup>, do navio *Flotilla*. A gravura n.º 6<sup>280</sup> exhibe o navio que efectuou a colocação do cabo submarino para o Brasil. A gravura n.º 7<sup>281</sup> apresenta o porto com diversos navios, e a cidade ao fundo.

O naufrágio do navio a vapor *Soudan* é retratado na gravura n.º 8<sup>282</sup>. A ilustração n.º 9<sup>283</sup>, da autoria de J. G. Dotton, mede 16.0x23.5cm, e refere-se à colisão entre dois navios. A gravura n.º 10<sup>284</sup> apresenta a aproximação de um bote à praia, para desembarque de passageiros. Pode-se observar um homem, que está dentro da água, e carrega aos ombros um dos passageiros, a fim deste não se molhar. A gravura está assinada por Rodrigues e Pastor.

No periódico *The Graphic* constam as três gravuras seguintes, todas de autor desconhecido. A n.º 11<sup>285</sup> mostra as tribulações inerentes às operações nocturnas de carga e descarga de carvão. A n.º 12<sup>286</sup>, cujo tamanho é de 10.0x22.5cm, mostra um navio debaixo fogo. A n.º 13<sup>287</sup> apresenta o descarregamento de pipas de vinho, no

---

<sup>276</sup> ALBERT I<sup>er</sup>, Prince de Monaco, op. cit., p. 81.

<sup>277</sup> WILKES, Charles, op. cit., p. 24.

<sup>278</sup> Periódico *The Illustrated London News*, 27/09/1845, p. 196.

<sup>279</sup> Idem, 20/06/1857, p. 602.

<sup>280</sup> Idem, 01/11/1872.

<sup>281</sup> Idem, (c.) 1874.

<sup>282</sup> Idem, 27/02/1875, p. 201.

<sup>283</sup> Idem, (c.) 1882.

<sup>284</sup> MARTINS, op. cit., p. 24.

<sup>285</sup> Periódico *The Graphic*, 16/04/1881, p. 372.

<sup>286</sup> Idem, 1885.

<sup>287</sup> Idem, 19/11/1892, p. 620.

Funchal. A gravura n.º 14<sup>288</sup> corresponde a uma sequência de três, que mostram a aproximação, seguida de naufrágio, de um navio à vela, na praia do Funchal, em resultado de uma tempestade. O autor da gravura é desconhecido.

As três gravuras seguintes foram retiradas do periódico madeirense *A Ordem*. Acompanhavam anúncios de chegadas ou partidas de navios, e são todas de pequenas dimensões. A gravura n.º 15<sup>289</sup> acompanhava um anúncio publicitário que promovia uma companhia de navegação<sup>290</sup>. A gravura n.º 16<sup>291</sup>, por sua vez, referia-se a navios que iriam partir, e a n.º 17<sup>292</sup> a navios que, brevemente, chegariam.

A xilogravura n.º 18<sup>293</sup>, da autoria da dupla G. Pearson e J. Cooper, a partir de um desenho de R. T. Pritchett, ilustra a partida de um navio a vapor. A gravura n.º 19<sup>294</sup> mostra a baía do Funchal, com as montanhas ao fundo. Desconhece-se a autoria da gravura. A ilustração seguinte, a n.º 20<sup>295</sup>, corresponde a uma xilogravura da autoria de Heine & Brown. Foi retirada de um livro de crónicas de uma expedição norte-americana, e mostra o porto do Funchal.

A gravura n.º 21<sup>296</sup> mostra as peripécias de um desembarque no Funchal. Esta litografia foi desenhada por Léon Benett. Já a ilustração n.º 22<sup>297</sup> exhibe barcos na praia. Trata-se de uma cromolitografia, de autor incógnito. A ilustração n.º 23<sup>298</sup> corresponde a uma litografia, desenhada por Heinrich Wilhem Adalbert, príncipe da Prússia, e estampada por W. Loeillot, em 1842. Foi impressa na L. Sachse & Cº, Berlim, e mede 34,7x50,8 cm. Um barco típico da Madeira surge na gravura n.º 24<sup>299</sup>, desenhado por J. Pedroso, e estampado por um anónimo, no século XIX. Trata-se de uma litografia com 36,9x9,5 cm, impressa em Lisboa, por Lallemand, numa edição da Empresa Horas Românticas.

---

<sup>288</sup> Periódico *Harper's Weekly*, Vol. XXXI, n.º 1574, 19/02/1887.

<sup>289</sup> Periódico *A Ordem*, n.º, 09/06/1855, p. 4.

<sup>290</sup> Companhia de Navegação a Vapor Luso-Brasileira.

<sup>291</sup> Periódico *A Ordem*, n.º, 09/06/1855, p. 4.

<sup>292</sup> Idem.

<sup>293</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 25.

<sup>294</sup> Consultado a 08/04/2011, em:

<<http://www.amazon.co.uk/MADEIRA-Azores-Fayal-Pico-Funchal/dp/B0042QAX7S>>

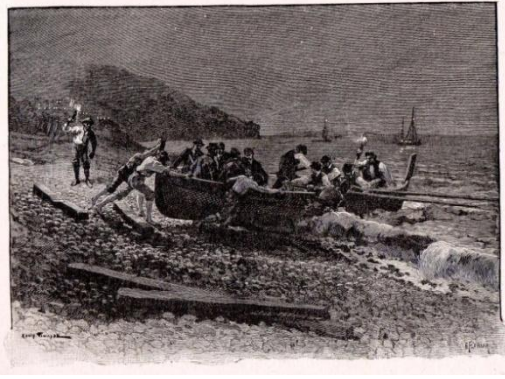
<sup>295</sup> HAWKS, Francis L., op. cit., p. 82.

<sup>296</sup> VERNE, Jules (1907), *L'Agence Thompson & Co.*, Paris, Hetzel.

<sup>297</sup> WAGNER, Leopoldo, op. cit..

<sup>298</sup> Coleção Casa Museu Frederico de Freitas, 1842, reg. 0033.

<sup>299</sup> Idem, reg. 0145.



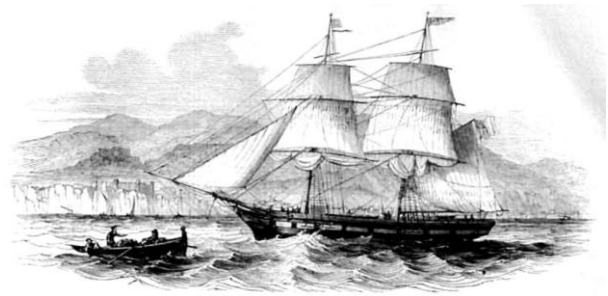
1. *Nous allons embarquer suivant la façon pittoresque de Madère.*



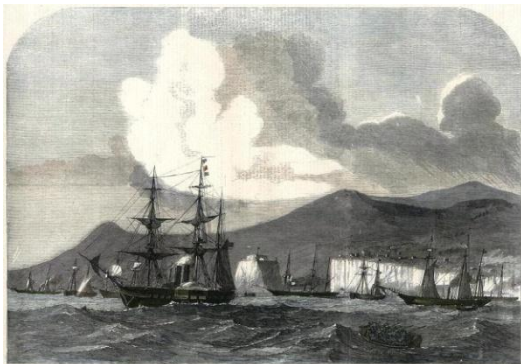
18. *Il tirait de ses paquets tout le matériel nécessaire pour notre déjeuner.*



3. *Madeira Boat.*



4. *“Dart” entering Funchal.*



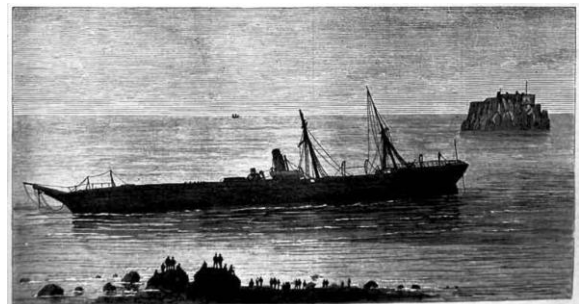
5. *Arrival of the Gun-Boat Flotilla at Madeira, en route for China.*



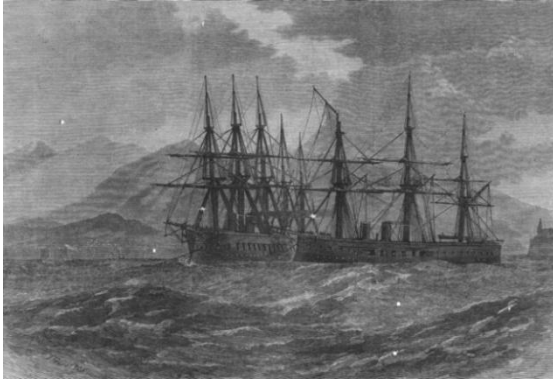
6. *The (...) lane end of the Brazilian Submarine cable at Madeira.*



7. *The Bay and Town of Funchal, Madeira.*



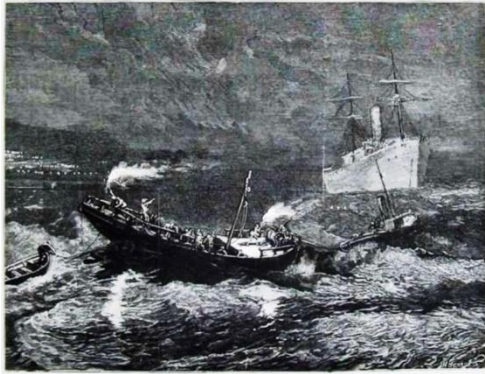
8. *Wreck of the African Company's Steam-ship Soudan in Funchal bay, Madeira.*



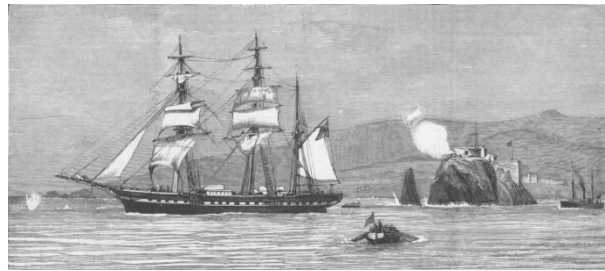
9. Collision between H.M.S. Northumberland and H.M.S. Hercules at Madeira.



10. Vista da praia do Funchal.



11. Coaling by night off, Funchal, Madeira.



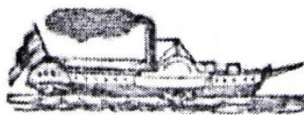
12. A Portuguese custom-house difficulty-The Yacht "Tyburnia" leaving Madeira under fire from the Loo Rock. [sic]



13. Landing wine at Funchal, Madeira.



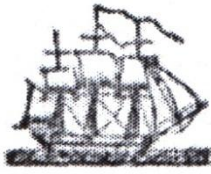
14. A Wreck in progress off the Island of Madeira.



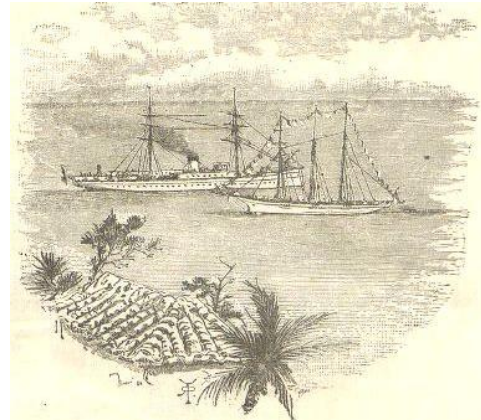
15. Companhia de navegação a Vapor Luso-Brasileira.



16. Embarcações Sahidas. [sic]



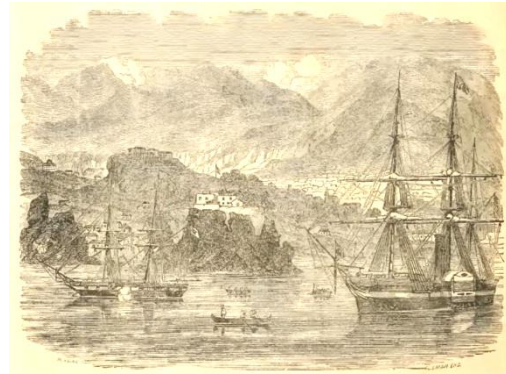
16. *Embarcações Entradas.*



18. *Good-Bye.* [sic]



19. *View of Funchal, Island of Madeira.*



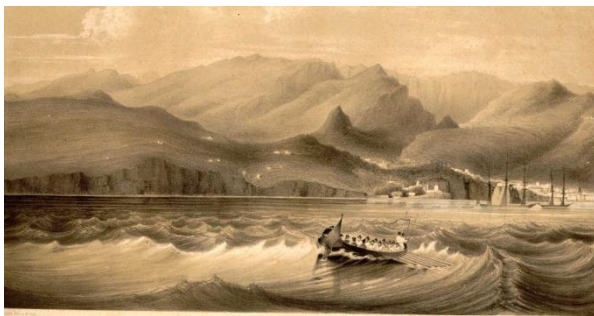
20. *View of Funchal, Madeira.*



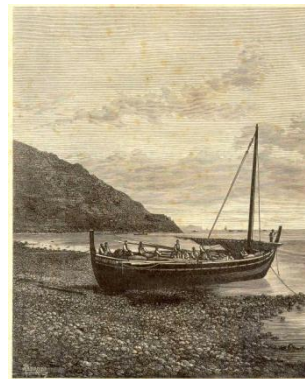
21. *Le bain était complet.*



22. *Vista da praia.*



23. *Die Rhede von Funchal.*



24. *Barco da Ilha da Madeira.*



## 2.9. TRANSPORTES TERRESTRES

No século XIX, os viajantes mais abastados, preferiam o cavalo dentre todos os meios existentes, mesmo para percorrer curtas distâncias. Contudo, atendendo à sinuosidade de alguns trajectos, este podia não ser recomendado. Do mesmo modo, ao longo da semana que decorria entre o Natal e o fim do ano, era preferível não montar, porque, além dos foguetes que retumbavam no ar, algumas crianças atiravam petardos para as patas dos animais, assustando-os, o que comumente originava acidentes<sup>300</sup>.

Servindo de condutores aos muitos estrangeiros que visitavam a ilha os *arrieiros*<sup>301</sup>, eram homens que seguiam o cavaleiro, a pé. Ainda que o cavalo, que na Madeira era de excelente raça<sup>302</sup>, se deslocasse a trote ou a galope, os guias estavam, desde crianças, habituados a acompanhar-lhes no mesmo passo. Estes tinham por hábito agarrar-se à cauda do animal, sobretudo nas subidas mais inclinadas. Supunha-se que esse uso contribuía para a incidência da tuberculose entre os nativos, nos quais a doença não era tão rara quanto se inferia da excelência do clima<sup>303</sup>.

O periódico *A Justiça* documenta que havia, no Funchal, em 1858, doze arriarias, com sessenta e um cavalos<sup>304</sup>. Os estrangeiros, grosso modo ricos, alugavam os animais nas *arriarias* [sic], onde podiam escolher o tipo de besta que melhor se adequava ao trajecto. Para passeios nos arredores da cidade, eram preferidos os cavalos mais portentosos. Mas, se a jornada se estendesse até aos campos e serras, elegiam os menos elegantes. É que nos sinuosos caminhos, nomeadamente os do Norte da ilha, com arriscados passos, a mínima desatenção podia resultar em queda, o que muitas vezes ocorrera de modo fatal. Para transitar sem correr esse risco, admitia-se que não havia melhor do que os pequenos garranos da ilha<sup>305</sup>.

Na ilha da Madeira, não se utilizavam jumentos nem muares como meio de transporte de pessoas<sup>306</sup>. Todavia, essas espécies eram utilizadas no transporte de

---

<sup>300</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 70.

<sup>301</sup> Idem, p. 65.

<sup>302</sup> Periódico *A Lampada*, 06/08/1873.

<sup>303</sup> Idem.

<sup>304</sup> Periódico *A Justiça*, 03/04/1858.

<sup>305</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 736.

<sup>306</sup> Idem.

carga<sup>307</sup>. O dorso destes bichos era o meio de transporte favorito no tráfego dos moinhos: para lá levavam o cereal, e na volta traziam a farinha. Eram, igualmente, utilizados para acarretar areia e telha, além de adubos para as culturas. Curiosamente, a utilização destes animais circunscrevia-se, maioritariamente, na área do Funchal e arredores. Na restante ilha quase não havia estas espécies, que tão úteis podiam ser. Em 1858, existiam 31 muares, e 30 jumentos no concelho do Funchal<sup>308</sup>.

Semelhante a uma caleche, mas sem rodas, havia o carro que era arrastado por uma parelha de bois e, por esse motivo, vulgarmente denominado *carro de bois*. Era, unicamente, utilizado em planos e rampas de pequeno ângulo. A caixa, toda em madeira ou parte entrançada de vime era feita de castanho, til ou vinhático, apoiava-se sobre a soleira revestida por uma fita metálica<sup>309</sup>. Este carro tinha capacidade para quatro pessoas, que viajavam sentadas nos dois assentos. Era, na maior parte dos casos, coberto por um toldo e cortinas. Nos cortejos de casamento o carro era vestido de roupas brancas. Duas pessoas guiavam este veículo: o *candieiro* e o *boieiro*. O primeiro seguia à frente dos bois e encaminhava-os. Eram, sobretudo, rapazotes que desempenhavam essa função. O segundo, por sua vez, seguia ao lado da parelha, incitando-a. Em 1858, no Funchal, trabalhavam 118 boieiros, operando 124 juntas de bois<sup>310</sup>.

Utilizando a tracção bovina, mas no transporte de cargas, utilizava-se a corsa. Corresponhia a uma viga de arrastamento, puxada por um sistema semelhante ao do carro de bois. Também podia ser denominada *corçada* [sic]<sup>311</sup>, conforme a carga que comportava ou levava.<sup>312</sup> Tomava o nome de *corção* [sic] quando, no lugar da viga, surgia um largo tablado para comportar maior volume. Era construído com pranchas de madeira rija, medindo cerca de 1,5 metros de comprimento, por 1/2 metro de largura.<sup>313</sup> A utilização desses métodos de transporte de carga remontam a longa data, iniciada no transporte de vinhos<sup>314</sup>. Acontecia, porém, serem igualmente usadas sem o auxílio das bestas. Neste caso, eram apenas puxadas por homens que transportavam os produtos rústicos da montanha para a cidade. Este método seria útil apenas em trajectos

---

<sup>307</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 737.

<sup>308</sup> Periódico *A Justiça*, 03/04/1858.

<sup>309</sup> SARMENTO, Alberto Artur, *O Funchal*, op. cit., p. 27.

<sup>310</sup> *A Justiça*, 03/04/1858.

<sup>311</sup> Em vez de corsa, o *Diccionario Universal Portuguez Illustrado* apresenta os vocábulos *corça* e *corçada*, informando que assim constava nas posturas do município do Funchal.

<sup>312</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 737.

<sup>313</sup> *Idem*.

<sup>314</sup> SARMENTO, Alberto Artur, *O Funchal*, op. cit., p. 28.

efectuados no sentido descendente. Nos outros casos, em terra, o transporte de géneros, fazia-se, de modo geral, por carregadores de ambos os sexos. Eles às costas, e elas à cabeça, tomavam grandes pesos. No Porto Santo, para o transporte de carga, era comum a uso de jumentos, ou do carro de rodas puxado por bois<sup>315</sup>.

A rede era outro meio de transporte característico da madeira de Oitocentos. Derivava da evolução de dois outros métodos anteriores: a *cadeirinha*, e depois o *palanquim*. A primeira, construída em madeira, era carregada por dois indivíduos que a seguravam pelas varas. O segundo constituía-se por uma espécie de prancha ornada em metal, de base firme onde se ia sentado sobre almofadas, de pernas estendidas. A base era suspensa numa vara que seguia carregada aos ombros<sup>316</sup>.

A rede era o meio mais cómodo e seguro para pessoas debilitadas. Era construída por um tecido de malha forte, suspenso numa vara, que era carregada por dois homens, um em cada extremidade. Na cidade, a rede era acolchoada, ladeada por folhos compridos. Era encimada por um pequeno toldo que a protegia parcialmente, onde corriam cortinas claras de fazenda, apanhadas à frente, em bambinelas<sup>317</sup>. No campo, a rede não era tão adornada. Neste caso, era mais frequente em malha tingida de azul, coberta por uma colcha sobre a vara, o que lhe proporcionava um toldo angulado.

Os portadores trajavam de modo peculiar: calça branca, bota chã e chapéu de palha da ilha. Alguns traziam faixa à cinta, da cor do debrum da rede. Todos muniam-se de um bordão que lhes servia tanto de alavanca, como de apoio, e com o qual descansavam a rede e repousavam<sup>318</sup>. A rede exigia quase nenhum esforço à pessoa que se fazia transportar, porém infligia árdua empreitada aos seus carregadores. Eles, além das cargas que torturavam sobre seus ombros, caminhavam por trilhos sinuosos e irregularmente pavimentados. As intempéries, as longas distâncias e o calçado pouco confortável agravavam a jornada. Alguns estrangeiros não ficavam indiferentes à hercúlea labuta destes homens, e apreciavam a pujança e o ânimo dos seus portadores. Surpreendiam-se também, com a afabilidade e os cuidados por parte daqueles que tantas adversidades suportavam. Foi o caso do marquês Degli Albizzi que, numa rede, foi de Santana até Machico e, chegando ao destino regressou, poucas horas depois, ao ponto

---

<sup>315</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 737.

<sup>316</sup> SARMENTO, Alberto Artur, *O Funchal*, op. cit., p. 27.

<sup>317</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 736.

<sup>318</sup> SARMENTO, Alberto Artur, *O Funchal*, op. cit., p. 27.

de partida<sup>319</sup>. Albizzi refere que saíram do Hotel Acciaioli, em Santana, às oito horas da manhã, e chegaram a Machico às cinco da tarde. Acrescenta que o regresso iniciou-se ao fim do dia, o que nos permite inferir mais outra adversidade para os portadores de redes: a noite<sup>320</sup>. Facilmente se compreende que a fraca visibilidade e os caminhos tortuosos amedrontavam o estrangeiro que, suspenso na rede, deixava-se conduzir.

Os portadores das redes revezavam-se ao longo dos percursos<sup>321</sup>. Tendo em conta a longa distância percorrida, quando Albizzi partiu de Machico, tinha sete homens para o transportar, sendo que o esforço da viagem era partilhado entre esses. Apesar de todas as dificuldades que se deparavam aos portadores, estes proporcionavam uma viagem segura e tranquila ao transportado. De tal modo, durante a referida excursão, Degli Albizzi relata que desfrutou de um demorado e agradável sono.

Pelas oito da manhã, partindo de Santana em direcção a São Vicente, já o mesmo marquês iniciava outra viagem numa rede. Refere que, novamente, sete homens o transportaram. Relata ter percorrido penosos trilhos, nos quais, os portadores repetiam a destreza e habilidade comprovada. Os bordões emprestavam importante auxílio, através dos quais era possível chegar ao fim do percurso sem escorregar e cair várias vezes<sup>322</sup>. Os portadores atravessavam riachos, saltando, agilmente, de pedra em pedra, sem molhar, nem incomodar o viajante. Também relata o marquês, que um deles sentira-se mal, e que tomando um pouco de conhaque, logo reanimou e seguiu viagem como se nada tivesse acontecido.

Aproveitando o grande declive das ruas e o seu pavimento de pedra escorregadia, o madeirense utilizava outro meio de transporte, não menos invulgar: o carrinho de cesto. Espécie de trenó, trabalhado em vimes, com duas soleiras de til, pinho<sup>323</sup>, ou castanho<sup>324</sup>, onde, à frente vinham prender as cordas que serviam de leme. Estas, além de dirigir, serviam, ao mesmo tempo, para dominar a descida. Tratava-se dum veículo com capacidade para duas pessoas e era muito apreciado pelos estrangeiros. A singularidade deste meio de transporte residia na sua força impulsionadora: a do

---

<sup>319</sup> ALBIZZI, op. cit., pp. 89-90.

<sup>320</sup> Idem, p. 88.

<sup>321</sup> Idem, p. 93.

<sup>322</sup> Idem, p. 91.

<sup>323</sup> SARMENTO, Alberto Artur, *O Funchal*, op. cit., p. 28.

<sup>324</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 737.

homem. Geralmente manobrado por dois condutores, em certos casos, três<sup>325</sup>. Eles, nos pontos de menor declive, seguiam à frente do carro e, através das rédeas, auxiliavam o impulso. Nas passagens de máximo declive, por seu turno, os condutores passavam à retaguarda do carrinho, montavam um pé na derradeira parte do patim e, com o outro pé, iam impelindo o sentido, e ainda maior rapidez. Por causa dos atritos que sofriam, os carros eram humedecidos com panos ensebados. Os condutores aproveitavam essa ocasião para esfregarem as solas dos sapatos com areia e terra<sup>326</sup>. A descida vertiginosa atingia rapidez considerável, de tal modo, que sete ou oito minutos eram suficientes para percorrer 4 quilómetros<sup>327</sup>, cuja subida, a cavalo, demorava cerca de uma hora<sup>328</sup>.

Considerava-se seguro descer nos carrinhos porque, mesmo que uma pedra o desviasse ou, se por acaso, um ou ambos os condutores caíssem, o veículo não seguia, dado cada rédea estar enlaçada, com muitas voltas, a uma das mãos de cada condutor, de tal forma que jamais largavam o trenó. Não obstante, ocorriam desastrosas quedas, eventualidades que se podiam evitar se os condutores fossem mais moderados na velocidade<sup>329</sup>. Podia-se encontrar este transporte em diferentes sítios, nomeadamente *nos mais ingremes suburbios do Funchal, como os dous caminhos do Monte, o caminho do Meio, e do Valle do Paraizo da Camacha para a cidade* [sic]<sup>330</sup>.

Os diferentes meios de transporte, anteriormente referidos, não estavam dissociados dos tipos de pavimento que, nessa época, revestiam os trilhos. A ilha da Madeira possuía uma estrada principal que, de modo geral, serpenteava a orla costeira. A sua extensão media 206 quilómetros. Possuía, igualmente, seis transversais, sendo que, quatro delas faziam a ligação entre o Sul e o Norte: a do Funchal a Sancta Anna [sic], pelo Monte, Poiso, Ribeiro Frio e Cruzinhas, com uma extensão de 39 quilómetros; a do Funchal à Boa Ventura [sic], por Santo António, Cural das Freiras e Torrinhas, cuja extensão era de 42 quilómetros; outra maior, com 45 quilómetros, ligando o Funchal a São Vicente, por São Martinho, Estreito de Câmara de Lobos,

---

<sup>325</sup> ALBIZZI, op. cit., p. 84.

<sup>326</sup> Periódico *A Lampada*, 10/09/1873.

<sup>327</sup> SARMENTO, Alberto Artur, *O Funchal*, op. cit., p. 27.

<sup>328</sup> ALBIZZI, op. cit., p. 84.

<sup>329</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 737.

<sup>330</sup> *Idem*, p. 737.

Jardim da Serra e Encumeada; e, por último, a estrada que ligava a Ribeira Brava à Encumeada, pelas Figueiras e Serra d'Água [sic]<sup>331</sup>.

As estradas estavam, de modo geral, em más condições. Eram, na sua maioria, calçadas com pedras muito pequenas e pontiagudas. A orografia acidentada contribuía para que, nos caminhos, alguns troços apresentassem inclinação acentuada. Com o vista o melhoramento e a conservação das condições das estradas, uma lei obrigava a todos os adultos do sexo masculino a concorrerem, anualmente, com uma piastra hespanhola [sic], ou com cinco dias de trabalho<sup>332</sup>. Os estrangeiros, pouco habituados ao tipo de pavimentação que cobria as ruas da cidade, estranhavam-no durante os primeiros dias de estadia. De facto, o empedrado, irregular e aguçado, provocava-lhes algum desconforto e moimento nos pés<sup>333</sup>.

### 2.9.1. AS GRAVURAS

O Marquês Degli Albizzi publicou, em 1888, um artigo com texto e ilustrações inéditos: «Six Mois A Madère», na revista *Le Tour du Monde, Nouveau Journal des Voyages*. A gravura n.º 1<sup>334</sup> apresenta um carro de bois. A n.º 2<sup>335</sup>, mostra o transporte numa rede, e a gravura n.º 3<sup>336</sup> expõe o carrinho do Monte. Estas três gravuras são da autoria de Thiriat, e foram executadas a partir de fotografias.

A gravura n.º 4<sup>337</sup> foi retirada da revista *O Occidente*, e apresenta o transporte em carro de bois. Está assinada por J.R. Christino, tendo sido reproduzida a partir de *umas bellas photographias do sr. Camacho* [sic]<sup>338</sup>.

O periódico *The Graphic* mostra oito gravuras alusivas a transportes madeirenses, todas de autoria desconhecida. Na gravura n.º 5 observa-se um carro de bois, na n.º 6 o transporte em rede, e na n.º 7 o carrinho do Monte. Todas constam na mesma edição<sup>339</sup>

---

<sup>331</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 736.

<sup>332</sup> Periódico *A Lampada*, 31/05/1873.

<sup>333</sup> ALBIZZI, op. cit., p. 66.

<sup>334</sup> *Idem*, p. 66.

<sup>335</sup> *Idem*, p. 83.

<sup>336</sup> *Idem*, p. 84.

<sup>337</sup> Periódico *O Occidente*, 19º Ano, Volume XIX, n.º 646, 05/12/1896, p. 269.

<sup>338</sup> *Idem*, p. 266.

<sup>339</sup> Periódico *The Graphic*, 25/11/1876, p. 529.

do periódico. Outras quatro gravuras<sup>340</sup>, da n.º 8 à n.º 11, mostram o transporte em rede, um passeio a cavalo em direcção ao Monte, um carro de bois, e a descida do Monte em carrinho de cesto, respectivamente. Por último, retratando também a descida do Monte em carrinhos de cesto, outra gravura<sup>341</sup>, esta com detalhe aprimorado.

A gravura n.º 13<sup>342</sup> refere-se a uma excursão na rede, no momento em que passavam por Câmara de Lobos. A gravura n.º 14<sup>343</sup>, mostra um passeio a cavalo, nos arredores de Santo António. O carro de bois é o motivo da gravura n.º 15<sup>344</sup>. A autoria destas gravuras pertence a Ernest A. Vizetelly.

Seguem-se duas gravuras relacionadas com a temática dos transportes, ambas de autoria desconhecida. A gravura n.º 16<sup>345</sup> expõe um carro de bois, e na gravura n.º 17<sup>346</sup>, por seu turno, pode-se observar uma pequena corsa utilizada no transporte de água.

Outra corsa surge na gravura n.º 18<sup>347</sup>, de autor desconhecido e que foi retirada do livro *Narrative of the United States Exploring Expedition*. A informação que acompanha a gravura explica que as corsas mediam cerca de 6 pés de comprimento, por 20 polegadas de largura, e 6 a 8 polegadas de altura, aproximadamente.

Noutro livro, constam três gravuras alusivas aos transportes típicos da Madeira. A autoria das gravuras é desconhecida. A gravura n.º 19<sup>348</sup> apresenta um carro de bois, e precede à gravura n.º 20<sup>349</sup>, que se refere à descida desde o Monte, em carrinho de cesto. A gravura seguinte, a n.º 21<sup>350</sup>, refere-se ao transporte em rede.

O lorde Randolph S. Churchill publicou um livro, do qual foram retiradas as duas gravuras<sup>351</sup> que se seguem: a n.º 22, e a n.º 23. Ambas de autor incógnito, a primeira ilustra um passeio que o próprio fizera numa rede, enquanto a segunda mostra um

---

<sup>340</sup> Periódico *The Graphic*, 12/04/1879, p. 357.

<sup>341</sup> *Idem*, 28/01/1893, capa.

<sup>342</sup> VIZETELLY, op. cit., p. 167.

<sup>343</sup> *Idem*, p. 169.

<sup>344</sup> *Idem*, p. 179.

<sup>345</sup> GRABHAM, C. Michael (1870), *The Climate and Resources of Madeira as a Regarding Chiefly the Necessities of Consumption and Welfare of Invalids*, London, John Churchill & Sons, p. 36.

<sup>346</sup> *Idem*, p. 72.

<sup>347</sup> WILKES, Charles, op. cit., p. 5.

<sup>348</sup> S., G. W. Benjamin, op. cit., p. 99.

<sup>349</sup> *Idem*, p. 101.

<sup>350</sup> *Idem*, p. 107.

<sup>351</sup> CHURCHILL, Randolph S. (1892), *Men, Mines and Animals in South Africa*, New York, D. Appleton and Company, p. 9.

passaio no característico carro de bois. Outro carro de bois surge na gravura n.º 24<sup>352</sup>, assinada por R. Rodrigues. A gravura n.º 25<sup>353</sup> apresenta o transporte numa rede.

No periódico *Illustrated News* observou-se a xilogravura n.º 26<sup>354</sup>: dois homens, um em cada extremidade, transportam uma vara na qual está suspensa uma caixa, onde segue um passageiro. É mais semelhante ao precursor palanquim. A gravura n.º 27<sup>355</sup> é uma xilogravura da autoria de Heine. Mostra um carro de bois com os respectivos passageiros e condutores.

O periódico *Revista Madeirense*, cujo director e proprietário era Jayme de Campos Ramalho, apresenta gravuras de paisagens, costumes e personalidades madeirenses. Relativamente à temática dos transportes, publicou quatro gravuras: a n.º 27<sup>356</sup>, referente a uma corsa, para o transporte de carga; a gravura n.º 28<sup>357</sup>, alusiva ao carrinho do Monte; o carro de bois, patente na gravura n.º 29<sup>358</sup>; e, por último, a gravura n.º 30<sup>359</sup> apresenta dois homens carregando uma senhora, através de uma rede.

A gravura n.º 32<sup>360</sup> mostra a descida dos carrinhos do Monte, e foi retirada do *Diario Illustrado*, um periódico publicado em Lisboa, no qual se pode encontrar, na capa de treze edições, igual número de gravuras alusivas à Madeira.

Do semanário ilustrado *Archivo Pittoresco*, cuja edição e propriedade eram de Castro, Irmão & C.<sup>a</sup>, foram retiradas duas gravuras, a n.º 33<sup>361</sup> e a n.º 34<sup>362</sup>, representando o transporte numa rede e num carrinho no Monte, respectivamente.

No semanário *A Ordem*, cuja oficina tipográfica situava-se no n.º 9, da Rua da Laranjeira, foram executadas algumas das mais antigas gravuras, relacionadas com transportes terrestres locais, num periódico madeirense. A gravura n.º 35<sup>363</sup> acompanhava um anúncio, que publicitava o aluguer de carros de bois. A gravura n.º 36<sup>364</sup> assistia outro anúncio, mas relativo ao aluguer ou venda de um cavalo.

---

<sup>352</sup> MARTINS, João Augusto, op. cit., p. 30.

<sup>353</sup> Idem.

<sup>354</sup> Periódico *Illustrated News*, 19/03/1853.

<sup>355</sup> HAWKS, Francis L. (1856), *Narrative of the Expedition of American Squadron to the China Seas and Japan*, New York, D. Appleton and Company, p. 104.

<sup>356</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 04/05/1902, 2º Ano, n.º 75, p. 179.

<sup>357</sup> Idem, 19/05/1901, 1º Ano, n.º 26, p. 203.

<sup>358</sup> Idem, 26/05/1901, 1º Ano, n.º 27, p. 213.

<sup>359</sup> Idem, 16/06/1901, 1º Ano, n.º 30, p. 243.

<sup>360</sup> Periódico *Diario Illustrado*, 14/05/1873, n.º 297, p. 1.

<sup>361</sup> Periódico *Archivo Pittoresco*, 1862, 5º Ano, p. 300.

<sup>362</sup> Idem, 1862, 5º Ano, p. 301.

<sup>363</sup> Periódico *A Ordem*, 29/05/1852, n.º 22, p. 4.

<sup>364</sup> Idem, 12/01/1854, n.º 107, p. 4.

Seguem-se as gravuras executadas por G. Pearson e J. Cooper, a partir de desenhos de R. T. Pritchett, retiradas do livro *In the Trades, the Tropics, & the Roaring Forties*, de Annie Brassey. São seis as gravuras relacionadas com os transportes terrestres: a n.º 37<sup>365</sup> ilustra o carro de bois; a n.º 38<sup>366</sup> mostra uma rede, suspensa sobre os bordões dos carregadores; a n.º 39<sup>367</sup> refere-se à descida em carrinhos de vimes; a n.º 40<sup>368</sup> apresenta uma viagem na rede, no momento em que uma vaca marrou nos viajantes, e quase causou um acidente grave; a n.º 41<sup>369</sup> exhibe outra viagem na rede, pelos lados do Ribeiro Frio; e, finalmente, a n.º 42<sup>370</sup> expõe uma cadeirinha<sup>371</sup>.

Foram infrutíferas as pesquisas no sentido de apurar referências detalhadas da ilustração n.º 43<sup>372</sup>, xilogravura de autor desconhecido, referente ao transporte na rede. O mesmo insucesso ocorreu em relação à gravura seguinte, a n.º 44<sup>373</sup>, que mostra um carro de bois. As ilustrações n.º 45<sup>374</sup> e n.º 46<sup>375</sup> apresentam pequenas gravuras relacionadas com o transporte em carros de cesto e na rede, respectivamente. Desconhece-se o autor destas gravuras.

Seguem-se três cromolitografias: a n.º 47<sup>376</sup>, a n.º 48<sup>377</sup> e a n.º 49<sup>378</sup>. A primeira, tem traços semelhantes aos da n.º 2 e n.º 46. A segunda, assemelha-se à n.º 45. Já a terceira, apresenta um carro de bois. São todas de autor desconhecido. As últimas gravuras apresentadas deste capítulo, a n.º 50<sup>379</sup> e a n.º 51<sup>380</sup>, mostram, respectivamente, uma descida em carrinhos de cesto, e um carro de bois. Desconhece-se a autoria das mesmas.

---

<sup>365</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 27.

<sup>366</sup> Idem, p. 42.

<sup>367</sup> Idem, p. 44.

<sup>368</sup> Idem, p. 63.

<sup>369</sup> Idem, p. 69.

<sup>370</sup> Idem, p. 79.

<sup>371</sup> Esta cadeirinha estava exposta no Hotel Santa Clara, onde Annie Brassey ficou hospedada. Tratava-se de uma relíquia que fora pertença de Mrs. Page, esposa de um importante comerciante inglês, que vivera na ilha. As iniciais «EP» referem-se ao nome da sua proprietária.

<sup>372</sup> Consultado a 10/06/2011, em: <<http://www.philographikon.com/printsportugal.html>>

<sup>373</sup> Consultado a 24/05/2011, em:

<[http://www.istrianet.org/istria/navigation/sea/navy/novara/1857\\_0330global-trip.htm](http://www.istrianet.org/istria/navigation/sea/navy/novara/1857_0330global-trip.htm)>

<sup>374</sup> *Encyclopedia Portuguesa Illustrada / Dicionario Universal*, op. cit., p. 731.

<sup>375</sup> Idem, p. 732.

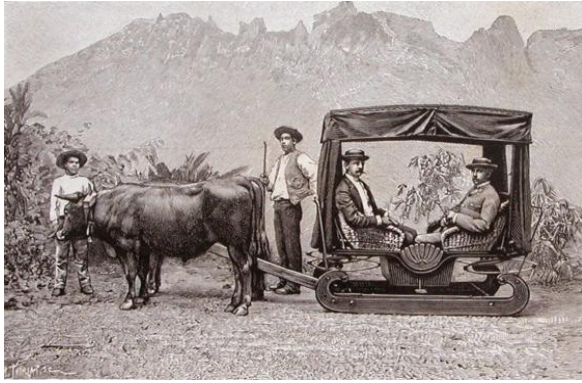
<sup>376</sup> WAGNER, Leopoldo, op. cit..

<sup>377</sup> Idem.

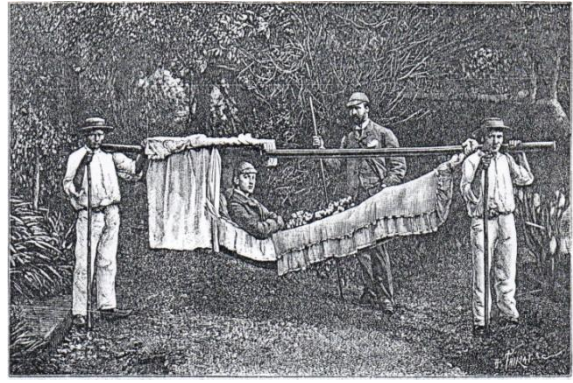
<sup>378</sup> Idem.

<sup>379</sup> CHURCHILL, Wiston (1903), *Mr.s Keegan's Elopement*, New York, The Macmillan Company, p. 21.

<sup>380</sup> Idem, p. 68.



19. *Un carro.* [sic]



20. *Hamac.* [sic]



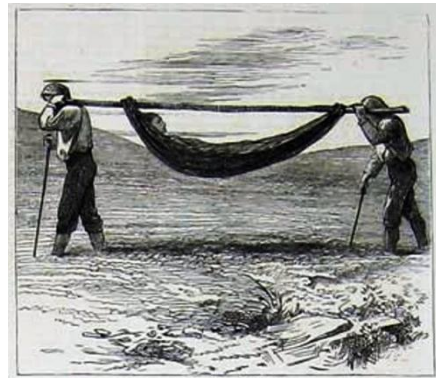
21. *Carrinho.*



22. *Carro para transporte de passageiros.*



5. *A bullock car.*



6. *Hammock Seakers.*



7. *Running car.*



8. *The Madeira hammock.*



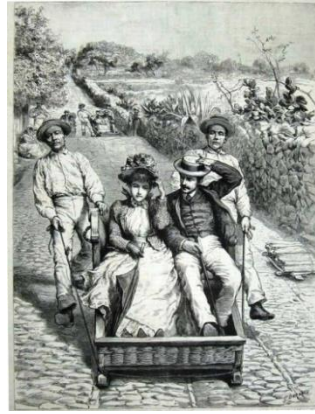
9. *The way up to the convent.*



10. *A bullock sleigh.*



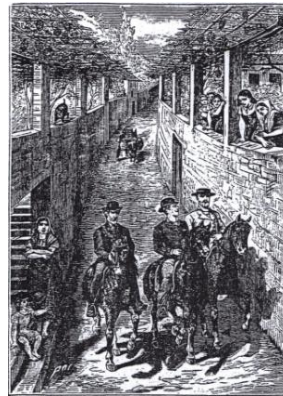
11. *The Madeira sledge.*



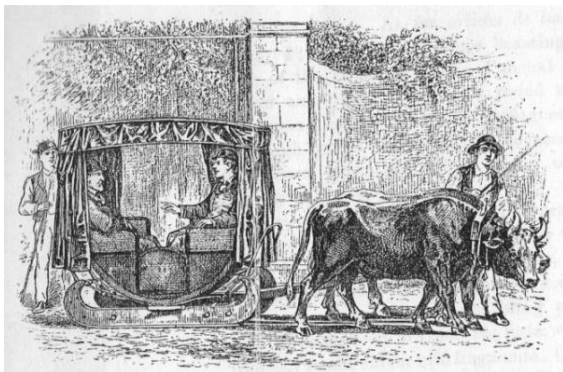
12. *Tobogganing Madeira Sleigh.*



13. *The hammock.*



14. *Excursion to Santo Antonio on horseback.*



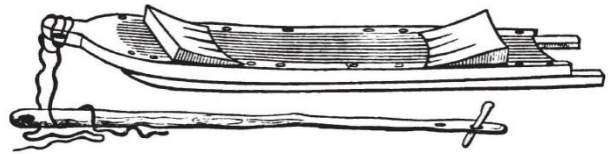
15. *A Madeira bullock-car.*



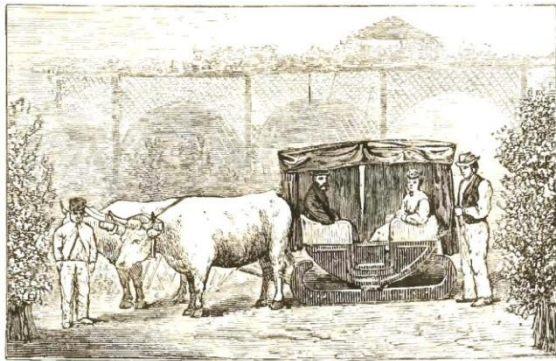
16. *The bullock-car.*



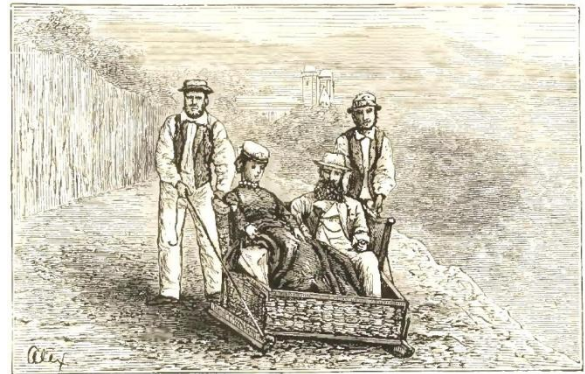
17. *From the fountain.*



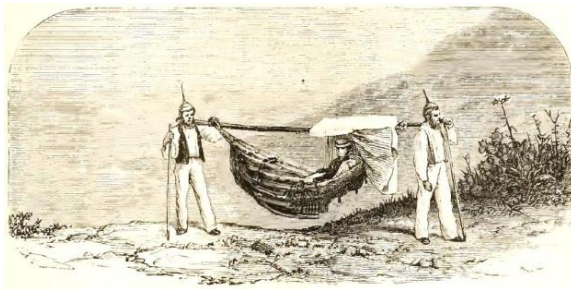
18. *Sledge.*



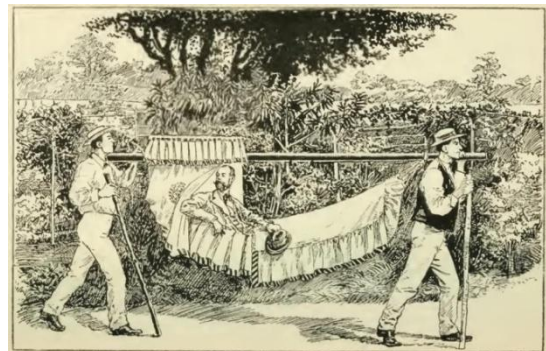
19. *The sledge-hack.*



20. *The mountain sled.*



21. *Hammock-riding in Madeira.*



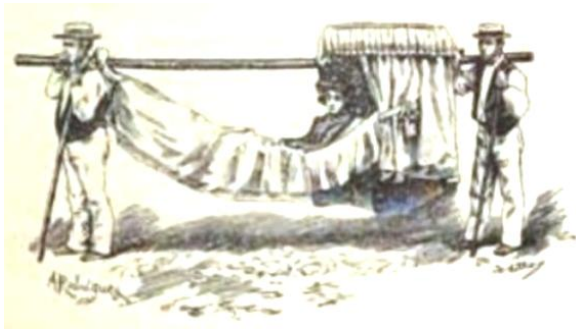
22. *Luxurious travelling in Madeira.*



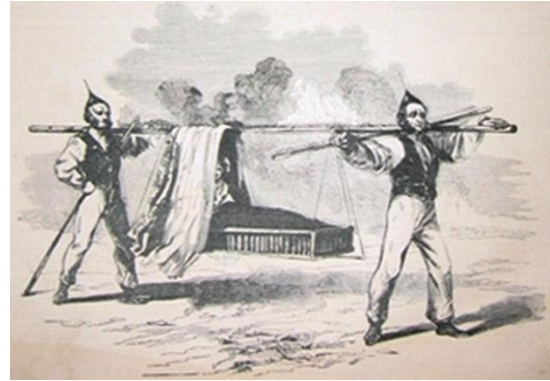
23. *A Madeira caro, or covered sledge. [sic]*



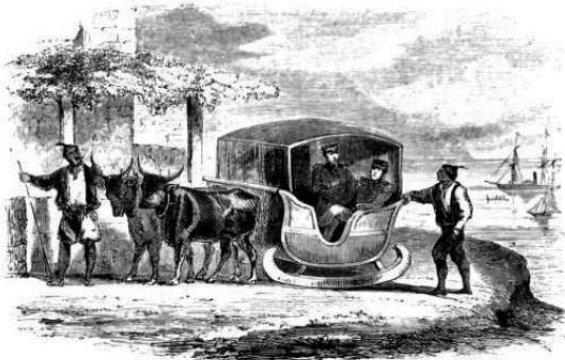
24. *O carro de bois.*



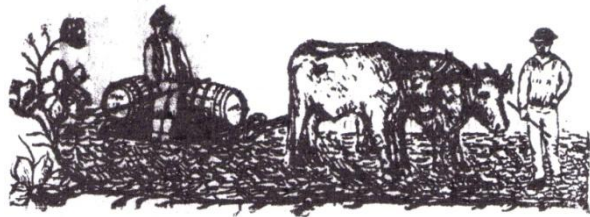
25. A rede.



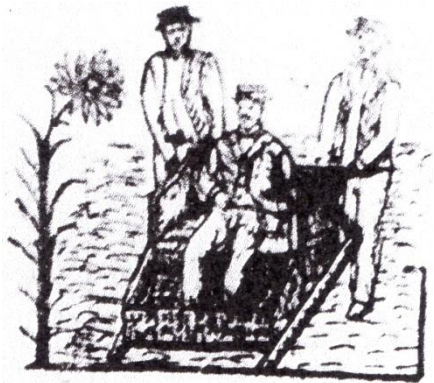
26. Native Travelling Chair.



27. Carriage on sled.



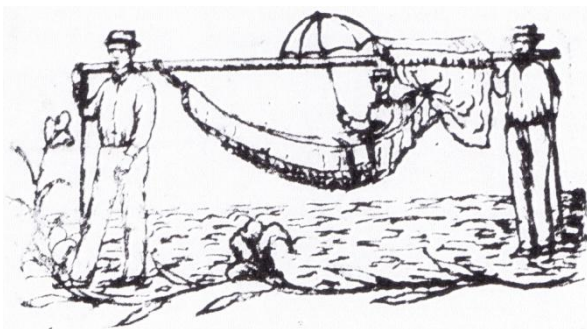
28. Corça - Carro usado na Madeira para transporte de carga.



29. Carro do Monte.



30. Carro de bois.



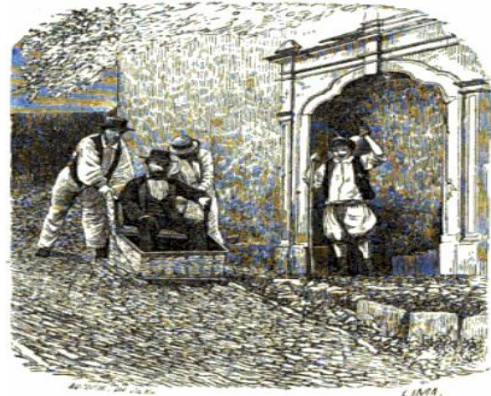
31. Rede.



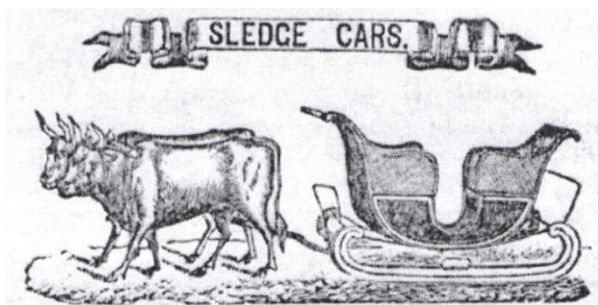
32. A volta do Monte.



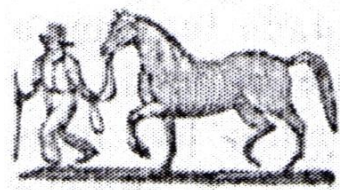
33. Rêde ou tipóia da ilha da Madeira. [sic]



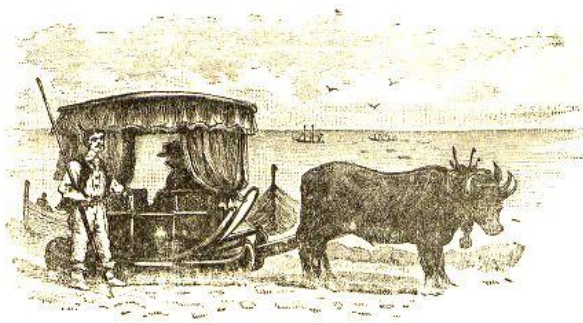
34. Carrinho chamado corça da ilha da Madeira.



35. Sledge Cars.



36. Um Cavallinho.



37. Bullock Cart.



38. Hammock.



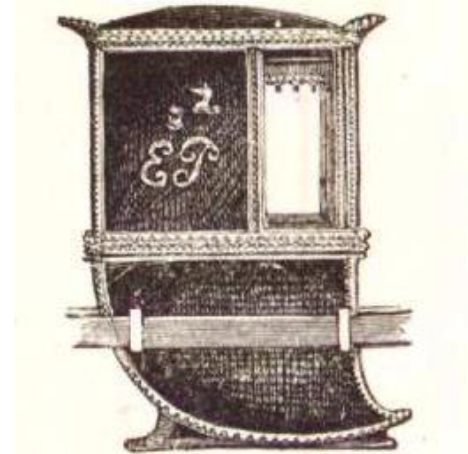
39. The Happy Trio.



40. A Startling Incident.



41. *Ribeiro Frio.*



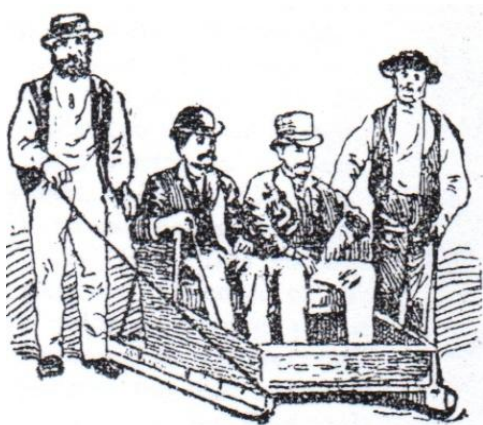
42. *Mrs. Page's Sedan Chair.*



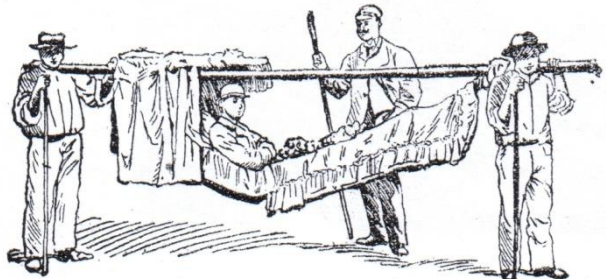
43. *Auf Madeira.*



44. *Madeira sleigh.*



45. *Madeira - Carro do monte.* [sic]



46. *Uma rede.*



47. Redes.



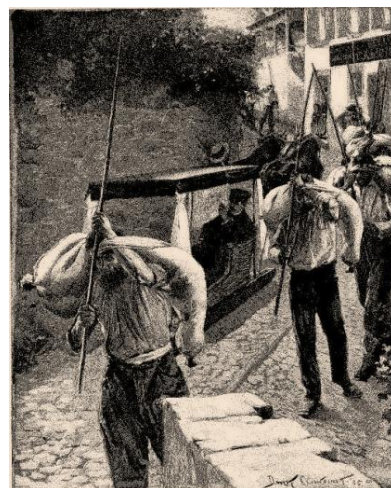
48. Carro do Monte.



49. Carro de bois.



50. The Elopement.



51. He sat back behind the curtains of is "bulla-carta". [sic]

## 3. CONCELHOS RURAIS

### 3.1. SANTA CRUZ

Passando a Ponta do Garajau onde, está a estátua do Cristo Rei, inaugurada em 1927, a primeira de tais monumentos conhecida (as outras são a do Rio de Janeiro e a de Almada), estamos na freguesia do Caniço. Ali, a extremidade mais a Sul da ilha é a Ponta da Oliveira, onde existira um porto. Uma linha imaginária dividia a ilha, a partir dessa ponta, em duas capitánias. Nesta localidade, no século XIX, existiam algumas quintas. As levadas, trazendo água dos cumes, irrigavam os terrenos das cebolas que eram exportadas para as colónias inglesas da América Central<sup>381</sup>. Esta freguesia, que já foi dividida por duas capelas, a de Santo Antão, seu padroeiro, e a do Espírito Santo, conheceu uma prosperidade nessa agricultura.

À capela do Espírito Santo pertencia o povoado da Camacha, de invocação a São Lourenço, e que no século XVIII se tornou freguesia. A população dali era relativamente pobre e costumava ir ao Funchal vender legumes, flores, e obras de cestaria. Existia um caminho calçadado por onde circulavam as corças com mercadorias, e até com estrangeiros (como actualmente ainda se verifica no Monte). Jules Verne, apesar de nunca ter visitado a Madeira, descreve um carro desta localidade transportando viandantes<sup>382</sup>. Nesta freguesia existiam muitas e pitorescas quintas, algumas delas presentes em gravuras do século XIX. Mais além, está o pitoresco porto dos Reis Magos, com as suas casinhas costumadas de construções antigas. Rumando para Este, encontramos o Portinho, que já foi um arsenal da casa Cory & Co., para reparação de barcos de cabotagem. Depois fica o pitoresco, quase emblemático, Pico da Atalaia, na Tendeira de Baixo, uma zona muito agrícola regada pela levada do Pico do Arvoredo que, ao longo do seu caudal, movimentava nove moinhos<sup>383</sup>. Os agricultores

---

<sup>381</sup> SILVA, Fernando Augusto e MENESES, Carlos de Azevedo, op. cit., Vol. I, p. 510.

<sup>382</sup> No romance *L'Agence Thompson and Co.*, publicado a título póstumo, na França, em 1907.

<sup>383</sup> RIBEIRO, João Adriano, FREITAS, José Lourenço de Gouveia e FERNANDES, José Baptista (1995), *Moinhos e Águas do Concelho de Santa Cruz*, Câmara Municipal de Santa Cruz, p. 102.

deste sítio e da Assomada exportavam os seus géneros agrícolas pelo Porto Novo, onde existia um forno de cal. Curiosamente, no forte daquele lugar deu-se uma das poucas batalhas ocorridas na Madeira. Em 1828, as tropas Miguelistas fizeram-no explodir com os soldados que lá se encontravam<sup>384</sup>.

O Porto Novo era também o porto que servia a freguesia de Gaula, cujo orago é Nossa Senhora da Luz. Exportava muitos géneros agrícolas e, sobretudo, lenhas para abastecer a cidade, nos designados *barcos faulheiros*. Nesta freguesia, a quinta mais conhecida era a de São João Latrão, com a sua capela. Existia ainda outro pequeno porto, o da Aldonsa. Depois era o célebre miradouro do Rosário, onde os estrangeiros se deliciavam com as vistas de Santa Cruz, mencionada nalguns textos como sendo a Cascais madeirense<sup>385</sup> que, já em 1854, era referenciada por ter uma estalagem<sup>386</sup>. Mais tarde, outra referência atestava que no Hotel Gonçalves, daquela vila, os visitantes eram acolhidos calorosamente e com excelente tratamento<sup>387</sup>. Passando a ribeira, está a pitoresca capela de São Pedro, padroeiro dos homens do mar, que frequentemente por ali passavam com mercadorias. Depois está a Ribeira da Boaventura, que também tinha um forno de cal. Para cima está um lombo, seguido por outros lombos, com alcantilados íngremes a que dão o nome de Estreito, e por ali ligava ao Santo da Serra.

O Santo da Serra era das localidades mais visitadas, por múltiplos caminhos, desde inícios do século XVIII, a acreditar pelas inscrições na cal feitas na pitoresca fonte de Santo António. Na extremidade desta freguesia, já ligada ao vale de Machico, estão ainda as ruínas do primeiro miradouro da Madeira, designado das Macelas. Dali vislumbra-se paisagens paradisíacas, a Ponta de São Lourenço, por exemplo, e até o Porto Santo. No Santo da Serra ficou bem conhecida uma designada heresia, motivada pela conversão da população à igreja escocesa, chefiada por Robert Reid Kelly, uma das personalidades que se apresentou em gravura. Em consequência da intolerância religiosa, a população viu-se forçada a emigrar<sup>388</sup>. Foram muitos os terrenos vendidos e adquiridos por estrangeiros como Leacock e Blandy, os quais estabeleceram quintas aparatosas. Uma dessas quintas pertenceu ao cônsul americano Marsh.

---

<sup>384</sup> RIBEIRO, João Adriano, *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 26.

<sup>385</sup> Periódico *O Direito*, 21/06/1882.

<sup>386</sup> Periódico *O Clamor Público*, 12/06/1854.

<sup>387</sup> Periódico *O Direito*, 22/02/1882.

<sup>388</sup> RIBEIRO, João Adriano (2006), *Madeira's Emigration to St. Vincent's Island in Antilles*, Funchal, Editorial Calcamar, p. 53.

Voltando à beira-mar, entramos na vila de Santa Cruz, onde se encontra a emblemática igreja de S. Salvador, padroeiro local. Também existe uma capela dedicada a Santo Amaro, na qual, em Oitocentos, no mês de Janeiro, ocorria uma das festas mais concorridas da ilha<sup>389</sup>. No século XIX, estavam ainda activos os três pequenos portos ali implantados. A vila possuía ruas estreitas e caprichosas e um intenso comércio, além de um passeio público com plátanos, à beira-mar. O pelourinho, retratado numa das gravuras de Bulwer, foi demolido em 1835<sup>390</sup> e deu lugar a um cruzeiro. Os paços do concelho ainda ostentam uma porta e uma janela, em cantaria rija, de tempos muito recuados. A ladear esta vila estavam várias quintas: a do Revoredo, a da Calçada, a do Bom Jesus, a da Escuna, entre outras. Mais além, estava a capela de Santa Catarina, que deu nome ao sítio. Também existia um pequeno mosteiro franciscano, demolido para a construção do aeroporto, e cujas pedras, ainda são visíveis nos jardins da Quinta do Revoredo. Chegando à Ribeira do Seixo, encontramos a fonte em cantaria, que é o limite deste concelho. As primeiras fotografias, e consequentemente as gravuras, foram executadas de forma a realçar alguns dos aspectos que se referem neste texto.

Quadro 2. Evolução demográfica, no século XIX: Santa Cruz.<sup>391</sup>

	S. Cruz	Gaula	Canico	Camacha	S. da Serra	Água de Pena	Total
<b>1811</b>	2.093	1.259	1.815	690	--	314	5.971
<b>1878</b>	3.824	1.876	2.698	2.053	528	176	11.155

### 3.1.1. AS GRAVURAS

A primeira ilustração<sup>392</sup> corresponde a uma xilogravura retirada de um periódico regional. A mesma mostra uma choupana algures no Santo da Serra, e é da autoria de A. Agostinho da Câmara. Já a segunda<sup>393</sup>, está assinada por V. Vasquez, e mostra os arredores de uma quinta.

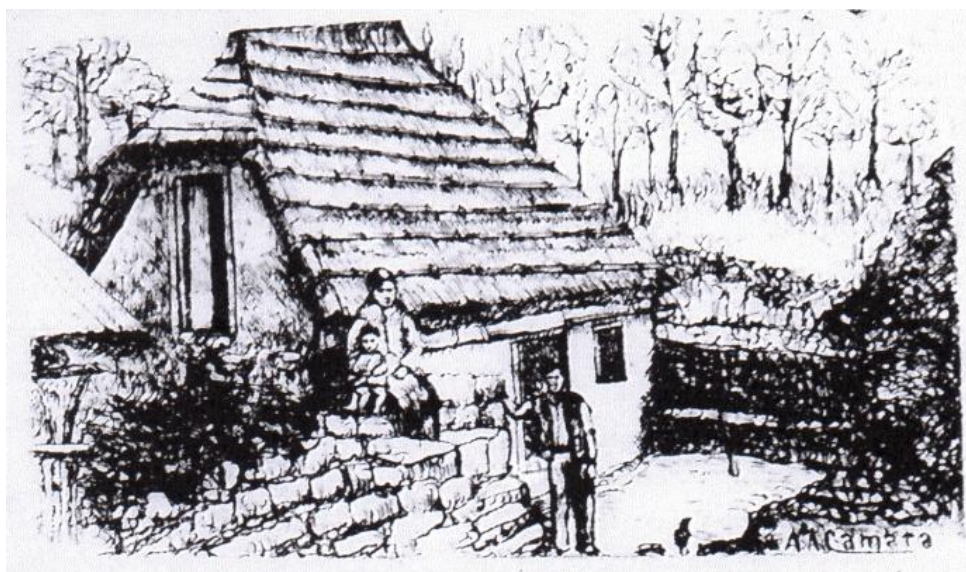
<sup>389</sup> RIBEIRO; João Adriano (2004), *As Festas de Santo Amaro em Santa Cruz*, Câmara Municipal de Santa Cruz, p. 64.

<sup>390</sup> PIO, Manuel Ferreira (1967), *Santa Cruz da Ilha da Madeira – Subsídios para a sua História*, Funchal, p. 46.

<sup>391</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 25.

<sup>392</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 2º Ano, n.º 57, 22/12/1901, p. 35.

<sup>393</sup> Periódico *Jornal de Domingo*, 2ª Série, Ano I, n.º 12, 05/06/1887, p. 96.



23. Casa de colmo.



24. Quinta do Olival, na Camacha.

## 3.2. MACHICO

Passando a Ribeira do Seixo, é a freguesia de Água de Pena, cujo orago é Santa Beatriz. Freguesia de escassos habitantes pois, no período da guerra civil (1828-34) muitos deles foram viver para o Santo da Serra. Na parte montanhosa, no sítio dos Cardais, está a pitoresca capela do Sagrado Coração de Jesus, erigida em 1907<sup>394</sup>.

Contornando a Ponta da Polé, topónimo que indicia ter havido ali um sistema mecânico para descarregar os barcos, está a cidade, outrora vila de Machico, com as suas águas mansas. Era a sede de capitania com o mesmo nome. Chegou a ter alfândega, e dessa localidade dependiam algumas praças portuguesas do Norte de África<sup>395</sup>. Machico era conhecido pela célebre lenda que colocava os ingleses como os descobridores da Madeira, personificados em Machim e Ana d'Arfet. No século XIX, existiam estrangeiros que se deslocavam a pé, desde o Funchal, para visitar o suposto túmulo da jovem que ali faleceu e foi sepultada. Deste existe uma gravura imaginária. Dos três portos que ali existiam, dois deles abriram fogo sobre a esquadra Miguelista, em 1828, sendo que esta se colocou no limite da linha de alcance<sup>396</sup>. Esgotada a pólvora, os invasores entraram descansadamente na vila. A igreja de Nossa Senhora da Conceição é dos melhores templos da Madeira, da qual salientam-se as suas colunas de mármore. A ribeira, onde existia a maior concentração de inhame da ilha, é caudalosa e várias vezes fez desaparecer a ponte, pela qual se passava para a Banda d'Além. Na aluvião de 1803, inundou a Capela dos Milagres e levou para o alto mar a cruz de madeira que se supunha ter pertencido ao túmulo de Ana d'Arfet. Encontrada a milhas da costa, por uma galera dos Estados Unidos, foi levada em procissão desde o Funchal, para ser colocada novamente em Machico, em 1813<sup>397</sup>. A partir daí, a maior devoção dessa freguesia é o Senhor dos Milagres.

Nos arredores existiam algumas quintas. Duas delas, denominadas Santana e São Cristóvão, chegaram a ser arrendadas a estrangeiros. Mesmo sobre a baía, que era muito

---

<sup>394</sup> SILVA, Fernando Augusto e MENESES, Carlos de Azevedo (1984), op. cit., Vol. I, p. 479.

<sup>395</sup> SARMENTO, Alberto Artur (1953), *Freguesias da Madeira*, 2ª ed., Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, p. 96.

<sup>396</sup> Idem, p. 103.

<sup>397</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 34.

concorrida, conforme se observa nalgumas gravuras, está o Pico do Facho onde, como o nome indica, se acendiam fogueiras dando o alarme da aproximação de inimigos<sup>398</sup>.

Depois está a freguesia do Caniçal, ermo seco, com muita falta de água e estéril, comparável à ilha do Porto Santo. A freguesia é consagrada a São Sebastião. No século XIX, os escassos habitantes dedicavam-se, sobretudo, à pesca e eram homens muito responsáveis. Ali se extraía boa pedra de cantaria para fazer fornos de cozer pão<sup>399</sup>. Na Ponta de São Lourenço, banhada tanto pelo mar do Norte, como pelo mar do Sul, aparecem recantos pitorescos, dos quais foram elaboradas várias gravuras. De salientar a capela de Nossa Senhora da Piedade, cuja devoção promove uma procissão, na qual participam todas as embarcações da freguesia, e também algumas do Funchal. Na extremidade desta ponta fica o farol, antiga reivindicação dos marítimos, agudizada após o naufrágio do vapor inglês *Forerunner*, no qual pereceu 14 pessoas<sup>400</sup>. A sua construção decorreu entre 1867 e 1870<sup>401</sup>. Ainda na Ponta de São Lourenço, nota-se que para a parte Norte é muito mais alcantilada e com um mar revolto.

Segue-se a rocha do Larano, com acesso por um caminho, a partir da Boca da Corrida até ao Porto da Cruz, ainda hoje percorrido por muitos turistas. No Porto da Cruz há indícios de ter havido uma outra ilha anterior à da Madeira. Nos sítios do Larano e da Maiata existem ribeiras que correm paralelamente ao mar, casos inéditos na ilha. É a freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe, com a igreja totalmente modificada. No porto existiam armazéns. Ali se guardavam as pipas de vinho, que depois eram enviadas para o Funchal. No século XIX existia um forno de cal<sup>402</sup> e, na época da cana-de-açúcar, existira três engenhos para o fabrico de aguardente, um dos quais ainda labora.

Mas o nome mais relevante do Porto da Cruz, e também da freguesia do Faial, é o grande penedo designado Penha d'Águia. Sobre este local existem muitas lendas, e o proprietário daquelas terras tinha alcunha de *Rei Pequeno*. A propósito de reis, se questionadas as pessoas mais velhas, estas dirão que por ali está, enterrada na rocha, a

---

<sup>398</sup> RIBEIRO, João Adriano (2001), *Machico – Subsídios para a História do seu Concelho*, Câmara Municipal de Machico, pp. 172-173.

<sup>399</sup> PONTES, Fernando Augusto de (1891), *Excursões na Madeira*, Funchal, Tipografia da Verdade, 1891, p. 92.

<sup>400</sup> Periódico *O Clamor Público*, 30/10/1854.

<sup>401</sup> AGUILAR, J. Teixeira de e FILIPE, Jorge (2006), *Faróis da Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens*, Lisboa, Argumentum, p. 49.

<sup>402</sup> RIBEIRO, João Adriano (2001), *Machico – Subsídios para a História do seu Concelho*, Câmara Municipal de Machico, p. 162..

espada de Dom Sebastião, desaparecido na Batalha de Alcácer-Quibir, em Marrocos, e que irá ressurgir num dia de nevoeiro. A Penha d'Águia é um verdadeiro e soberbo espectáculo pela forma como se eleva mesmo junto ao mar, deixando à sua volta, os povoados e ribeiras, algumas delas caudalosas. Esta foi das paisagens que, vista de vários ângulos, mais transpuseram para as gravuras.

Quadro 3. Evolução demográfica, no século XIX: Machico.<sup>403</sup>

	Machico	Caniçal	P. da Cruz	Água de Pena	S. Serra	<b>Total</b>
<b>1811</b>	3.669	291	2.603	314	-	6.877
<b>1878</b>	5203	237	3.508	454	772	10.174

### 3.2.1. AS GRAVURAS

As gravuras n.º 1<sup>404</sup>, n.º 2<sup>405</sup> e n.º 3<sup>406</sup> referem-se ao extremo Leste da Madeira, a Ponta de São Lourenço, e foram feitas a partir de fotografias. A autoria da gravura n.º 3 é atribuída a Barclay, enquanto as restantes foram assinadas por T. Taylor

Desconhece-se a autoria das gravuras n.º 5<sup>407</sup> e n.º 6<sup>408</sup> que mostram, respectivamente, a Ponta de São Lourenço e a baía de Machico. Apenas sabemos que foram executadas a partir de fotografias do Sr. Camacho.

A gravura n.º 7<sup>409</sup> apresenta uma rede transportada por dois homens e, ao fundo, a Penha d'Águia e o mar ao largo do Porto da Cruz. Desconhece-se a autoria desta xilogravura. Igualmente incógnita é a autoria das gravuras n.º 8<sup>410</sup> e n.º 9<sup>411</sup>, que representam paisagens do litoral. Pela orografia das paisagens apresentadas infere-se que se tratam de vistas algures na Ponta de São Lourenço.

<sup>403</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 47.

<sup>404</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 67.

<sup>405</sup> Idem, p. 78.

<sup>406</sup> Idem, p. 82.

<sup>407</sup> Periódico *O Occidente*, 17º Ano, Volume XVII, n.º 566, 15/09/1894, p. 213.

<sup>408</sup> Idem, 19º Ano, Volume XIX, n.º 627, 25/05/1896, p. 117.

<sup>409</sup> S., G. W. Benjamin, op. cit., p. 117.

<sup>410</sup> MARTINS, João Augusto, op. cit., p. 42.

<sup>411</sup> Periódico *The Graphic*, 20/11/1886.

Seis gravuras provêm de publicações de Annie Brassey: a n.º 10<sup>412</sup>, que apresenta a Penha d'Águia; a n.º 11<sup>413</sup>, que mostra o rebentamento de fogo-de-artifício, e barcos na baía de Machico; a n.º 12<sup>414</sup>, e a n.º 13<sup>415</sup>, que se referem aos fósseis encontrados no Caniçal; a costa do Caniçal é ilustrada na n.º 14<sup>416</sup>; e uma vista da Ponta de São Lourenço surge na n.º 15<sup>417</sup>. São todas da autoria de G. Pearson e J. Cooper, a partir de desenhos de R. T. Pritchett.

O Pico de Nossa Senhora da Piedade é ilustrado na gravura n.º 16<sup>418</sup>. Desconhece-se a autoria desta gravura, que é originária de uma publicação que contém outras gravuras do arquipélago madeirense, porém não foi possível localizá-las.

De um periódico madeirense foram retiradas as gravuras n.º 17<sup>419</sup>, n.º 18<sup>420</sup>, e n.º 19<sup>421</sup>, todas de autor desconhecido. A primeira refere-se ao farol, e as outras ao Porto da Cruz. A n.º 19 apresenta, originalmente, legenda incorrecta.

A ilustração n.º 20<sup>422</sup> alude à lenda do descobrimento da Madeira por Machim e Anna d'Arfet. Desconhece-se a autoria desta gravura que apresenta o referido par romântico numa praia. Ao fundo observa-se um navio.

As ilustrações n.º 21<sup>423</sup> e n.º 22<sup>424</sup> apresentam, respectivamente, uma gravura da vila de Machico e outra de uma capela na mesma localidade. A primeira é da autoria de B. Lima e Alberto, e a segunda de Pedrozo.

A ilustração n.º 23<sup>425</sup> apresenta uma vista da Penha d'Águia. Trata-se de uma litografia, com 22,3x17,6 cm, desenhada por E. Pimentel, e estampada por J. Pedrozo, na Emp. Horas Romanticas [sic], em 1879.

---

<sup>412</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 71.

<sup>413</sup> Idem, p. 72.

<sup>414</sup> Idem, p. 74.

<sup>415</sup> Idem, p. 75.

<sup>416</sup> Idem, p. 77.

<sup>417</sup> BRASSEY, Annie (1881), op cit., p. 13.

<sup>418</sup> HARTUNG, Georg, op. cit., anexo VIII, fig. V.

<sup>419</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 2º Ano, n.º 69, 23/03/1902, p. 131.

<sup>420</sup> Idem, 2º Ano, n.º 70, 30/03/1902, p. 138.

<sup>421</sup> Idem, 2º Ano, n.º 78, 25/05/1902, p. 203.

<sup>422</sup> Periódico *O Recreio - Periodico Literario, Publicação quinzenal dos alumnos do lyceo do Funchal*, n.º 7, 24/07/1863, p. 1.

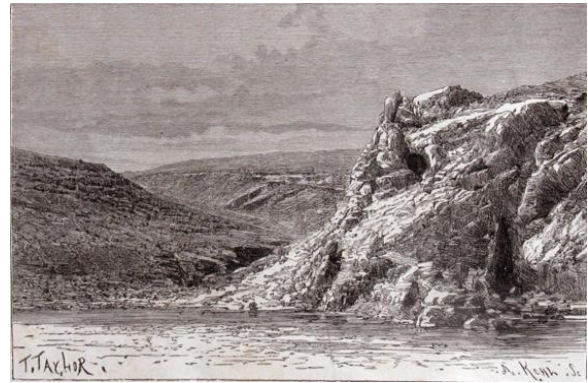
<sup>423</sup> Periódico *Archivo Pittoresco*, 9º Ano, 1866, p. 353.

<sup>424</sup> Idem, p. 357.

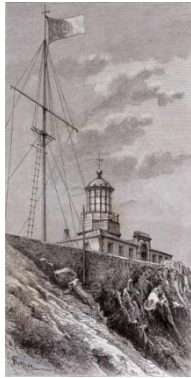
<sup>425</sup> Colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, icon. 681496. Consultado a 06/03/2011, em: <<http://www.arquipelagos.pt>>.



1. São Lourenço.



25. Fossil-beds (couches de fossiles).



3. Le tour et le mât sur la plage de Funchal.



4. Penha d'Aguia. [sic]



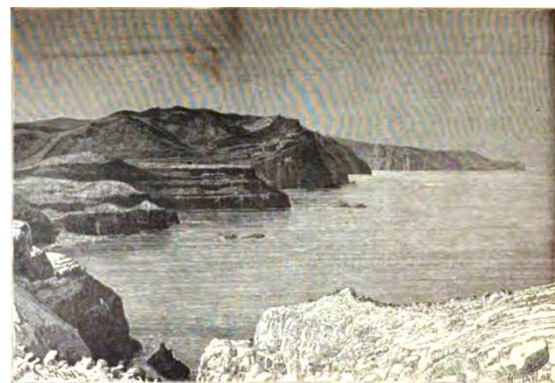
5. Ilha da Madeira - A Ponta de S. Lourenço.



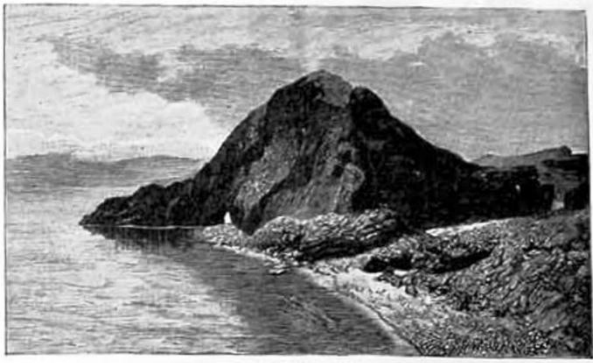
6. Uma vista da Ilha da Madeira.



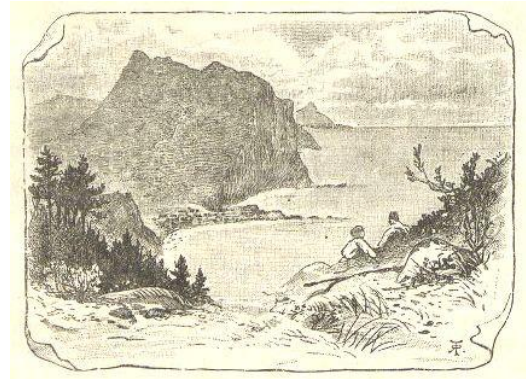
7. Penha d'Aguia.



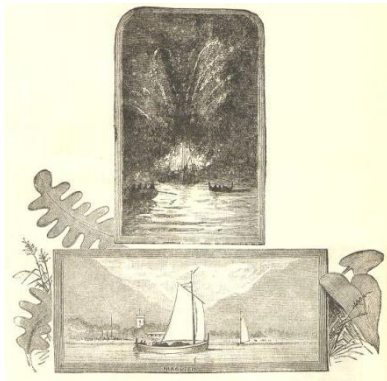
8. Vista da costa do norte.



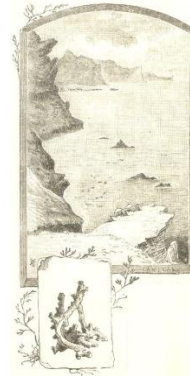
9. *A coast scene.* [sic]



10. *Penha D'Agua.* [sic]



11. *Pyrotechnic Display.*



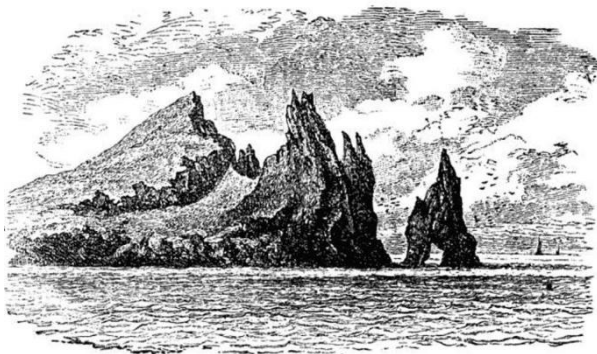
12. *Specimen of Fossil.*



13. *Fossil-Land.*



14. *On the Shore at Caniçal.*



15. *Our first view of Madeira.*



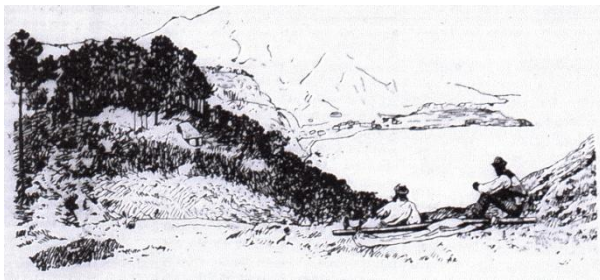
16. *Pico de Nossa Senhora da Piedade.*



17. *Farol e Estação de S. Lourenço.*



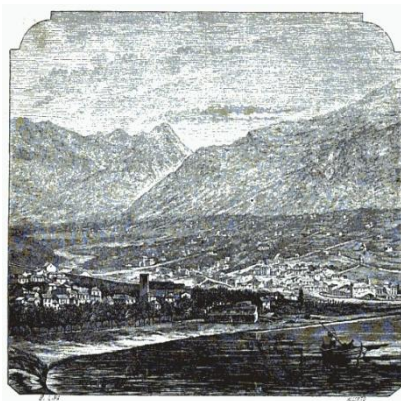
18. *Porto da Cruz.*



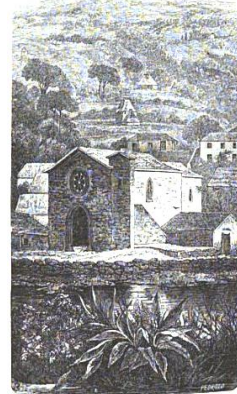
19. *Madeira – Paul do Mar.* [sic]



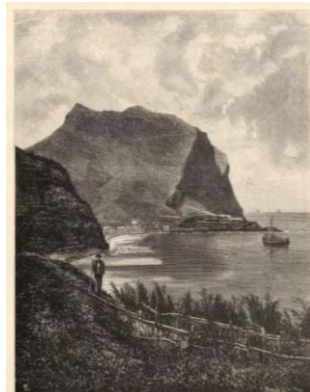
20. *Roberto Machim e Anna d'Arfet -  
Descobrimento da Madeira.* [sic]



21. *Villa de Machico.* [sic]



22. *Capella de Machim.* [sic]



23. *Penha da Aguia.* [sic]



### 3.3. SANTANA

Para chegar a Santana seguia-se, primitivamente, através do Caminho do Meio que, no século XIX, devido à sua inclinação, era também conhecido por *Caminho do Foguete*<sup>426</sup>, no qual o viandante partia do Funchal, rasgava Santa Maria Maior, depois entrava nas Carreiras. Dirigia-se para as partes altas do Porto da Cruz, e daí para as Cruzinhas, em pleno Faial. Dali, seguia para a Cova da Roda, já em Santana. Seguindo pelo litoral, havia outro caminho que ligava o Sítio dos Moinhos, na freguesia do Faial, à igreja desta mesma localidade e dali seguia para Santana. Duas possantes pontes, de vários arcos, permitiam a travessia da Ribeira da Metade e da Ribeira do Faial, as quais se unem na foz. Neste calhau existiam vários armazéns que guardavam os vinhos produzidos nas freguesias do Faial e São Roque do Faial. A primeira é consagrada a Nossa Senhora da Natividade, cuja igreja, após ter sido incendiada, fora reconstruída na sua traça antiga, ao contrário do que acontecera noutros lugares. Para Oeste da igreja está a Fajã do Mar, onde existia um cais no qual que atracavam vapores. Dali e, da foz da ribeira, seguiam mercadorias para o Funchal. O litoral do concelho de Santana é praticamente quase todo alcantilado.

No Faial, um sítio denominado Guindaste, demonstra ter havido um mecanismo operacional para a carga e descarga de barcos. De salientar a Capela da Penha de França, escavada num grande pedregulho de cantaria mole. Ali bem perto está também a penedia da Penha d'Águia, muito representada em gravuras do século XIX.

Já no alto, está a freguesia de Santana, onde no sítio do Cortado vislumbra-se uma espécie de planalto, com vários lombos muito cultivados e espécies arbóreas que serviam, entre outras utilidades, para a apanha de rama para o gado, ou para a secagem de maçarocas de milho. A propósito, em 1847, aquando da crise da batata, Laureano Falcão, proprietário de muitas terras nesta zona, trouxe a suas expensas homens da ilha de São Miguel, para ensinar uma nova cultura aos agricultores da Madeira: a do milho<sup>427</sup>. Aliás, foi preciso muita persistência para familiarizar os agricultores com a

---

<sup>426</sup> WHITE, Robert (1851), *Madeira its Climate and Scenery*, London, Cradock & Co., p. 138.

<sup>427</sup> RIBEIRO, João Adriano (2001), *Santana – Homens e Assuntos que a Ilustram*, Câmara Municipal de Santana, pp. 19-20.

cultura deste cereal<sup>428</sup>. Uma das gravuras que se seguem, mostra cachos de maçarocas a secar, pendurados nos ramos de uma árvore. Este era hábito peculiar, que despertava a curiosidade dos estrangeiros.

Santana foi a primeira localidade do Norte da ilha a dispor de uma casa para os viandantes: o Hotel Acciaioli. Esta hospedaria dispunha de um aprazível jardim com roseiras, hortênsias, brincos de princesa, e gerânios vermelhos<sup>429</sup>. Os quartos, em número reduzido, apresentavam-se muito limpos e com esplendorosas vistas. A sala de jantar estava apetrechada de pratas, loiças e cristais<sup>430</sup>. As assinaturas no livro de honra do hotel testemunhavam que por ali tinham passado muitos ilustres<sup>431</sup>. O seu proprietário, Luiz Augusto Acciaioli, foi administrador de Santana durante quase meio século. Tocava piano, organizava convívios e falava francês e inglês. Raro é o livro, que descreva Santana do século XIX, que não mencione este nome. Também organizava passeios, nomeadamente ao ponto mais alto da ilha, o Pico Ruivo, para assistir à alvorada. Os viandantes podiam seguir a cavalo até ao Homem em Pé, formação rochosa igualmente retratada numa das gravuras que se apresenta, e depois iam a pé, ou numa rede, até ao cume. Homens ou rapazes acompanhavam a excursão e carregavam o farnel. Na ida, este trajecto demorava cerca de três horas e meia a percorrer, enquanto o regresso fazia-se em três horas<sup>432</sup>.

No litoral da freguesia de Santana está uma fajã denominada Rocha do Navio, em virtude de ali ter ocorrido um naufrágio. O Governador Civil mandou examinar este local, em 1856, com a finalidade de construir um desembarcadouro. Ali abundavam os zimbros, planta quase desaparecida.

Descendo um ziguezague encontra-se a Ribeira de São Jorge, cuja freguesia, com o mesmo nome, já teve três engenhos, devido à grande produção que ali ocorria. A sua igreja é das mais esplendorosas da Madeira, sendo a sua arquitectura característica de um estilo barroco tardio. No litoral, ou seja, na foz da ribeira, onde foi erigida a primeira igreja, existiam vários armazéns e uma robusta ponte, da qual, algumas gravuras demonstram a evolução da sua escadaria.

---

<sup>428</sup> BRANCO, Jorge Freitas (1987), *Camponeses da Madeira*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, p. 35.

<sup>429</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 86.

<sup>430</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 64.

<sup>431</sup> S., G. W. Benjamin, op. cit., p. 112.

<sup>432</sup> BROWN, A. Samler (1901), *Madeira and the Canary Islands with the Azores, A Practical and Complete Guide for the use of Invalids and Tourists*, 6<sup>th</sup> Ed., London, Sampson Low, Marston & Co., Limited, p. 138.

Seguindo na parte alta, no pé do Pico, está a única serra de água que ainda está apta a laborar na Madeira, sendo movida pela água da Levada da Serra, construída na segunda metade do século XIX. Mais abaixo, um velho moleiro mostra aos estrangeiros o seu mecanismo de moer grão.

Ali perto, há outra freguesia, denominada Ilha, onde existem fósseis vegetais que demonstram ter existido uma ilha debaixo da Madeira. Este facto é constatado nos estudos do cientista suíço Oswald Heer, que esteve na Madeira em 1850<sup>433</sup>. O nome desta povoação deve-se, certamente, ao facto do seu território ser rodeado de águas, pelo que, noutros tempos, e quando as ribeiras enchiam, a travessia das mesmas era difícil, ou mesmo impossível<sup>434</sup>.

Depois é a Ribeira Funda, por cima de um alcantilado, e mais à frente um miradouro que dá para a freguesia do Arco de São Jorge. Esta freguesia, como próprio nome indica, é rodeada por rochedos. Para o lado do mar desce uma espécie de degrau. No meio do povoado há um lugar pantanoso designado Lagoa. Em 1689, parte deste lugar deslizou, calmamente e sem causar dano, no sentido do mar e avançou muitos metros pelo oceano adentro<sup>435</sup>. Na parte baixa existia um porto e ali viveram famílias que se notabilizaram: os Moderno e os Acciaioli. Do cimo da ravina até ao mar, estava um fio de carga. Através deste, seguiam passageiros para embarcarem no vapor com destino ao Funchal.

Quadro 4. Evolução demográfica, no século XIX: Santana.<sup>436</sup>

	Santana	S. Jorge	Arco	Faial	S. Roque	Ilha	<b>Total</b>
<b>1811</b>	1.983	1.983	514	2.560	-	-	7.040
<b>1878</b>	3.242	2.214	576	3.485	683	-	10.442

<sup>433</sup> NÓBREGA, Manuel de, «Uma Ilha dentro de outra – Aspectos científicos da Ilha de Santana», *Revista Islenha*, n.º 25, Funchal, DRAC, 1999, pp. 131-154.

<sup>434</sup> RIBEIRO, João Adriano (2000), *Ilha – Uma Freguesia do Concelho de Santana*, Junta de Freguesia da Ilha, p. 75.

<sup>435</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 41.

<sup>436</sup> Idem, p. 39.

### 3.3.1. AS GRAVURAS

A gravura n.º 1<sup>437</sup>, desenhada por J. Drayton, e gravada por Jordan & Halpin, ilustra o caminho para o Pico Ruivo. Uma comitiva de exploradores surpreendeu-se quando deparou com a floresta de urzes arbóreas, algumas das quais com mais de 30 pés de altura e com tronco de 4 metros de circunferência.

Desenhada e gravada por Francis Hyde, a gravura n.º 2<sup>438</sup> data de 1821, e ilustra uma ponte sobre a Ribeira de São Jorge. Trata-se de uma litografia, e contém uma anotação a lápis: “Isle of Madeira”. Desenhadas por T. Taylor, a partir de fotografias, as gravuras n.º 3<sup>439</sup> e n.º 4<sup>440</sup> ilustram, respectivamente, uma ponte sobre o Ribeiro Frio, e uma vista do Ribeiro de Metade.

Numa publicação de Annie Brassey foram encontradas onze gravuras alusivas a Santana. A autoria dessas gravuras é atribuída a G. Pearson e J. Cooper, a partir de desenhos de R. T. Pritchett. A gravura n.º 5<sup>441</sup> ilustra uma rocha designada «Capitão»<sup>442</sup>. A gravura n.º 6<sup>443</sup> mostra uma vista do Pico Ruivo, e dos carregadores levando uma rede. A gravura seguinte, a n.º 7<sup>444</sup> refere-se ao sítio denominado «Balcão». A gravura n.º 8<sup>445</sup> ilustra uma criança<sup>446</sup>. Na gravura n.º 9<sup>447</sup> figuram espigas de milho a secar, e na n.º 10<sup>448</sup> um lavrador, em Santana, e uma fiandeira a laborar. O porto de Santana surge na gravura n.º 11<sup>449</sup>. A gravura n.º 12<sup>450</sup>, por sua vez, mostra um moinho perto do Ribeiro Frio. Já a gravura n.º 13 representa o regresso de um grupo de camponeses que participaram num arraial em Machico.

---

<sup>437</sup> WILKES, Charles, op. cit., p. 14.

<sup>438</sup> Consultado a 30/11/2010, em:

<<http://www.grosvenorprints.com/stock.php?keyword=madeira&WADbSearch1=go>>

<sup>439</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 87.

<sup>440</sup> Idem, p. 88.

<sup>441</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 59.

<sup>442</sup> Essa rocha foi observada a caminho de Santana, algures perto do Poiso, aquando da visita de Brassey àquela localidade.

<sup>443</sup> Idem, p. 60.

<sup>444</sup> Idem, p. 61.

<sup>445</sup> Idem, p. 62.

<sup>446</sup> Ao passar pelo Ribeiro Frio, a única pessoa que Annie Brassey encontrou foi uma criança, de poucos anos de idade, andrajosamente vestida e sentada numa soleira, a comer uma banana.

<sup>447</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 62.

<sup>448</sup> Idem, p. 66.

<sup>449</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 67.

<sup>450</sup> Idem, p. 70.

De dois periódicos lisboetas, foram identificadas as gravuras n.º 14<sup>451</sup> e n.º 15<sup>452</sup>, ambas de autoria desconhecida. A primeira refere-se à formação rochosa denominada Homem em Pé, e a segunda apresenta uma vista da Ribeira de São Jorge.

Duas ilustrações, a n.º 16<sup>453</sup> e a n.º 17<sup>454</sup>, apresentam uma parte do Ribeiro Frio e uma vista de Santana, respectivamente. Trata-se de cromolitografias de autor desconhecido.

As gravuras n.º 18<sup>455</sup> e n.º 19<sup>456</sup> correspondem a litografias. Foram ambas desenhadas por C. Thornam, e estampadas por Ad. Kittendorff, na oficina I. W. Tegner & Kittendorffs. A primeira mede 21,4x26,4 cm, e apresenta viandantes a repousar no Ribeiro frio. A segunda mede 26,5x21,3 cm, e mostra os mesmos viandantes a caminho de Santana.

---

<sup>451</sup> Periódico *Archivo Pittoresco*, 7º Ano, 1864, p. 85.

<sup>452</sup> Periódico *Diario Illustrado*, n.º 2 595, 07/08/1880, p. 1.

<sup>453</sup> WAGNER, Leopoldo, op. cit..

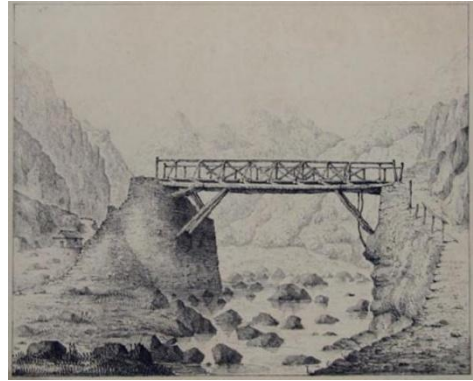
<sup>454</sup> Idem.

<sup>455</sup> Coleção Casa Museu Frederico de Freitas, século XIX, reg. 0033.

<sup>456</sup> Idem, reg. 0143.



26. *Heath Forest, Madeira.* [sic]



27. *Bridge in Ribeira S. Jorge.* [sic]



28. *Pont sur le Ribeiro Frio.* [sic]



29. *Ribeiro de Metade.* [sic]



5. *Capitão.* [sic]



6. *Pico Ruivo; En Route.* [sic]



7. *El Balcão.* [sic]



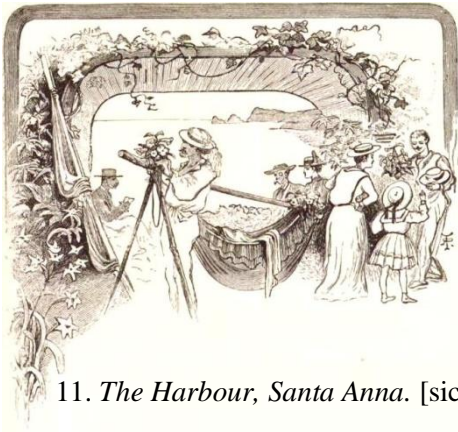
8. *A 'Mitherless Bairn'.* [sic]



9. *The Local Banana.* [sic]



10. *Spinning; Santa Anna.* [sic]



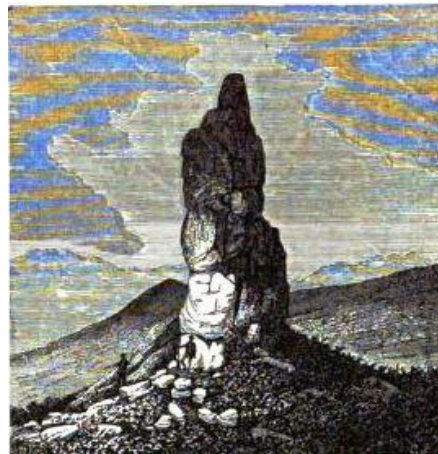
11. *The Harbour, Santa Anna.* [sic]



12. *Near Ribeiro Frio.* [sic]



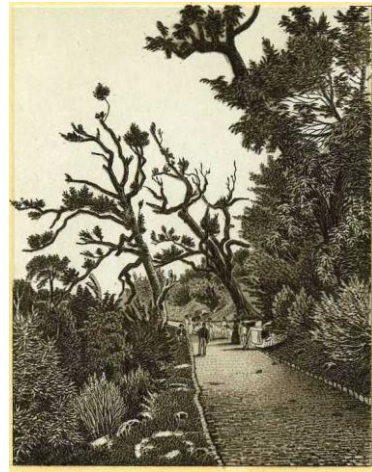
13. *Peasants Returning from the Festival.* [sic]



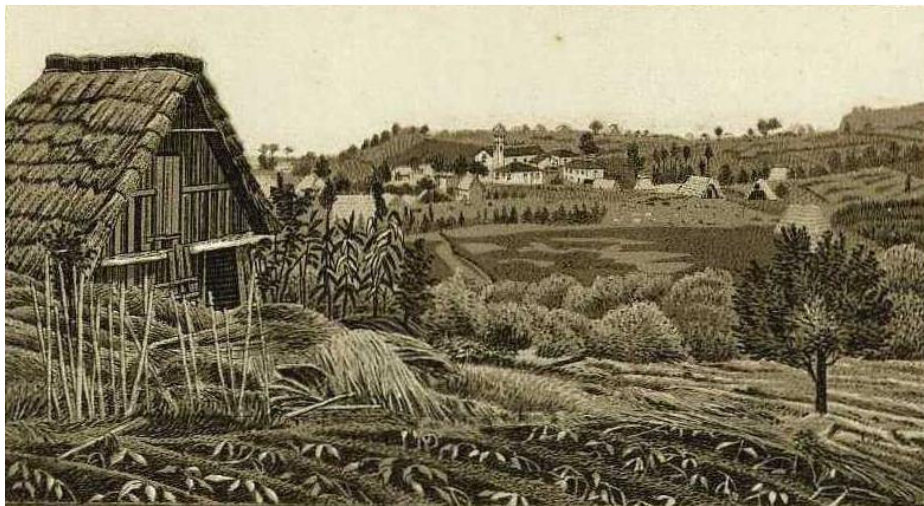
14. *O frade ou homem em pé.* [sic]



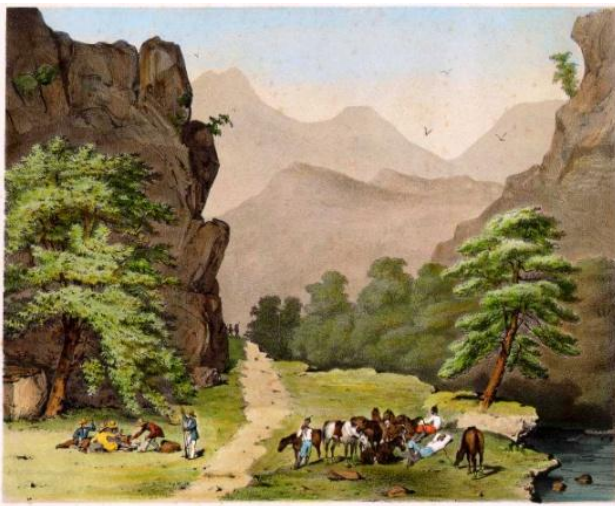
15. Ribeira de S. Jorge (Ilha da Madeira).



16. Ribeiro Frio.



17. Sant'Anna. [sic]



18. Rio-Frio, Madeira. [sic]



19. Prospect mellem Rio frio og St. Anna. [sic]

### 3.4. SÃO VICENTE

Um caminho tortuoso dirigia-se, à beira-mar, do Arco de São Jorge para a Boaventura e era designado por Entrosa. Escavado na rocha, ao longo de uma falésia, o viajante cauteloso apeava-se e seguia em fila<sup>457</sup>. Algumas gravuras demonstram a sinuosidade dessas vias, que também decorriam por túneis acanhados.

A freguesia da Boaventura é consagrada a Santa Quitéria, ali existindo também uma capela antiga dedicada a São Cristóvão. A caudalosa Ribeira do Porco, nasce nas bases do Pico das Torrinhas e rasga a freguesia. Topónimos como Serra de Água, Moinhos, Pomar e Quebrada, desvendam particularidades do local ou das actividades que por ali se faziam. Esta foi a localidade onde o autor de *Bom Senso e Bom Gosto*, Antero de Quental, ficou uma temporada. Era uma freguesia abundante em madeiras e solo fértil para muitas culturas. Os terrenos eram quase todos de colónia, sistema em que o dono da terra reconhecia direito de propriedade das benfeitorias ao colono, quando este as realizasse com fins de melhorar a produção do prédio contratado<sup>458</sup>. Na pitoresca foz da ribeira, com um destacado ilhéu a defender, ainda são visíveis as ruínas de um engenho, construído em 1899, por Francisco António Abreu Cardoso<sup>459</sup>. A Oeste da igreja está a Ribeira dos Moinhos, de onde sai uma levada que irriga os terrenos.

Ao lado é a Ponta Delgada, freguesia que se encontra após um vertiginoso alcantilado, que foi o fatídico palco para Rosalina de Barros, uma indignada mulher que ali se suicidou, assunto que Agustina Bessa-Luís discorre em *A Corte do Norte*. Terra de senhores, colonos e um sistema de exploração da terra quase feudal, teve como primeiro povoador Afonso de Sanha<sup>460</sup>. De invocação ao Senhor do Bom Jesus, ali ocorre, em Setembro, um arraial muito concorrido. Em 1856 havia ali uma residencial, sendo esta, visível em algumas gravuras do século XIX, nomeadamente nas de Bulwer. Para cima estão a três lombadas que eram, na sua maioria, terras do Conde Carvalhal<sup>461</sup>. Esta freguesia teve três engenhos, o que comprova a actividade que ali se operava.

---

<sup>457</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 86.

<sup>458</sup> RODRIGUES, Ramon Honorato Corrêa (1947), *A Colónia na Madeira: Problema Moral e Económico*, Funchal, p. 49.

<sup>459</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira, Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 43.

<sup>460</sup> RIBEIRO, João Adriano (2005), *S. Vicente – Subsídios para a História do Concelho*, Câmara Municipal de São Vicente, p. 43.

<sup>461</sup> RIBEIRO, João Adriano (2005), *S. Vicente*, op. cit., 43.

Passando a Ribeira da Camisa, pelo litoral, entra-se no Passo da Areia, já na freguesia de São Vicente. Segue-se a Fajã da Areia, cujo caminho passava entre o casario e a praia. Existiam ali muitos moradores e um pequeno porto. Ali, havia anos em que o vento sacudia com tanta intensidade que, nenhuma folha ficava fixa à planta.

Mais adiante está a vila e o vale de São Vicente, feito num ziguezague de diques, sendo o último na foz da ribeira, ao qual chamam Ilhéu, e pelo lado da serra está a capelinha deste santo. Desconhece-se o ano da sua construção, porém existe um pedido para a benzer em 1691<sup>462</sup>. São Vicente era a localidade mais importante da costa Norte, sendo elevada a sede de concelho em 1744. A sua igreja matriz, dedicada ao santo que dá nome ao concelho, foi construída sobre uma pequena ermida e, sofrendo muitas alterações ao longo dos tempos, assumiu a configuração actual já no século XX<sup>463</sup>. Era uma freguesia muito abundante em vinhos, feijão de várias qualidades, cereais e batata, vulgarmente denominada *semilha*, trazida para a ilha em 1760<sup>464</sup>, e cuja primeira plantação desta localidade ocorrera na Lombada das Vacas. A propriedade era distinta das restantes freguesias da jurisdição, uma vez que qualquer pessoa poderia vender, trocar, arrendar ou hipotecar terras<sup>465</sup>. O grandioso vale profundo rasga a ilha em duas partes, ali existindo vestígios geológicos muito interessantes. É o caso das fumarolas ou grutas, que hoje estão abertas ao turismo. Também, a 4 km da costa, e a mais de 360 metros acima do nível do mar, está uma pedreira calcária, única na Madeira, contendo conchas marinhas e corais, o que demonstra que aquela parte já esteve submersa<sup>466</sup>.

Para ir do Funchal a São Vicente, os viandantes percorriam as serras do Estreito de Câmara de Lobos, e desciam a Encumeada, passando pelo Rosário onde, na festa da sua padroeira, chegaram a matar 40 vacas<sup>467</sup>. Algumas dessas paisagens surgem em gravuras antigas, nomeadamente uma cascata no Rosário, a vila e, sobretudo, a dita capelinha na foz, perto do calhau, onde estavam os armazéns para vinhos, que eram levados em barcos, para o Funchal. A Oeste está uma soberba cascata, denominada Água d'Alto, que ligava o caminho com a Ribeira do Inferno, o limite do concelho.

---

<sup>462</sup> RIBEIRO, João Adriano (2000), *A Capelinha de S. Vicente*, Editorial Calcamar, p. 19.

<sup>463</sup> MATOS, António Marinho (2003), *São Vicente: Evangelização, Devoção e Património Cultural - subsídios para a história da sua paróquia*, Paróquia de São Vicente – Diocese do Funchal, pp. 39-41.

<sup>464</sup> BRANCO, Jorge Freitas, op. cit., p. 31.

<sup>465</sup> RIBEIRO, João Adriano (2005), *S. Vicente*, op. cit., p. 47.

<sup>466</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 672.

<sup>467</sup> RIBEIRO, João Adriano (2000), *O Rosário em S. Vicente*, Editorial Calcamar, p. 43.

Quadro 5. Evolução demográfica, no século XIX: São Vicente.<sup>468</sup>

	São Vicente	Ponta Delgada	Boaventura	<b>Total</b>
<b>1811</b>	3.078	2.936	-	6.014
<b>1878</b>	4.633	1.368	2.319	8.320

### 3.4.1. AS GRAVURAS

As duas primeiras gravuras foram elaboradas a partir de fotografias de Camacho. A gravura n.º 1<sup>469</sup> ilustra o vale e a vila de São Vicente, enquanto a gravura n.º 2<sup>470</sup> apresenta uma vista da Encumeada. Já a gravura n.º 3<sup>471</sup>, foi desenhada por Taylor, a partir de uma fotografia, e mostra a capela de São Vicente escavada num rochedo.

A gravura n.º 4<sup>472</sup> é de autor desconhecido. Ainda que se tenha apurado que foi executada no século XIX, contudo ignora-se o ano. Tem por dimensões aproximadas: 23x14,5 cm. Duas outras representações da capela, situada na foz da Ribeira de São Vicente, surgem nas ilustrações n.º 5<sup>473</sup> e n.º 6<sup>474</sup>. Da primeira desconhece-se o autor. Já a segunda foi gravada por L. Bernes. As gravuras n.º 7<sup>475</sup> e n.º 8<sup>476</sup> mostram cascatas. Ambas são de autor desconhecido. A n.º 8 trata-se de uma cromolitografia.

As gravuras n.º 9<sup>477</sup> e n.º 10<sup>478</sup> foram executadas por volta de 1835, e correspondem a litografias que apresentam traços semelhantes, mas com diferenças assinaláveis. A primeira mede 8,4x11,5 cm, foi desenhada por William Westall, e estampada por Edward Goodall na oficina Ackermann & C.º, em Londres. A segunda mede 15,3x8,5 cm, e foi impressa por desconhecidos na Baxter's Patent Oil Printing.

<sup>468</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 43.

<sup>469</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 664.

<sup>470</sup> *Idem*, p. 665.

<sup>471</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 81.

<sup>472</sup> Consultado a 17/03/2011, em:

<<http://www.delcampe.net/page/item/id,126752157,var,PORTUGAL-MADEIRA-SAO-VICENTE-NEAR-SAN-VINCENTE-COLOURED-ENGRAVING-ANTIQUÉ,language,E.html>>

<sup>473</sup> Periódico *Archivo Pittoresco*, 7º Ano, 1864, p. 77.

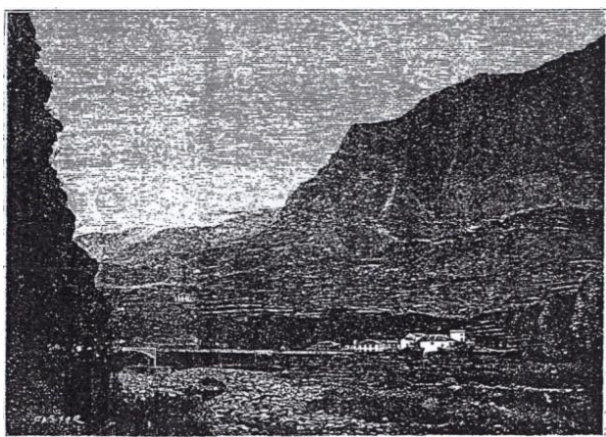
<sup>474</sup> Periódico *Semana Illustrada*, 2º Ano, n.º 29, 21/01/1900, p. 225.

<sup>475</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 2º Ano, n.º 77, 18/05/1902, p.195.

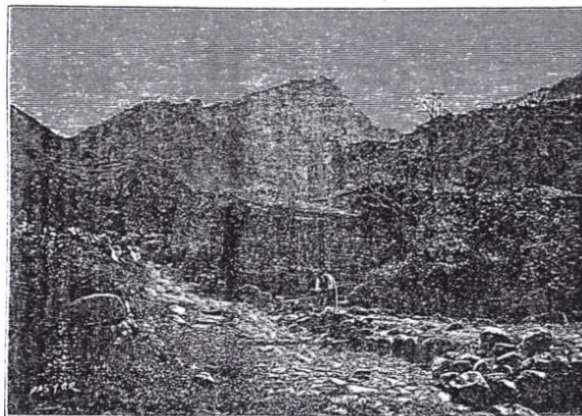
<sup>476</sup> WAGNER, Leopoldo, op. cit..

<sup>477</sup> Coleção Casa Museu Frederico de Freitas, reg. 0115.

<sup>478</sup> *Idem*, reg. 0075.



30. *Valle e villa de S. Vicente.* [sic]



31. *Encumeada vista do sitio das Feiteiras de S. Vicente.* [sic]



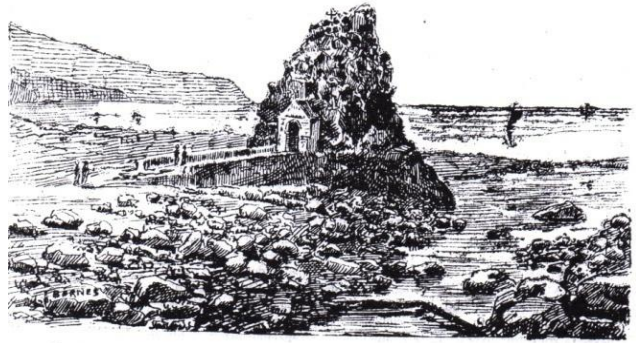
32. *Chapelle de São Vicente.* [sic]



4. *Near San Vicente.* [sic]



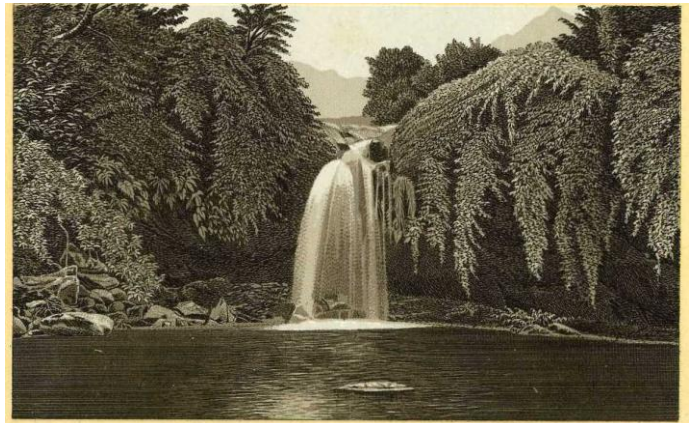
5. *Rochedo e Capella de S. Vicente na Ilha da Madeira.* [sic]



6. *A Capella de S. Vicente.* [sic]



7. *Queda d'agua na freguesia de S. Vicente.* [sic]



8. *Uma queda d'agua.* [sic]



9. *Madeira.*



10. *View in Madeira.*



### 3.5. PORTO DO MONIZ

Atendendo a escritos estrangeiros, nos pretéritos séculos, o concelho do Porto do Moniz foi dos menos visitados, daí a escassez de gravuras alusivas a este local. Noutros tempos, para chegar a esta vila, era necessário empreender uma tarefa árdua e arriscada, caso o viandante optasse seguir pelo pavoroso Caminho da Rocha. Todo o crente se benzia antes de iniciar a caminhada que percorria os alcantilados rasgados à beira mar. Ele poderia escorregar e cair, ou ser atingido por uma pedra que se soltava, pois não raros eram os acidentes<sup>479</sup>. Depois da Ribeira do Inferno, era a Fajã do Pacheco, seguida da Fajã da Pedra. Caminhando, encontravam a cascata da Ribeira de João Delgado, que teve um túnel no século XIX, e outro mais seguro em 1912, denominado das *Sete Janelas*. Chegando à Gangorra, estavam os terrenos agrícolas de muitas vinhas. Uma ponta, designada Poiso, estende-se mar adentro. Um ilhéu, em frente, arborizado, denominado Ceroulas, tem uma piscina natural.

Seguindo para o Seixal, uma quantidade de ribeiras e soberbas cascatas atravessam os terrenos de cultivo, e desembocam no mar. O povoado é marcado por dois sítios distintos, separados por uma ribeira: Serra de Água e Farrobo. Este lugar assenta sobre formações rochosas, que resultaram de lava que correu em direcção ao mar, a partir de um vulcão desde o Chão da Ribeira. Um ilhéu, tem a forma de uma mão, com os seus cinco dedos. É o Ilhéu Chão. Esta é a freguesia do Norte que teve dois portos, o da Serra de Água e o da Laje, o que demonstra ter ali existido grande actividade vinícola. Seguindo a Fajã da Parreira, mais adiante, e entrando na montanha, está o povoado da Ribeira Funda que, segundo dizem, eram as terras mais abundantes da freguesia. Indo pelo litoral está a Quebrada, e depois a Fajã das Contreiras, onde se produz o melhor vinho do Norte da ilha.

Continuando, surge a enseada que já pertence à Ribeira da Janela, freguesia com armazéns à beira mar e o casario bem mais acima. Em 1891, engenheiros franceses estabeleceram ali uma ponte<sup>480</sup>. A travessia da ribeira é mencionada em vários textos, e a força das suas águas arrastava viandantes. É a ribeira mais caudalosa da ilha, onde se

---

<sup>479</sup> CARITA, Rui (1982), *Paulo dias de Almeida e a Descrição da Ilha da Madeira*, Funchal, DRAC, p. 69.

<sup>480</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Porto do Moniz – Subsídios para a História do Concelho*, Câmara Municipal do Porto do Moniz, p. 155.

situa também a pitoresca Serra do Fanal, descrita por viandantes do século XIX, que ali chegavam a partir do Paul da Serra. Na foz, a partir de 1939, esquadrejavam-se baleias e cachalotes para fazer azeite de peixe<sup>481</sup>. Em frente estão os ilhéus denominados Ilheuzinho, Ruama e Comprido<sup>482</sup>, também conhecida por As Três Irmãs, que foram mencionados em vários livros. De invocação a Nossa Senhora da Encarnação, a sua igreja foi concluída durante o século XIX, e sobre o pórtico desta lê-se a seguinte inscrição: *Feita pelo povo e dirigida pelo Pe. Pombo em 1879*<sup>483</sup>.

Depois vem a Fajã do Manuel, cultivada de vinha, e logo a pitoresca vila do Porto do Moniz, hoje completamente descaracterizada. Era o melhor porto da costa Norte, onde chegavam e partiam barcos de cabotagem, que varavam numa reentrância da rocha. Ali havia muitos armazéns e também um engenho, hoje todos derrubados, o que demonstra ter existido indústria<sup>484</sup>. Tinha ali o Forte de São João Baptista, a mais antiga defesa deste lado da ilha.

Em frente está um ilhéu, designado por Pedra Mole, cuja rocha apresenta uma tonalidade pálida, onde há um farolim. Para cima estava o Largo das Mós, a igreja e o casario das pessoas com melhores posses. Um pitoresco sítio, amontoado de casas, era designado Madeira. Dali subia-se até aos Lamaceiros, onde existia uma capela de invocação a São Pedro.

No planalto, era a capela de Santa Maria Madalena, um local de culto muito concorrido, desde que surgiram os barcos a vapor. Para chegar às partes altas do Porto do Moniz, podia-se fazer a travessia do Sul continuando pelo Paul da Serra e Fonte do Bispo, e desde tempos recuados existia um caminho calcetado. A porta principal da capela de Santa Maria Madalena era o limite das duas capitánias, demarcada por uma linha imaginária que passava pela Ponta do Tristão<sup>485</sup>.

Noutros tempos, o Sítio dos Pombais já pertenceu ao concelho da Calheta mas, com a fundação do concelho do Porto do Moniz, em 1835<sup>486</sup>, o seu território estendeu-se até à freguesia das Achadas da Cruz, cuja padroeira é Nossa senhora do Livramento. É uma aldeia serrana, muito pitoresca com urzes e outras espécies de arbustos a

---

<sup>481</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Porto do Moniz*, op. cit., p. 155.

<sup>482</sup> MATOS, António Marinho (2004), *Ribeira da Janela: Evangelização, Devoção e Património Cultural - subsídios para a história da sua paróquia*, Câmara Municipal do Porto Moniz, p. 51.

<sup>483</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Porto do Moniz*, op. cit., p. 33.

<sup>484</sup> Idem, p. 131.

<sup>485</sup> Idem, p. 9.

<sup>486</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 727.

demarcar os terrenos agrícolas. Tem uma fraca densidade populacional e, abaixo do alcantilado, situa-se numa extensa fajã com vinhas, armazéns e um imenso calhau. Ali, em 1919, naufragou o luxuoso iate denominado *Veruna*<sup>487</sup>. São tantas a belezas naturais deste concelho porém, lamentavelmente, tão pouco retratadas em gravuras.

Quadro 6. Evolução demográfica, no século XIX: Porto do Moniz.<sup>488</sup>

	Porto do Moniz	Seixal	Ribeira da Janela	Achadas da Cruz	<b>Total</b>
<b>1811</b>	2.074	967	629	-	3.670
<b>1878</b>	2.204	1.114	662	233	4.213

### 3.5.1. AS GRAVURAS

A gravura n.º 1<sup>489</sup>, que mostra uma vista abrangente da costa, desde a Ponta de São Jorge até o Porto Moniz. Desconhece-se a sua autoria, sabendo-se porém que foi elaborada a partir de uma fotografia de Camacho. As duas restantes gravuras são parecidas, e mostram um túnel escavado na rocha. A gravura n.º 2<sup>490</sup> é de autoria desconhecida, enquanto a n.º 3<sup>491</sup> foi desenhada por T. Taylor, a partir de uma fotografia.

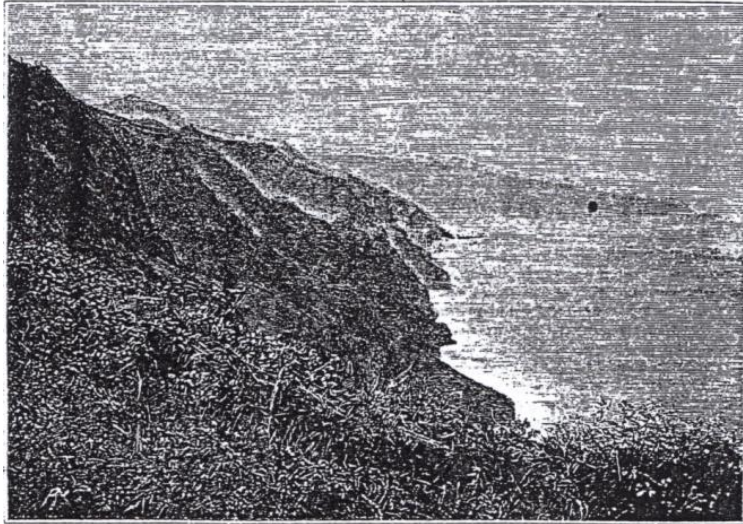
<sup>487</sup> Periódico *O Direito*, 17/11/1909.

<sup>488</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 47.

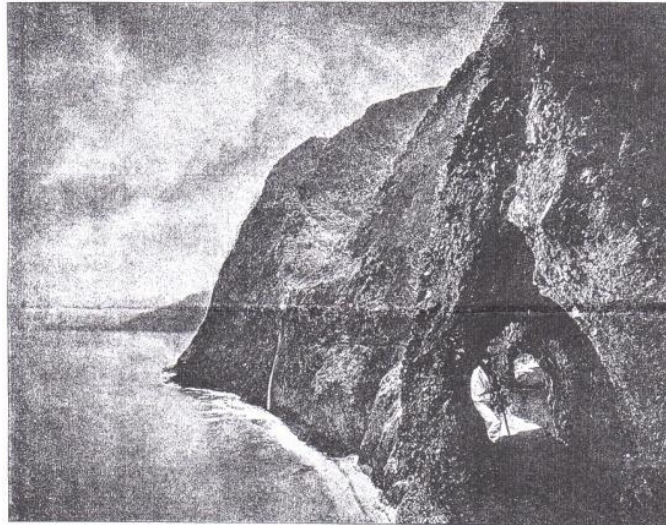
<sup>489</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 662.

<sup>490</sup> Periódico *Jornal de Domingo*, 2ª Série, Ano I, n.º 1, 20/03/1887, p. 8.

<sup>491</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 91.



33. *Costa do Norte.*



*Costa do Norte da Madeira – caminho na rocha.*



34. *Tunnel dans la falaises.*

### 3.6. CALHETA

Entrando no município da Calheta, a maior jurisdição concelhia da Madeira, está a Ponta do Pargo, cujo padroeiro é São Pedro, e onde a agricultura e as pastagens predominam. É uma freguesia alcantilada, apenas a Fajã do Curral tem alguns socalcos rente ao mar. Na berma da actual estrada está uma fonte com um recinto de lazer. Em tempos recuados, nas partes serranas do concelho, faziam-se muitas queimadas, ou então ateavam fogo à floresta, de propósito, a fim de criar áreas de pastio<sup>492</sup>. Outrora, esta localidade ligava-se ao Paul da Serra, por um caminho onde podiam circular carros de tracção animal. Destaca-se o relógio desta igreja, bem como a capela de Santo Amaro. Por ficar na extremidade da ilha, estabeleceram, no Pico das Favas, na década de 80, do século XIX, uma estação semafórica, depois telegráfica, a primeira da Madeira<sup>493</sup>. O farol foi inaugurado em Junho de 1922<sup>494</sup>. Ao calhau do Pesqueiro chegavam vapores com mercadorias trazidas da cidade, que eram guardadas em furnas pertencentes a este ou àquele comerciante. Dali, através de um fio de carga, desde 1903, transportavam-se muitos géneros para o povoado. O pintor madeirense Alfredo Miguéis retratou, por volta de 1912, os costumes e paisagens desta freguesia.

Segue-se a Fajã da Ovelha, freguesia de invocação a São João Baptista. É igualmente vocacionada para a agricultura e gado, mas também para a extracção de produtos da serra, à qual também se liga, desde há muito, por um caminho. Topónimos como a Lombada dos Marinheiros indiciam os primeiros povoadores. Do gado se extraía o leite usado na *Fabrica de Manteiga Águia*, que chegou a pertencer à empresa Burnay, com sede em Santa Cruz. Esta freguesia era conhecida pelos muitos cavalos que por ali existia, e teve uma espécie de escola de equitação, da família dos Gouveias. No litoral escarpado colhia-se a urzela, líquen tintureiro muito apreciada na Europa<sup>495</sup>.

Seguindo pelo litoral, está a pitoresca freguesia piscatória do Paul do Mar, de invocação a Santo Amaro. É atravessada pela Ribeira das Galinhas, onde existiam muitos moinhos. A abundância de peixe contribuiu para que, já no século XX, ali se

---

<sup>492</sup> FIGUEIREDO, Albano (2008), *Calheta – Património Natural*, Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 19.

<sup>493</sup> SARMENTO, Alberto Artur (1953), *Freguesias da Madeira*, op. cit., p. 128.

<sup>494</sup> Periódico *Diário de Notícias*, 18/05/1922.

<sup>495</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 57.

estabelecesse a primeira fábrica de conservas de peixe da ilha<sup>496</sup>. Os pescadores locais trocavam, com os camponeses das freguesias limítrofes, peixe por hortaliças. As casas são contíguas, ao longo de uma estreita ruela que dá para um lugar chamado Espanha. Dantes, toda a actividade concentrava-se no cais, o qual está implantado no sopé de uma montanha rasgada por uma longa cascata. Nesta freguesia destacou-se no concelho por ser a primeira a ter: uma filarmónica; um campo de futebol, uma sala de cinema. Também era onde existia maior número de padarias. Tudo isto são factos que mostram a evolução desta localidade, cuja diáspora se dispersou pelo Equador, Panamá e EUA.

Não muito longe dali, também na orla marítima, está a o Jardim do Mar, uma freguesia bem mais pequena, cuja padroeira é Nossa Senhora do Rosário. Tem plantações de bananeiras e vinha, sendo que já teve de cana-de-açúcar, pois ainda lá estão as ruínas de um engenho mandado construir em 1899<sup>497</sup>. O clima é ameno, e por ali veraneava a escritora Luísa Grande, autora de belíssimos textos.

Subindo em ziguezague, está a freguesia dos Prazeres, de invocação a essa Senhora. O seu território estende-se num planalto, que também se ligava à serra por um caminho. Ali predomina a agricultura, e também a criação de gado que vagueia nas imediações da Fonte do Bispo, um lugar muito aprazível. Já no século XX, por volta de 1930, estabeleceram um fio de carga com o Jardim do Mar. Através deste, içaram uma furgoneta desarmada. Após a montagem, esta circulou no antigo caminho, isto antes da chegada da estrada para automóveis.

Segue-se a freguesia do Estreito, de invocação a Nossa Senhora da Graça, cuja paróquia foi fundada em meados do século XVI<sup>498</sup>. A lavoura e a pastorícia sobressaem no contexto económico. Curiosamente, no século XIX, a Calheta era o concelho que tinha mais teares<sup>499</sup>. Presume-se que a maioria destes teares era no Estreito, pois dali pertenciam as ovelhas que abundavam no Paul da Serra. No litoral está a foz da Ribeira Funda, e também da Ribeira de São Bartolomeu, que delimita a freguesia.

Depois está a Calheta, a freguesia dos vários lombos: Estrela; Laranjeiras; Salão; Brasil; Doutor; e Atouguia. Na foz da ribeira está a apertada vila, que já teve três engenhos<sup>500</sup>. Um deles ainda labora e tem uma aguardente velha que é um autêntico

---

<sup>496</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 57.

<sup>497</sup> Idem, p. 56.

<sup>498</sup> SARMENTO, Alberto Artur (1953), *Freguesias da Madeira*, op. cit., p. 66.

<sup>499</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 732.

<sup>500</sup> RIBEIRO, João Adriano (1992), *A Cana-de-Açúcar na Madeira*, op. cit., pp. 50-51.

rum. Consagrada ao Espírito Santo, a sua igreja ostenta relíquias, como sejam as imagens dos apóstolos, e o sacrário oferecido por D. Manuel I, feito em ébano, com embutidos em prata. Mais acima, estava o mosteiro de franciscanos que obedecia ao do Funchal<sup>501</sup>. Como se pode observar através das gravuras, vapores e veleiros traziam pessoas até ao calhau da vila. Dali seguiam, em liteiras, até às cascatas do Rabaçal. No século XIX, muitas personalidades europeias fizeram este percurso, narrando-os em belos escritos de viagem<sup>502</sup>.

Segue-se a freguesia do Arco da Calheta, de invocação a São Brás, e está implantada em parte de uma antiga cratera vulcânica. É uma zona essencialmente agrícola e teve dois engenhos<sup>503</sup>. A igreja local foi edificada, em 1775, onde havia uma capela, e foi sendo ampliada e reconstruída ao longo dos tempos<sup>504</sup>. Um episódio de autêntica cavalaria marcou o namoro de Isabel de Abreu, uma viúva rica, com António Gonçalves, nos finais do século XVI, motivando a partida do amado para confrontos nas possessões portuguesas do Norte de África<sup>505</sup>. Esta crónica foi primeiro narrada por Gaspar Frutuoso, e tem sido romanceada por muitos escritores, como foi o caso de Mendes Leal Júnior, que foi ministro da Marinha.

Quadro 7. Evolução demográfica, no século XIX: Calheta.<sup>506</sup>

	Calheta	Arco da Calheta	Estreito da Calheta	Jardim do Mar	Total
<b>1811</b>	2.713	2.399	2.714	--	12.539
	Prazeres	Fajã da Ovelha	Paul do Mar	Ponta do Pargo	
	615	1.686	668	1.744	
<b>1878</b>	Calheta	Arco da Calheta	Estreito da Calheta	Jardim do Mar	16.616
	3.157	3.520	2.661	340	
	Prazeres	Fajã da Ovelha	Paul do Mar	Ponta do Pargo	
	1.021	2.408	1.172	2.337	

<sup>501</sup> RIBEIRO, João Adriano (2006), *Calheta – Subsídios para a História da Freguesia*, ed. Calcamar, p. 89.

<sup>502</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 56.

<sup>503</sup> RIBEIRO, João Adriano (1992), *A Cana-de-Açúcar na Madeira*, op. cit., p. 48.

<sup>504</sup> MATOS, António Marinho (2003), *Arco da Calheta: Evangelização, Devoção e Património Cultural - subsídios para a história da sua paróquia*, Arco da Calheta – Diocese do Funchal, p. 36.

<sup>505</sup> SARMENTO, Alberto Artur (1953), *Freguesias da Madeira*, op. cit., p. 12.

<sup>506</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 55.

### 3.6.1. AS GRAVURAS

A descrição da passagem de Degli Albizzi pelo Rabaçal, foi contemplada com três gravuras, todas desenhadas por P. Langlois, a partir de fotografias. A gravura n.º 1<sup>507</sup> mostra uma paisagem serrana, onde se pode distinguir uma casa, entre o arvoredo<sup>508</sup>. A gravura n.º 2<sup>509</sup> exhibe uma cascata, e a n.º 3<sup>510</sup> as Vinte e Cinco Fontes. A gravura n.º 4<sup>511</sup> foi executada a partir de uma fotografia, e mostra uma cascata e um pequeno lago no Rabaçal. Nos cantos inferiores da gravura podemos distinguir duas rubricas: M. Macedo e Alberto.

As seis gravuras que se seguem são da autoria de G. Pearson e J. Cooper, a partir de desenhos de R. T. Pritchett, e derivam da visita que Annie Brassey efectuou àquela localidade. A gravura n.º 5<sup>512</sup> representa a aproximação ao ponto de atracagem na vila. A gravura n.º 6<sup>513</sup> mostra uma conduta que canalizava água para um moinho. Iluminada por archotes, a comitiva passou pelos túneis do Rabaçal, conforme a gravura n.º 7<sup>514</sup>. Um ligeiro percalço ocorrera ao longo do percurso, quando um dos homens que acompanhava Brassey escorregou pela ravina. Tal episódio justifica a legenda da gravura n.º 8<sup>515</sup>. As Vinte e Cinco Fontes surgem na gravura n.º 9<sup>516</sup>, e uma curiosa gruta na gravura n.º 10<sup>517</sup>.

Na *Revista Madeirense* identificou-se as gravuras n.º 10<sup>518</sup> e n.º 11<sup>519</sup>. A primeira é da autoria de A. Agostinho da Câmara, a partir de uma fotografia de A. Santos. Da outra gravura, desconhece-se a autoria. A ilustração n.º 13<sup>520</sup>, de traços semelhantes à n.º 3. Exhibindo as 25 Fontes, trata-se de uma cromolitografia de autoria anónima.

---

<sup>507</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 92.

<sup>508</sup> Trata-se da casa do engenheiro do distrito, na qual, o marquês e a sua comitiva iriam passar a noite. Contudo, preferiram pernoitar nas tendas porque na casa havia um odor insuportável a tinta.

<sup>509</sup> Idem, p. 93.

<sup>510</sup> Idem, p. 94.

<sup>511</sup> Periódico *O Occidente*, 1º Ano, Volume I, n.º 12, 15/06/1878, p. 89.

<sup>512</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 47.

<sup>513</sup> Idem, p. 48.

<sup>514</sup> Idem, p. 49.

<sup>515</sup> Idem, p. 50.

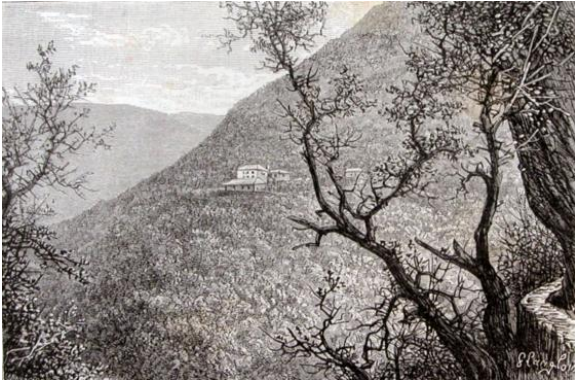
<sup>516</sup> Idem, p. 51.

<sup>517</sup> Idem, p. 53.

<sup>518</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 1º Ano, n.º 24, 05/05/1901, p. 185.

<sup>519</sup> Idem, 2º Ano, n.º 81, 15/06/1902, p. 228.

<sup>520</sup> WAGNER, Leopoldo, op. cit..



35. Rabaçal maison d' le ingénieur. [sic]



36. Cascade à Rabaçal.



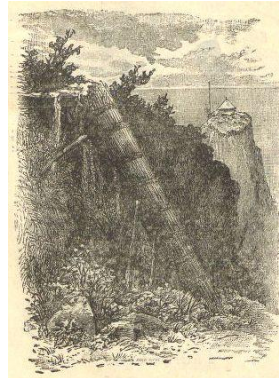
37. Les «vingt-cinq fontaines».



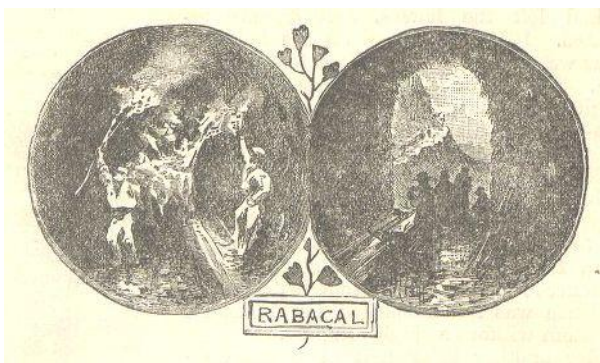
38. O Rabaçal – Queda d' agua no interior da Ilha da Madeira. [sic]



5. Landing at Calheta.



6. Watermill.



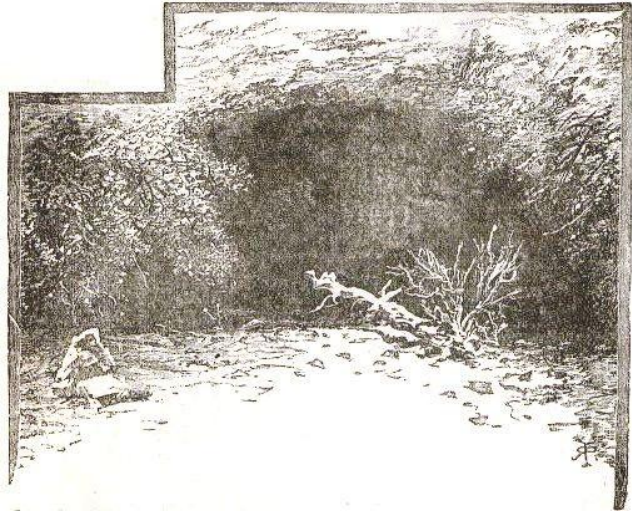
7. Rabaçal.



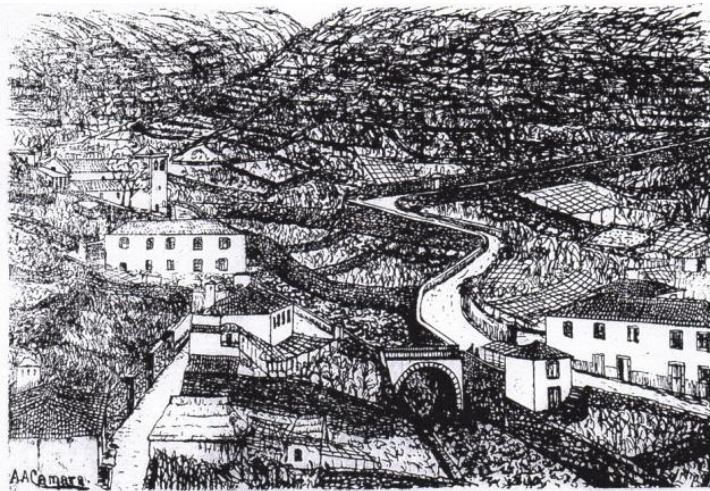
8. Where is Sir Roger?



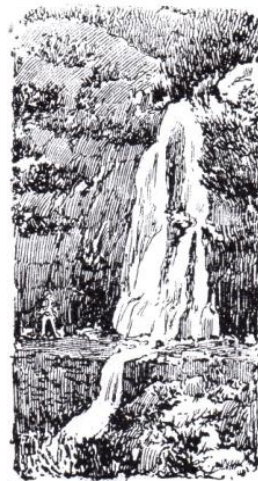
9. *Vinte-Cinco Fontes.* [sic]



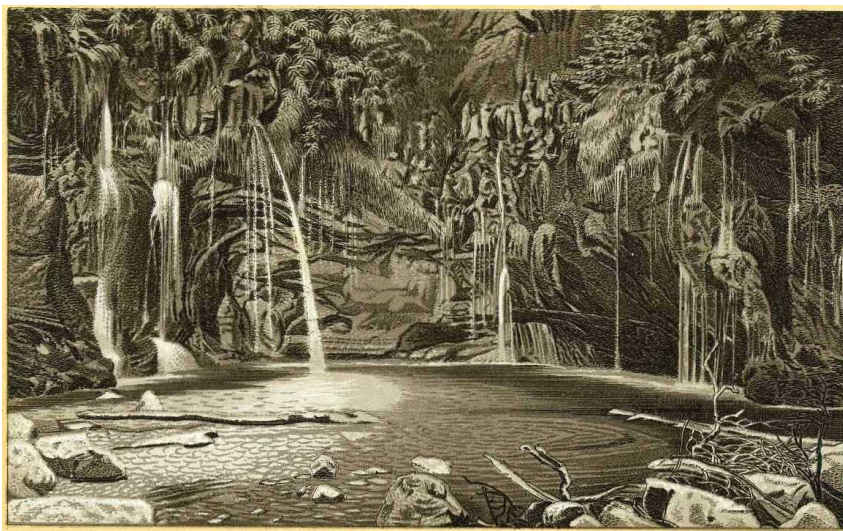
10. *The Fairies's Cave.* [sic]



11. *Calheta - Madeira.*



12. *Rabaçal.*



13. *As 25 Fontes.*

### 3.7. PONTA DO SOL

Passando o miradouro, está a freguesia da Madalena do Mar, cujo primeiro povoador teria sido Ladislau III, suposto Rei da Polónia, o qual, após a derrota na Batalha de Varna, em 1444, contra os turcos, ali se instalara, negando-se regressar à terra natal<sup>521</sup>. Crê-se que este monarca errara, disfarçado de peregrino, pela Terra Santa. Depois, veio para Lisboa pedir terras de sesmaria ao Infante D. Henrique, recebendo-as sob o nome de cavaleiro de Santa Catarina<sup>522</sup>. O pretense rei, também conhecido por Henrique Alemão, quando vinha ao Funchal, era recebido com cortesias pelo descobridor da ilha, Zarco. Numa dessas deslocações, a embarcação em que seguia foi atingida por uma pedra que se precipitou, nas imediações do Cabo Girão, perecendo de imediato<sup>523</sup>.

O casario concentrava-se: nos Moledos; junto ao mar, na Banda d'Além, onde existiu uma capela dedicada a Santa Quitéria; e do outro lado, ao longo de uma caminho a que chamavam Rua. As culturas evoluíram: cana doce; vinho *malvasia*; novamente cana doce, pelo que ali existiram dois engenhos<sup>524</sup>. Na actualidade, a cultura dominante é a bananeira. Em consequência da imprevisibilidade das torrentes da Ribeira da Madalena, a população desta freguesia viveu momentos de sobressalto, ao longo dos tempos, uma vez que várias aluviões causaram destruição e morte.

Mais acima, está a freguesia dos Canhas, num planalto que se estende até ao Paul da Serra. A padroeira é, actualmente, Nossa Senhora da Piedade, porém, aquando da criação da freguesia, era São Tiago Menor<sup>525</sup>. Ali, predomina a agricultura e a criação de gado. A propósito, refira-se que, noutros tempos, os pastores locais, juntamente com outros dos concelhos vizinhos, juntavam-se nas célebres tosquias do Lajeado. Nesse evento, ocorriam mais de 8.000 reses de gado ovelhum, e tinha lugar no Campo Grande. Segundo a tradição popular, esse era também o local onde, à noite, se

---

<sup>521</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op cit., p. 62.

<sup>522</sup> KIELANOWSKI, Leopold (1991), *A Odisseia de Ladislau O Varnense*, (trad.) Teresa Fernandes Swiatkiewicz (1996), Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, p. 109.

<sup>523</sup> RIBEIRO, João Adriano (1993), *Ponta do Sol – Subsídios para a História do Concelho*, Câmara Municipal da Ponta do Sol, pp. 26-27.

<sup>524</sup> RIBEIRO, João Adriano (1992), *A Cana-de-Açúcar na Madeira*, op. cit., 27-53.

<sup>525</sup> PITA, Gabriel de Jesus (2007), *São Tiago (Menor): o primeiro orago da Paróquia dos Canhas*, Paróquia dos Canhas, p.8.

juntavam as feiticeiras. No litoral desta freguesia está a Fajã dos Anjos, um lugar que produzia bom *malvasia*. Era o porto daquela localidade, onde está uma capela dedicada esta Senhora. Também existiu ali um engenho que pertenceu, juntamente com os terrenos adjacentes, a Júlia de França Neto<sup>526</sup>, célebre cantora lírica, em meados do século XIX.

Passando a Ribeira de São Tiago, está a freguesia da Ponta do Sol, que é sede concelhia desde 1501, e sede de comarca desde 1875<sup>527</sup>. A Oeste está o Lombo das Terças, com algumas quintas pitorescas, como seja a do Lombo de São João. Esta freguesia também estava ligada ao Paul da Serra, através de um caminho. Os pontasolenses de Oitocentos viviam da agricultura e da criação de gado. Realizavam as tosquiadas na Bica da Cana, limite da localidade, conhecida pela casa de abrigo e campo experimental de Agricultura.

Desta parte da ilha, Rodrigo Anes, o Coxo, foi primeiro povoador, e os nomes dos sítios vão indicando outros que foram seus parceiros. A igreja, perto do mar, é de invocação a Nossa Senhora da Luz. Junto à costa, havia um caminho que se dirigia ao cais que se denominou de Duque de Leuchtenberg, por este ter contribuído com donativos para a sua finalização, que aconteceu em 1849<sup>528</sup>. O primeiro cais construído fora do Funchal permitia um desembarque cómodo, sobretudo às mulheres, que podiam fazê-lo com um simples passo, em vez de serem carregadas aos ombros dos barqueiros que, regularmente, se apresentavam descompostos.

Do lado de lá, da Ribeira da Ponta do Sol, eram os morgadios da Lombada e do Jargão. O primeiro era o mais famoso e pertencia a João Esmeraldo, um flamengo cuja família teve um aparatoso solar e a capela do Espírito Santo<sup>529</sup>. Narram as crónicas que este grande produtor de cana-de-açúcar tinha muitos escravos. O seu nome foi atribuído a uma das ruas do Funchal, onde tinha uma casa na qual, supostamente, vivera Cristóvão Colombo, descobridor das Américas. Curiosamente, os morgadios da Lombada e do Jargão, pertenceram ao concelho do Funchal, até 1835. Para Sul está o

---

<sup>526</sup> RIBEIRO, João Adriano (2002), *A Fajã dos Padres*, Sociedade Agrícola, p. 44.

<sup>527</sup> CARITA, Rui (2008), *História da Madeira – O longo século XIX: do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834-1910)*, Vol. VII, Secretaria Regional da Educação e Cultura, p. 320.

<sup>528</sup> RIBEIRO, João Adriano (1993), *Ponta do Sol*, op. cit., p. 181.

<sup>529</sup> CAETANO, João Vieira, org. PITA, Gabriel de Jesus, (2007), *Notas Históricas e outras Histórias da Ponta do Sol*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, p. 17.

Lugar de Baixo, junto ao mar, local que apresenta o melhor clima da Madeira, tendo ali existido uma capela dedicada a Santo António.

Quadro 8. Evolução demográfica, no século XIX: Ponta do Sol.<sup>530</sup>

	Ponta do Sol	Canhas	Madalena do Mar	<b>Total</b>
<b>1811</b>	3.545	3.252	631	7.430
<b>1878</b>	5.144	3.315	901	8.360

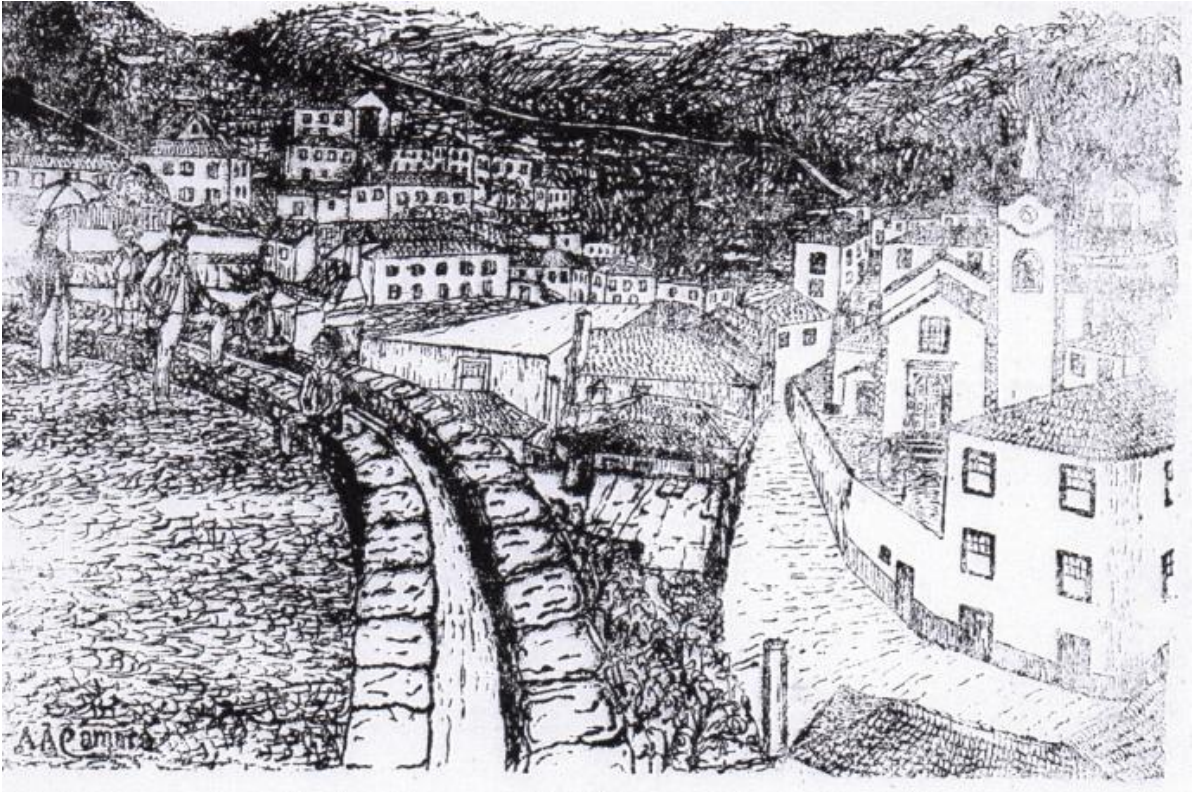
### 3.7.1. AS GRAVURAS

Na *Revista Madeirense* identificou-se, relativamente à Ponta do Sol, a gravura n.º 1<sup>531</sup> cuja autoria pertence a A. Agostinho da Câmara, elaborada a partir de uma fotografia de A. Santos.

---

<sup>530</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 61.

<sup>531</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 1º Ano, n.º 23, 28/04/1901, p. 177.



*39. Ponta do Sol - Madeira.*

### 3.8. RIBEIRA BRAVA

A partir da Ribeira da Caixa, no Lugar de Baixo, está a freguesia da Tabua, de invocação à Santíssima Trindade. Uma caudalosa ribeira percorre esta localidade e, por vezes, causa inundações na foz, onde está a igreja e o cemitério. Nesta igreja está uma pintura que retrata um naufrágio. De paisagens pitorescas, a freguesia prolonga-se até as serras, nas faldas do Paul da Serra, onde se situa a casa de abrigo do Lombo do Mouro. Já no século XX, esta freguesia ficou conhecida pelos seus grupos de castanholas, muito participados, que faziam estrondo em missas do parto locais e nas freguesias limítrofes<sup>532</sup>. Também participavam na festa de São Pedro, na Ribeira Brava, na qual, em 1946, participou um grupo de castanholas constituído por 300 elementos<sup>533</sup>.

Partindo dali, um alcantilado para o mar separa esta freguesia da seguinte, a Ribeira Brava. O primeiro sítio desta freguesia é o da Apresentação, que se estende encosta acima até ao Lugar das Curvas, um povoado muito interessante. No fundo do vale está a caudalosa ribeira que dá nome ao concelho, cuja nascente se situa nas partes altas, entre a Encumeada e as serras do Estreito. Recebendo água de vários córregos, precipita-se até ao mar, num percurso que, por diversas vezes, foi manchado de destruição e de morte. Na foz está o casario desta freguesia, cuja fertilidade das terras era bem conhecida e que, desde tempos remotos, abastecia a cidade do Funchal. De invocação a São Bento, a igreja matriz assenta sobre uma antiga capela dedicada a este santo, fundada por volta do terceiro quartel do século XV, sofrendo profundas reformulações ao longo dos séculos seguintes<sup>534</sup>. Contudo, a festividade local mais concorrida, mesmo antes da navegação costeira a vapor, era a de São Pedro, protector dos homens do mar. Nesta romaria, é tido como particular a *Dança das Espadas*, tradição que ocorreu, de forma regular, até 1946<sup>535</sup>. Recentemente, retomou-se esse costume.

---

<sup>532</sup> RIBEIRO, João Adriano (1998), *Ribeira Brava – Subsídios para a História do seu Concelho*, Câmara Municipal da Ribeira Brava, p. 123.

<sup>533</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 69.

<sup>534</sup> MATOS, António Marinho (2003), *Ribeira Brava: Evangelização, Devoção e Património Cultural - subsídios para a história da sua paróquia*, Paróquia da Ribeira Brava – Diocese do Funchal, p. 55.

<sup>535</sup> CAMACHO, Rui e TORRES, Jorge, «A Dança das Espadas da Ribeira Brava – Apontamentos para o seu Estudo», Funchal, *Revista Xarabanda*, n.º 8, 1995, p. 32.

Impõe-se referir uma figura que se destacou na Ribeira Brava, do qual foi principal impulsionador da elevação a concelho, em 1914<sup>536</sup>: Francisco Correia de Herédia, comumente conhecido por Visconde da Ribeira Brava. Foi um homem de vasta cultura. Dedicado ao desporto, praticava esgrima. Foi deputado às Cortes, e também em legislaturas do regime republicano. Era um insigne escritor, com várias publicações. Presidiu à Junta Agrícola da Madeira, entidade responsável pelo início da estrada que ligou a Ribeira Brava a São Vicente<sup>537</sup>. Republicano de formação, que fazia da causa uma justa luta. Era um homem empreendedor, sendo acusado do derrube da monarquia e mesmo do regicídio<sup>538</sup>. É merecedor de um grande estudo bio-bibliográfico que, até hoje, ainda não foi realizado. Só um espírito mal intencionado poderia criticar este notável, o qual, possuía um verdadeiro sentido de Estado.

Seguindo para o lado do Funchal, está os sítios de São João e de São Paulo, hoje separados em duas paróquias, com muitos habitantes. Para trás, ficou a Serra de Água, freguesia de invocação a Nossa Senhora da Ajuda. A partir da Meia Léguas, esta localidade, que se estende ao longo da já referida e imprevisível ribeira, está entalada entre os alcantilados da Tabua e da Ribeira Brava. Ali se produzem muitas castanhas e cerejas. Dos penhascos, acima do casario, não é raro se desprenderem pedras, ou até quebradas. Este extenso vale, com rochas vertiginosas, como sejam a Rocha de Nossa Senhora, e a Crista do Galo, faz lembrar certas paisagens da Suíça.

Seguindo na orla marítima, em direção ao Funchal, está a freguesia do Campanário, moldada por dois grandes vales, que se precipitam num alcantilado sobre o mar. Perto da foz de uma dessas ribeiras, havia um desembarcadouro que, outrora, foi muito frequentado, por ali se carregarem os legumes, nas embarcações com destino à cidade. Uma quantidade de furnas, escavadas em pleno cerro, serviam para guardar apetrechos de pesca e mercadorias<sup>539</sup>. Também serviam para armazenar géneros alimentícios, que as mesmas embarcações traziam na volta. Esses bens saíam dali para as diversas vendas da freguesia<sup>540</sup>.

---

<sup>536</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 69.

<sup>537</sup> PAIS, Teresa, «Perfil do Político Visconde da Ribeira Brava», *Atlântico – Revista de Temas Culturais*, n.º 3, Funchal, 1985, pp. 218-223.

<sup>538</sup> RIBEIRO, João Adriano (1998), *Ribeira Brava*, op. cit., p. 298.

<sup>539</sup> GONÇALVES, João Luís Rodrigues (2009), *Campanário – A Freguesia e a sua Gente*, 2ª ed., Junta de Freguesia do Campanário, p. 80.

<sup>540</sup> RIBEIRO, João Adriano (1998), *Ribeira Brava*, op. cit., p. 204.

Ao Campanário pertence a Fajã dos Padres que, outrora, produzia o melhor *malvasia* da ilha. Esta propriedade pertenceu a Jaime de França Neto, figura muito curiosa, natural dos Canhas, que foi administrador do concelho da Ponta do Sol, pai da citada cantora Júlia de França Neto<sup>541</sup>. Para chegar a esta fajã, percorriam-se veredas vertiginosas, a partir da Quinta Grande. Ou então seguia-se através do calhau, a partir do porto do Campanário. A dificuldade no acesso, não impedia de ali se deslocarem as saloias que, entoando cantigas, acompanhavam o Espírito Santo representado em bandeiras. Alguns naturais do Campanário destacaram-se no Brasil, no período pós-independência. Um deles, Dom Mateus de Abreu Pereira (1742-1824), foi o quinto bispo de São Paulo<sup>542</sup>. Infelizmente, por cá, nem uma rua existe com o seu nome.

Quadro 9. Evolução demográfica, no século XIX: Ribeira Brava.<sup>543</sup>

	Ribeira Brava	Campanário	Serra de Água	Tabua	<b>Total</b>
<b>1811</b>	2.768	2.156	907	1.443	7.274
<b>1878</b>	3.888	2.836	1.635	1.983	10.342

### 3.8.1. AS GRAVURAS

As gravuras n.º 1<sup>544</sup> e n.º 2<sup>545</sup> provêm da mesma fonte. A primeira, mostra um de dois castanheiros que havia no Campanário, cujas proporções eram colossais. A segunda ilustra a Rocha Alta, na Encumeada. Foram desenhadas, respectivamente, por P. Langlois e por T. Taylor, a partir de fotografias. A ilustração n.º 3<sup>546</sup> corresponde a uma xilogravura de autor desconhecido. Foi retirada de um periódico regional, e mostra a vila da Ribeira Brava.

<sup>541</sup> RIBEIRO, João Adriano (2002), *A Fajã dos Padres*, op. cit., p. 42.

<sup>542</sup> CLODE, Luiz Peter (1983), *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*, Caixa Económica do Funchal, s.d., p. 13.

<sup>543</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 67.

<sup>544</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 79.

<sup>545</sup> Idem, p. 96.

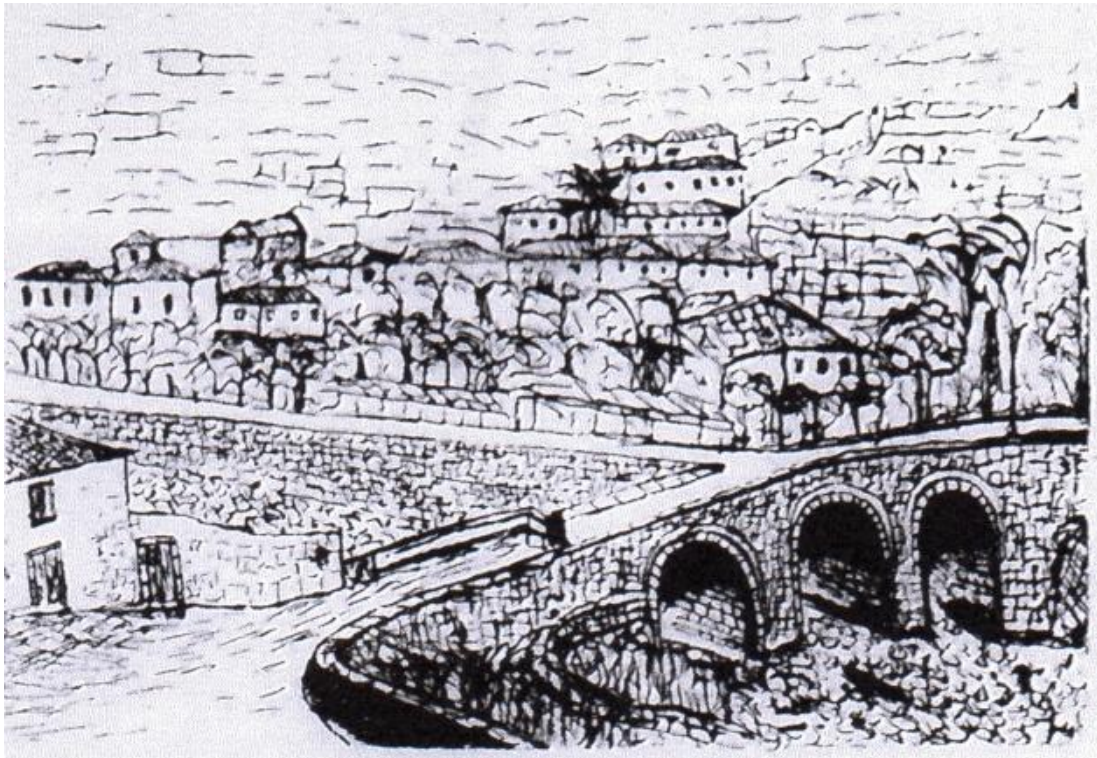
<sup>546</sup> *Revista Madeirense*, 2º Ano, n.º 63, 09/02/1902, p. 83.



40. *Le grand châtaigner de Campanario.* [sic]



41. *Rocha Alta.*



42. *Ribeira Brava.*

### 3.9. CÂMARA DE LOBOS

No limite do concelho de Câmara de Lobos está uma capela, de meados do século XV, de invocação a Vera Cruz. O seu nome já identificou a localidade, antes da actual designação da freguesia, Quinta Grande, que alude à extensa fazenda que ali existira, pertença dos Jesuítas. De invocação a Nossa Senhora dos Remédios, trata-se de uma freguesia que foi crescendo depois da expulsão da referida ordem religiosa, em 1759. No século XIX, esta freguesia era conhecida por ali existir um possante castanheiro, que também foi retratado nas gravuras de Oitocentos. O seu tronco era oco, acessível através duma porta. O seu interior foi utilizado como depósito de produtos e utensílios da lavoura e, igualmente, como curral. A Quinta Grande não confronta com o mar, porém estende-se até à designada Cama do Bispo. Dali para o mar, é a Fajã dos Padres, de que já se tratou. No limite da freguesia está uma elevação a que chamam Pico do Facho, topónimo que comprova o que por ali se fazia antigamente.

A partir dali, está a freguesia de Câmara de Lobos, a sede do concelho, com uma igreja de invocação a São Sebastião. Para o lado do mar, está o vertiginoso alcantilado Cabo Girão, que se eleva a 580 metros de altitude. Tal promontório figura em muitas gravuras do século XIX. Abaixo está o Rancho, sítio que designava um grupo de cabouqueiros, que trabalhavam na extracção da famosa pedra de cantaria de cor vermelha, ou clara. Esta pedra foi usada em muitas construções, entre elas, a Sé do Funchal<sup>547</sup>. Dessa pedreira saíam os melhores fornos para cozer pão, além de fornalhas, pedra do bolo do caco e filtros para tanques de água<sup>548</sup>. Já no século XX, descalçada a pedreira, devido à grande extracção de pedra, um grande morro desabou e, o impacto no mar, criou tal ondulação que matou 19 pessoas, entre mulheres que lavavam, e crianças que brincavam, no calhau do Vigário<sup>549</sup>.

Seguindo para o interior, está a Cruz da Caldeira, e logo acima, o Garachico, um lugar que foi habitado, nos primórdios do povoamento, pelos escravos guanches

---

<sup>547</sup> RIBEIRO, João Adriano (2003), *A Pedra de Cantaria na Madeira*, Editorial Calcamar, Funchal, pp. 53-57.

<sup>548</sup> FERNANDES, Danilo, «A Pedreira do Cabo Girão», *Girão, Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. II, n.º 3, Câmara de Lobos, 2º Semestre de 2006, p. 69.

<sup>549</sup> FREITAS, Manuel Pedro Silva, «A vaga da Morte», *Girão, Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. II, n.º 2, Câmara de Lobos, 1º Semestre de 1989, p. 52-54.

originários de Canárias. Junto ao mar, desde 1835, estava a vila, agora cidade. Nos arredores, no século XIX, haviam pitorescas quintas, e a população dividia-se, maioritariamente, entre a agricultura e a pesca. Porém, ali se desenvolviam também outras actividades e ofícios, e segundo uma estatística de 1863, a freguesia tinha: 30 moinhos; 12 lagares de uvas; e 13 teares de lã e linho<sup>550</sup>.

Era um dos maiores centros piscatórios da Madeira, com o casario que se distribui através das estreitas ruelas, e duas capelas: uma de invocação a Nossa Senhora da Conceição, e outra ao Espírito Santo. O abrigado porto possui muitas embarcações de pesca, algumas das quais costumavam ir pescar às Desertas, onde permaneciam alguns dias. Os barcos de Câmara de Lobos são típicos desta zona, e muito manobráveis, sendo designados *xavelhas*<sup>551</sup>. Muitas famílias que subsistiam da pesca, eram de fracos recursos e, bem cedo, começaram a ser apoiadas em termos habitacionais com bairros sociais. Num dos lados da baía estão as salinas, onde se produzia o sal que era usado na conservação do peixe. Ainda hoje, é muito conhecido o designado peixe *Gata*, salgado e seco ao sol, também conhecido por *bacalhau de Câmara de Lobos*. Neste lugar, existe um antigo forno de cal, um dos poucos que, pela ilha, ainda estão de pé. Para cima estão os sítios da Trincheira e do Espírito Santo.

Seguindo para o interior, está o Pico da Torre e, na sua base, a igreja que, outrora, pertenceu ao convento de São Bernardino. Ali, se celebrou Frei Pedro da Guarda, cujo nome foi, por diversas vezes, proposto para beatificação, porém nunca atingiu tal reconhecimento<sup>552</sup>. Para o lado da Ribeira dos Socorridos, estão os sítios da Lourencinha e Palmeira, de onde se extraía a pedra de cantaria rija, ou escura, usada em muitas habitações da ilha.

Acima da Ponte dos Frades está a freguesia do Estreito de Câmara de Lobos, de invocação a Nossa Senhora da Graça. Cedo, foi um lugar farto no cultivo de legumes, onde também se produzia grande quantidade de bons vinhos. Nas partes altas vegetam, sobretudo, as cerejeiras. Tinha quintas pitorescas, algumas aparatosas, como a do Jardim da Serra, propriedade do cônsul inglês Henry Veitch, que ali foi sepultado.

---

<sup>550</sup> RIBEIRO, João Adriano, «Indústria e Manufatura no Concelho de Câmara de Lobos, no Séc. XIX», *Girão, Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. I, n.º 9, Câmara de Lobos, 2º Semestre de 1992, p. 431- 435.

<sup>551</sup> BARROS, Carlos Alberto Pestana, «O barco Xavelha», *Girão, Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. II, n.º 2, Câmara de Lobos, 1º Semestre de 2006, p. 89-92.

<sup>552</sup> VERÍSSIMO, Nelson (2002), *O Convento de S. Bernardino, em Câmara de lobos: Elementos para a sua História*, Câmara de Lobos, Paróquia de Santa Cecília, pp. 83-91.

Existiam muitos terrenos de colônia, fosse no Cabo Podão, ou na Fajã das Galinhas. Destas localidades emigraram muitos, para todos os cantos do mundo. Alguns deles tornaram-se empresários de sucesso na Venezuela. Quase no limite da actual freguesia do Jardim da Serra, está um sítio denominado Boca dos Namorados. Por ali passavam os viandantes que seguiam para o Norte da ilha, através da Encumeada, ou seguiam para o Curral das Freiras, descendo em ziguezague.

A freguesia do Curral das Freiras é de invocação a Nossa Senhora do Livramento, cuja paróquia foi fundada em 1782<sup>553</sup>. Esta localidade é rodeada por montanhas, e estende-se nas margens da Ribeira dos Socorridos. No centro do vale está uma espécie de fajã, onde se aglomera o casario. A população vem aumentando ao longo dos tempos, mas os recursos são sempre escassos devido ao acidentado do terreno. O próprio nome da freguesia indica que esta localidade pertencia ao convento das freiras de Santa Clara, com sede no Funchal. Por ali viviam, noutros tempos, escassos colonos que trabalhavam a terra e criavam cabras nos alcantilados. Muitos foram os que caíram nos penhascos, na labuta pela subsistência. Desde o centro da povoação, um caminho de 36 voltas, subindo em ziguezague, levava os naturais e viandantes até à Eira do Serrado. Ali, existe um miradouro, mandado construir pelo governador José Silvestre Ribeiro, em 1852<sup>554</sup>. São muitas as gravuras do vale do Curral das Freiras, algumas com pormenores burlescos, que evidenciam as dificuldades com que se deparavam os que, de e para, ali se deslocavam. Muitos dos que visitaram a ilha, no século XIX, visitaram o Curral das Freiras, e dos que escreveram as suas memórias, nenhum ficou indiferente aos prodígios paisagísticos que a natureza ali operou.

Quadro 10. Evolução demográfica, no século XIX: Câmara de Lobos.<sup>555</sup>

	Câmara de Lobos	Estreito	Quinta Grande	Curral das Freiras	<b>Total</b>
<b>1811</b>	3.038	3.307	--	275	6.620
<b>1878</b>	5.819	4.585	887	1.135	12.426

<sup>553</sup> SANTOS, Manuela, «Notas sobre a Freguesia do Curral das Freiras», *Girão, Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. II, n.º 2, Câmara de Lobos, 1º Semestre de 1989, p. 39-42.

<sup>554</sup> WHILHELM, Eberhard Axel (1999), *Curral das Freiras – Visão dos Viajantes Estrangeiros*, Funchal, Editorial Calcamar, p. 7.

<sup>555</sup> RIBEIRO, João Adriano (1996), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, op. cit., p. 71.

### 3.9.1. AS GRAVURAS

As gravuras n.º 1<sup>556</sup> e n.º 2<sup>557</sup> foram desenhadas Taylor, a partir de fotografias. Na primeira é possível observar a baía de Câmara de Lobos e o Cabo Girão, e a segunda mostra um determinado sítio no Curral das Freiras.

As três gravuras seguintes, a n.º 3<sup>558</sup>, n.º 4<sup>559</sup> e n.º 5<sup>560</sup>, apresentam a mesma paisagem. Possivelmente foram executadas a partir de fotografias iguais. As ilustrações n.º 3 e a n.º 4 apresentam, originalmente, legendas erróneas.

Algumas das gravuras mais antigas, referentes a localidades do actual concelho de Câmara de Lobos, dizem respeito a vistas sobre o Curral da Freiras. São os casos das gravuras n.º 6<sup>561</sup> e n.º 7<sup>562</sup>, ambas de autor desconhecido.

A vila e, ao fundo, o Cabo Girão surgem nas ilustrações n.º 8<sup>563</sup> e n.º 9<sup>564</sup>. É desconhecida a autoria da primeira. A segunda está assinada por Pastor, e foi copiada a partir de uma fotografia de Camacho.

As quatro gravuras seguintes derivam da mesma fonte, e foram elaboradas por G. Pearson e J. Cooper, a partir de desenhos de R. T. Pritchett. A gravura n.º 10<sup>565</sup> ilustra a travessia da Ribeira dos Socorridos. A n.º 11<sup>566</sup> mostra um grupo de pessoas fazendo um piquenique no Cabo Girão. A gravura n.º 12<sup>567</sup> refere-se às cabanas onde viviam os camponeses. A gravura n.º 13<sup>568</sup> reporta-se a um cortejo fúnebre<sup>569</sup>.

No periódico *Semana Illustrada* foram identificadas as gravuras n.º 14<sup>570</sup> e n.º 15<sup>571</sup>, ambas da autoria de Luiz Antonio Bernes. No *Jornal de Domingo*, por sua vez,

---

<sup>556</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 77.

<sup>557</sup> Idem, p. 95.

<sup>558</sup> Periódico *The Graphic*, 12/01/1883, p. 52.

<sup>559</sup> Idem, 20/11/1886.

<sup>560</sup> Periódico *O Occidente*, 19º Ano, Volume XIX, n.º 646, 05/12/1896, p. 268-269.

<sup>561</sup> WILKES, Charles, op. cit., p. 12.

<sup>562</sup> *The Leisure Hour A Family Journal of Instruction and Recreation*, n.º 408, 20/10/1859.

<sup>563</sup> S., G. W. Benjamin, op. cit., p. 109.

<sup>564</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 666.

<sup>565</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 35.

<sup>566</sup> Idem, p. 37.

<sup>567</sup> BRASSEY, Annie (1885), op. cit., p. 38.

<sup>568</sup> Idem, p. 40.

<sup>569</sup> Deparam-se com o cortejo quando a comitiva preparava-se para regressar ao Funchal. Uma criança havia falecido, e o cadáver era transportado num andor por quatro crianças, com os braços cruzados sobre o peito, todo envolvido em renda branca.

<sup>570</sup> Periódico *Semana Illustrada*, 1º Ano, n.º 19, 07/08/1898, p. 147.

<sup>571</sup> Idem, 1º Ano, n.º 28, 09/10/1898, p. 217.

foi identificada a gravura n.º 16<sup>572</sup>, executada segundo por gravador desconhecido, segundo uma fotografia de Camacho.

Outra vista sobre a baía e vila de Câmara de Lobos surge na gravura n.º 17<sup>573</sup>, cuja autoria pertence a A. Agostinho da Câmara, que a gravou segundo uma fotografia de Joaquim A. Sousa.

A ilustração n.º 18<sup>574</sup> apresenta uma gravura de autor desconhecido, referente a uma quinta no Jardim da Serra. O artigo que acompanha a gravura informa a respeito do sítio, e do proprietário que encetou tentativas para ali criar uma plantação de chá.

A gravura n.º 19<sup>575</sup> mostra uma expedição ao Curral da Freiras. A autoria desta litografia pertence a Léon Benett. Na gravura n.º 20<sup>576</sup> pode-se observar o calhau do Vigário, a igreja e parte do Ilhéu, em Câmara de Lobos. Trata-se de uma cromolitografia, cujo é autor desconhecido.

A ilustração n.º 21<sup>577</sup>, presente numa edição da *Revista Girão*, e também de autor desconhecido, apresenta uma gravura da vila de Câmara de Lobos, data de 1890, aproximadamente.

---

<sup>572</sup> Periódico *Jornal de Domingo*, 2ª Série, Ano I, n.º 3, 03/04/1887, p. 17.

<sup>573</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 1º Ano, n.º 22, 21/04/1901, p. 169.

<sup>574</sup> *O Panorama*, Volume V, publicado de Janeiro a Dezembro de 1841, p. 217.

<sup>575</sup> VERNE, Jules (1907), *L'Agence Thompson & Co.*, Paris, Hetzel.

<sup>576</sup> WAGNER, Leopoldo, op. cit..

<sup>577</sup> *Girão*, *Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, n.º3, dir. de Manuel Pedro S. Freitas, Grupo Desportivo do Estreito de Câmara de Lobos, 2.º Semestre de 1989.



1. *Cabo Girão.* [sic]



43. *Le Grand Curral.* [sic]



3. *Funchal from the Rua do Carmo.* [sic]



4. *The town of Funchal.* [sic]



5. *Villa de Camara de Lobos.* [sic]



6. *Descent into the Curral.* [sic]



7. *View of the Curral.* [sic]



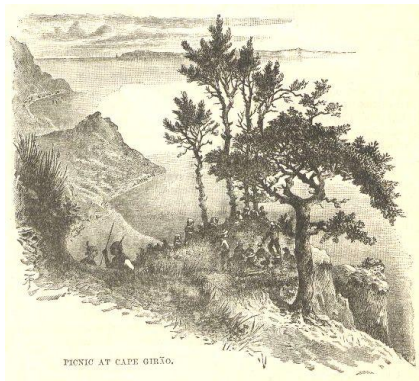
8. *Village of Cama do Lobos.* [sic]



9. *Camara de Lobos, Cabo Girão e Ponta d' Agua.* [sic]



10. *Socorridos.*



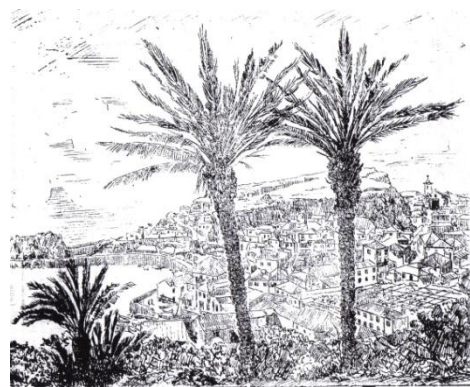
11. *Pic-nic at Cape Girão.* [sic]



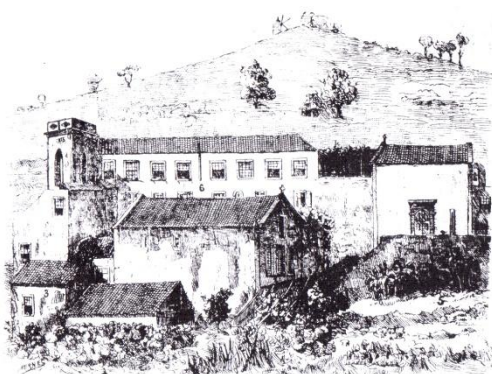
12. *Mountain Huts.*



13. *Child's Funeral.* [sic]



14. *A Villa de Camara de Lobos.* [sic]



15. *Convento São Bernardino.*



16. *Ribeira do Cidrão.*



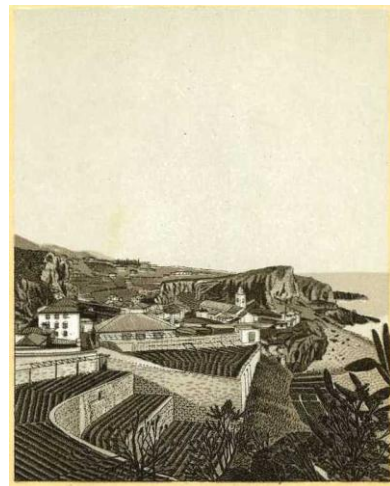
17. *Camara de Lobos - Madeira.* [sic]



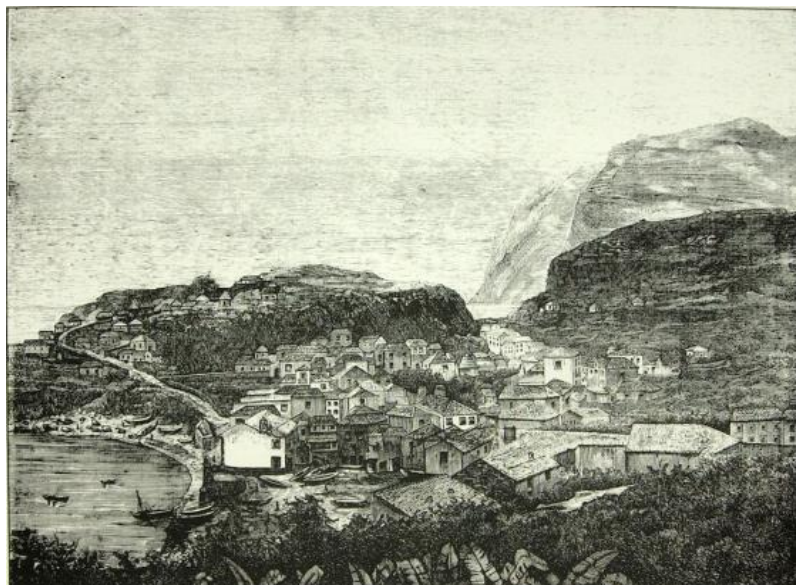
18. *Casa de campo no Jardim da Serra.*



19. *Le Curral das Freias.* [sic]



20. *Camara de Lobos.* [sic]



21. *Vila de Câmara de Lobos.*

### 3.10. PORTO SANTO

Passando a Ponta de São Lourenço, na ilha da Madeira, está o mar da Travessa, conhecido pelas suas águas revoltas, que pouco facilitam à navegação. Depois desta turbulência está o Ilhéu de Baixo, ou da Cal, do qual, como o seu nome indica, se extraía pedra calcária para a laboração nalguns fornos de cal da Madeira<sup>578</sup>. Ali existiam cerca de seis casas, que serviam para os cabouqueiros de cada empresário pernoitarem<sup>579</sup>. Este ilhéu é separado da ilha do Porto Santo por um estreito, o Boqueirão da Ponta. A partir dali, é a longa praia de areia amarela com, aproximadamente, 7 km de extensão.

Olhando desde o mar, o Porto Santo descreve-se num conjunto de picos, que vão descendo até à longa praia. O ponto mais alto é o Pico do Facho, com 517 metros, cujo topónimo alude às fogueiras que ali, e noutros pontos do arquipélago, se faziam, alertando a população da aproximação de piratas. Desde há um século, este pico vem sendo reflorestado, valendo-se, sobretudo do empenho de António Schiappa de Azevedo. Depois são os picos e cabeços cuja toponímia alude a algumas mulheres que se destacaram nesta ilha: Pico de Ana Ferreira; Cabeço de Bárbara Gomes; Pico da Juliana. Além destes, existe o Pico Branco, uma grande elevação, onde se podem encontrar fósseis marinhos, o que demonstra que esta parte já esteve submersa.

O Porto Santo foi um dos três primeiros concelhos criados no arquipélago, justificando-se, apesar da sua escassa população, por se localizar num lugar estratégico. Era um terreno muito estéril, devido à falta de água. Quando não chovia, as culturas rareavam e, portanto, a população padecia fome. As fontes não eram abundantes, e cedo se construiu uma represa que deu nome ao sítio: Tanque. Ainda assim, a água continuou a ser insuficiente para o regadio, bem como para o uso doméstico.

A ilha do Porto Santo foi saqueada, diversas vezes, por piratas argelinos. Numa dessas investidas, em 1617, foram levadas cerca de 900 pessoas para o cativeiro, o que quer dizer que poucos habitantes sobraram na ilha. De certo modo, procedeu-se ao repovoamento. Ainda assim os problemas com ataques persistiram.

---

<sup>578</sup> RIBEIRO, João Adriano (1997), *Porto Santo – Aspectos da sua Economia*, Câmara Municipal do Porto Santo, p. 37.

<sup>579</sup> *Idem*, p. 41.

A população subsistia da agricultura e da criação de gado. Poucos se dedicavam ao comércio, e as propriedades pertenciam a um punhado de habitantes. Um alvará, em 1770, privilegiava aquele território, suspendendo os direitos do donatário, e diminuindo os valores dos foros que os colonos tinham de pagar aos senhorios, que eram quase todos da ilha da Madeira, sendo o Convento da Encarnação, o maior deles<sup>580</sup>.

Uma vez que a água escasseava, o sistema de moagem não apoiado na força humana, foi o das atafonas, a alternativa mais solicitada face aos moinhos de mão e almofarizes. Só por volta de 1780, com o apoio da Câmara municipal, se construiu o primeiro moinho de vento<sup>581</sup>. A partir de então, surgiram vários, e segundo textos estrangeiros, a ilha do Porto Santo era reconhecida, desde o horizonte, pelos seus moinhos de vento.

Devido à abundância de pedra calcária, a ilha viveu uma época verdadeiramente industrial. Com carvão de pedra importado da Inglaterra, no século XIX e princípios do século XX, chegaram a laborar 17 fornos de cal<sup>582</sup>.

Os mares desta ilha são abundantes em peixe, porém nunca existiu uma grande tradição piscatória. Um dos factores que fazia os pescadores perderem o entusiasmo pela pesca, era a falta de compradores, devido à pobreza que grassava a ilha<sup>583</sup>. Já no século XX, existiu uma fábrica de conservas que, pelo elevado número de pessoas que empregou, desempenhou um papel importante na economia da ilha<sup>584</sup>.

Distinguem-se diferentes fases, no que diz respeito à emigração da população porto-santense. Porém, um dos destinos mais preferidos foi o Havai, para onde, por volta de 1880, emigrou uma criança que viria a se chamar Dom Estêvão de Alencastre, bispo do Havai<sup>585</sup>.

Desde o século XIX, a ilha do Porto Santo era conhecida como uma estância de veraneio, da qual se destacavam três grandes qualidades: a praia, cuja areia possuía propriedades terapêuticas; as uvas, que eram de sabor extraordinário; e a água, que era indicada para a cura de males gástricos.

---

<sup>580</sup> RIBEIRO, João Adriano (2000), *A Ilha do Porto Santo*, Editorial Calcamar, pp. 25-28.

<sup>581</sup> BRANCO, Jorge Freitas (1987), *Camponeses da Madeira: as bases materiais do quotidiano no Arquipélago (1750-1900)*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, p. 90.

<sup>582</sup> RIBEIRO, João Adriano (1997), *Porto Santo*, op. cit., p. 14.

<sup>583</sup> Idem, p. 133.

<sup>584</sup> Idem, p. 150.

<sup>585</sup> FERREIRA, Fernandes (2004), *Madeirenses Errantes*, Lisboa, Oficina do Livro, p. 246.

A água mineral do Porto Santo, devido às suas propriedades e elevado teor calcário foi, durante muito tempo, aproveitada, e até comercializada<sup>586</sup>. A gastronomia desta ilha apresenta traços muito próprios, toda ela assente nos recursos disponíveis neste pequeno território.

Quadro 11. Evolução demográfica, nos séculos XVIII e XIX: Porto Santo.<sup>587</sup>

Anos	Total	Principais factos
<b>1789*</b>	870	* Grande epidemia
<b>1791</b>	1094	
<b>1850**</b>	1796	** Esterilidade, fome, e chuvas desastrosas, em Dezembro.
<b>1864</b>	1425	
<b>1871</b>	1664	
<b>1873</b>	1716	
<b>1874</b>	1792	
<b>1875</b>	1850	
<b>1876***</b>	1780	*** Forte epidemia, mormente em crianças.
<b>1878</b>	1748	

### 3.10.1. AS GRAVURAS

A gravura n.º 1<sup>588</sup> apresenta uma vista da ilha do Porto Santo, onde se pode observar parte da vila, um moinho e, ao fundo, o Ilhéu da Cal. Desconhece-se a autoria desta gravura, que foi executada a partir de uma fotografia.

Outro panorama da ilha é apresentado na gravura n.º 2<sup>589</sup>, observando-se parte da vila, e o Ilhéu de Cima. De autoria desconhecida, a gravura foi elaborada a partir de uma fotografia de J. F. Nogueira.

As gravuras n.º 3<sup>590</sup> e n.º 4<sup>591</sup>, ambas de autoria desconhecida, mostram aspectos geológicos da ilha do Porto Santo. A primeira refere-se aos picos da ilha, e a segunda à formação de areia numa determinada área.

<sup>586</sup> Idem, pp. 113-125.

<sup>587</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 709.

<sup>588</sup> Periódico *O Occidente*, 19º Ano, Volume XIX, n.º 630, 25/06/1896, p. 141.

<sup>589</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 707.

<sup>590</sup> BOWDICH, T. Edward, *Excursions in Madeira and Porto Santo, during the Autumn of 1823, while on this Third Voyage to Africa*, London, 1825, plate VII-A.

<sup>591</sup> BOWDICH, T. Edward, op. cit., plate VII-B.

Um mapa, a preto e branco, do Porto Santo é apresentado na gravura n.º 5<sup>592</sup>. Contém detalhes topográficos e hidrográficos, além de registos de profundidade. Apresenta, igualmente, um esboço da ilha visto desde Sul.

Uma sequência de perfis de algumas ilhas, entre as quais, o Porto Santo e as Selvagens, é apresentado na xilogravura n.º 6<sup>593</sup>. A fonte não indica a autoria da mesma, apenas data-a do século XVII.

As ilustrações seguintes, a n.º 7<sup>594</sup> e a n.º 8<sup>595</sup> apresentam, uma vista da praia e do Pico Castelo, na primeira, e uma vista da costa norte, na segunda. Ambas são de autor desconhecido.

---

<sup>592</sup> *North Atlantic Ocean. Madeira Islands. Porto Santo Bay*, Por Capt. A. T. F. Vidal R.N. H.M.S., Londres, 1872. Consultado a 01/06/2011, em: <<http://www.gracegalleries.com/images/AT/AT183.jpg>>

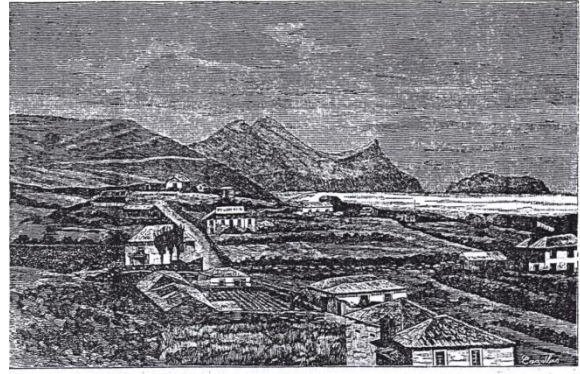
<sup>593</sup> Consultado a 09/02/2011, em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b77597732>>

<sup>594</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 2º Ano, n.º 59, 05/01/1902, p. 51.

<sup>595</sup> *Idem*, 2º Ano, n.º 72, 13/04/1902, p. 153.



44. Archipelago da Madeira – Ilha de Porto Santo. [sic]



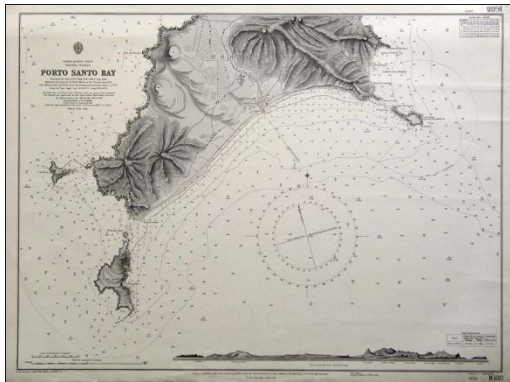
45. Entrada oriental da Villa do Porto Sancto; a bahia e o Ilhéu de Cima. [sic]



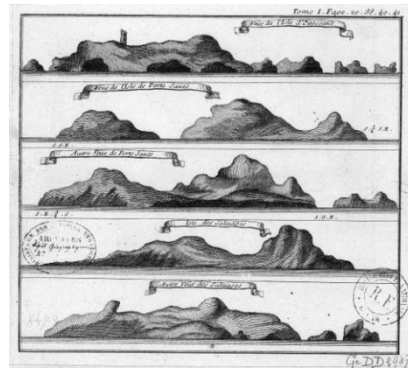
46. Hills of porto santo. [sic]



47. Sand formation on the same island. [sic]



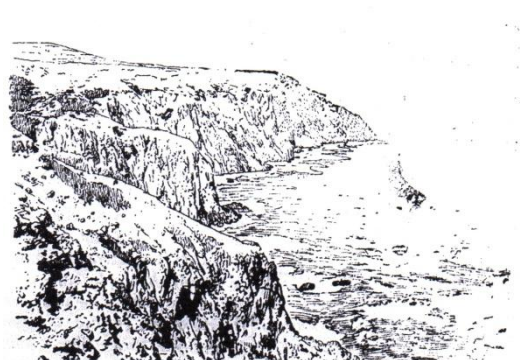
5. Porto Santo Bay. [sic]



6. Veüe de l'isle d'Ouossant, veüe de l'isle de Porto Santo, autre veüe de Porto Santo, isle des Saluages, autre veüe des Saluages. [sic]



7. Pico do Castelo – Porto Santo.



8. Uma parte da Costa – Porto Santo.



### 3.11. DESERTAS

Três grandes rochedos constituem as Desertas, pequenas ilhas observáveis, na orla marítima, desde Câmara de Lobos até à Ponta de São Lourenço. A relativa proximidade com esta Ponta, e o levantamento hidrográfico demonstra que, há milhões de anos, estes rochedos ligavam-se à ilha da Madeira. O Ilhéu do Bugio, que está mais a Sul, é vertiginosamente alcantilado. Deste, os antepassados aproveitaram a urzela e as cabras, cuja raça era particular destas ilhas.

Consta que a Deserta Grande chegou a ser povoada por pescadores<sup>596</sup>, e tinha dois caminhos que levavam os viandantes até à parte alta da ilha, que se estende numa espécie de planalto. A sua linha costeira é, praticamente, toda alcantilada, à excepção de uma fajã que se formou, no século XIX, após uma quebrada. Por ali se caçavam coelhos, cabras, e também se apanhava urzela, uma planta tintureira, que era depois exportada para Londres<sup>597</sup>.

Dos três rochedos, o mais pequeno é o Ilhéu Chão, que não teve grande significado económico. Além deste, existe uma elevação, designada Prego do Mar, cujo nome faz jus à sua forma.

O mar das Desertas era abundante em peixe, pelo que existiam embarcações da Madeira, designadas por *deserteiros*<sup>598</sup>, por efectuarem deslocações as estas ilhas, de onde se almejava trazer uma boa safra de peixe salgado. Barqueiros de Câmara de Lobos chegavam a permanecer, por aqueles lados, até 15 dias. Dali regressavam com muito peixe. Havia ainda a exploração das cagaras (*Calonectris diomedea borealis*), aves que eram vendidas secas e salgadas, e das quais se extraía óleo<sup>599</sup>.

Estas ilhas, também serviram como ponto partida para outras paragens, por muitos madeirenses que, clandestinamente emigraram. Uma vez naquelas ilhotas, os que queriam partir, embarcavam no lado costeiro que não é visível desde a Madeira, como tal, afastado do olhar das autoridades.

---

<sup>596</sup> Periódico *Revista Madeirense*, 15/09/1901.

<sup>597</sup> RIBEIRO, João Adriano (1999), *As Ilhas Desertas*, Editorial Calcamar, p. 25.

<sup>598</sup> Idem, p. 27.

<sup>599</sup> Idem, p. 23.

De entre os melhores escritos sobre estes rochedos, está o do Príncipe Alberto I do Mónaco<sup>600</sup>, que ali empreendeu uma caçada, a convite de alguns empresários opulentos da Madeira.

Mais a Sul, a 163 milhas náuticas da ilha da Madeira, estão as Ilhas Selvagens, um grupo de pequenas ilhotas vulcânicas: Selvagem Grande, Selvagem Pequena e Ilhéu de Fora. Nunca foram povoadas em virtude de serem inóspitas, embora tenha havido tentativas nesse sentido<sup>601</sup>. No passado, tal como nas Desertas, exploraram-se alguns recursos com fins económicos: recolha de urzela; recolha de barrilha (Mesembryanthemum Crystalium e M. nodiflorum), duas plantas do mesmo género, usadas para o fabrico de sabão; pesca e salga de peixe; estrume de cagarra, usado como fertilizante na Madeira; caça às cagaras, cabras e coelhos<sup>602</sup>.

### 3.11.1. AS GRAVURAS

Em Março de 1879, Albert I<sup>er</sup> do Mónaco aportou no Funchal a bordo do seu navio *Hirondelle*. Um livro regista as memórias desse episódio, *La Carrière D'un Navigateur*, e dedica especial relevo à expedição efectuada às Desertas, onde o príncipe caçou. Das 150 gravuras que compõem esse livro, 19 são alusivas à passagem pela Madeira, e 15 referentes à viagem às Desertas. Foram todas desenhadas por Louis Tinayre, e estampadas por Eugène Froment, Ernest Florian Duplessis, Perrichon, Boileau, Pierre Gusman.

A gravura n.º 1<sup>603</sup> mede 18,5x14 cm, e mostra o desembarque nas ilhas Desertas. A n.º 2<sup>604</sup> tem 14,5x13 cm e mostra a difícil escalada das falésias. O príncipe, aguardando o momento para disparar sobre a caça, é apresentado na gravura n.º 3<sup>605</sup> que tem as seguintes dimensões 8,5x7,5 cm.

---

<sup>600</sup> Em *La Carrière D'un Navigateur*, no capítulo intitulado «À La Chasse».

<sup>601</sup> VVAA (2004), *As Ilhas Selvagens*, Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais – Serviço do Parque Natural da Madeira, p. 40.

<sup>602</sup> Idem, pp. 43-44.

<sup>603</sup> ALBERT I<sup>er</sup>, Prince de Monaco, op. cit., p. 85.

<sup>604</sup> Idem, p. 87.

<sup>605</sup> Idem, p. 93.

A gravura n.º 4<sup>606</sup> tem 12,5x9,5 cm, na qual é possível observar um indivíduo a esfolar a caça para assado. A gravura n.º 5<sup>607</sup> mede 8,5x13,5 cm, e reproduz o anoitecer nas Desertas, quando um grupo de homens se reunia à volta de uma fogueira. A gravura n.º 6<sup>608</sup> mede 10x13 cm e retrata Manuel, o cozinheiro, quando ele levava a refeição para a tenda principal.

A gravura n.º 7<sup>609</sup> tem por dimensões 8x13,5cm, e mostra o momento em que um bando de aves marinhas sobrevoa o acampamento. A gravura n.º 8<sup>610</sup>, que mede 10x13,5, cm mostra o regresso dos caçadores ao acampamento. Conforme documenta a gravura n.º 9<sup>611</sup>, com 8x14 cm, um súbito vendaval provocou alguns embaraços ao grupo de caçadores, que se viram em apuros para manter as suas tendas de pé.

Com 9x7 cm, a gravura n.º 10<sup>612</sup> mostra o momento em que o príncipe Alberto faz pontaria sobre a caça. Na gravura n.º 11<sup>613</sup>, que mede 10,5x12,5 cm, vê-se um homem que equilibra sobre a sua própria cabeça, um troféu de caça, ou seja a cabeça de um cabrito. A gravura n.º 12<sup>614</sup> tem 17x13,5 cm e regista a descida das escarpas, quando os caçadores se preparavam para regressar à Madeira.

---

<sup>606</sup> ALBERT I<sup>er</sup>, Prince de Monaco, op. cit., p. 97.

<sup>607</sup> Idem, p. 99.

<sup>608</sup> Idem, p. 101.

<sup>609</sup> Idem, p. 103.

<sup>610</sup> Idem, p. 109.

<sup>611</sup> Idem, p. 111.

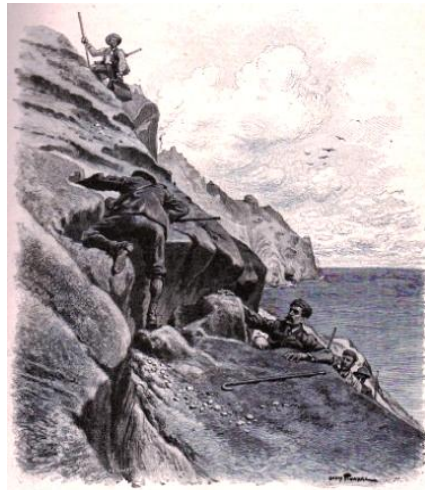
<sup>612</sup> Idem, p. 113.

<sup>613</sup> Idem, p. 115.

<sup>614</sup> Idem, p. 117.



48. *Il nous signifia de le rejoindre par le même chemin.*



49. *On entreprit d'abord l'escalade de plusieurs gradins couverts de scories. [sic]*



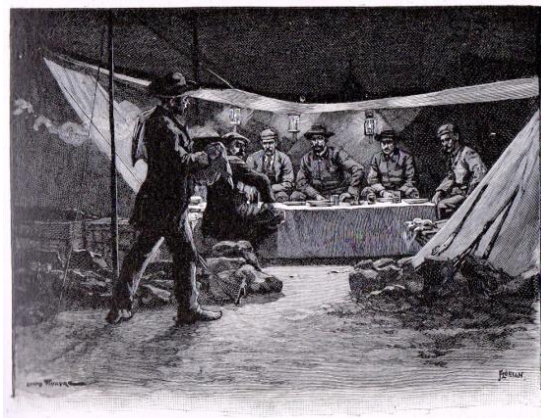
3. *Pendant une heure j'attendis immobile, couché parmi les roches.*



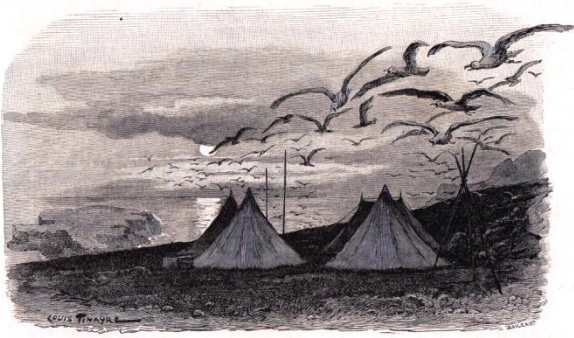
4. *Il saisissait alors entre ses lèvres le couteau sanglant.*



5. *Et les convives, accoudés par terre.*



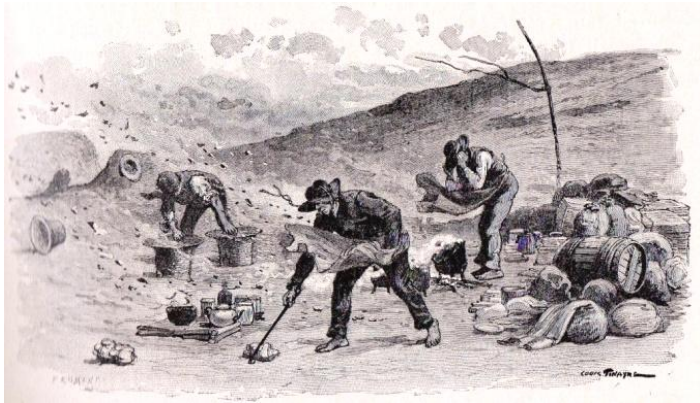
6. *C'était Manoël, qui nous apportait lui-même son premier plat.*



7. C'était un entre-croisement de voix plaintives et narquoises. [sic]



8. Et nous suivions échevelés, la série des crêtes qui nous ramenaient à nos tentes. [sic]



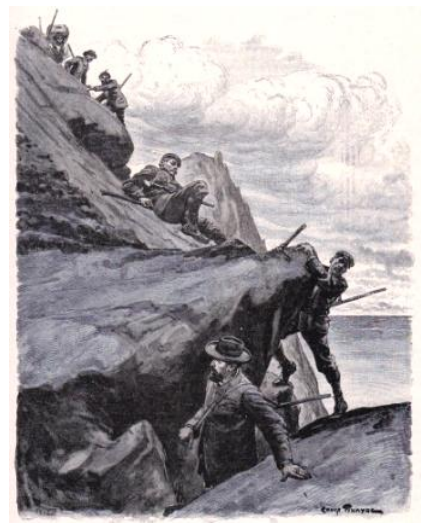
9. Manöel éperdu coutrait après ses colailles qui fuyaient toutes bardées. [sic]



10. L'instant d'arrêt provoqué de la sorte me permit de viser.



11. Il avait fixé sur la sienne cette tête.



12. Tout aussitôt nous fumes engagés sur les pentes successives bordées de précipices.



## 4. FAUNA E FLORA

### 4.1. FAUNA

Os mares do arquipélago da Madeira eram, e continuam a ser, abundantes em espécies animais. Tubarões, cachalotes, tartarugas, caranguejos, caramujos, são alguns exemplos da diversidade de peixes, mamíferos, répteis, crustáceos e moluscos que povoavam as águas oceânicas da Madeira. Alguns textos relatam a existência de seres espectaculares<sup>615</sup>, que existiam junto à costa e provocavam assombro entre os pescadores, como era o caso de um peixe formidável: a uge-manta [sic]<sup>616</sup>.

A pesca fazia-se em pequenos barcos e canoas, junto à costa. As embarcações de pesca de maiores dimensões, eram designadas por *barcos das Desertas*, em virtude de irem fazer pescaria próximo destas ilhotas, nomeadamente do atum<sup>617</sup>. Apesar do fácil acesso ao mar e da abundância e variedade de peixe na costa madeirense, a pesca era diminuta.

A classe piscatória era pobre, não havia nenhuma companhia de pesca e, cumulativamente, o imposto sobre o pescado cerceava os escassos meios dessa classe. Era nos concelhos de Câmara de Lobos, Funchal e Machico, que havia mais pescadores.

No Porto Santo, a classe não era numerosa, porém a pescaria era relativamente abundante<sup>618</sup>. Pelas ruas do Funchal encontravam-se, frequentemente, homens carregando varas com grandes postas de atum ensanguentadas, ou com peixes-espada pendurados. Estas espécies de peixe eram muito apreciadas na gastronomia local<sup>619</sup>.

O madeirense, nomeadamente o que vivia junto à beira-mar, era considerado bom nadador, em resultado da proximidade e do contacto com o mar, desde a infância.

---

<sup>615</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 705.

<sup>616</sup> Tratava-se de uma raia com dimensões superiores, de nado rápido, capaz de seguir a presa até onde nas praias se toma pé, porque eram de forma achatada. Designada por *jamanta*, frequente em águas tropicais, medindo até 6,5 metros de comprimento, cabeça achatada, dorso escuro e ventre branco; Também designada por diabo-do-mar, manta, morcego-do-mar, peixe-diabo, raia-jamanta.

<sup>617</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 736.

<sup>618</sup> *Idem*, p. 731.

<sup>619</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 81.

Os estrangeiros admiravam a intrepidez dos homens que, em ocasiões de ondulação tempestuosa, se faziam ao mar para salvar náufragos.

#### 4.1.1. AS GRAVURAS

Do estudo sobre os peixes dos mares da Madeira, do reverendo Richard Thomas Lowe, a autoria das gravuras que se seguem: a n.º 1, *C. E. C. N. red. M. Y. sc.* [sic]<sup>620</sup>, apresenta o esqueleto de um peixe; n.º 2, *Peixe Verde*<sup>621</sup>; n.º 3, *Cavallo Marinho* [sic]<sup>622</sup>; n.º 4, *Castanhéta s. Imperador do alto* [sic]<sup>623</sup>; n.º 5, *Castanhéta s. Imperador* [sic]<sup>624</sup>; n.º 6, *Peixe Cravo* [sic]<sup>625</sup>; n.º 7, *Raimundo pequeno, ou Gata negra*<sup>626</sup>; n.º 8, *Abrotea do Alto* [sic]<sup>627</sup>; n.º 9, *Alfonsin* [sic]<sup>628</sup>; n.º 10, *Alfonsin, ou Pargo do alto* [sic]<sup>629</sup>; n.º 11, *Dourada fêmea*<sup>630</sup>; n.º 12, *Pogador, i. e. Pegador, ou peixe piolho* [sic]<sup>631</sup>; n.º 13, *Cornuda*<sup>632</sup>; n.º 14, *Sapo grande*<sup>633</sup>; n.º 15, *Leitão do Mar*<sup>634</sup>; n.º 16, *Dormideiro, vulgo Dromideiro* [sic]<sup>635</sup>; n.º 17, *Carneiro*<sup>636</sup>; n.º 18, *Requeime* [sic]<sup>637</sup>; n.º 19, *Escolar ou Chicolar* [sic]<sup>638</sup>; n.º 20, *Escolar de natura* [sic]<sup>639</sup>; n.º 21, *Coelho*<sup>640</sup>; n.º 22, *Alcoraz, Alfonsin de rolo* [sic]<sup>641</sup>; n.º 23, *Tainha, ou Muja* [sic]<sup>642</sup>; n.º 24, *Tainha de*

---

<sup>620</sup> LOWE, Richard Thomas (1842-60), *A History of the Fishes of Madeira with Original Figures from All Species*, Vol. I, London, Norton & Young, frontispício.

<sup>621</sup> Idem, p. 1.

<sup>622</sup> Idem, p. 5.

<sup>623</sup> Idem, p. 13.

<sup>624</sup> Idem, p. 19.

<sup>625</sup> Idem, p. 27.

<sup>626</sup> Idem, p. 37.

<sup>627</sup> Idem, p. 43.

<sup>628</sup> Idem, p. 47.

<sup>629</sup> Idem, p. 55.

<sup>630</sup> Idem, p. 67.

<sup>631</sup> Idem, p. 77.

<sup>632</sup> Idem, p. 83.

<sup>633</sup> Idem, p. 87.

<sup>634</sup> Idem, p. 93.

<sup>635</sup> Idem, p. 99.

<sup>636</sup> Idem, p. 105.

<sup>637</sup> Idem, p. 115.

<sup>638</sup> Idem, p. 121.

<sup>639</sup> Idem, p. 129.

<sup>640</sup> Idem, p. 141.

<sup>641</sup> Idem, p. 149.

<sup>642</sup> Idem, p. 155.

*moda, ou Muja* [sic]<sup>643</sup>; n.º 25, *Boca negra, or Pai de Gato* [sic]<sup>644</sup>; n.º 26, *Rocaz, ou Papa-Jaca* [sic]<sup>645</sup>; n.º 27, *Cherne, ou Chernotta* [sic]<sup>646</sup>; n.º 28, *Abrotea* [sic]<sup>647</sup>.

As cinco gravuras seguintes foram retiradas do periódico *O Agricultor Madeirense*, a n.º 29<sup>648</sup> apresenta um boi; a n.º 30<sup>649</sup> mostra uma vaca; a n.º 31<sup>650</sup> refere-se a uma ovelha; a n.º 32<sup>651</sup> exhibe um carneiro; a n.º 33<sup>652</sup> mostra os estômagos destes animais; a n.º 34<sup>653</sup> apresenta um touro, que foi apresentado na Exposição Agrícola Madeirense [sic], realizada a 9 de Agosto de 1851. Presume-se que algumas, ou a totalidade, destas gravuras foram elaboradas por Vicente Gomes da Silva, tendo em conta a assinatura que acompanha uma delas. O *Heraldo da Madeira*, numa breve alusão biográfica, após o falecimento deste ilustre, refere que havia sido Vicente Gomes Silva quem primeiro introduziu a fotografia na Madeira. Acrescenta que este artista havia sido *o desenhador, o escultor e o gravador d'intuição poderosa que com o lápis, o pincel e os buris facil encontrava a forma exacta, original e artistica da composição que ideava* [sic]<sup>654</sup>.

A gravura n.º 3<sup>655</sup> mede 13x6 cm e apresenta algumas cabras nos penhascos. A queda de uma cabra, após esta ter sido alvejada, é retratada na gravura n.º 5<sup>656</sup> que mede 12,5x10 cm. Já a gravura n.º 15<sup>657</sup> mede 9,5x8 cm, e mostra uma cabra e a sua cria, num penhasco das Desertas.

---

<sup>643</sup> LOWE, Richard Thomas, op. cit., p. 163.

<sup>644</sup> Idem, p. 171.

<sup>645</sup> Idem, p. 177.

<sup>646</sup> Idem, p. 183.

<sup>647</sup> Idem, p. 191.

<sup>648</sup> Periódico *O Agricultor Madeirense*, n.º 6, 1851, p. 87.

<sup>649</sup> Idem.

<sup>650</sup> Idem, p. 89.

<sup>651</sup> Idem, p. 92.

<sup>652</sup> Idem.

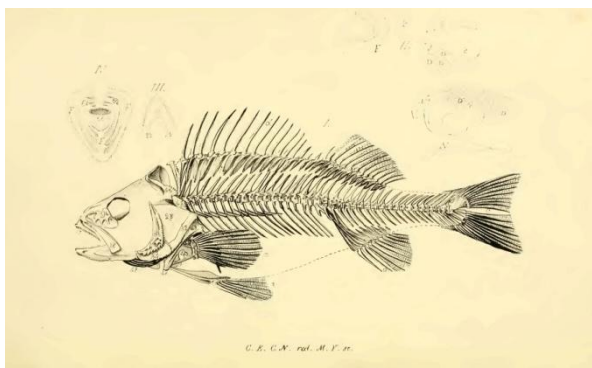
<sup>653</sup> Idem, p. 98.

<sup>654</sup> Periódico *Heraldo da Madeira*, Ano III, n.º 690, 1906.

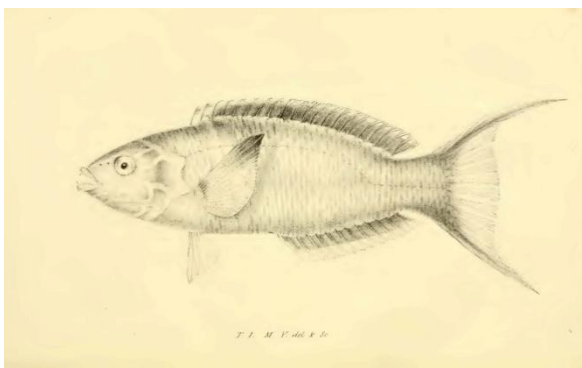
<sup>655</sup> Idem, p. 92.

<sup>656</sup> Idem, p. 95.

<sup>657</sup> Idem, p. 120.



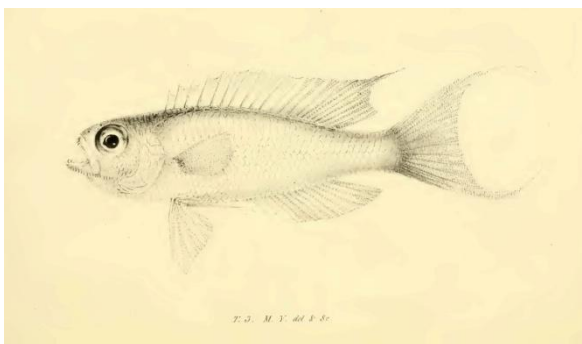
50. C. E. C. N. red. M. Y. sc. [sic]



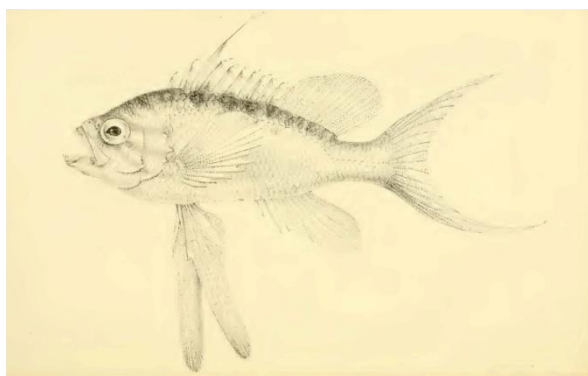
51. Peixe Verde.



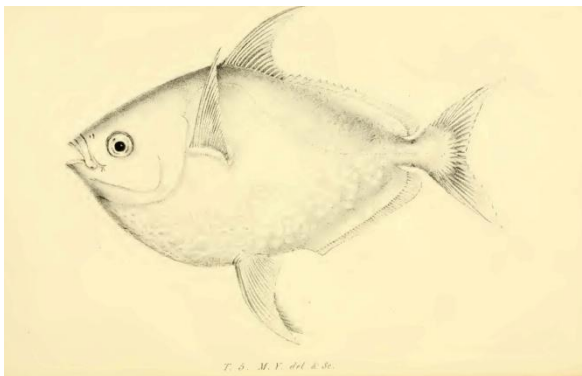
52. Cavallo Marinho. [sic]



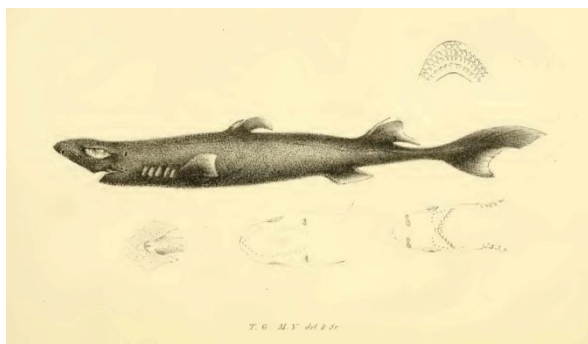
53. Castanhéta s. Imperador do alto. [sic]



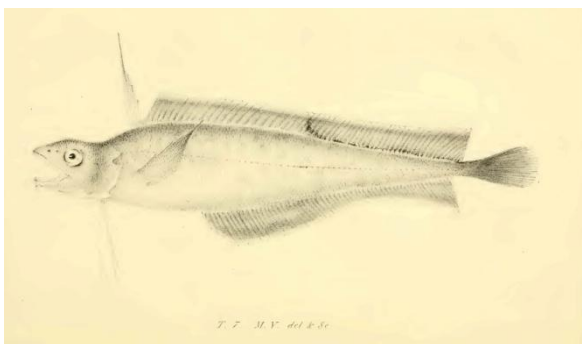
5. Castanhéta s. Imperador. [sic]



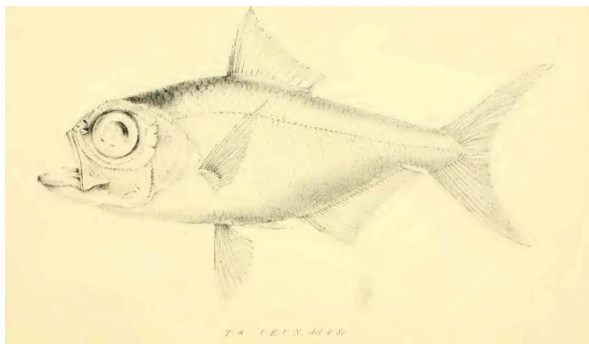
6. Peixe Cravo.



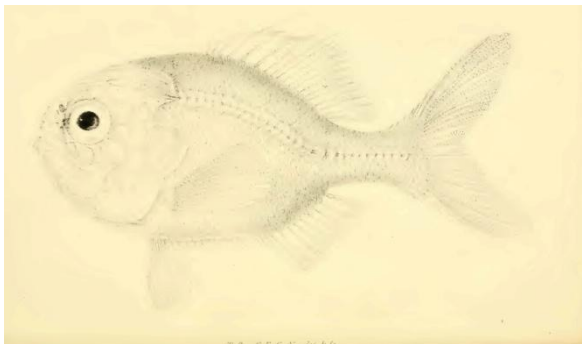
7. Raimundo pequeno, ou Gata negra.



8. Abrotea do Alto. [sic]



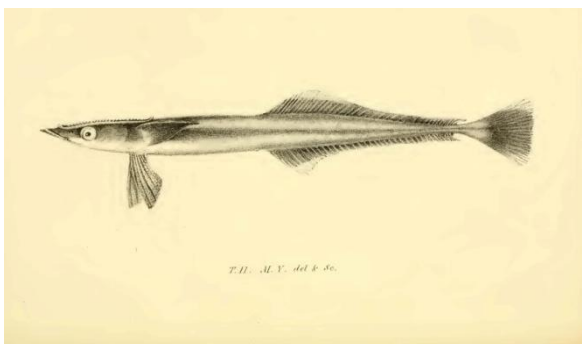
9. *Alfonsin*. [sic]



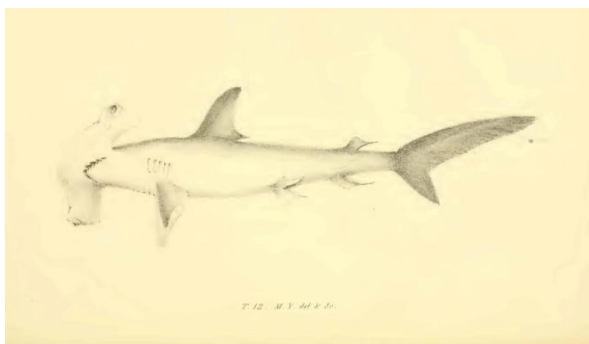
10. *Alfonsin, ou Pargo do alto*. [sic]



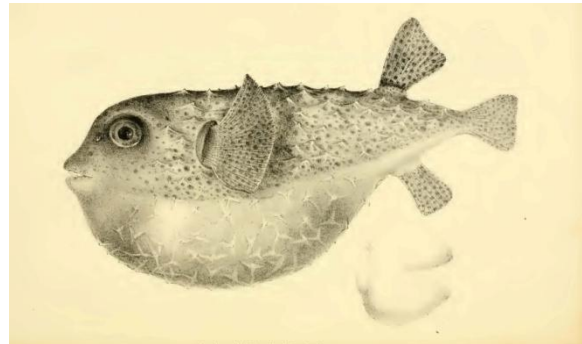
11. *Dourada fêmea*.



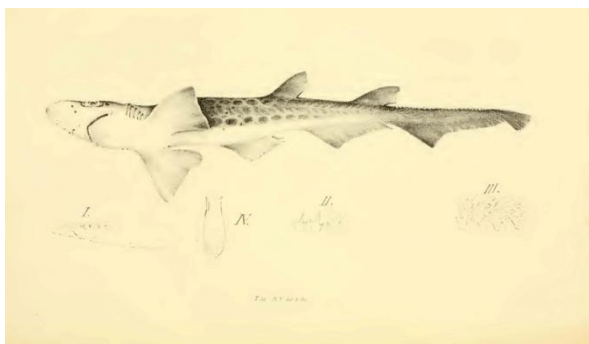
12. *Pogador, i. e. Pegador, ou peixe piolho*. [sic]



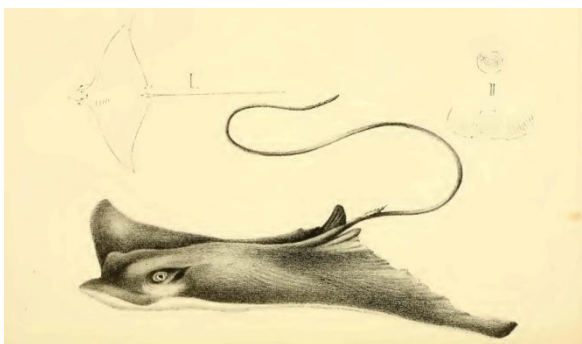
13. *Cornuda*.



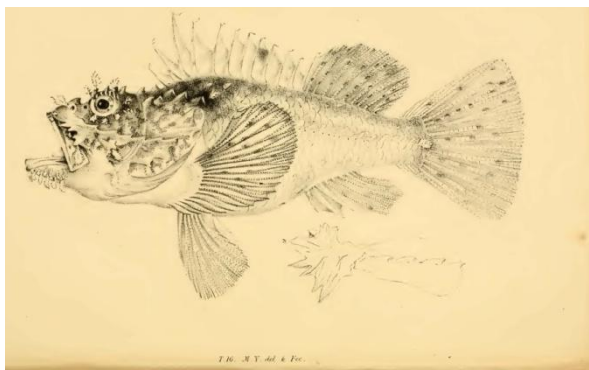
14. *Sapo grande*.



15. *Leitão do Mar*.



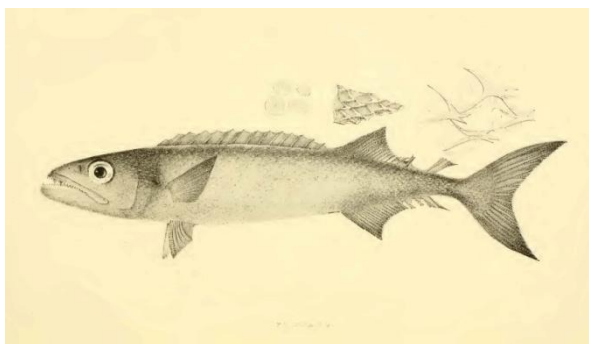
16. *Dormideiro, vulgo Dromideiro*. [sic]



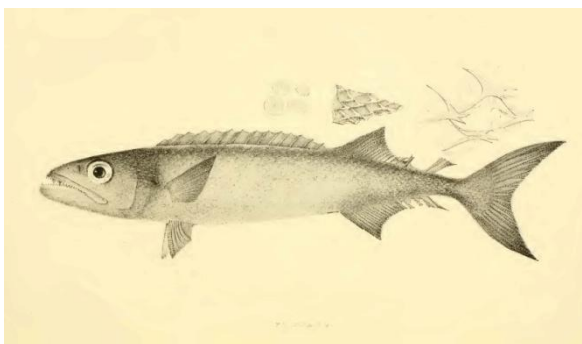
17. *Carneiro.*



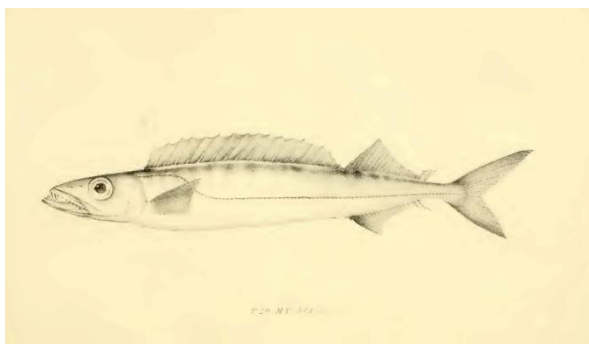
18. *Requeime.*



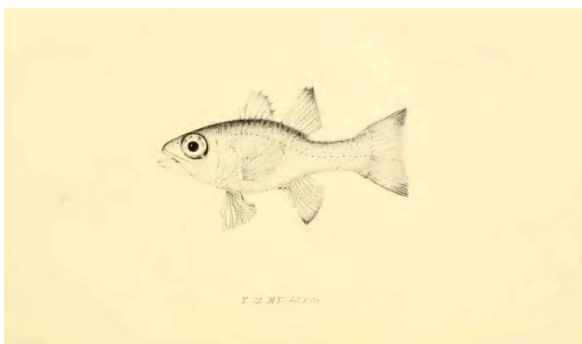
19. *Escolar ou Chicolar [sic]*



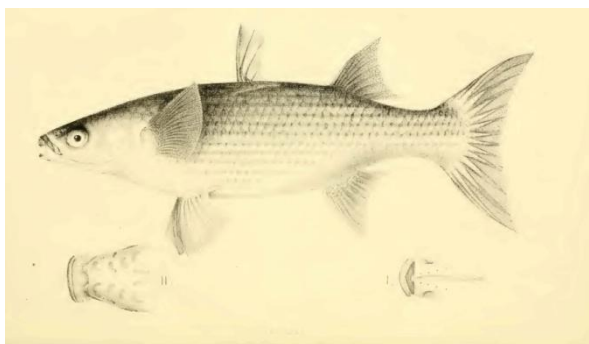
20. *Escolar de natura. [sic]*



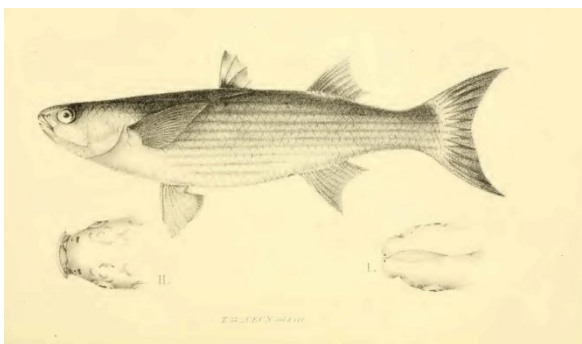
21. *Coelho.*



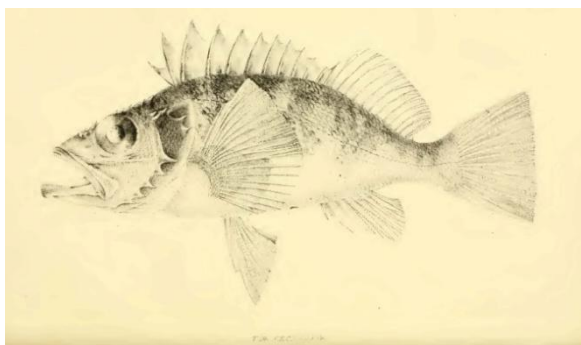
22. *Alcoraz, Alfonsin de rolo. [sic]*



23. *Tainha, ou Muja. [sic]*



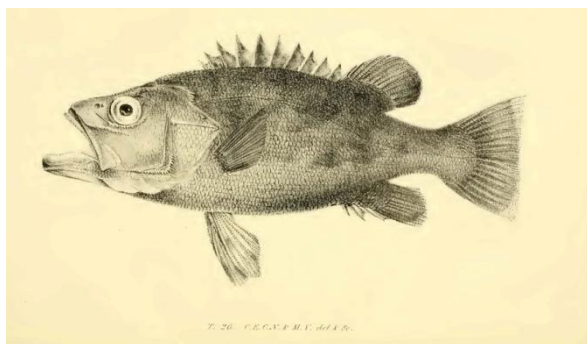
24. *Tainha de moda, ou Muja. [sic]*



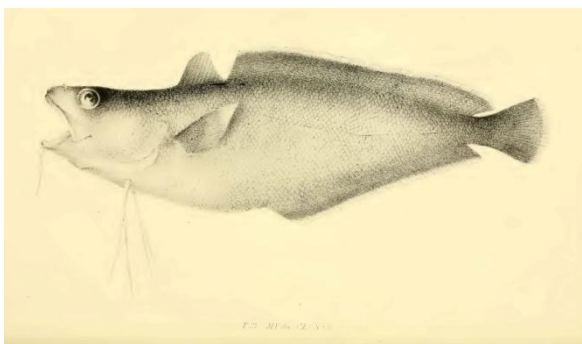
25. Boca negra, or Pai de Gato. [sic]



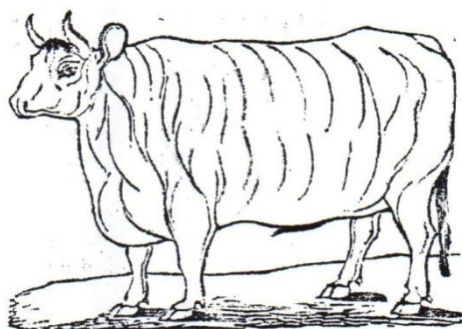
546. Rocaz, ou Papa-Jaca.



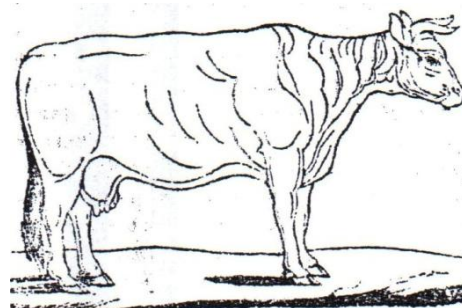
27. Cherne, ou Chernotta. [sic]



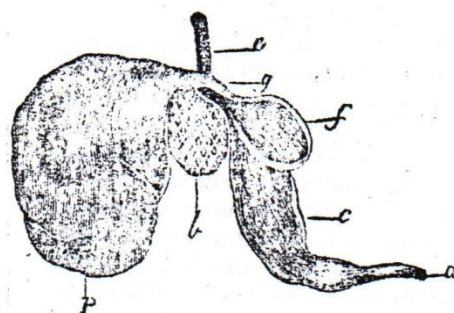
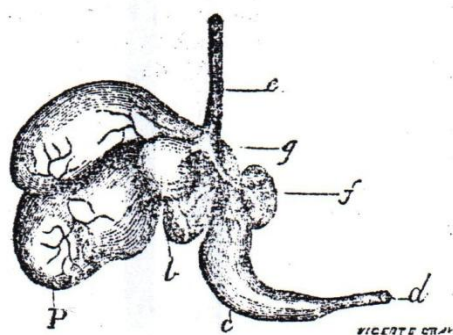
28. Abrotea. [sic]



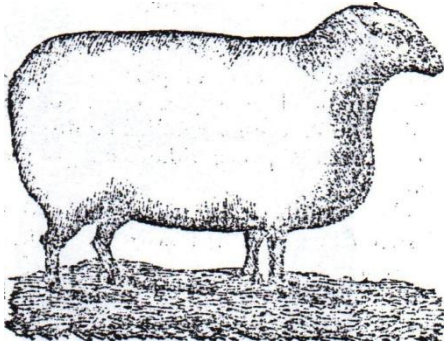
29. O Agricultor Madeirense.



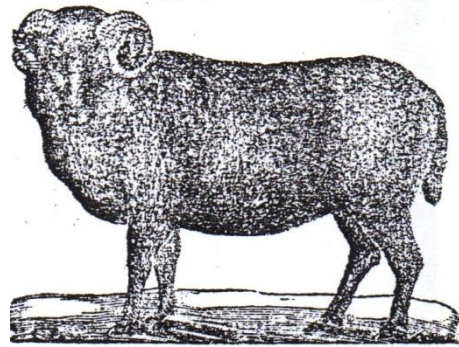
30. O Agricultor Madeirense.



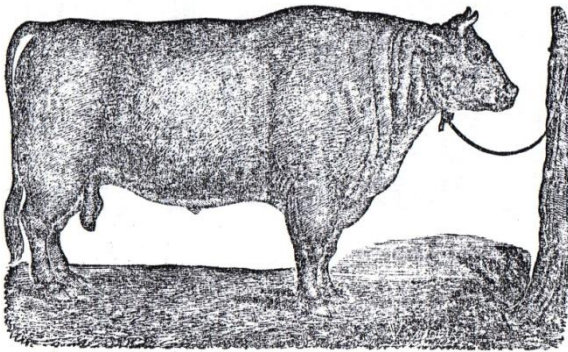
31. O Agricultor Madeirense.



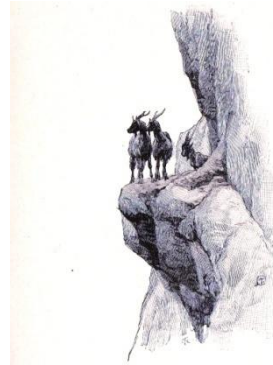
32. *O Agricultor Madeirense.*



33. *O Agricultor Madeirense.*



34. *O Agricultor Madeirense.*



35. *Les têtes convergèrent un instant vers ce point.*



36. *Mais aussitôt, mon troisième coup porta juste.*



37. *Elle s'agenouilla près de lui et bientôt se coucha désormais indifférente aux dangers.*

## 4.2. FLORA

O nome da ilha da Madeira desvenda a sua riqueza florestal, pois foi assim baptizada, aquando da descoberta, atendendo ao denso arvoredo que a cobria. Na ilha existem algumas espécies de plantas indígenas: *til*, *barbusano*, *vinhático*, *dragoeiro*, *loureiro*, *urze*, entre outras. Além disso, existe uma grande diversidade de plantas, provenientes de todos os cantos do globo, que foi sendo trazida e cultivada, sobretudo por estrangeiros. O clima e a fertilidade do solo também contribuem para a existência de determinadas espécies. Pelos motivos referidos, os jardins da Madeira são considerados verdadeiros dicionários de botânica. Em cada esquina, crescem espontaneamente plantas que na Europa necessitariam de muitos cuidados para sobreviver<sup>658</sup>. Muitas plantas são usadas para fins medicinais, e é grande a variedade e abundância de flores.

Algumas plantas tiveram aproveitamento industrial, ainda que diminuto. Entre outras produções, refira-se: a *amoreira branca*, para o bicho-da-seda; o *cacto*, para a cochonilha, assim como o *pastel e urzela*, para tinturaria; *linho*; *lúpulo*, para cerveja; o *pereiro*, para fazer uma espécie de vinho doce; o *vimieiro*, para obras de cestaria<sup>659</sup>. Mas as culturas que se destacaram na Madeira foram a da cana-de-açúcar e a vinha. Da última, cultivavam-se várias castas, como a *malvasia*, e se produziam afamados vinhos.

Um dos botânicos que, no século XIX, que se dedicou ao estudo da flora da Madeira foi o padre Thomas Lowe. Este investigador estabeleceu uma relação entre o tipo de vegetação e a altura do solo, e distribuiu-a em quatro regiões geográficas: 1.<sup>a</sup>, a tropical, dos cactos e bananeiras; 2.<sup>a</sup>, a temperada, da vinha e do castanheiro; 3.<sup>a</sup>, a montanhosa e inculta, dos loureiros e urzes; 4.<sup>a</sup>, a dos píncaros mais elevados<sup>660</sup>.

O Porto Santo, segundo documentos mais antigos, também teve um arvoredo abundante. Porém, o consumo desregrado desses recursos pelos primeiros povoadores, depressa provocou a sua escassez. Em certas alturas, outro combustível não havia senão arbustos secos e o excremento dos gados, cuidadosamente guardados para esse fim<sup>661</sup>.

---

<sup>658</sup> ALBIZZI, Degli, op. cit., p. 68.

<sup>659</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 704.

<sup>660</sup> *Idem*, pp. 702-703.

<sup>661</sup> *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, op. cit., p. 709.

#### 4.2.1. AS GRAVURAS

Jane Wallas Penfold era filha de um comerciante de vinhos britânico, residiu na ilha da Madeira, na zona da Achada, e publicou um pequeno livro contendo duas dezenas de gravuras de espécies vegetais da Madeira. As gravuras que se seguem foram executadas em Londres, na litografia Reeve Brothers, segundo desenhos da própria Jane W. Penfold: n.º 1, *Madeira Flowers, Fruits and Ferns*<sup>662</sup>; n.º 2, *The Belladonna Lily*<sup>663</sup>; n.º 3, *The Guava Fruit*<sup>664</sup>; n.º 4, *The Castor Oil Plant*<sup>665</sup>; n.º 5, *Nothoclaena Marantae* [sic]<sup>666</sup>; n.º 6, *Geranium Anemoniflorum* [sic]<sup>667</sup>; n.º 7, *The Banana Fruit*<sup>668</sup>; n.º 8, *Michel's Eugenia*<sup>669</sup>; n.º 9, *Acrostichum Squamosum* [sic]<sup>670</sup>; n.º 10, *The Sceptre Isoplexis* [sic]<sup>671</sup>; n.º 11, *Salvia Splendens* [sic]<sup>672</sup>; n.º 12, *Tomato or Love Apple*<sup>673</sup>; n.º 13, *Adiantum Reniforme*, 2) *Adiantum Capillus Veneris*<sup>674</sup>; n.º 14, *The Custard Apple*<sup>675</sup>; n.º 15, *The Portugal Laurel*<sup>676</sup>; n.º 16, *The Ethiopian Richardia* [sic]<sup>677</sup>; n.º 17, *Asplenium Palmatum* [sic]<sup>678</sup>; n.º 18, *Ornithogalum Arabicum* [sic]<sup>679</sup>; n.º 19, *Clethra Arborea* [sic]<sup>680</sup>; n.º 20, *Globularia Salicina* [sic]<sup>681</sup>; n.º 21, 1) *Scolopendrum Officinarum*. 2) *Polypodium Vulgare*. 3) *Asplenium Canariense*. 4) *Cheilanthes Madeirensis* [sic]<sup>682</sup>.

---

<sup>662</sup> PENFOLD, Jane Wallas (1845), *Madeira Flowers, Fruits and Ferns*, London, Reeve Bros., frontispício.

<sup>663</sup> Idem, ilustração I.

<sup>664</sup> Idem, ilustração II.

<sup>665</sup> Idem, ilustração III.

<sup>666</sup> Idem, ilustração IV.

<sup>667</sup> Idem, ilustração V.

<sup>668</sup> Idem, ilustração VI.

<sup>669</sup> Idem, ilustração VII.

<sup>670</sup> Idem, ilustração VIII.

<sup>671</sup> Idem, ilustração IX.

<sup>672</sup> Idem, ilustração X.

<sup>673</sup> Idem, ilustração XI.

<sup>674</sup> Idem, ilustração XII.

<sup>675</sup> Idem, ilustração XIII.

<sup>676</sup> Idem, ilustração XIV.

<sup>677</sup> Idem, ilustração XV.

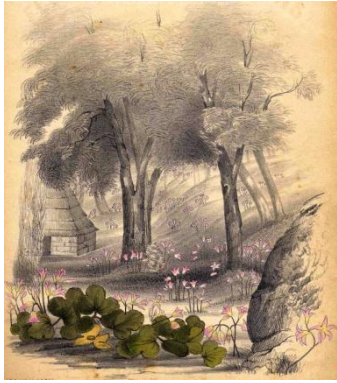
<sup>678</sup> Idem, ilustração XVI..

<sup>679</sup> Idem, ilustração XVII.

<sup>680</sup> Idem, ilustração XVIII.

<sup>681</sup> Idem, ilustração XIX.

<sup>682</sup> Idem, ilustração XX.



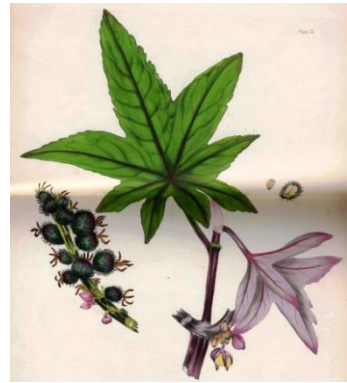
55. Madeira Flowers, Fruits and Ferns.



56. The Belladonna Lily.



57. The Guava Fruit.



58. The Castor Oil Plant.



5. Notholaena Marantae. [sic]



6. Geranium Anemoniflorum. [sic]



7. The Banana Fruit.



8. Michel's Eugenia.



9. *Acrostichum Squamosum*. [sic]



10. *The Sceptre Isoplexis*. [sic]



11. *Salvia Splendens*. [sic]



12. *Tomato or Love Apple*.



13. 1) *Adiantum Reniforme*. 2) *Adiantum Capillus Veneris*. [sic]



14. *The Custard Apple*. *The Portugal Laurel*.



15. *The Portugal Laurel*.



16. *The Ethiopian Richardia*. [sic]



17. *Asplenium Palmatum*.



18. *Ornithogalum Arabicum*. [sic]



19. *Clethra Arborea*. [sic]



20. *Globularia Salicina*. [sic]



21. 1) *Scolopendrum Officinatum*. 2) *Polypodium Vulgare*. 3) *Asplenium Canariense*. 4) *Cheilanthes Madeirensis*.



## 5. CONCLUSÕES

Ao iniciar este trabalho, pretendeu-se reunir tantas gravuras quanto João Cabral do Nascimento o fez, em 1935. Todavia, folheando pacientemente alguns periódicos, lendo alguns livros, e consultando ainda algumas revistas, quase duplicou-se a selecção do referido autor.

A Secretaria Regional do Turismo e Cultura editou um conjunto de gravuras antigas, que decoram as salas e corredores de muitas casas, bem como, as paredes de muitos estabelecimentos comerciais. Na realidade, devido ao facto de certas vistas da Madeira tornarem-se muito comuns, quase começaram a cansar. Por isso, era necessário reunir as gravuras quase desconhecidas, ou melhor, menos divulgadas. Foi esse o propósito deste trabalho. A procura por essas gravuras esquecidas revelou-se tarefa verdadeiramente aliciante.

Em termos quantitativos, identificou-se um total de 470 gravuras. Perante esta quantidade, e juntando as 244 que já haviam sido coligidas na publicação de João Cabral do Nascimento, e as 76 por José Leite Monteiro, conclui-se que as paisagens, os costumes e outros assuntos madeirenses foram muito reproduzidos nas gravuras de Oitocentos.

Deve-se sobretudo a estrangeiros, que passaram ou viveram na ilha, o magnífico e copioso património iconográfico. No século XIX, a reputação da ilha como destino terapêutico contra a tuberculose, despertou interesse em muitos doentes europeus. Tal destino, obviamente, apenas era acessível a membros de famílias abastadas e, portanto, mais familiarizadas com as belas-artes. Tal particularidade terá fomentado o interesse na elaboração de gravuras, que tanto serviram para ilustrar os livros das memórias de viagem, como para adornar as paredes das mansões.

Não obstante, entre os portugueses, alguns madeirenses também se iniciaram na arte da gravura, e conceberam trabalhos, sobretudo para periódicos regionais. Porém, a insularidade não favoreceu a realização de muitas gravuras na Madeira. Tal deveu-se, certamente, à falta de utensílios adequados, e pela ausência de contacto dos gravadores locais com outros mais experientes e com as grandes oficinas na época. Ainda que, de modo geral, a obra dos gravadores regionais, não tenha alcançado o esplendor das

gravuras elaboradas por estrangeiros e nacionais, não deixa de ser merecedora de contemplação e estudo.

Além das publicações de João Cabral do Nascimento e de José Leite Monteiro, ao longo do pretérito século, fizeram-se algumas exposições de estampas antigas da Madeira. Contudo, considera-se que a recolha, identificação e divulgação deste património é uma tarefa que não se esgota com a realização deste trabalho. Pelo contrário. A todo o instante pode ser descoberta uma velha estampa avulsa, ou ser divulgada uma publicação, ilustrada com gravuras o arquipélago da Madeira, que estava perdida numa biblioteca bolorenta.

Não obstante a dispersão generalizada das gravuras identificadas no presente estudo, algumas foram sendo publicadas em livros, ou em artigos de publicações periódicas, como foi o caso da *Revista Islenha*.

Como foi referido na Introdução, procurou-se classificar as gravuras em capítulos, consoante os temas e lugares que identificam. Alguns concelhos estão pouco representados mas, mesmo nesses casos, elaboraram-se os subcapítulos correspondentes, de modo a que qualquer munícipe as possa identificar com presunção.

O presente trabalho revela-se de diversa utilidade: permite a apresentação e difusão de gravuras antigas da Madeira; faculta referências bibliográficas, que auxiliarão estudantes, investigadores, coleccionadores ou qualquer interessado na localização das gravuras apresentadas; apela à curiosidade e interesse por gravuras antigas e, simultaneamente, estimula o estudo de questões etnográficas e históricas do arquipélago; promove a cultura, os costumes, e o património histórico insular; a peculiaridade das ilustrações, certamente, despertará interesse generalizado, não só a locais, como a pessoas de qualquer parte; poderá fornecer bases para a ilustração de livros, artigos, ou até jornais.

Seria interessante reunir, numa única publicação, a totalidade de gravuras descobertas até hoje. A Madeira e o estudo da sua história lograriam com isso. Na realização dessa recolha, as gravuras que foram publicadas em periódicos também deviam ser consideradas. É certo que, muitas delas, não possuem o mesmo encanto e beleza das gravuras das colecções mais conhecidas, ainda assim, não deixam de ser curiosas. Qualquer uma delas, apesar da sua simplicidade, significa muito para os madeirenses.

Volvidos apenas 60 anos desde a publicação segunda colectânea de estampas antigas da Madeira, este trabalho vem apresentar uma grande quantidade de outras gravuras, entretanto identificadas. Considera-se, portanto, que a pesquisa das gravuras antigas da Madeira não se esgotou com a investigação realizada. Certamente haverá muitas gravuras da Madeira por identificar, pois são tantos os livros e revistas antigas que ainda não foram consultados. Face ao exposto, acredita-se que, em breve, surgirão novos contributos, o que justificará a elaboração de nova investigação.

Concluiu-se, ao longo da elaboração deste trabalho, que o estudo das gravuras antigas da Madeira pode prestar um contributo valioso para o estudo e conhecimento da história do arquipélago. A observação atenta de cada unidade, do numeroso espólio conhecido, permite desvendar particularidades que, por vezes, não se manifestam em documentos escritos ou achados arqueológicos. É que, afinal, a história da Madeira também se faz com gravuras!



## REFERÊNCIAS

- AGUILAR, J. Teixeira de e FILIPE, Jorge, *Faróis da Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens*, Lisboa, Argumentum, 2006.
- ALBERT I<sup>er</sup>, Prince de Monaco, *La Carrière D'un Navigateur. Ouvrage Illustré De 150 Dessins Par Louis Tinayre, Gravés sur Bois par Eugène Froment, Ernest Florian Duplessis, Perrichon, Boileau, Pierre Gusman*, Paris, Bibliothèque des Écoles et des Familles, Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, 1914.
- ALBIZZI, Degli, «Six Mois a Madère», *Le Tour du Monde*, LVII, Paris, 1888. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k34422z/f68.image>>. Consultado a 12/11/2010.
- Anónimo, *As Belas-Artes do Romantismo em Portugal*, s/l, Instituto Português de Museus, Ministério da Cultura, 1999.
- ARAGÃO, António, *Para a História do Funchal, Pequenos Passos da sua Memória*, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1979.
- BARROS, Carlos Alberto Pestana, «O barco Xavelha», *Girão - Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. II, n.º 2, Câmara de Lobos, 1º Semestre de 2006.
- BLACKBURN, Rev. W. M., *The Exiles of Madeira*, Philadelphia, Presbyterian Board of Publication, 1880. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/exilesofmadeira00blac>>. Consultado a 13/04/2011.
- BRASSEY, Annie, *A Voyage in the "Sunbeam"*, Chicago, Belford, Clarke & Co., 1881. Disponível em: <<ftp://cis.uniroma2.it/gutenberg/1/4/8/3/14836/14836-h/14836-h.htm>>. Consultado a 04/01/2011.
- BRANCO, Jorge Freitas, *Camponeses da Madeira: as bases materiais do quotidiano no Arquipélago (1750-1900)*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987.
- BOWDICH, T. Edward, *Excursions in Madeira and Porto Santo, during the Autumn of 1823, while on this Third Voyage to Africa*, London, 1825. Disponível em: <<http://purl.pt/17114>>. Consultado a 13/04/2011.

BRASSEY, Annie, *In the Trades, the Tropics, & the Roaring Forties*, New York, Henry Holt and Company, 1885. Disponível em:

<<http://www.archive.org/details/intradestropics00brasgoog>>. Consultado a 13/04/2011.

BROWN, A. Samler, *Madeira and the Canary Islands with the Azores, A Practical and Complete Guide for the use of Invalids and Tourists*, 6<sup>th</sup> Ed., London, Sampson Low, Marston & Co., Limited, 1901. Disponível em:

<<http://www.archive.org/details/cu31924028491581>>.

Consultado a 12/12/2010.

BROWN, Robert, *The Countries of the World (being a Popular Description of Various Continents, Islands, Rivers, Seas, and Peoples of the Globe)*, London, Paris & New York, Cassel, Peter, Galpin & Co., 1876. Disponível em:

<<http://www.archive.org/details/countriesofworld06brow>>.

Consultado a 29/11/2010.

CAETANO, João Vieira, org. PITA, Gabriel de Jesus, , *Notas Históricas e outras Histórias da Ponta do Sol*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 2007.

CAMACHO, Rui e TORRES, Jorge, «A Dança das Espadas da Ribeira Brava – Apontamentos para o seu Estudo», Funchal, *Revista Xarabanda*, n.º 8, 1995.

CARITA, Rui, *Paulo dias de Almeida e a Descrição da Ilha da Madeira*, Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais, 1982.

\_\_\_\_\_, *História da Madeira – O longo século XIX: do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834-1910)*, Vol. VII, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 2008.

CHURCHILL, Randolph S., *Men, Mines and Animals in South Africa*, New York, D. Appleton and Company, 1892. Disponível em:

<<http://www.archive.org/details/menminesanimalsi00chur>>.

Consultado a 29/11/2010.

CHURCHILL, Wiston, *Mr.s Keegan's Elopement*, New York, The Macmillan Company, 1903. Disponível em:

<<http://www.archive.org/details/mrkeeganselopem01churgoog>>.

Consultado a 07/12/2010.

CLODE, Luiz Peter, *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*, Caixa Económica do Funchal, s.d., 1983.

COLVOCORESSES, George Musalas, *Four Years in the Government Exploring Expedition*, New York, 2ª edição, R. T. Young, Publisher, 1853. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/fouryearsingover00colv>>. Consultado a 25/09/2010.

*Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, org. ALBUQUERQUE, Henrique Zeferino de, Lisboa, Typographia do Diccionario Universal Portuguez, 1884.

*Encyclopedia Portugueza Illustrada / Diccionario Universal*, Vol. V, Porto, Lemos & Successor, 1900-1909.

*Enciclopédia Mirador Internacional*, São Paulo, 1981.

FERNANDES, Danilo, «A Pedreira do Cabo Girão», *Girão - Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. II, n.º 3, Câmara de Lobos, 2º Semestre de 2006.

FERREIRA, Fernandes (2004), *Madeirenses Errantes*, Lisboa, Oficina do Livro.

FERREIRA, Manuel Juvenal Pita, *A Sé do Funchal*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1963.

FIGUEIREDO, Albano, *Calheta – Património Natural*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

FREITAS, Manuel Pedro Silva, «A vaga da Morte», *Girão, Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. II, n.º 2, Câmara de Lobos, 1º Semestre de 1989.

*GIRÃO, Revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*, n.º3, dir. Manuel Pedro S. Freitas, Grupo Desportivo do Estreito de Câmara de Lobos, 2.º Semestre de 1989.

GONÇALVES, João Luís Rodrigues, *Campanário – A Freguesia e a sua Gente*, 2ª ed., Junta de Freguesia do Campanário, 2009.

GRABHAM, C. Michael, *The Climate and Resources of Madeira as a Regarding Chiefly the Necessities of Consumption and Welfare of Invalids*, London, John Churchill & Sons, 1870. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/climateandresou00grabgoog>>. Consultado a 11/01/2011.

- GRAHAM, Maria, *Journal of a Voyage to Brazil and Residence There*, London, Longman, 1824. Disponível em: <<http://purl.pt/17069>>. Consultado a 11/01/2011.
- HARCOURT, Eduard Vernon, *A Sketch of Madeira*, London, John Murray, 1851. Disponível em: <<http://purl.pt/17215>>. Consultado a 17/03/2011.
- HARTUNG, Georg, *Geologische Beschreibung der Inseln Madeira und Porto Santo*, Leipzig, Wilhem Engelmann, 1864. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/geologischesc00mayegoog>>. Consultado a 19/01/2011.
- HAWKS, Francis L., *Narrative of the Expedition of American Squadron to the China Seas and Japan, Performed in the Years 1852, 1853, and 1854, Under the Command of Commodore M. C. Perry, United States Navy, by Order of the Government of the United States*, New York, D. Appleton and Company, 1856. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/narrativeofexped04perr>>. Consultado a 19/01/2011.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, Washington, Beverly Tucker, Senate Printer, 1856. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/narrativeofexped0156perr>>. Consultado a 18/01/2011.
- HOLUB, Emil, *Sieben Jahre In Süd-Afrika*, Erster Band, Wien, 1881. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/15787/15787-h/15787-h.htm>>. Consultado a 11/02/2011.
- HUGHES, Terence M., *The Ocean Flower: A Poem*, London, Longman, Brown, Green and Longmans, 1845. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/oceanflowerpoemp00hugh>>. Consultado a 17/03/2011.
- KIELANOWSKI, Leopold (1991), *A Odisseia de Ladislau O Varnense*, (trad.) Teresa Fernandes Swiatkiewicz, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1996.
- LAMAS, Maria, *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1956.
- LeMAY, Gaston, «Voyages de La Junon - Les Iles Madère», *Journal des Voyages et des Aventures de Terre et de Mer*, n.º 284, Paris, Librairie illustrée, 17/02/1882. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k39860t/f385.image>>. Consultado a 04/12/2010.

- LOWE, Richard Thomas, *A History of the Fishes of Madeira with Original Figures from All Species*, Vol. I, London, Norton & Young, 1842-60. Disponível em: <<http://purl.pt/17114>>. Consultado a 04/12/2010.
- MARTINS, João Augusto, *Madeira, Cabo Verde e Guiné*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1891. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/madeiracaboverd00martgoog>>. Consultado a 17/06/2011.
- MATOS, António Marinho, *Arco da Calheta: Evangelização, Devoção e Património Cultural - subsídios para a história da sua paróquia*, Arco da Calheta – Diocese do Funchal, 2003.
- \_\_\_\_\_, *Ribeira Brava: Evangelização, Devoção e Património Cultural - subsídios para a história da sua paróquia*, Paróquia da Ribeira Brava – Diocese do Funchal, 2003.
- \_\_\_\_\_, *São Vicente: Evangelização, Devoção e Património Cultural - subsídios para a história da sua paróquia*, Paróquia de São Vicente – Diocese do Funchal, 2003.
- \_\_\_\_\_, *Ribeira da Janela: Evangelização, Devoção e Património Cultural - subsídios para a história da sua paróquia*, Câmara Municipal do Porto Moniz, 2004.
- MONTEIRO, José Leite, *Estampas Antigas de Paisagem e Costumes da Madeira*, Funchal, Club Rotário, 1951.
- NASCIMENTO, João Cabral do, «Estampas antigas com assuntos madeirenses», *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. III, n.º 2, Funchal, 1933.
- \_\_\_\_\_, Vol. IV, n.º 1, Funchal, 1934.
- \_\_\_\_\_, *Estampas Antigas da Madeira. Paisagem, Costumes, Traje, Edifícios, Marinhas*, Funchal, Clube Rotário do Funchal, 1935.
- NÓBREGA, Manuel de, «Uma Ilha dentro de outra – Aspectos científicos da Ilha de Santana», *Revista Islenha*, n.º 25, Funchal, DRAC, 1999.
- PAIS, Teresa, «Perfil do Político Visconde da Ribeira Brava», *Atlântico – Revista de Temas Culturais*, n.º 3, Funchal, 1985.
- PENFOLD, Jane Wallas, *Madeira Flowers, Fruits and Ferns*, London, Reeve Bros., 1845.

- \_\_\_\_\_, *Santa Cruz da Ilha da Madeira – Subsídios para a sua História*, Funchal, 1967.
- PIO, Manuel Ferreira, *O Monte – Santuário Votivo da Madeira*, Retalhos Históricos, 2ª edição, Funchal, Junta de Freguesia do Monte, 1978.
- PITA, Gabriel de Jesus, *São Tiago (Menor): o primeiro orago da Paróquia dos Canhas*, Paróquia dos Canhas, 2007.
- PONTES, Fernando Augusto de (1891), *Excursões na Madeira*, Funchal, Tipografia da Verdade, 1891. Disponível em:  
<<http://armdigital.arquivo-madeira.org/armdigital/descricoes-bibliograficas/monografia.html?bid=2854&obj=1667&pkg=9177&offset=3>>.  
Consultado a 04/09/2011.
- RIBEIRO, João Adriano, *Monte – Breve Resenha Histórica da Freguesia de Nossa Senhora do Monte*, Funchal, Fundação Berardo, 1991.
- \_\_\_\_\_, *A Cana-de-Açúcar na Madeira – Séculos XVIII-XX*, Câmara Municipal da Calheta, 1992.
- \_\_\_\_\_, «Indústria e Manufatura no Concelho de Câmara de Lobos, no Séc. XIX», *Girão, Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. I, n.º 9, Câmara de Lobos, 2º Semestre de 1992.
- \_\_\_\_\_, *O Trajo na Madeira – Elementos para o seu Estudo*, Funchal, Acaporama, 1993.
- \_\_\_\_\_, *Ponta do Sol – Subsídios para a História do Concelho*, Câmara Municipal da Ponta do Sol, 1993.
- \_\_\_\_\_, FREITAS, José Lourenço de Gouveia e FERNANDES, José Baptista, *Moinhos e Águas do Concelho de Santa Cruz*, Câmara Municipal de Santa Cruz, 1995.
- \_\_\_\_\_, *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*, Editorial Calcamar, 1996.
- \_\_\_\_\_, *Porto do Moniz – Subsídios para a História do Concelho*, Câmara Municipal do Porto do Moniz, 1996.
- \_\_\_\_\_, *Porto Santo – Aspectos da sua Economia*, Câmara Municipal do Porto Santo, 1997.
- \_\_\_\_\_, *Ribeira Brava – Subsídios para a História do seu Concelho*, Câmara Municipal da Ribeira Brava, 1998.
- \_\_\_\_\_, *As Ilhas Desertas*, Editorial Calcamar, 1999.

- \_\_\_\_\_, *A Capelinha de S. Vicente*, Editorial Calcamar, 2000.
- \_\_\_\_\_, *Ilha – Uma Freguesia do Concelho de Santana*, Junta de Freguesia da Ilha, 2000.
- \_\_\_\_\_, *A Ilha do Porto Santo*, Editorial Calcamar, 2000.
- \_\_\_\_\_, *O Rosário em S. Vicente*, Editorial Calcamar, 2000.
- \_\_\_\_\_, *Machico – Subsídios para a História do seu Concelho*, Câmara Municipal de Machico, 2001.
- \_\_\_\_\_, *Santana – Homens e Assuntos que a Ilustram*, Câmara Municipal de Santana, 2001.
- \_\_\_\_\_, *A Fajã dos Padres*, Sociedade Agrícola, 2002.
- \_\_\_\_\_, *A Pedra de Cantaria na Madeira*, Editorial Calcamar, Funchal, 2003.
- \_\_\_\_\_, *As Festas de Santo Amaro em Santa Cruz*, Câmara Municipal de Santa Cruz, 2004.
- \_\_\_\_\_, *S. Vicente – Subsídios para a História do Concelho*, Câmara Municipal de São Vicente, 2005.
- \_\_\_\_\_, *Calheta – Subsídios para a História da Freguesia*, Editorial Calcamar, 2006.
- \_\_\_\_\_, *Madeira's Emigration to St. Vincent's Island in Antilles*, Funchal, Editorial Calcamar, 2006.
- \_\_\_\_\_, *A Baixa da Freguesia de Santa Maria Maior*, Funchal, Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, 2007.
- RODRIGUES, Paulo Miguel F. F., *A Política e as Questões Militares na Madeira. O Período das Guerras Napoleónicas*, Funchal, CEHA, 1999.
- \_\_\_\_\_, «O Município do Funchal durante o primeiro período liberal português (1820-1828)», *História dos Municípios: Administração, Eleições e Finanças*, VVAA, coord. Alberto Vieira, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 2001.
- RODRIGUES, Ramon Honorato Corrêa, *A Colonia na Madeira: Problema Moral e Económico*, Funchal, 1947.

- S., G. W. Benjamin, *The Atlantic Islands as Resorts of Heath and Pleasure*, New York, Harper & Brothers, 1878. Disponível em:  
<<http://www.archive.org/details/atlanticislandsa00benj>>.  
Consultado a 07/11/2010.
- SANTOS, Manuela, «Notas sobre a Freguesia do Curral das Freiras», *Girão - Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. II, n.º 2, Câmara de Lobos, 1º Semestre de 1989.
- \_\_\_\_\_, *Ensaios Históricos da Minha Terra (Ilha da Madeira)*, Vol. III, 2ª edição, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1952.
- SARMENTO, Alberto Artur, *O Funchal: Publicação comemorativa do quadricentenário da cidade*, Funchal, 2ª edição, 1908.
- \_\_\_\_\_, *Freguesias da Madeira*, 2ª ed., Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1953.
- SCHULTZE, Rudolf, *Die Insel Madeira*, Stuttgart, J. G. Cottaschen Buchhandlung, 1864. Disponível em:  
<<http://books.google.com/books?id=ZgU9AAAACAAJ&dq=editions:OCLC249409739&hl=pt-PT>>. Consultado a 17/08/2011.
- SILVA, Fernando Augusto e MENESES, Carlos de Azevedo, *Elucidário Madeirense*, 4ª ed., Vol. I, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1978.
- SILVA, Fernando Augusto da, org. VIEIRA, Alberto, *A Freguesia de Santo António*, Junta de Freguesia de Santo António, 2ª edição, 1997.
- SIMÕES, Álvaro Vieira, SUMARES, Jorge e SILVA, Iolanda, *Transportes na Madeira*, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 2002.
- VERÍSSIMO, Nelson (2002), *O Convento de S. Bernardino, em Câmara de Lobos: Elementos para a sua História*, Câmara de Lobos, Paróquia de Santa Cecília.
- VERNE, Jules, *L'Agence Thompson & Co.*, Paris, Hetzel, 1907. Disponível em:<<http://jv.gilead.org.il/rpaul/L%E2%80%99agence%20Thompson%20and%20Ocie/>>. Consultado a 21/04/2011.
- VIDAL, Capt. A. T. F., *North Atlantic Ocean. Madeira Islands. Porto Santo Bay*, Londres, 1872. Disponível em:  
<<http://www.gracegalleries.com/images/AT/AT183.jpg>>.  
Consultado a 01/06/2011.

VIEIRA, Alberto, *A Freguesia de São Martinho*, Junta de Freguesia de São Martinho, 2005.

WHILHELM, Eberhard Axel (1999), *Curral das Freiras – Visão dos Viajantes Estrangeiros*, Funchal, Editorial Calcamar.

VIZETELLY, Henry, *Facts about Port and Madeira, With Notices of Wines Vintaged Around Lisbon, and the Wines of Tenerife*, London, 1880. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/13608921/1880hvizetelly>>. Consultado a 18/01/2011.

VVAA, *As Ilhas Selvagens*, Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais – Serviço do Parque Natural da Madeira, 2004.

WAGNER, Leopoldo, *Souvenir da Ilha da Madeira*, Lisboa, (c.) 1885.

WILDE, W. R., *Narrative of a Voyage to Madeira, Tenerife, and Along the Shores of the Mediterranean*, Dublin, 2ª edição, William Curry, Jun. and Company, 1844. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/narrativeofvoyag02wild>>. Consultado a 16/05/2011.

WHILHELM, Eberhard Axel, *Curral das Freiras – Visão dos Viajantes Estrangeiros*, Funchal, Editorial Calcamar, 1999.

WILKES, Charles, *Narrative of the United States Exploring Expedition During the Years 1838, 1839, 1840, 1841, 1842*, Vol. I, London, Wiley and Putnam, 1845. Disponível em: <<http://books.google.com/books?jtp=19&id=Ya4EAAAAYAAJ&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>>. Consultado a 16/05/2011.

WHITE, Robert, *Madeira its Climate and Scenery*, London, Cradock & Co., 1851. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/madeiraitsclima00whitgoog>>. Consultado a 17/08/2011.

## PERIÓDICOS

*A Ilustração Luso-Brazileira*, 1859.

*A Ilustração Portuguesa: semanário litterário e artístico*, 1887; 1888; 1888; 1889.

*A Justiça*, 1858.

*A Lampada*, 1873.

*A Liberdade*, 1878.

*A Ordem*, 1852; 1854; 1855.

*Archivo Pittoresco*, 1862; 1864; 1865; 1866.

*Ballou's Pictorial Drawing-Room Companion*, (c.) 1856. Disponível em:  
<<http://www.printsoldandrare.com/iberia/213iber.jpg>>. Consultado a 19/05/2011.

*Correio do Funchal*, 1897.

*Diario Illustrado*, 1880; 1874; 1873.

*Diário de Notícias*, 18/05/1922.

*Die Gartenlaube / Illustriertes Familienblatt*, Ernst Keil's Nachfolger, 1859. Disponível em:  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Die\\_Gartenlaube\\_\(1859\)\\_517.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Die_Gartenlaube_(1859)_517.jpg)>. Consultado a 02/05/2011.

*Gleason's Pictorial Drawing Room Companion*, 03/05/1851. Disponível em:  
<<http://www.printsoldandrare.com/iberia/210iber.jpg>> Consultado a 29/06/2011.

*Harper's Weekly*, Vol. XXXI, n.º 1574, 19/02/1887. Disponível em:  
<<http://www.printsoldandrare.com/iberia/210iber.jpg>>. Consultado a 13/05/2011.

*Heraldo da Madeira*, 1906.

*Illustrated News*, 19/03/1853. Disponível em:  
<<http://www.printsoldandrare.com/iberia/207iber.jpg>>. Consultado a 19/05/2011.

*Jornal de Domingo*, 1887.

*Le Petit Journal*, supplément illustré, 08/12/1896. Disponível em:  
<<http://www.labibliothequedesouvenir.com/Product.aspx?id=11562>>. Consultado a 16/05/2011.

*O Agricultor Madeirense*, 1851.

*O Clamor Público*, 1854.

*O Direito*, 1882; 1909.

*O Occidente*, 1878;1879; 1894; 1896; 1907.

*O Recreio - Periodico Literario, Publicação quinzenal dos alumnos do lyceo do Funchal*, 1863.

*O Panorama*, 1841; 1842.

*O Recreio*, 1897.

*O Tripeiro*, 1923. Disponível em: <<http://www.arquipelagos.pt>>. Consultado a 06/04/2011.

*Revista Islenha*, dir. Nelson Veríssimo, n.º 8, 1991; n.º 26, 2000; n.º 32, 2003.

*Revista Madeirense*, 1901; 1900.

*Semana Illustrada*, 1898; 1899; 1900.

*The Builder*, (c.) 1890. Disponível em:

<<http://prints-4-u.com/store/images/B3031890/B3031890229.jpg>>.

Consultado a 16/05/2011.

*The Graphic*, 25/11/1876. Disponível em:

<<http://www.prints-4-all.com/cgi-bin/item/DG11-N7291929201.jpg>>.

Consultado a 18/11/2010.

\_\_\_\_\_, 12/04/1879. Disponível em:

<<http://www.prints-4-all.com/cgi-bin/item/M1190879357.jpg>>.

Consultado a 05/12/2010.

\_\_\_\_\_, 10/12/1879. Disponível em:

<<http://www.old-print.net/MAR1037/MAR1037267.jpg>>.

Consultado a 05/12/2010.

\_\_\_\_\_, 12/01/1883. Disponível em:

<[http://www.old-print.com/mas\\_assets/full2/M1270883/M1270883052.jpg](http://www.old-print.com/mas_assets/full2/M1270883/M1270883052.jpg)>.

Consultado a 05/12/2010.

\_\_\_\_\_, 20/11/1886. Disponível em:

<<http://www.prints-4-all.com/cgi-bin/item/M1341886540.jpg>>.

Consultado a 05/12/2010.

\_\_\_\_\_, 19/11/1892. Disponível em:

<<http://www.prints-4-u.com/store/image2/M1441891/M1441891620.jpg>>.

Consultado a 05/12/2010.

\_\_\_\_\_, 28/01/1893. Disponível em:

<<http://prints-4-u.com/store/images/N7391939/N7391939180.jpg>>.

Consultado a 05/12/2010.

*The Illustrated London News*, (s. d.). Disponível em:

<<http://www.prints-4-u.com/store/image2/P1011842/P1011842460.jpg>>.

Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, 27/09/1845. Disponível em:

<<http://www.prints-4-u.com/store/image2/P1071845/P1071845196.jpg>>.

Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, 20/11/1847. Disponível em:

<[http://www.old-print.com/mass\\_assets/full2/P1111847325.jpg](http://www.old-print.com/mass_assets/full2/P1111847325.jpg)>.

Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, 05/02/1853. Disponível em:

<<http://www.prints-4-u.com/store/image2/P1220853/P1220853093.jpg>>.

Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, 26/03/1853. Disponível em:

<<http://www.prints-4-u.com/store/images/CCC0853/CCC0853329L.jpg>>.

Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, 20/06/1857. Disponível em:

<<http://www.prints-4-all.com/cgi-bin/item/DG-N1040857309.jpg>>.

Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, 22/01/1859. Disponível em:

<<http://prints-4-u.com/store/images/N7351935/N7351935196.jpg>>.

Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, (c.) 1861, Disponível em:

<<http://prints-4-u.com/store/images/N7351935/N7351935195.jpg>>.

Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, 03/03/1866. Disponível em:

<<http://www.old-print.com/cgi-bin/category.cgi?&category=19&start=4660>>

Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, 01/11/1872. Disponível em:

<<http://www.prints-4-all.com/cgi-bin/item/N7111914125.jpg>>.

Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, (c.) 1874. Disponível em:  
<<http://www.prints-4-all.com/cgi-bin/item/DG-N1360874688.jpg>>.  
Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, 27/02/1875. Disponível em:  
<<http://www.prints-4-all.com/cgi-bin/item/N3231900250.jpg>>.  
Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, 15/11/1879. Disponível em:  
<<http://prints-4-u.com/store/images/N7351935/N7351935197.jpg>>.  
Consultado a 17/05/2011.

\_\_\_\_\_, (c.) 1882. Disponível em:  
<<http://prints-4-u.com/store/images/N7351935/N7351935197.jpg>>.  
Consultado a 17/05/2011.

*The Leisure Hour A Family Journal of Instruction and Recreation*, n.º 408, 20/10/1859.  
Disponível em:  
<<http://books.google.co.uk/books?pg=PA4&dq=The+Leisure+hour+1859&id=tuhMAAAAMAAJ&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>>. Consultado a 19/05/2011.

## **BASES ELECTRÓNICAS**

Consultado a 21/04/2011, em:  
<[http://www.grosvenorprints.com/stock.php?keyword=madeira&WADbSearch1=go](http://www.grosvenorprints.com/stock.php?keyword=madeira&WADbSearch1=go;)>.

Consultado a 16/01/2011, em: <<http://www.philographikon.com/printsportugal.html>>.

Consultado a 08/07/2011, em:  
<[http://www.grosvenorprints.com/stock.php?keyword=madeira&WADbSearch1=go](http://www.grosvenorprints.com/stock.php?keyword=madeira&WADbSearch1=go;)>.

Consultado a 03/06/2011, em: <<http://purl.pt/4545>>.

Consultado a 03/06/2011, em: <<http://bmfunchal.blogs.sapo.pt/24504.html>>.

Consultado a 23/03/2011, em: <<http://purl.pt/5212>>.

Consultado a 12/01/2011, em: <<http://purl.pt/4548>>.

Arquivo Regional da Madeira: Família Aires de Ornelas Vasconcelos. Consultado a 12/01/2011, em: <<http://armdigital.arquivo-madeira.org/armdigital/documento-domes.html?tab=1&package=9175>>.

Consultado a 18/11/2010, em: <<http://purl.pt/6164>>.

Consultado a 03/06/2011, em <<http://www.philographikon.com/printsportugal.html>>.

Consultado a 08/04/2011, em:

<<http://www.amazon.co.uk/MADEIRA-Azores-Fayal-Pico-Funchal/dp/B0042QAX7S>>.

Consultado a 10/06/2011, em: <<http://www.philographikon.com/printsportugal.html>>.

Consultado a 24/05/2011, em:

<[http://www.istriamet.org/istria/navigation/sea/navy/novara/1857\\_0330global-trip.htm](http://www.istriamet.org/istria/navigation/sea/navy/novara/1857_0330global-trip.htm)>.

Colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, icon. 681496. Consultado a 06/03/2011, em: <[www.arquipelagos.pt](http://www.arquipelagos.pt)>.

Consultado a 30/11/2010, em:

<<http://www.grosvenorprints.com/stock.php?keyword=madeira&WADbSearch1=go>>.

Consultado a 17/03/2011, em:

<<http://www.delcampe.net/page/item/id,126752157,var,PORTUGAL-MADEIRA-SAO-VICENTE-NEAR-SAN-VINCENTE-COLOURED-ENGRAVING-ANTIQUÉ,language,E.html>>.

Consultado a 09/02/2011, em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b77597732>>.

# A Nossa Universidade

Colégio dos Jesuítas  
Rua dos Ferreiros - 9000-082, Funchal

Tel: +351 291 209400  
Fax: +351 291 209410  
Email: [gabinetedareitoria@uma.pt](mailto:gabinetedareitoria@uma.pt)